

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS - POSLIN

Glenda Aparecida Queiroz Milano

**A NATUREZA DAS CAUSATIVAS SINTÉTICAS COM VERBO TRANSITIVO NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Belo Horizonte  
2019

Glenda Aparecida Queiroz Milano

**A NATUREZA DAS CAUSATIVAS SINTÉTICAS COM VERBO TRANSITIVO NO  
PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

**Área de Concentração:** Linguística Teórica e Descritiva.

**Linha de Pesquisa:** Estudos Formais de Língua (1E).

**Orientador:** Prof. Dr. Lorenzo Teixeira Vitral

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2019

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M637n Milanio, Glenda Aparecida Queiroz.  
A natureza das causativas sintéticas com verbo transitivo no português brasileiro [manuscrito] / Glenda Aparecida Queiroz Milanio. – 2019.  
179 f., enc. : il., tabs (p&b)  
Orientador: Lorenzo Teixeira Vitral.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Estudos Formais de Língua.  
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 170-178.

1. Língua portuguesa – Verbos – Teses. 2. Língua portuguesa – Sintaxe – Teses. I. Vitral, Lorenzo Teixeira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.5



## FOLHA DE APROVAÇÃO

### A Natureza das Causativas Sintéticas com Verbo Transitivo no Português Brasileiro

#### GLENDAPARECIDA QUEIROZ MILANIO

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos em Sintaxe Formal.

Aprovada em 12 de março de 2019, pela banca constituída pelos membros:

  
Prof(a). Lorenzo Teixeira Vitral - Orientador  
UFMG

  
Prof(a). Fabio Bonfim Duarte  
UFMG

  
Prof(a). Bruna Karla Pereira  
UFVJM

  
Prof(a). Janayna Maria da Rocha Carvalho  
UFMG

  
Prof(a). Arabie Bezri Hermont  
PUC/MG

Belo Horizonte, 12 de março de 2019.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família. À minha mãe, pelo incentivo incondicional. Ao meu pai e ao meu irmão, que estiveram sempre presentes. Ao Wasney que, mesmo nos momentos mais difíceis, sempre me encorajou e esteve ao meu lado.

Agradeço ao professor Lorenzo Vitral. A realização deste trabalho não seria possível sem a sua acolhida, a sua orientação e os seus ensinamentos. Obrigada por compartilhar toda sua sabedoria, seu senso crítico e sua humanidade, apontando sempre o melhor caminho a seguir.

Ao professor Fábio Bonfim Duarte, pelas preciosas sugestões no parecer.

Aos professores Aroldo Leal de Andrade e Bruna Karla Pereira, pelas significativas contribuições no exame de qualificação.

Aos professores: Arabie Bezri Hermont, Bruna Karla Pereira, Fábio Bonfim Duarte e Janayna Maria da Rocha Carvalho, por aceitarem participar da banca de defesa e pelas valiosas contribuições para melhoria deste trabalho.

Ao professores do POSLIN, pelos ensinamentos transmitidos, em especial: Sueli Coelho, Eduardo Amaral, Luiz Francisco Dias, Mayara Nicolau e Helcira Lima.

Agradeço aos funcionários do POSLIN.

Agradeço à CAPES, pelo apoio financeiro.

Gostaria de agradecer aos amigos que encontrei ao longo desta jornada, especialmente, à Thaís Franco, pelas palavras de força, pela bondade, pela generosidade e por todo apoio, tornando mais leve esta caminhada; à Anya Campos, pelo incentivo, pelos abraços apertados, pela animação, pelo carinho e por sempre ter uma palavra de esperança e à Maíra Borges, pelas risadas, pelas longas conversas e por estar sempre presente.

A todos os mestres, os professores, os amigos e os familiares que cruzaram a minha vida e me conduziram a este momento.

## RESUMO

Esta tese tem por objetivo investigar o comportamento das sentenças causativas, mais especificamente, a causativa sintética formada com verbo transitivo (CSVT), no Português Brasileiro. Identificamos que sentenças como “Deputada corta cabelo” e “Eu operei esta vista” são exemplos de CSVTs. Essas construções possuem a causação expressa por meio de uma estrutura sintética, no nível morfofonológico. Na literatura, essa construção tem sido identificada como resultante de uma alternância léxico-semântica (CANÇADO, 2007[2010] e NEGRÃO, CANÇADO e LUNGUINHO, 2013). No entanto, temos assumido que se trata de uma derivação, na qual a CSVT possui, em um nível subjacente, uma estrutura análoga à causativa analítica, apresentando uma paráfrase compatível com: “Deputada *fez* alguém *cortar* seu cabelo”. Para o desenvolvimento desta pesquisa, analisamos as sentenças causativas, numa perspectiva diacrônica e sincrônica. Para isso, comparamos dados do português moderno (século XVIII) aos do português contemporâneo (séculos XX-XXI). Os resultados apontaram que as construções causativas estão submetidas a um processo cíclico de transformação, de acordo com Fleischman (1982), no qual há uma competição entre formas analíticas e sintéticas. Além disso, verificamos, com base na teoria da gramaticalização (HOPPER e TRAUGOTT, 1993 e LEHMANN, 1988), que as causativas estão expostas a uma intensa dependência sintática entre a oração principal e a oração encaixada. Observamos também uma plasticidade no arranjo dos constituintes das causativas. Pressupomos que esses fatores culminaram na perda da morfologia do verbo da oração principal e na não realização do sujeito da oração encaixada na CSVT. Em relação ao comportamento sintático, com base em Chomsky (1995), em Pylkkänen (2002, 2008) e em Blanco (2010, 2011), verificamos que as construções causativas são estruturadas em torno de dois núcleos funcionais: VoiceP e vPCAUSE. Averiguamos, ainda, como especificidades das causativas, que o sujeito da oração encaixada recebe Caso Nominativo, por estar em contexto flexionado (RAPOSO, 1987; VITRAL, 1987; GONÇALVES e DUARTE, 2001 e LIMA-SALLES e PILATI, 2014). Seguindo Floripi e Nunes (2009), constatamos que, na CSVT, há um contexto de possessivo nulo, o que explica a correferência com a posição de sujeito. Por fim, com base em Bruening (2013), reformulamos a representação do nível subjacente da CSVT, assumindo duas estruturas. Na primeira, na posição de sujeito da oração encaixada, há um *pro*, que é interpretado como um sujeito indeterminado. Na segunda, o PP

agente causado, quando for realizado fonologicamente, terá função de saturar o VoiceP projetado abaixo de vPCAUSE.

**Palavras-chave:** Causativas; Teoria Gerativa; Derivação; VoiceP; vCAUSE; PP.

## ABSTRACT

This thesis aims at investigating the behavior of causative sentences, specifically the synthetic causative formed with transitive verb (SCTV), in Brazilian Portuguese. We identified that sentences like “Congresswoman cuts her hair” and “I operated this eye” are examples of SCTV. These constructions have the causation expressed by means of a synthetic structure, at the morphophonological level. In the literature, this construction has been identified as resulting from a lexico-semantic alternation (CANÇADO, 2007[2010] and NEGRÃO, CANÇADO and LUNGUINHO, 2013). However, we have assumed that it is a derivation, in which the SCTV has, at an underlying level, a structure analogous to the analytic causative, presenting a paraphrase compatible with: “Congresswoman *made* someone *cut* her hair”. In order to develop this research, we analyze the causative sentences, in a diachronic and synchronic perspective. For this, we compare data from modern Portuguese (18th century) to data from contemporary Portuguese (20th-21st centuries). The results pointed out that causative constructions are subject to a cyclical process of transformation, according to Fleischman (1982), in which there is a competition between analytical and synthetic forms. In addition, based on the theory of grammaticalization (HOPPER and TRAUGOTT, 1993, and LEHMANN, 1988), we verified that the causatives are exposed to an intense syntactic dependency between the main clause and the embedded clause. We also observed a plasticity in the arrangement of the constituents of the causative. We assume that these factors culminated in the loss of the morphology of the main clause verb and in the non-realization of the subject of the clause embedded in the SCTV. In terms of syntactic behavior, based on Chomsky (1995), Pylkkänen (2002, 2008), and Blanco (2010, 2011), we verified that the causative constructions are structured around two functional heads: VoiceP and vP<sub>CAUSE</sub>. We also observed, as specificities of the causative, that the subject of the embedded clause receives a Nominative Case, because it is in a flexed context (RAPOSO, 1987, VITRAL, 1987, GONÇALVES and DUARTE, 2001, and LIMA-SALLES and PILATI, 2014). Following Floripi and Nunes (2009), we verified that in the SCTV there is a zero possessive context, which explains the coreference with the position of subject. Finally, based on Bruening (2013), we reformulated the representation of the underlying level of SCTV, assuming two structures. In the first structure, in the position of subject of the embedded clause, there is a *pro*, which is interpreted as an indeterminate



subject. In the second structure, the PP caused agent, when carried out phonologically, will saturate the VoiceP projected below vPCAUSE.

**Keywords:** Causative; Generative Theory; Derivation; VoiceP; vCAUSE; PP.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Grupos verbais.....	45
Quadro 2 – Distribuição das causativas no PB.....	83
Quadro 3 – Ciclos analíticos e sintéticos da evolução do futuro, proposto por Fleischman (1982) .....	92
Quadro 4 – Ciclos evolutivos da construção causativa .....	94

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição das construções causativas no português moderno e no português contemporâneo no <i>Corpus Lobato &amp; Gonçalves</i> e no <i>Corpus Brasileiro</i> .....	66
Tabela 2 – Distribuição dos verbos causativos nas construções causativas analíticas com dados brutos e dados ajustados .....	67
Tabela 3 – Distribuição dos constituintes nas construções causativas analíticas no português moderno ( <i>Corpus Lobato e Gonçalves</i> ) .....	68
Tabela 4 – Distribuição dos constituintes nas construções causativas analíticas no português contemporâneo ( <i>Corpus Lobato e Gonçalves e Corpus Brasileiro</i> ).....	69
Tabela 5 – Distribuição das causativas sintéticas no português contemporâneo ( <i>Corpus Lobato e Gonçalves e Corpus brasileiro</i> ) .....	71

## LISTA DE ABREVIATURA E SÍMBOLOS

*	Sentença agramatical
?	Sentença passível de dúvida quanto à gramaticalidade
1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
ACC	Acusativo
AGR	<i>Agreement</i> (Concordância)
AgrP	<i>Agreement Projection</i> (Núcleo de Concordância )
AP	Sintagma Adjetival ( <i>Adjectival Phrase</i> )
APL	Núcleo Aplicativo
CAUS	Causativo
CB	<i>Corpus Brasil</i>
CSVT	Causativa Sintética com Verbo Transitivo
DAT	Dativo
DEM	Demonstrativo
DP	<i>Determiner Phrase</i> (Sintagma Determinante)
DS	<i>Deep structure</i> (Estrutura Profunda)
<i>ec</i>	<i>empty category</i> (categoria vazia)
ECM	<i>Exceptional Case Marking</i> (Marcação Excepcional de Case)
EPP	<i>Extended Projection Principle</i> (Princípio de Projeção Estendida)
FI	<i>Faire-Infinitive</i> ( <i>fazer-infinitivo</i> )
FP	<i>Faire-Par</i> ( <i>fazer-por</i> )
IP	<i>Inflectional Phrase</i> (Sintagma Flexional)
<i>iT</i>	Traço interpretável
IV	Incorporação Verbal
LF	<i>Logical Form</i> (Forma Lógica)
N	Nome
NOM	Nominativo
NP	<i>Noun Phrase</i> (Sintagma nominal)
PartP	<i>Participle Phrase</i> (Sintagma Particípio)
Pass	Passiva

PB	Português Brasileiro
PE	Português Europeu
PF	<i>Phonological Form</i> - Forma Fonológica
PFV	<i>Perfective</i> (= Perfectivo)
PP	<i>Prepositional Phrase</i> (Sintagma Preposicional)
pro <sup>arb</sup>	Posição pronominal de interpretação arbitrária
SG	Singular
SN	Sintagma Nominal
Spec	Especificador
<i>t</i>	Vestígio ( <i>trace</i> )
TP	<i>Tense Phrase</i> (Sintagma de Tempo)
<i>uT</i>	Traço ininterpretável
V	Verbo
v <sub>CAUSE</sub>	Núcleo Causativo
VoiceP	Sintagma de Voz
VP	<i>Verbal Phrase</i> (Sintagma Verbal)

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	14
1. O FÊNOMENO DA CAUSATIVIDADE .....	19
1.1. A Causalidade .....	20
1.2. Sobre os Verbos Causativos.....	22
1.3. A Relação Causal .....	25
1.4. As Construções Causativas .....	28
1.4.1. As Causativas Românicas.....	29
1.4.2. As Causativas no Português Brasileiro.....	34
1.4.2.1. As Causativas Sintéticas com Verbo Transitivo no PB.....	37
1.5. Caracterização das Causativas .....	54
1.6. Resumo do Capítulo.....	58
2. ANALISANDO OS DADOS: O PERCURSO DAS CAUSATIVAS.....	60
2.1. Estrutura dos <i>Corpora</i> .....	61
2.2. Procedimentos Metodológicos .....	64
2.2.1. A Coleta dos Dados .....	64
2.2.2. Procedimentos Quantitativos .....	65
2.3. Resultados Quantitativos.....	66
2.4. Resultados Qualitativos.....	72
2.4.1. Construções Causativas no Português Moderno.....	72
2.4.2. Construções Causativas no Português Contemporâneo.....	76
2.4.3. Construções Causativas Sintéticas com Verbo Transitivo no Português Contemporâneo .....	80
2.5. Resumo do Capítulo.....	83
3. SENTENÇAS COMPLEXAS: A EVOLUÇÃO DAS CAUSATIVAS .....	84
3.1. A Integração Sintática .....	85
3.2. A Evolução das Construções Causativas .....	90
3.3. Resumo do Capítulo.....	95
4. A ESTRUTURA SINTÁTICA DAS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS .....	96
4.1. A Construção Complexa: Concha VP.....	97
4.2. A Formação Sintática das Construções Causativas: VoiceP e vPCAUSE ..	104
4.3. A Representação Sintática da CSVT.....	115
4.4. A Incorporação Verbal nas Construções Causativas Analíticas .....	117
4.5. Resumo do Capítulo.....	126

5. ESPECIFICIDADES DA ANÁLISE DAS CSVTs .....	128
5.1. O Caso do Sujeito da Oração Encaixada.....	129
5.2. O Pronome Possessivo .....	133
5.3. Sobre a Interpretação do PP .....	149
5.4. Resumo do Capítulo.....	165
 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	 167
 REFERÊNCIAS .....	 170

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho tem como objetivo investigar o comportamento das sentenças causativas, em particular, a causativa sintética com verbo transitivo (doravante CSVT) no Português Brasileiro (PB). As sentenças causativas representam a materialização da noção de causatividade. A complexidade desse fenômeno o transforma em um objeto de pesquisa intrigante e fascinante, motivando o desenvolvimento de diversos trabalhos que examinam línguas particulares, bem como a realização de investigações translinguísticas. Na literatura, a noção de causatividade é comumente concebida como resultante da associação de dois eventos: evento causador<sub><t1></sub> e evento causado<sub><t2></sub>. O padrão tipológico consagrado referente às causativas possui três tipos de sentenças: a) causativa analítica b) causativa lexical (sintética) e c) causativa morfológica (SHIBATANI, 1976; COMRIE, 1981 e BITTENCOURT, 1995, 2001). A causativa analítica expressa os dois eventos, o evento causador<sub><t1></sub> e o evento causado<sub><t2></sub>, por meio de um período composto, formado por uma oração principal e por uma oração encaixada. A sentença causativa lexical (sintética), por sua vez, expressa apenas um dos dois eventos por meio de um verbo. Por último, na causativa morfológica, a noção de causatividade é expressa mediante a afixação de um morfema à raiz verbal. Nesta pesquisa, analisaremos as sentenças, em (1), como exemplares de uma sentença causativa sintética, identificando estes dados como CSVT, em qual somente o evento causado é expresso:

- (1)
- a. Mara cortou o cabelo.
  - b. Pedro operou o pé.
  - c. Caetano reformou o apartamento.
  - d. José consertou o carro.
  - e. Tereza pintou a casa.
  - f. O fazendeiro inseminou as vacas.
  - g. Ester transplantou a córnea direita.
  - h. Artur podou a grama.

(MILANIO, 2014, p. 70)

Embora as sentenças, em (1), sejam interpretadas como períodos simples fonologicamente, assumimos, neste trabalho, que elas são resultantes de um processo de derivação. Consideramos que essas sentenças são derivadas de uma estrutura compatível com



uma causativa analítica, em um nível subjacente, e possuem uma paráfrase equivalente às estruturas em (2b)-(4b):

- (2) a. Mara cortou o cabelo.  
b. Mara<sub>i</sub> fez [alguém cortar [seu]<sub>i</sub> cabelo]
- (3) a. Pedro operou o pé.  
b. Pedro<sub>i</sub> fez [alguém operar [seu]<sub>i</sub> pé]
- (4) a. Caetano reformou o apartamento.  
b. Caetano<sub>i</sub> fez [alguém reformar [seu]<sub>i</sub> apartamento]

(MILANIO, 2014, p. 73)

Os dados, em (2b)-(4b), representam o que pressupomos ser a paráfrase do nível subjacente da CSVT. Trata-se de uma estrutura mais articulada, formada com o verbo causativo *fazer* na oração principal cujo complemento é uma oração encaixada, nucleada pelo verbo transitivo (*cortar*, *operar* e *reformar*, respectivamente).

Na literatura, são encontrados estudos que analisam a CSVT. Ainda que em perspectivas teóricas distintas, trabalhos como os desenvolvidos por Silva (2009), por Vilela (2009), por Cançado (2007[2010]), por Negrão, Cançado e Lunguinho (2013) e por Ciríaco (2014) investigam esse tipo de sentença. No entanto, nesses trabalhos, a CSVT é considerada uma alternância léxico-semântica:

- (5) a. O cabeleireiro cortou o cabelo do João.  
b. O João cortou o cabelo [com o cabeleireiro].

(CANÇADO, 2007[2010], p. 1)

Cançado (2007[2010]) e Negrão *et al.* (2013) identificam as sentenças, em (5), como uma alternância verbal, classificando-as como alternância *agente-possuidor*. A sentença, em (5a), mostra a forma básica. Na forma alternante, em (5b), o possuidor é deslocado para a posição de sujeito e o agente do evento de *cortar* pode ser introduzido por meio de preposição, apresentando um estatuto análogo ao agente da passiva. De acordo com Levin (1993), a noção de alternância envolve uma combinação dependente do comportamento do verbo, constituindo o pareamento da forma transitiva à forma intransitiva (inacusativa ou ergativa). Considerando essa noção, a aplicação da noção de alternância formaria uma sentença como em (6c):

- (6) a. O cabeleireiro cortou [o cabelo do João].  
b. \*O cabelo do João cortou [com o cabeleireiro].

Em (6a), o verbo *cortar* toma como complemento o DP [O cabelo do João]. Na forma alternante, o argumento interno do verbo é deslocado para a posição de sujeito. Entretanto, o deslocamento desse DP geraria uma sentença mal-formada. Consideramos que essa má formação advém da relação sintática, em função de hierarquia de constituintes e da dependência sintática, após a aplicação da operação MERGE (CHOMSKY, GALLEGO e OT, 2017). Sintaticamente, a sentença em (6b) revela que o deslocamento de apenas parte do sintagma, como ocorre em (5b), implicaria na violação da estrutura de constituintes, resultando em uma sentença mal-formada como em (6b).

Como já dito, tratamos a CSVT como resultante de um processo derivacional. Ao longo deste trabalho, procuramos explicar sintaticamente essa derivação. Diante disso, distanciar-nos-emos das análises de Cançado (2007[2010]) e de Negrão *et al.* (2013), pois, como veremos, do ponto de vista sintático não consideramos a CSVT como resultado de alternância. Entretanto, adotamos parcialmente as análises desenvolvidas por Cançado (2007[2010]) e por Negrão *et al.* (2013), uma vez que assumimos que o nível subjacente da CSVT envolve uma oração encaixada, que pode ser interpretada como uma passiva. Além disso, reconhecemos também como uma propriedade fundamental da CSVT que o argumento, que introduz o PP, seja interpretado como agente indireto, isto é, o agente causado<sup>1</sup>.

- (7) a. O cabelo do João foi cortado pelo cabeleireiro.  
 b. João teve o cabelo cortado pelo cabeleireiro.  
 c. O João cortou o cabelo com o cabeleireiro.

(NEGRÃO *et al.*, 2013, p. 7)

A sentença, em (7a), mostra uma passiva canônica, em (7b) há uma passiva não-canônica e, em (7c), há a forma alternante *agente-possuidor*, de acordo com Negrão *et al.* (2013). Ao tratarmos das propriedades específicas da CSVT, verificamos que uma interpretação compatível com a CSVT está em (7b). Como já citado, observamos que na oração encaixada há uma passiva. Considerando essa propriedade e a análise de causativa-passiva discutida por Vilela (2009), aproximamo-nos de proposta de Negrão *et al.* (2013). Além disso, reconhecemos a importância do PP na CSVT, formando sentenças como em (7c).

Diante desse cenário, considerando a análise Negrão *et al.* (2013), reformulamos a representação da CSVT, reconhecendo duas representações sintáticas: i) sem PP e ii) com PP

<sup>1</sup> As sentenças causativas analíticas envolvem uma relação de causação indireta. Segundo Shibatani e Pardeshi (2002), na causação indireta, há dois agentes participantes: o *agente causador* e o *agente causado*. Neste trabalho, adotaremos a terminologia *agente causado* para identificar tanto o agente que ocupa a posição de argumento externo da oração encaixada, nas causativas analíticas, bem como o agente introduzido pela preposição, também reconhecido como agente indireto, como em (7a).

agente causado. Tomando como base a Teoria Gerativa e os postulados do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995, 2001, 2005; PYLKKÄNEN, 2002, 2008 e BLANCO, 2009, 2011; etc.), veremos que, na representação da CSVT, há os núcleos funcionais: VoiceP e vCAUSE. Assim, há um VoiceP mais alto que projeta o argumento do verbo leve *fazer*. Esse verbo, por sua vez, é projetado por vCAUSE que toma como complemento a oração encaixada. Com base em Bruening (2013) e em Legate (2014), reconhecemos que, na ausência do PP, haverá um *pro* na posição de sujeito nulo da oração encaixada, que será interpretado como um existencial. Isso significa a existência de um indivíduo associado ao agente causado/iniciador do evento expresso pelo verbo transitivo. Na representação com PP agente indireto, seguindo Bruening (2013), assumimos que o PP ocorre em posição de adjunção e terá função de saturar o VoiceP abaixo de vCAUSE.

Na tentativa de compreender mais profundamente as propriedades da CSVT, realizamos uma investigação sincrônica e diacrônica. Na análise diacrônica, a partir da análise de dados empíricos, buscamos descrever o percurso das construções causativas. Visando alcançar tal empreitada, foram selecionados dados do português moderno e do português contemporâneo. Os dados foram coletados de dois *corpora*: a) *corpus* organizado por Lobato (2009) e expandido por Gonçalves (2013), reunindo dados do português moderno (séc. XVIII) e do português contemporâneo (sécs. XX e XXI) e b) *corpus* digital *Projeto AC/DC: Corpus Brasileiro*, contemplando dados do português contemporâneo (sécs. XX e XXI).

Com base na análise diacrônica, procuramos comprovar a nossa hipótese inicial, observando se as causativas estão submetidas a um processo cíclico de transformação sintática. Partindo da proposta de Fleischman (1982), referente à marcação de tempo verbal futuro, na qual formas sintéticas e analíticas competem entre si, observamos se o mesmo fenômeno também ocorre nas causativas; ou seja, se há competição entre a forma sintética e a forma analítica. Além disso, partindo de Lehmann (1988) e de Hopper e Traugott (1993), buscamos verificar se essas construções estão expostas a um processo de integração sintática, uma vez que pressupomos que a CSVT é resultante do processo referente à perda da morfologia do verbo da oração matriz e a não realização do sujeito da oração encaixada.

Esta pesquisa constitui-se, portanto, de uma análise sincrônica e diacrônica. Como já observado, sincronicamente, os dados foram tratados com base no quadro teórico do Gerativismo. Assim, buscamos nos postulados dessa abordagem, incluindo desenvolvimentos recentes da teoria (CHOMSKY, 1965, 1981, 1999, 2000, 2001; KAYNE, 1975, LARSON, 1988; BAKER, 1988; VITRAL, 1987; HALE e KEYSER, 1993, 2002; KRATZER, 1996;

GUASTI, 1996a, 1996b, 1997; ZUSHI, 1995, 2001; PYLKKÄNEN, 2002, 2008; BLANCO, 2009, 2011; etc.) condições para analisarmos as sentenças causativas.

Diante do exposto, buscamos alcançar o objetivo geral deste trabalho que é analisar as sentenças causativas, em especial o comportamento da CSVT, averiguando as condições para sua formação; bem como observarmos as transformações sofridas pelas causativas que favoreceram mudanças da forma analítica até chegar à forma sintética. Além disso, por meios dos resultados obtidos, passamos a dispor de recursos para investigarmos os seguintes objetivos específicos: i) Inventariar as diferentes configurações das causativas no Português Brasileiro, desde a forma analítica até à CSVT; ii) Analisar as propriedades sintáticas e semânticas das formas analíticas e das formas sintéticas com verbo transitivo e comparar os verbos que compõem tais estruturas; iii) Verificar se há diferentes níveis de integração sintática entre os verbos que compõem as formas analíticas e as formas sintéticas com verbo transitivo; iv) Investigar como é estabelecida a ligação entre o DP argumento externo e o DP argumento interno, caso ocorra a presença de um pronome possessivo (ex. Maria<sub>i</sub> cortou seu<sub>i/j</sub> cabelo); v) Identificar como ocorre a atribuição de Caso nominativo ao DP pro<sup>arb</sup> que ocorre em Spec de VoiceP. Pautados nesses objetivos, passemos a discussão. Este trabalho está estruturado em cinco capítulos.

No capítulo 1, apresentamos o estado da arte referente à noção de causalidade, o percurso dos verbos causativos, incluindo análises referentes aos dados do PB. No capítulo 2, apresentamos os procedimentos adotados para a execução desta pesquisa e discutimos ainda os resultados quantitativos e qualitativos, obtidos a partir do levantamento dos dados. No capítulo 3, analisamos, com base em pressupostos teóricos básicos acerca da Teoria da Gramaticalização, a noção de integração sintática, assim como a evolução das construções causativas. No capítulo 4, abordamos a concha VP, os núcleos funcionais VoiceP e vPCAUSE, para investigarmos o licenciamento e a representação sintática da CSVT; por fim, analisamos ainda o processo de incorporação e de exorporação presentes nas construções causativas. No capítulo 5, analisamos as especificidades das CSVT, no que se refere à marcação de Caso, à correferência do pronome possessivo e às propriedades do PP, que introduz o argumento causado, reconhecido como agente indireto. No último capítulo, apresentamos nossas considerações finais.

## 1. O FÊNOMENO DA CAUSATIVIDADE

O fenômeno da causalidade é considerado intrínseco a natureza humana. Trata-se de um fenômeno de caráter profuso, tendo em vista que transita por diversas áreas do conhecimento. No tocante à linguagem, as sentenças causativas são consideradas a materialização linguística da relação causa-efeito. Considerando a amplitude do fenômeno em discussão, neste capítulo, abordamos, inicialmente, o conceito geral de causalidade, com base na perspectiva filosófica, buscando refletir um pouco mais sobre sua dimensão. Na sequência, passamos ao tratamento linguístico.

Ao concentrarmo-nos na perspectiva linguística, listamos algumas definições sobre os verbos causativos, desde a literatura tradicional a trabalhos funcionalistas, na tentativa de delinear a evolução desse verbo. Além disso, discutimos, brevemente, os estudos translinguísticos, baseados na visão funcionalista, desenvolvidos por Shitabani (1975, 1976) e por Comrie (1981), que propuseram uma tipologia amplamente adotada nos estudos referentes às construções causativas. Abordamos ainda o trabalho pioneiro realizado por Kayne (1975), que desenvolve uma análise sintática das causativas analíticas no francês, pautada na abordagem formal. Esse trabalho serve de base para inúmeros estudos, como o redimensionamento dessa análise aplicada a outras línguas românicas, como o italiano e português europeu, desenvolvidos por Guasti (1996a, 1996b, 1997), por Gonçalves e Duarte (2001, 2002) e por Gonçalves (2002), respectivamente. Citamos também algumas investigações desenvolvidas sobre as construções causativas, em relação aos dados do PB, destacando a análise de Bittencourt (1995, 2009). Prosseguimos essa descrição, com foco na CSVT, a partir dos trabalhos de Goldberg (1995), de Silva (2009), de Vilela (2009), de Caçado (2007[2010]), de Negrão, Caçado e Lunguinho (2013), de Círiaco (2014), de Milano (2014) e de Dubert e Galves (2016). Esses estudos permitiram observar o registro dessa construção no PB, assim como apontaram evidências empíricas dessa forma em outras línguas, como no inglês e no galego.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, abordamos noções gerais sobre causalidade. Na segunda seção, apresentamos definições relativas aos verbos causativos. Na terceira seção, discutimos tipologias propostas para as causativas, baseada na perspectiva funcionalista. Na quarta seção, destacamos algumas análises sobre as

causativas, bem como discutimos as construções causativas no PB e, em especial, a CSVT. Na quinta seção, apresentamos a caracterização adotada para análise das causativas. Na última seção, apresentamos a síntese do capítulo.

### 1.1. A Causalidade

A causalidade é tema debatido em diversas áreas do conhecimento, como já dito anteriormente. Por ser um fenômeno que faz parte da condição humana, estudos dedicados a essa noção podem ser encontrados na Física, na investigação das causas dos fenômenos naturais; na Medicina, na análise dos fatores determinantes na relação saúde-doença; no âmbito jurídico, na investigação do nexu causal, dentre outras áreas do conhecimento. Nos estudos da linguagem, a expressão da causalidade ocorre por meio das sentenças causativas. A causativa analítica é considerada o modelo padrão cuja estrutura, obrigatoriamente, possui dois eventos, a saber: o evento causador (causa) e o evento causado (efeito). Em função do fenômeno da causalidade permear a existência humana, discussões sobre as relações causa-efeito têm sido realizadas desde a Grécia Antiga aos dias atuais. Segundo Abbagnano (2007, p. 124-125), a primeira noção de causa tem origem em Platão, que identifica a “causa como o princípio pelo qual uma coisa é ou torna-se o que é”. Na visão de Platão, a causa é “o melhor” da própria coisa, a essência, assim a causa “primeira” da beleza é ser belo, da dualidade é ser dois, da maldade é ser mau, etc. Entretanto, Abbagnano (2007) destaca que a primeira e verdadeira noção sobre causa é desenvolvida por Aristóteles. O estagirita, na tentativa de descrever a realidade natural, estabeleceu as quatro causas das coisas (*eficiente, material, formal e final*). Na doutrina aristotélica, aquilo de que algo é feito é a causa *material*, por exemplo, o bronze, de uma estátua de bronze. O escultor, por sua vez, é a *causa eficiente*, visto que ele é o executor da ação física, o movimento de origem que produz o efeito (a estátua). A *causa formal* diz respeito ao “que é”, isto é, a essência, a substância que caracteriza o ser. A *causa final* está relacionada à finalidade específica de cada coisa; a estátua de bronze, por exemplo, serve para decorar um ambiente ou homenagear alguém. Aristóteles também instituiu o *princípio da causalidade* que prevê que “tudo o que se move é movido por outro”. Nessa perspectiva, Aristóteles proclama que todo ato, todo movimento, exige necessariamente uma causa.

Abbagnano (2007) ainda esclarece que, na Idade Média, São Tomas de Aquino examinou as relações causais, transpondo a visão aristotélica à doutrina cristã. Ao congrega

fé e razão, São Tomas de Aquino partiu das quatro causas aristotélicas e postulou uma causa antecessora, a qual concebe Deus como o primeiro motor capaz de mover tudo, relacionando Deus ao princípio de causalidade, concebido como a divindade responsável pelo ato criador. No início do Período Moderno, René Descartes, bem como São Tomas de Aquino, conceituava Deus, como o princípio, a causa primordial, por ser o criador de tudo que existe ou que possa existir. Ao longo do desenvolvimento do pensamento racionalista, Descartes também discutiu a auto-evidência da existência e estatuiu a proposição “*cogito ergo sum*” – “penso, logo existo”. Assim, Descartes propôs que a *ideia* do pensamento permite ao sujeito-pensante a certeza de sua existência, assim como possibilita compreender a consciência como a causa da sua existência. Descartes contribuiu ainda para a formalização da “primeira lei da natureza”, ao propor que “cada coisa continua no mesmo estado enquanto pode e só o muda quando se encontra com outras coisas”, descrevendo essa relação como um fenômeno causal (ABBAGNANO, 2007, p. 562).

O físico moderno, Isaac Newton, ao adotar a visão racional de Descartes sobre a primeira lei da natureza, repensa o *princípio da causalidade* de Aristóteles, conforme Abbagnano (2007). A partir dessa reflexão, Newton estabelece a Lei da Inércia, na qual prevê que um corpo pode estar em movimento mesmo que nenhuma força atue sobre ele, revogando, assim, a visão aristotélica, que considera a necessidade de uma causa, que anteceda ao movimento. Contudo, para Newton, as partículas materiais, as formas e as leis naturais eram criações de Deus, resultando em um universo profundamente ligado a princípios causais e determinísticos. Na perspectiva newtoniana, tudo teria uma causa definida e um efeito definido, possibilitando uma previsão precisa da máquina do mundo, uma vez que era possível reconhecer as leis naturais de sua criação (CAPRA, 2006).

Já em uma visão empírica e cética, David Hume (1739[1995]) considera que o estabelecimento da relação causa-efeito emerge de um raciocínio *a posteriori*, advindo de a experiência de reconhecer que, por meio de relações associativas, certos objetos sejam ligados a outros. Hume declara que “pode-se afirmar com segurança que jamais conseguimos predizer o efeito, pela mera consideração da causa, sem a experiência” (HUME, 1739[1995], p. 89). O filósofo Immanuel Kant (1787[1994]) remonta a visão de Hume e define a causalidade como uma categoria. Para Kant (1787[1994]), as relações causais partem de um conteúdo empírico e determinístico associados a uma ordenação objetiva. Kant (1787[1994]), então, postula que a causalidade é uma categoria básica da condição do pensamento humano, não sendo possível demonstrá-la, mas sim aplicar as relações causais na observação dos fenômenos.

Partindo dessa discussão filosófica, iniciamos a investigação linguística, examinando as sentenças causativas, que são consideradas a expressão formal das relações causais. Assim, considerando as asserções arroladas acima, é possível dizer que a análise linguística sobre a causalidade aproxima-se mais da visão de Hume (1739[1995]) e de Kant (1787[1994]), pois, para esses filósofos, a associação entre a causa e o efeito depende da observação empírica. Ao analisar a estrutura sintática da sentença causativa, verificamos que é necessário o reconhecimento de dois eventos, um antecessor (a causa) e um sucessor (o efeito), que são associados a partir da observação das relações expressas. Por exemplo, em uma sentença como *A mãe fez a criança guardar os brinquedos*, a oração matriz *A mãe fez* será reconhecida como a *causa*, o evento causador. O evento causado, por sua vez, será o *efeito* expresso pela oração encaixada *a criança guardar os brinquedos*. Essa associação não ocorre de forma aleatória, mas sim por meio da observação da realização dos dois eventos em tempos distintos. Nas próximas seções, apresentaremos de modo mais detalhado as possíveis formas de sentenças causativas e suas propriedades mais gerais no que se refere ao conteúdo sintático e ao semântico.

## 1.2. Sobre os Verbos Causativos

Antes de nos concentrarmos na estrutura das sentenças causativas, examinaremos, inicialmente, os verbos que compõem essas sentenças. Na composição da sentença causativa analítica, há de se ter um verbo causativo, constituindo a oração principal, que expressa o evento causador. Essa oração principal toma como complemento uma oração encaixada, que expressa o evento causado.

Na visão da gramática tradicional, Said Ali (1908[2008]) examina os verbos *fazer*, *mandar* e *deixar* e os classifica como verbos auxiliares causativos. Segundo o autor, esses verbos não ocorrem sozinhos, uma vez que estão sempre ligados a outro verbo para completar o seu sentido, expressando uma ideia secundária; em virtude disso, ele define esses verbos como auxiliares. Said Ali (1908[2008]) ainda observa que, no latim, o verbo *cado* exprime a noção de *fazer cair*, bem como o verbo *to fell* (derivado do verbo *to fall*), em inglês, também exprime a noção de *fazer cair*; trata-se de verbos causativos realizados na forma sintética. Para o autor, a classificação dos verbos causativos como auxiliares é uma consequência de se apresentarem junto a uma oração completiva no infinitivo. Esse é o caso, por exemplo, das



sentenças “*faço-lhes creer mentira*” e “*lhes fez o sen perder*” (ALI, 1908[2008], p. 65), nas quais o verbo *fazer* toma como complemento uma oração completiva, formada com o verbo no infinitivo, sendo o pronome dativo interpretado como sujeito do verbo infinitivo. Nesse caso, trata-se de um infinitivo pessoal, que constitui a oração completiva. Assim, na análise de Said Ali (1908[2008]), a relação causa-efeito pode ser verificada em exemplos como *fazer sair* e *fazer perder*, apresentando interpretação equivalente a *causar a saída* e *causar a perda*, respectivamente.

Dias (1918), ainda em uma perspectiva tradicional, analisa os verbos *deixar*, *mandar* e *fazer*, definindo que esses verbos são ligados a um infinitivo simples, funcionando como um objeto direto do causativo. Dias (1918, p. 225) explica que “a construcção activa *mandou alguém fazer uma coisa* corresponde à passiva *alguém é mandado fazer uma cousa*”. O autor ainda propõe que, quando o verbo infinitivo ativo for tomado no sentido passivo, o agente da ação do verbo infinitivo será designado pela preposição *por* ou *de*, como em “*não a quereis deixar ver de alguém* e *mandarem-se fazer as cartas pelos Secretarios*” (DIAS, 1918, p. 225).

Melo (1978), também na abordagem normativa, analisa os verbos causativos no português. O autor define que “os verbos causativos indicam ação do sujeito sobre um outro agente, que é quem diretamente executa a ação sugerida” (MELO, 1978, p. 215). Assim, o verbo causativo expressa um sujeito que tem como função provocar, causar uma ação, porém não é ele que a realiza. O gramático considera o verbo causativo um auxiliar, visto que, em português, para se obter um sentido causativo é necessária a realização do verbo auxiliar *fazer*, conforme pode ser verificado abaixo:

- (1)
  - a. O cão *fez* o ladrão correr.
  - b. O declamador *fez* chorar o auditório.
  - c. Ele me *fez* ler o livro três vezes.

(MELO, 1978, p. 215)

Melo (1978) ainda pondera que o verbo causativo pode ser reconhecido como um caso particular de regência no português. Essa particularidade diz respeito à transitividade verbal, pois verbos intransitivos de sentido completo podem se transformar em verbos factivos, como em “*Calo os invejosos, enchendo-os de benefícios*” que corresponde a ‘*fê-los calar*’. Nesse exemplo, apenas o verbo expressa a interpretação causativa. Por fim, citando Camões, o autor destaca mais um exemplo desse uso, como em “*Subir os mortais*”, que corresponde a “*fazer subir os mortais...*”.

Hauy (1983), ao cotejar as análises sobre os verbos causativos, declara que:

o conceito de verbo causativo é bastante impreciso. Além de ser “auxiliar” para uns, “não auxiliar” para outros, e, muitas vezes “auxiliar” e “não auxiliar” para o mesmo autor, o verbo causativo é de identificação discutível” (HAUY, 1983, p. 94).

Partindo de um exame minucioso de gramáticas normativas de autores renomados, Hauy (1983) assinala que construções como “Deixai vir a mim os pequeninos” apresentam ao menos cinco possibilidades de análise. Observe (HAUY, 1983, p. 90):

- (2)
- 1.<sup>a</sup>) *Vir a mim os pequeninos* é oração objetiva direta.
  - 2.<sup>a</sup>) *Deixai vir* é locução verbal, e *os pequeninos* é objeto direto.
  - 3.<sup>a</sup>) *Os pequeninos* é objeto de *deixai*, e *vir* predicativo de *os pequeninos*.
  - 4.<sup>a</sup>) *Os pequeninos* é ao mesmo tempo sujeito de *vir* e objeto direto de *deixai*.
  - 5.<sup>a</sup>) *Os pequeninos* e *vir* são objetos diretos de *deixai*.

Diante tanta divergência, a autora assevera que é necessário “empenhar-se com afinco” para que o estudioso possa se posicionar firmemente. Hauy (1983) assegura que, na construção “Deixai vir a mim os pequeninos”, o objeto de *deixai* é *vir a mim os pequeninos* e não apenas *os pequeninos*. Nessa construção, Hauy (1983) considera que os verbos regentes são transitivos diretos e, além disso, o verbo infinitivo possui sujeito próprio, por isso o objeto direto deve ser reconhecido, imperiosamente, como uma oração subordinada objetiva direta reduzida de infinitivo. Em virtude dessa análise, a autora conceitua esse tipo de verbo como um causativo e não como um auxiliar.

Kury ([1985]2007) apresenta uma classificação controversa, pois, embora identifique os verbos causativos como auxiliares causativos, declara que o causativo não participa de uma locução verbal. Segundo o autor, apesar do verbo causativo parecer um auxiliar, formando uma locução verbal, ele possui sujeito próprio. Segundo o autor, isso pode ser observado em “Deixai [vir a mim as criancinhas]”, em que o verbo causativo dispõe de sujeito próprio, distinto do sujeito da oração completiva. Kury ([1985]2007) também acrescenta que, ainda que o pronome átono em “Deixai-[as vir a mim]” esteja na forma de objeto direto, ele será interpretado, semanticamente, como o sujeito do verbo da oração infinitiva.

Neves (2000), em um quadro funcionalista, classifica os verbos *mandar*, *fazer* e *deixar* como verbos causativos. A autora distingue os verbos causativos entre *afirmativos* (fazer, causar, forçar, provocar, assegurar, provar, mostrar, cuidar, implicar, significar e similares) e *negativos* (impedir, proibir, dissuadir, desencorajar, etc.). Para Neves (2000), os verbos causativos não são auxiliares, pois não formam locução verbal, mas sim um período composto, constituído de uma oração principal e de uma oração completiva. No trabalho de

Neves (2000), é possível ainda verificar que a oração completiva pode também, como se sabe, ser realizada na forma desenvolvida:

- (3) *Paulinho CUIDOU que Cartola (...) chegasse intacto no seu samba.*
- (4) *Os jesuítas (...) FIZERAM que o Brasil fosse envolvido pela correte revolucionária.*
- (5) *ASSEGURA que lhe estou danado inteira razão.*

(NEVES, 2000, p. 41)

Neves (2000), enfim, descreve uma forma sintética da causativa, que, segundo a autora, trata-se de uma forma reduzida, expressando apenas um de seus argumentos, isto é, expressa somente um dos eventos:

- (6) *Camomila-C ASSEGURA uma dentição normal.*  
(= Camomila-C assegura que haja uma dentição normal.)
- (7) *O discurso CAUSOU escândalo.*  
(= O discurso causou que houvesse escândalo.)

(NEVES, 2000, p. 43)

Vale ressaltar que há inúmeros estudos sobre os verbos causativos, porém apenas com as discussões elencadas acima é possível constatar que sua análise não é ponto pacífico entre os estudiosos. No entanto, as apreciações mais recentes são unânimes ao considerar que o verbo causativo não é um auxiliar, uma vez que não forma uma locução verbal, mas se trata de um verbo que constitui a oração principal e que requer como complemento uma oração encaixada. Por meio dessa estrutura, é formada a sentença causativa analítica, que expressa uma relação causa-efeito, manifestando, assim, o fenômeno da causativização.

### 1.3. A Relação Causal

Nas discussões filosóficas, a causalidade está presente em diversas correntes, assim como nos estudos linguísticos, o fenômeno da causativização também é analisado a partir de diferentes quadros teóricos, como no Funcionalismo, no Cognitivismo, no Gerativismo, dentre outras perspectivas. Na visão cognitivista, por exemplo, Lakoff e Johnson (1980) comungam o mesmo posicionamento de Kant ([1787]1994) ao se referirem à relação causal. Os linguistas norte-americanos compreendem a causativização como um “conceito humano básico”. Lakoff (1987), além de reconhecer a causativização como uma categoria conceptual

fundamental, argumenta que, do ponto de vista filosófico, trata-se de um fenômeno bastante importante para a categorização humana.

Shibatani (1976), ao analisar o fenômeno da causativização, na perspectiva funcionalista, define que as sentenças causativas requerem, necessariamente, o estabelecimento da relação entre dois eventos em tempos distintos. Para o autor, essas sentenças possuem como condição necessária a realização do *evento causador* ( $t_1$ ) e do *evento causado* ( $t_2$ ). O *evento causado* é dependente do *evento causador*, visto que o causado( $t_2$ ) não se manifestaria sem o desencadeamento do causador( $t_1$ ), resultando, conseqüentemente, na associação entre os dois eventos. Partindo disso, Shibatani e Pardeshi (2002) postulam o nexo da *causalidade direta* e da *causalidade indireta*. Em uma sentença como *Telma matou o pernilongo*, trata-se de um exemplo que expressa uma *causação direta*, na qual há a realização de um *agente causador* e um *paciente causado*. Na causação direta, a execução do evento causado é inteiramente dependente da ação do causador. Em virtude dessa dependência, parece haver uma sobreposição espaço-temporal da atividade do evento causador( $t_1$ ) e do evento causado( $t_2$ ), o que dificulta distinguir, de modo preciso, os dois eventos, motivando assim a identificação da situação causal como um evento único. Essa é uma condição necessária para a causação direta, uma vez que há a expressão de um mesmo perfil espaço-temporal, de acordo com Shibatani e Pardeshi (2002). Entretanto, na causação indireta, é fundamental a presença de dois participantes, um *agente causador* e um *agente causado*, como em *O pai fez a criança limpar a parede rabiscada*, sendo a ação do evento causado dependente da ação do evento causador. Shibatani e Pardeshi (2002) também identificam que, na causação indireta, o causado apresenta um certo grau de autonomia, visto que o evento causado( $t_2$ ) demanda um agente próprio para executar a ação verbal. Os autores ainda acrescentam que, na causação indireta, é evidente a distinção entre os perfis espaço e tempo, uma vez o evento causado possui seu próprio agente. Assim sendo, os autores declaram que, nessa causação, pelo menos o perfil temporal dos dois eventos tem de ser nitidamente distinguido. Dessa forma, Shibatani e Pardeshi (2002) postulam que essa cisão entre os dois eventos evidencia uma causação distante, impedindo a congregação dos dois eventos em uma única situação causal e, por essa razão, não pode ser interpretada como um evento único.

A análise de Shibatani (1976) e de Shibatani e Pardeshi (2002) concentra-se nas propriedades gerais das causativas, baseando-se, principalmente, nas funções semânticas. Comrie (1981), ao examinar as sentenças causativas, dá prosseguimento à análise de Shibatani (1976), estabelecendo uma tipologia para essas sentenças. No que concerne à interpretação,

Comrie (1981) apresenta posicionamento consensual com o de Shibatani (1976), uma vez que também reconhece a necessidade do evento causador( $t_1$ ) e do evento causado( $t_2$ ), para a expressão da sentença causativa. Segundo Comrie (1981), as causativas são resultantes da associação de duas microssituações causais, formando uma macrossituação complexa, a situação causal. A partir do exame de dados do inglês, Comrie (1981) investiga, comparativamente, outras línguas, desenvolvendo um estudo translinguístico, reconhecendo propriedades semânticas, sintáticas e morfológicas dessas construções. Baseado nessa análise translinguística, Comrie (1981) propõe que as causativas manifestam-se na forma analítica, na forma morfológica e na forma lexical. De acordo com o autor, no inglês, a causativa analítica mais frequente possui a presença de dois predicados para expressar a noção de causativização, como em *I caused John to go* (Eu causei/fiz John ir). Cabe aqui destacar que essa forma analítica também é o padrão mais representativo no português. Na causativa analítica, o verbo *cause* (causa), que constitui a oração principal, expressa *causa* e o verbo *go* (ir), que integra a oração encaixada, manifesta o *efeito*. A causativa morfológica, segunda forma descrita por Comrie (1981), não existe no inglês nem no português. Essa forma ocorre por meio da afixação de um morfema para marcar a noção de causativização. Comrie (1981) esclarece que esse tipo de estrutura pode ser observado em dados do japonês, do russo, do turco, etc. Na língua turca, por exemplo, os sufixos *-t* e *-dir* (ou o variante *dür*) podem ser afixados em vários verbos, formando assim um verbo equivalente a um causativo, como a sufixação em *öl* (*die/morrer*), gerando *öl-dür* (*kill/matar*) e a sufixação em *göster* (*show/mostrar*), formando *göster-t* (*cause to show/causar mostrar – causar a revelação*). Por fim, a terceira forma, a causativa lexical, a expressão do efeito e a expressão da macrossituação ocorrem de forma assistemática, como em *die/kill* (*matar/morrer*). Embora seja uma forma não sistematizada, trata-se de um processo que ocorre lexicalmente e que pode ser encontrado em dados do inglês<sup>2</sup>.

Após definir as formas das causativas, Comrie (1981) passa a estabelecer os critérios de natureza semântica e sintática para a descrição das causativas. Dentre os critérios semânticos postulados pelo autor, destacamos a definição sobre *causalidade direta* e *causalidade indireta*, que se refere à identificação do grau de controle do causador na relação causal. Ao analisar os dados *I made the vase fall* (Eu fiz o vaso cair – causador verdadeiro) e *I let the vase fall* (Eu deixei o vaso cair – causador permissivo), Comrie (1981) esclarece que há diferentes níveis de

---

<sup>2</sup> Vale salientar que para dados do português brasileiro, Bittencourt (2001, p. 178) identifica a causativa lexical como uma forma sintética. A autora ainda esclarece que a forma sintética pode ser heteronímica ou homonímica. A primeira é constituída por um par não causativo expresso por lexemas verbais distintos (ex. *matar-morrer*, *ensinar-aprender*, *mostrar-ver*, etc.). A segunda possui apenas uma forma verbal não causativa (ex. *abrir*, *fechar*, *quebrar*, *sumir*, etc.).

controle do causador. De acordo com o autor, na primeira sentença, o nível de controle do causador é visível, uma vez que o causador tem controle sobre o evento causado, sendo reconhecido como *causador verdadeiro*. Na segunda sentença, diferentemente, o causador possui um controle menor sobre o evento causado, sendo identificado, por consequência, com um *causador permissivo*. Em relação às propriedades sintáticas, não se trata de critérios puramente sintáticos, uma vez que Comrie (1981) busca definir os argumentos controlados pelos verbos, estabelecendo quais e quantos argumentos estão sob o controle do verbo. O autor também examina a alternância verbal, isto é, se o verbo pode alternar de classe transitiva para intransitiva ou vice-versa. Em seu estudo, Comrie (1981) ainda descreve a estrutura da causativa morfológica em línguas em que há marcação morfológica para expressão da causatividade, em virtude do escopo desta pesquisa, não nos aprofundaremos nessa discussão.

Nesta seção, citamos as propriedades gerais das sentenças causativas na perspectiva funcionalista. Inicialmente, foi abordada a proposta desenvolvida por Shibatani (1976) e por Shibatani e Pardeshi (2002), que trouxe avanços significativos sobre a discussão da causativização, ao estabelecer condições de natureza de semântica necessárias para a formação das sentenças causativas. Destacamos aqui a noção sobre causação indireta cuja realização envolve dois participantes, reconhecidos pelo autor como *agente causador* e *agente causado*. Essa relação pode ser observada na causativa analítica, ao considerarmos a tipologia proposta por Comrie (1981). Na causativa analítica, dois predicados são necessários para expressar a causativização; um referente à causa e um segundo referente ao efeito. Essas propriedades serão fundamentais nesta pesquisa, uma vez que a CSVT, foco de nossa discussão, parece expressar uma causação indireta, no nível subjacente, manifestando dois participantes: um *agente causador* e um *agente causado*.

A seguir, discutiremos pesquisas desenvolvidas sobre as causativas nas línguas românicas, com base nos postulados da Teoria Gerativa.

#### **1.4. As Construções Causativas**

As construções causativas já foram amplamente estudadas na literatura; destacaremos aqui algumas pesquisas, fundamentadas na abordagem formalista, que contribuíram substancialmente para o entendimento desse fenômeno. Na subseção a seguir, apresentamos estudos sobre a causativa românica no francês, no italiano e no Português

Europeu (PE), partindo das análises desenvolvidas por base Kayne (1975), por Guasti (1996a, 1996b, 1997), por Gonçalves e Duarte (2001) e por Gonçalves (2002). Na subseção seguinte, destacamos a tipologia proposta por Bittencourt (1995, 2001), considerando dados do PB. Há ainda uma subseção dedicada ao tratamento da CSVT (SILVA, 2009; VILELA, 2009; CANÇADO 2007[2010]; NEGRÃO *et al.* 2013; CÍRIACO, 2014 e MILANIO 2014).

#### 1.4.1. *As Causativas Românicas*

Ao iniciarmos a discussão sobre as causativas românicas, abrimos a seção com a investigação de Kayne (1975). Esse trabalho possui grande relevância por ser o precursor dos estudos de causativas românicas na perspectiva formalista. Citamos também a análise de Guasti (1996a, 1996b, 1997) para as causativas no italiano. Por fim, apresentamos os estudos de Gonçalves e Duarte (2001) e de Gonçalves (2002), que desenvolvem uma análise translinguística, comparando as construções causativas no PE às construções causativas no PB.

O estudo de Kayne ganha notoriedade ao analisar dados do francês em um período de efervescência das investigações sobre as línguas naturais, baseado no quadro da Teoria Padrão, de Chomsky (1965). Dentre as diversas propriedades discutidas pelo autor, destacam-se a proposta sobre a colocação dos clíticos e, sobretudo, o comportamento gramatical das construções causativas. Kayne (1975) desenvolveu um trabalho pioneiro, ao examinar as construções causativas, reconhecendo duas formas de causativas no francês – a *faire-Infinitive* (FI) e a *faire-par* (FP), cunhando, assim, uma terminologia corrente nos estudos linguísticos. Kayne (1975) realiza um longo estudo, comparando as construções formadas com os verbos causativos *faire* e *laisser* (*fazer* e *deixar*). Segundo o autor, o verbo *laisser* permite que o sujeito do verbo da sentença infinitiva encaixada ocorra preposto ou posposto ao verbo infinitivo, diferentemente, da sentença formada com o verbo *faire*, na FI, em que o sujeito não pode preceder ao verbo infinitivo. Para Kayne (1975), se o verbo da sentença encaixada tiver um objeto, o sujeito pós-verbal deverá ser precedido por uma preposição, classificando essa construção como a *inserção à* ou *A-ins*:

- (8) Il fera boire un peu de vin à son enfant.  
‘Ele fará beber um pouco de vinho à seu filho.’

Na FI, em (8), a preposição *à* não pode ocorrer se o verbo da sentença encaixada não tiver objeto direto ou se o verbo requerer um complemento preposicionado. No que diz

respeito à FP, Kayne (1975) esclarece que essas sentenças possuem um argumento que ocorre por meio da preposição *par* (*por*) para introduzir o sujeito da sentença encaixada. O autor destaca que, embora esse argumento pareça, inicialmente, com agente da passiva, esse tipo de construção não permite a passivização. Em função dessa propriedade, a FP funciona como uma contraparte da FI *inserção à*, que, por sua vez, possibilita a passivização. Kayne (1975) também esclarece que a FI e a FP apresentam diferenças semânticas:

- (9) Marie fera boire cette eau par son chien.  
‘Marie fará beber esta água por seu cachorro.’
- (10) Marie fera boire cette eau à son chien.  
‘Maria fará beber esta água a seu cachorro.’

(KAYNE, 1975, p. 239)

De acordo com o autor, a FI apresenta uma relação mais direta entre o causador e o causado, a FP, por seu turno, expressa uma relação indireta. Isso significa, que, na FP (cf. 9), o causador, *Maria*, ordena a outro indivíduo testar a água, para verificar se esta é apropriada para consumo. Esse exemplo ilustra uma relação indireta, uma vez que o sujeito da oração principal não é o agente da ação, mas sim possui função de delegar a execução da ação a terceiros.

Dentre as inúmeras propriedades detalhadas por Kayne (1975), nesta pesquisa, destacamos a hipótese de Kayne sobre o movimento que ocorre nas construções causativas. Segundo o autor, por meio da aplicação de regras transformacionais, torna-se possível o verbo *faire* selecionar uma sentença encaixada, podendo apresentar mudança na ordem relativa do sujeito e do verbo dessa sentença encaixada. Por exemplo, o movimento do verbo infinitivo pode resultar na seguinte transformação: *Jean - fera son amie - partir* (Vcausativo DP Vinf), gerando *Jean - fera - partir - son amie* (Vcausativo Vinf DP). Nessa transformação, o verbo infinitivo é movido para a esquerda, provocando que o sujeito da sentença encaixada ocorra posposto ao verbo infinitivo. Além disso, Kayne (1975) ressalta que, na construção em que há a inserção da preposição *à*, a aplicação da regra de movimento impede a formação de uma sentença agramatical. Para o autor, a inserção da preposição possibilita a realização do sujeito da sentença encaixada: como *Jean fera - son enfant - boire - un peu de vin* → *Jean fera - boire - un peu de vin - à son enfant*.

Com base na proposta de Kayne (1995), é possível observar que as causativas formadas com o verbo *faire*, em francês, parecem apresentar semelhanças ao compararmos às causativas analíticas do PB. No entanto, essas línguas possuem algumas particularidades. Nas FI discutidas por Kayne, é possível observar um movimento do verbo infinitivo para se



incorporar ao verbo causativo. Esse fenômeno pode ser compreendido como um processo de incorporação de objeto, seguindo os postulados de Saraiva (1997). Nessa análise, a autora examina o comportamento dos DPs nus em relação aos DPs plenos no PB. Para Saraiva (1997), na incorporação do objeto direto ao verbo, ocorre uma associação muito íntima entre os dois elementos. Segundo a autora, nesse fenômeno, a junção de verbo + NP passa a formar um todo semanticamente coeso, que traduz uma ideia unitária. Nesse sentido, nas construções causativas FI, investigadas por Kayne (1975), parece haver a incorporação do verbo infinitivo ao verbo causativo, promovendo a subida do verbo infinitivo e, por consequência, modificando a configuração da causativa, resultando na realização do sujeito na posição pós-verbal. Por fim, vale enfatizar que essa incorporação do verbo infinitivo ao causativo não será a forma mais prevalente nos dados do PB contemporâneo, conforme será visto no próximo capítulo.

Ainda sobre as causativas nas línguas românicas, a análise de Guasti (1996a, 1996b, 1997) torna-se importante, tendo em vista que a autora examina as causativas analíticas no italiano. Partindo da classificação de Kayne (1975), a autora define que no italiano também são encontradas a causativa FI e a causativa FP. A autora também defende que sua proposta sobre o italiano pode ser expandida a alguns dados de outras línguas românicas, como o francês e o espanhol. Guasti (1996a, 1996b) sustenta que a FI e a FP são resultantes de um processo de incorporação e que cada derivação depende da associação do argumento causado ao verbo causativo. A autora propõe que, em ambas causativas, o verbo causativo seleciona um causador e um evento:

- (11) a. Ho fatto riparare la macchina a Gianni.  
 ‘Eu fiz reparar/consertar o carro a Gianni.’  
 b. Ho fatto riparare la macchina da Gianni.  
 ‘Eu fiz reparar/consertar o carro por Gianni.’

(GUASTI, 1997, p. 295)

Guasti (1996a, 1996b) propõe que as FI, em italiano, como em (11a), são resultantes da incorporação do verbo infinitivo a base do verbo causativo. Em função dessa incorporação, o verbo infinitivo forma uma composição junto ao verbo causativo, tornando aquele dependente deste. A autora ainda postula que, nessa forma, o argumento interno é interpretado como um *sujeito lógico*, tornando-o parte da estrutura argumental do verbo causativo. Desse modo, o causado pode ser projetado na posição de argumento interno e receber Caso dativo da preposição “a”; além disso, essa dependência semântica permite o verbo causativo atribuir papel temático a esse argumento. Nessa análise, é possível verificar o movimento de

incorporação do verbo infinitivo ao causativo, tal como descrito por Kayne (1975), em relação às FI no francês.

No que se refere às FP, Guasti (1996a, 1996b) propõe que o objeto (o carro) não é afetado pelo evento expresso pelo verbo causativo, mas sim pelo evento expresso pela base verbal (cf. 11b). Para a autora, essa é a grande diferença entre a FP e a FI, pois, nesta última, o causado é afetado pelo evento expresso pelo verbo causativo e não se justifica, na FP, o objeto ser reconhecido como um argumento do verbo causativo. Diante disso, Guasti (1996a, 1996b, 1997) analisa que, na FP, o VP complemento do verbo causativo é nu, resultando na ausência do vP mais alto e impedindo a projeção do argumento do verbo transitivo, já que não há posição para esse argumento. Em virtude dessa estruturação, o PP não é um argumento interno do verbo causativo, bem como não pode ser reconhecido como um argumento externo do verbo infinitivo. Assim, por não fazer parte da expressão sintática, o PP não pode ser reconhecido como integrante da estrutura argumental. Guasti (1996a, 1996b, 1997) considera, então, esse argumento um objeto lógico, que se for realizado, deverá vir como adjunto, projetado pela preposição *da*, conforme aparece em (11b). Considerando essas propriedades, a autora assume que a FI e a FP apresentam diferenças de natureza semântica e sintática.

Gonçalves e Duarte (2001) e Gonçalves (2002) também discutem fatos bastante relevantes no que se refere às sentenças causativas, ao analisarem comparativamente dados do PE e do PB, sobretudo, em relação à FI. Gonçalves (2002) apresenta uma análise translinguística, discutindo dados do italiano, do espanhol, do catalão e do francês, para caracterizar as construções causativas do PE. Segundo Gonçalves (2002), é consensual entre diversos trabalhos sobre as causativas (KAYNE, 1975, RAPOSO, 1981, GUASTI, 1996a, 1996b, 1997, etc.) que o causado é o sujeito gramatical da sentença encaixada, ocorrendo em posição pós-verbal. Além disso, quando o causado ocorrer introduzido por uma preposição, será obrigatoriamente dependente do verbo transitivo no domínio encaixado. Gonçalves (2002) ainda pontua que a FI, no PE, requer a projeção de um núcleo, classificado como *Incaus*. Essa projeção é capaz de abrigar o verbo incorporado, podendo suspender a realização do argumento externo da sentença encaixada. Para a autora, é essa fusão do causado (i.e. agente causado) que permite a sua realização em posições associadas a objetos, como pode ser observado em (12):

- (12) a. O João mandou comer a sopa à Ana.  
 b. O João mandou-lhe comer a sopa.  
 c. \*O João mandou comer-lhe a sopa.

(GONÇALVES, 2002, p. 198)

Gonçalves (2002) ainda acrescenta que, para a realização da FI, no PE, o causado deve ser semanticamente compatível ao verbo incorporado, pois, conforme pode ser visto em (13), a agramaticalidade ocorre, justamente, em função da impossibilidade de um *cão* de ler um livro.

(13) \*O professor mandou ler o livro ao cão.

(GONÇALVES, 2002, p. 206)

Segundo Gonçalves (2002), quando o argumento *tema* for um elemento sentencial, ele ocorrerá preposto ao infinitivo, como em (14a). Em contrapartida, quando o causado for *meta*, será realizado sempre após o complemento infinitivo (tema), como em (14d):

- (14) a. O João disse à Maria ter ido ao cinema.  
 b. \*O João disse ter ido ao cinema à Maria.  
 c. \*O João mandou ao Pedro ler o livro.  
 d. O João mandou ler o livro ao Pedro.

(GONÇALVES, 2002, p. 206)

Gonçalves (2002) esclarece também que, se o causado for internalizado como argumento do verbo causativo, não é possível explicar a assimetria acusativo/dativo, visto que se trata de uma assimetria sensível apenas à transitividade do verbo encaixado. Além disso, em contextos bitransitivos, não é possível a ocorrência de um outro argumento *meta* no domínio incorporado, como pode ser verificado em (15), em que a agramaticalidade evidencia que dois argumentos estão competindo para o mesmo papel temático no domínio infinitivo.

(15) \*O João não **lhe** mandou dar o livro **ao Pedro**.

(GONÇALVES, 2002, p.205-206)

Diante dessa análise, Gonçalves (2002) postula que o causado das FI não possui propriedades de um sujeito canônico. Para a autora, as FI são defectivas, uma vez que não possuem núcleos funcionais essenciais a qualquer sentença, sobretudo, mecanismos para checar os traços não-interpretáveis de *Agree* e de *T* (CHOMSKY, 1995, 2005). Em consequência disso, Gonçalves (2002) defende a necessidade da projeção do núcleo *Incaus*, para suspender o papel temático do argumento externo do verbo incorporado. Por conta dessa operação, esse argumento será associado às posições tipicamente de objeto. Assim, no curso de derivação das FI, a operação MERGE faz-se necessária, uma vez que a fusão possibilita a atribuição de papel temático à posição desse argumento. A partir do trabalho de Gonçalves (2002), é possível observar que as FIs, no PE, embora apresentem semelhanças em relação às

FIs no PB, possuem propriedades distintas, principalmente, no que se refere à posição de realização do verbo infinitivo e ao sujeito desse verbo.

Com base nos trabalhos acima, foi possível apurar que tanto à FI quanto à FP são resultantes da aplicação de regra de movimento, em que há a incorporação do verbo infinitivo à base do verbo causativo, formando um todo semanticamente coeso. Os estudos sobre as causativas nas línguas românicas (KAYNE, 1975; GUSTI, 1996a, 1996b, 1997, 1997; GONÇALVES e DUARTE, 2001 e GONÇALVES 2002), ao descreverem que a FI, são unânimes. Para os autores, nessa forma, há um movimento de incorporação do verbo infinitivo, que necessita de uma preposição (*a*), para que o argumento externo do verbo infinitivo seja suspenso e o causado possa ser realizado na posição de objeto indireto. Entretanto, veremos no próximo capítulo, que essa construção foi a menos prevalente nos dados do PB moderno e não foi encontrado o registro dessa construção no PB contemporâneo.

Podemos considerar esse fato como uma evidência de que o PB vem percorrendo um caminho distinto ao de outras línguas românicas, como o francês, o italiano e, inclusive, o PE, visto que, no passado, possuía essa estrutura com incorporação do verbo infinitivo. Os dados apontam que a construção causativa FI, no PB contemporâneo, apresenta uma estrutura mais desmembrada, na qual não ocorre a incorporação do verbo infinitivo ao verbo causativo e o argumento externo da oração infinitiva é realizado fonologicamente por meio de um DP ou pronome forte. Esse DP recebe Caso nominativo do verbo infinitivo, por estar em condições de receber as marcas de tempo (T) e de concordância (Agr), relacionadas ao tempo da oração principal, uma vez que estão de acordo com as condições do Contexto de Atribuição de Caso Nominativo, conforme Vitral (1987). Mais adiante, descreveremos com mais detalhes o processo de marcação de Caso do sujeito da sentença encaixada.

Na subseção a seguir, citaremos a tipologia das construções causativas no PB, desenvolvida por Bittencourt (1995, 2001).

#### *1.4.2. As Causativas no Português Brasileiro*

Bittencourt (1995, 2001) desenvolveu uma proposta pioneira, ao analisar as sentenças causativas no PB, e propôs uma taxonomia para essas construções. Nessa pesquisa, a autora descreve o percurso histórico das sentenças causativas, apresentando dados quantitativos sobre a frequência de uso dessas sentenças. Bittencourt (1995, 2001) fundamenta-se nos pressupostos da Gramática Tradicional, da Teoria Gerativa e, sobretudo,

de trabalhos funcionalistas (SHIBATANI, 1976 e GIVÓN, 1975 e 1990), para a realização de sua análise.

Para Bittencourt (1995, 2001), as sentenças causativas no PB, necessariamente, possuem a realização de dois eventos: a fase causadora e a fase causada, tal como proposto por Shibatani (1976). A partir da observação das formas, Bittencourt (1995, 2001) sintetiza a realização das causativas no PB, reconhecendo três tipos de construções: i) analíticas, ii) semi-analíticas e iii) sintéticas. As construções analíticas são bi-oracionais, constituídas por dois verbos; um causativo e uma oração encaixada, na qual pode haver um infinitivo (cf. 16a) ou um subjuntivo (cf. 16b). A causativa semi-analítica também é bi-oracional. Nessa estrutura, o causado, geralmente, é expresso por um clítico (cf. 17). Por fim, na forma mono-oracional, uma das fases não é expressa fonologicamente, tendo somente um verbo realizado e, por consequência, é reconhecida como uma forma sintética (cf. 20), quando comparada à estrutura perifrástica.

No que se refere à causativa analítica, Bittencourt (1995, 2009) descreve que a forma mais representativa no PB é equivalente a FI, proposta por Kayne (1975). Em (16), há um verbo causativo que requer como complemento uma oração encaixa. De acordo com a autora, no PB, o causado, normalmente, ocorre entre o verbo causativo e o verbo da oração encaixada:

- (16) a. Os seguranças *fizeram* (com) que os caras pintadas lavassem o rosto.  
 b. Os seguranças *fizeram* eles/os caras pintadas lavar(em) o rosto.  
 (BITTENCOURT, 1995, p. 154)

As causativas semi-analíticas, para Bittencourt (1995, 2001), também são sentenças bioracionais. Porém, há uma relação mais estreita entre o evento causador e o evento causado, que, geralmente, é expresso por meio de oblíquo, conforme pode ser verificado em (17):

- (17) a. Armados até os dentes, os meganhas *nos fizeram* comer até capim.  
 b. O assassinato brutal da minha filha *me fez* ir a Brasília atrás de justiça.  
 (BITTENCOURT, 1995, p. 154)

Essas sentenças assemelham-se às FP, analisadas por Kayne (1975), sendo o causado um oblíquo. Nessa construção, a fase causadora sobrepõe-se à fase causada. Bittencourt (1995, 2001) ainda ressalta que essa forma vem caindo drasticamente no PB.

No que concerne às propriedades semânticas, o causado pode ter papel temático distinto, conforme pode ser observado abaixo. Em (18a), o causado é agentivo, em (18b-c), diferentemente, é um experienciador:

- (18) a. A polícia *fez* pintar o prédio aos/pelos pichadores  
 b. Jô, como é que você *fez* sofrer ao Derico tamanha humilhação?  
 c. Desta vez o acidente com o ônibus *fez* ver ao Governo a necessidade de consertar de vez o viaduto das Almas.

(BITTENCOURT, 1995, p. 166)

Em (18a-c), o verbo causativo requer, como componente de sua estrutura argumental, um argumento externo *agente* e um argumento interno *tema*, funcionando com um predicado complexo na forma lógica. Quanto à atribuição de Caso, o objeto recebe Caso do verbo causativo e o sujeito do verbo transitivo recebe Caso por meio da inserção da preposição (*a* ou *por*, no PB), de acordo com Bittencourt (1995, 2001). Vale enfatizar que essa derivação é similar ou se serve dos mesmos mecanismos utilizados por Kayne (1975) para as construções FP. A autora ainda considera como forma semi-analítica as causativas constituídas com uma oração de predicado não-verbal (minioração). Nessa estrutura, o verbo causativo possui um predicado nominal como argumento interno:

- (19) O afastamento do Collor deixou o país aliviado.

(BITTENCOURT, 1995, p. 175)

No tocante às causativas sintéticas, Bittencourt (1995, 2001) reconhece a forma heteronímica e homonímica. Na causativa sintética por heteronímia, a causação é expressa por um item lexical que possui uma contraparte não causativa:

- (20) a. Lalau *construiu* em Miami um palacete para ninguém botar defeito.

(BITTENCOURT, 2001, p. 209)

Na causativa sintética por homonímia ou causativo-ergativa, o mesmo item lexical representa a forma verbal não-causativa correspondente. Segundo a autora, nessa forma, um causador agentivo é realizado na superfície, sendo reconhecido como desencadeador da ação ou do processo verbal:

- (21) a. DNER remenda estrada assassina.  
 b. O Estado faz obras em todo o interior.

(BITTENCOURT, 1995, p. 175)

Bittencourt (1995, 2001) ainda descreve como causativa sintética a construção composta por um item lexical derivacional, formado por um processo, geralmente, de parassíntese:

- (22) a. “Delírio sensual, arco-íris de prazer, amor eu vou te anoitecer”  
 b. Nos braços do povo, cervejando o seu calor, pago pra ver, pago pra ver.”  
 (BITTENCOURT, 1995, p. 192)

Além dessas construções, Bittencourt (1995, 2001) também identifica uma versão mais condensada das causativas FP, previstas por Kayne (1975), como construção sintética. Observemos:

- (23) a. A Rubra Rosa fez a fantasia dela foi *por* uma costureira de Serro Azul.  
 b. Ele consertou o carro *por* aquele cara de nome maluco.  
 (BITTENCOURT, 1995, p. 205)

De acordo com Bittencourt (1995, 2001), nesse tipo de construção, o causado, quando realizado fonologicamente, ocorre em posição de adjunto, introduzido por meio de preposição. Para Bittencourt (1995, 2001), em (23), há dois eventos; no primeiro evento, há um o causador que comanda ou dirige um causado. No segundo evento, subjacente, o causado é interpretado como um causador-agente, expresso pelo verbo transitivo (como *fazer* e *consertar*). Nessa configuração, quando o causado é realizado fonologicamente, ele é introduzido por meio da preposição *por*. Assim, por meio do trabalho de Bittencourt (1995, 2001), é possível observarmos o processo de sistematização das sentenças causativas no PB e, em particular, a sinalização da manifestação das causativas sintéticas em (23). Ressaltamos ainda que, para Bittencourt (1995, 2001), os dados, em (23), são exemplares de uma forma mais condensada da FP, pautados nesse cenário, desenvolvemos nossa investigação, concentrando-nos nessas sentenças, que analisamos como exemplares de CSVT.

Na subseção, a seguir, listaremos alguns trabalhos que registram a CSVT e discutiremos sobre o processo de formação dessa construção.

#### 1.4.2.1. As Causativas Sintéticas com Verbo Transitivo no PB

Nesta seção, destacaremos alguns trabalhos que investigam a causativa sintética com verbo transitivo, isto é, a CSVT. Embora estes estudos sejam fundamentados em abordagens teóricas distintas e apresentem classificações diferentes para a CSVT, eles reconhecem o mesmo fenômeno empírico. Vamos, a seguir, propor a nossa descrição desse fenômeno.

Como vimos na seção anterior, o trabalho de Bittencourt (1995, 2001) possui grande impacto na análise das sentenças causativas em relação aos dados do PB, pois, além de propor uma taxonomia para essas construções, aponta também o registro da CSVT no PB em outras sincronias da língua. Para o prosseguimento de nossa pesquisa, elencamos alguns trabalhos que também analisam a CSVT. Ao iniciarmos, destacamos, aqui, a pesquisa de Goldberg (1995).

Goldberg (1995), em seu trabalho seminal, no qual desenvolve o modelo da Gramática de Construções, analisa construções em inglês e postula propriedades semânticas e sintáticas. Entre as construções examinadas, a autora identifica a construção de movimento causado, reconhecendo algumas restrições semânticas e aponta como uma idiosincrasia dessas construções do inglês o que ela chama de *cenário convencionalizado* (*conventionalized scenarios*):

- (24)
- a. The invalid owner ran his favorite horse (in the race).
  - b. Chris cut her hair at the salon on University Avenue.
  - c. She painted her house, (when in fact the painters did the painting)
  - d. Farmer Joe grew those grape vines.<sup>3</sup>

(Goldberg, 1995, p. 169)

Goldberg (1995) propõe que, na construção de movimento causado, há um *agente* que causa o movimento direto de *tema* para outro local. Contudo, nas sentenças em (24), a autora reconhece que há um cenário convencionalizado, no qual se espera que os eventos de *cortar* cabelo e *pintar* casa, por exemplo, sejam realizados por profissionais. Goldberg (1995) descreve que esse tipo de construção envolve uma causativa simples, na qual há uma causa intermediária. A autora argumenta que, nessas construções, os cenários convencionalizados parecem ser cognitivamente “empacotados”, possibilitando a ocultação da causação intermediária. Goldberg (1995) ainda afirma que, mesmo que construções em (24) expressem movimento causado indiretamente, de modo convencionalizado, trata-se de construção de movimento causado. Diante desse ambiente, a autora prevê a seguinte generalização: “*Conventionalized scenarios can be cognitively packaged as a single event even if an*

---

<sup>3</sup> a. O proprietário inválido correu seu cavalo favorito (na corrida).  
 ‘O proprietário inválido fez seu cavalo favorito correr (na corrida).’  
 b. Chris cortou o cabelo no salão de beleza na avenida da universidade.  
 ‘Chris fez cortar seu cabelo no salão de beleza na avenida da universidade.’  
 c. Ela pintou a casa dela (quando, na verdade, os pintores fez a pintura).  
 ‘Ela fez pintar a sua casa.’  
 d. O fazendeiro Joe cresceu essas videiras.  
 ‘O fazendeiro Joe fez crescer essas videiras.’



*intervening cause exists*<sup>4</sup>(GOLDBERG, 1995, p. 169). A pesquisa de Goldberg (1995) traz uma proposta relevante de análise, de aplicação mais ampla, ainda que a autora sugira que as construções em (24) sejam uma idiosincrasia do inglês. Assim, é possível observar que, no PB, encontramos formas análogas aos dados em (24), sobretudo, as sentenças em (24b-c), que parecem se assemelhar bastante à CSVT. É digno de nota que os dados apresentados são exemplos introspectivos, impossibilitando uma confiabilidade efetiva. Entretanto, essa análise permite-nos perceber que a construção que chamamos de CSVT parece ser produtiva em outras línguas além do PB.

No que se refere aos estudos da CSVT no PB, destacamos o trabalho de Silva (2009). A autora investiga essa construção, partindo da análise de Bittencourt (1995, 2001). Silva (2009) examina algumas formas de construções causativas sintéticas, fundamentando-se nos pressupostos de análise semântica (CANÇADO, 2003; 2006) e da Teoria Gerativa (HALE e KEYSER, 1993; 1998). Observemos as seguintes sentenças:

- (25) a. A Luma de Oliveira fez sua fantasia de madrinha da bateria pelas costureiras da própria escola.  
b. Ele consertou o carro por aquele mecânico de nome maluco.  
(SILVA, 2009, p. 103)

- (26) a. Eu consertei o carro por aquele mecânico de nome maluco.  
b. O mecânico consertou o carro. / ? O carro consertou.<sup>5</sup>  
(SILVA, 2009, p. 89)

Segundo Silva (2009), as sentenças, em (25), são exemplares de causativa sintética com verbo transitivo. Em (26), o par de sentenças ilustra a alternância transitiva. Silva (2009) explica que, em (25), o fato do verbo leve<sup>6</sup> *fazer* poder selecionar VPs transitivos de ação é

<sup>4</sup> Cenários convencionalizados podem ser cognitivamente empacotados como um único evento, mesmo se existir uma causa interveniente” (tradução nossa).

<sup>5</sup> Naves e Lunguinho (2009), ao investigarem dados semelhantes ao apresentado em (25), admitem que verbos transitivos, em contextos gramaticais específicos, aceitam a inserção de modificadores, permitindo o verbo aparecer na forma ergativa (NAVES e LUNGUINHO, 2008, p. 2):

- i) a. Os pedreiros pintaram o portão.  
b. \*O portão pintou.  
c. ?O portão já pintou.  
d. O portão (es)tá pintando.

Diante desses exemplos e ao verificar que essa análise pode ser estendida aos em (ii), é possível depreender que se trata de uma forma produtiva em contextos específicos no PB.

- ii) a. ? O carro já consertou.  
b. ? O carro ainda não consertou.  
c. ? O carro já (es)tá consertando.

<sup>6</sup> Hale e Keyser (2002) classificam verbos leves, *light verbs*, em inglês, como verbos que não apresentam qualquer componente semântico, permitindo o licenciamento de um complemento vazio. Nas construções com esses verbos, o componente semântico é realizado por meio da associação a um nominal, como, por exemplo, os verbos *fazer* e *dar* em estruturas, como *dar uma olhada (olhar)* e *fazer uma caminhada (caminhar)*. Nas

uma propriedade fundamental para a realização dessa sentença. Assim, em (25), quando o verbo causativo seleciona um verbo transitivo, faz-se necessária a presença de uma preposição funcional, para “(i) licenciar o DP com os traços semânticos [+Desencadeador, +Afetado] e (ii) para lhe atribuir o Caso estrutural” (SILVA, 2009, p. 105). Em função disso, nesse tipo de causativa, há um rearranjo sintático, permitindo a aplicação de uma operação de último recurso<sup>7</sup>, para a valoração de Caso abstrato ao argumento introduzido pela preposição *pelas/por*. Além disso, Silva (2009) prevê que esse DP, por possuir traços semânticos de [+Desencadeador] e [+Afetado], é interpretado como o agente da ação verbal expressa pelo verbo transitivo. A operação de último recurso torna-se essencial, uma vez que impede a violação das condições de *Full Interpretation*. Isso significa que, para Silva (2009), a aplicação dessa operação permite a valoração do Caso abstrato no processo da derivação sintática, bem como impede a violação do princípio de Filtro de Caso, o qual prevê que todo DP pronunciado precisa de receber Caso. O trabalho de Silva (2009) é mais uma análise sobre o fenômeno da CSVT que pode contribuir para um melhor entendimento dessa construção. No entanto, não adotaremos a análise sintática proposta pela autora. Além disso, ressaltamos que, para Silva (2009), a CSVT é concebida como uma alternância transitiva; porém, mais adiante, discutiremos as razões pelas quais não identificaremos essa construção como resultante desse tipo de alternância. Os estudos listados, a seguir, também reconhecem a CSVT de modo similar, isto é, caracterizando-a como resultado de alternância.

Vilela (2009), Cançado (2007[2010], 2010), Negrão, Cançado e Lunguinho (2013) e Ciríaco (2014) analisam as causativas sintéticas com verbos transitivos como uma alternância agente-possuidor (ou beneficiário). Vilela (2009) parte dos dados apresentados por Cançado (2007[2010]) e destaca que este trabalho parece ser um dos pioneiros na análise da alternância, tomando por base os seguintes em dados:

- (27) John had his hair cut.  
 ‘John teve seu cabelo cortado.’
- (28) a. O cabeleireiro cortou o cabelo de João.  
 b. João<sub>BEN</sub> cortou o cabelo.

(VILELA, 2009, p. 73-79)

De acordo com Vilela (2009), em (27), há a construção causativa-passiva, em inglês, formada por uma sentença bi-oracional. O exemplo, em (28), ilustra a alternância agente-

---

construções causativas, o verbo leve faz parte de um complexo verbal, formado por dois VPs: um verbo lexical (V<sup>o</sup>) na projeção mais baixa e um verbo leve (vP), de natureza causativa (como *fazer*), na projeção acima do V<sup>o</sup>.

<sup>7</sup> Chomsky (1995) postula que a operação de último recurso é aplicada para derivar uma estrutura que de outra forma não poderia ser gerada gramaticalmente.

beneficiário no PB; ambas as sentenças apresentam um período simples. É importante ressaltar que, no inglês, a construção causativa-passiva apresenta uma estrutura mais complexa, formando um período com dois verbos sintaticamente independentes. Entretanto, no PB, diferentemente, o par de sentenças classificado como uma alternância parece não estabelecer uma relação de correspondência, uma vez que parece não possuir os mesmos constituintes sintáticos. Vilela (2009) ainda ratifica o posicionamento de Cançado (2007[2010], 2010), ao explicar que, na alternância agente-possuidor, a intenção é deixar mais proeminente o possuidor, que é beneficiário, e suplantar o agente da ação verbal. Além disso, Vilela (2009) destaca o fato de o argumento, que ocupa a posição de sujeito, em (28b), exibir iniciativa ou intencionalidade, sendo percebido como um desencadeador da ação verbal, embora não a execute. A autora ainda acrescenta que, tanto as sentenças em (27), como as de (28), apresentam sentido causativo padrão, porque há um evento e um resultado, como, por exemplo, o cabelo cortado, o carro consertado, etc. Por fim, Vilela (2009) explicita que a interpretação dessas sentenças envolve, geralmente, a contratação de prestação de serviços, mediante alguma forma de pagamento. No capítulo 5, deste trabalho, retomaremos o trabalho de Vilela (2009).

Cançado (2007[2010], 2010), conforme já dito, investiga a CSVT e classifica essa construção como alternância *agente-possuidor*. Para o desenvolvimento da análise, a autora compara as propriedades semânticas dos verbos *cortar* e *quebrar* e propõe uma interpretação de alternância verbal. Observemos:

- (29) a. O cabeleireiro cortou o cabelo do João.  
b. O João cortou o cabelo.

(CANÇADO, 2007[2010], p. 1)

Segundo Cançado (2007[2010], 2010), as construções acima são formas sintáticas, que apresentam configurações distintas, variando entre a forma básica, [DP1 V [DP2 de DP3]], e a forma alternante, [DP3 V DP2]. Em (29a), há a forma canônica do verbo *cortar*; em (29b), por sua vez, trata-se de uma reorganização da estrutura argumental do verbo *cortar*. Cançado (2007[2010], 2010) explica que o argumento introduzido pela preposição, em (29a), recebe o papel temático de possuidor. Em (29b), diferentemente, esse argumento, que possui a função semântica de *possuidor*, ocorre na posição de sujeito da oração. Contudo, a autora observa que verbos, como *cortar*, *lavar*, *operar* e *extrair*, exigem um *agente* na posição de sujeito. Diante disso, Cançado (2007[2010], 2010) reconhece os dados repetidos, em (30), como uma alternância:

- (30) a. O cabeleireiro cortou o cabelo do João.  
b. O João cortou o cabelo (com o cabeleireiro).

Nessa análise, Cançado (2007[2010], 2010) propõe que o *possuidor*, ao alçar para a posição de sujeito, permite a realização do agente indireto, agente causado, introduzido pelo PP. Esse argumento ocorrerá em posição de adjunção e terá a função de executar a ação verbal expressa pelo verbo transitivo, conforme pode ser visto em (30b).

Negrão *et al.* (2013), seguindo Cançado (2007[2010]), identificam os dados, em (30), como alternância *agente-possuidor* e expandem a análise, examinando as propriedades semânticas e sintáticas da sentença em (30b). Nesse estudo, os autores propõem que uma das principais propriedades dessa construção diz respeito à agenticidade referente à posição de sujeito. Em (30b), não é possível um adjunto anular ou impedir o evento, quando o possuidor for realizado na posição de sujeito e o PP, agente causado, também for realizado. Por exemplo:

- (31) O João cortou o cabelo com o cabeleireiro *\*sem querer/\*acidentalmente*.

Em (31), o adjunto não pode exercer a função semântica de modificar o evento, controlando ou anulando a ação expressa pelo verbo *cortar*. Para os autores, essa propriedade é de suma importância, pois revela um traço de agenticidade no constituinte que ocupa a posição de sujeito. Negrão *et al.* (2013) também destacam que esse tipo de sentença apresenta algumas similaridades com as construções passivas analíticas. Nessa interpretação, há o alçamento obrigatório do sujeito, assim como a realização do agente causado, realizado por meio de um sintagma preposicional. Retomaremos essa análise de Negrão *et al.* (2013), no capítulo 5, ao aprofundarmos a análise do conjunto de propriedades sintáticas específicas da CSVT. Por ora, destacamos a relevância da contribuição de Negrão *et al.* (2013) para a descrição do fenômeno.

Ciríaco (2014) também investiga a CSVT, porém identifica essa sentença como Construção Transitiva de Sujeito Agente-beneficiário (CTSAB) e se concentra em propriedades semântico-lexicais. A autora, com base em Cançado (2007[2010]), também ressalta que essa construção parece ser fenômeno específico do PB. Observemos o seguinte exemplo (CIRÍACO, 2014, p. 84):

- (32) Eduardo cortou o cabelo com Rosalvo.

Em (32), segundo Ciríaco (2014), *Rosalvo* é interpretado como o *agente* do evento de *cortar* e *Eduardo*, por seu turno, é interpretado como o *beneficiário* da ação. Para a autora, *Eduardo* é um agente indireto, uma vez que possui iniciativa, controle e consentimento sobre a realização do evento de *cortar*, porém esse argumento também é identificado como beneficiário. Ciríaco (2014) também destaca que a CTSAB é bastante produtiva no PB:

- (33) a. Eduardo lavou o carro (na oficina do Roy/com o Roy).  
 b. Eduardo consertou o carro (na/com a Sem-riscos).  
 c. Cida passou o vestido (na/com a lavanderia do Ouro Preto).  
 d. Os alunos xerocaram o artigo (na/com a Expresso Copiadora).  
 (CIRÍACO, 2014, p. 86)

Ao descrever as propriedades semânticas da CTSAB, Ciríaco (2014) ressalta ainda que, geralmente, essa construção é constituída por verbos de ação ou ação/causação. Entretanto, essa não é uma propriedade suficiente para o reconhecimento dessa sentença, uma vez que sua realização envolve um pedido a alguém ou a contratação de um profissional para executar o evento. Ciríaco (2014) elenca ainda vários exemplos de CTSAB e propõe uma análise, baseada em Goldberg (1995, 2006), considerando os postulados da Gramática de Construções. Ciríaco (2014), ao discutir propriedades semântico-pragmáticas dessa construção, então, ratifica como característica da CTSAB, o envolvimento do contexto de prestação de serviço. Embora seja uma análise de grande relevância para o entendimento do fenômeno, não pormenorizaremos essa análise baseada na Gramática de Construções, desenvolvida por Ciríaco (2014), em função da delimitação do nosso quadro teórico. Observamos tão somente que o estudo de Ciríaco (2014) traz avanços para o entendimento da CSVT, bem como evidencia a produtividade dessa construção no PB.

Dubert e Galves (2016), ao investigarem fenômenos fonológicos, morfológicos e sintáticos, no galego, no PE e no PB, também descrevem a CSVT. Os autores examinam essa construção, ao analisarem o NP definido e o NP nu, para explicar que, no PB, o artigo definido é utilizado para se referir a partes do corpo:

- (34) a. Lavei as mãos.  
 I washed the hands  
 ‘I washed my hands’  
 b. Cortei o cabelo.  
 I cut the hair.  
 ‘I had my hair cut.’
- (35) O João operou o pé.  
 the John operated the foot  
 ‘John has his foot operated on.’

(DUBERT e GALVES, 2016, p. 446)

Em (34b) e em (35), o agente é, segundo os autores, diferente do possuidor. Eles também ressaltam que essa forma é inaceitável no PE e, em contrapartida, é aceitável no Galego e no PB, sendo ainda mais produtiva no PB. Os autores argumentam que essa construção parece ser resultante do alçamento do sintagma interno para a posição de sujeito, quando o verbo não possui sujeito lexicalmente realizado. Como se verá, essa análise distancia-se de nossa proposta teórica, porém, esse estudo é de suma relevância para a presente pesquisa, uma vez que, além de reforçar a produtividade da CSVT no PB, atesta que esse fenômeno não parece ser uma idiosincrasia do PB.

A partir dessas análises, é possível observar que a CSVT é uma construção bastante produtiva no PB, mas é prematuro afirmar que seja uma idiosincrasia da nossa língua. Os relatos de Goldberg (1995), bem como de Dubert e Galves (2016) são provas contundentes de que essa construção pode ser encontrada em outras línguas.

Outro ponto que merece ser levado em consideração diz respeito ao fato de Silva (2009), de Vilela (2009), de Caçado (2007[2010]), de Negrão *et al.* (2013) e de Ciríaco (2014) identificarem a CSTV como uma alternância. A alternância está relacionada a uma combinação em função do comportamento verbal, resultando em representações sintáticas que compõem um par de variantes (LEVIN, 2003; ALEXIADOU, ANAGNOSTOPOULOU e SCHÄFER, 2015). Essa relação de alternância não parece ser estabelecida somente por meio da existência e da comparação de orações como em (30). Para tratar desse ponto, abordaremos a proposta de análise desenvolvida por Milano (2014).

Milano (2014) investiga o processo de formação da CSVT, reconhecendo essa construção como uma derivação de uma estrutura mais articulada, em um nível subjacente, com propriedades análogas à causativa analítica. Concebemos, assim, que as CSVTs estão em concordância com a estrutura compatível com a causativa analítica, visto que há a realização de dois eventos, não simultâneos, identificados como um evento causador e um evento causado. Nos dados a seguir, incluímos os exemplos nas ocorrências em (a) e elaboramos em (b) uma paráfrase do que supomos ser a interpretação desses exemplos num nível subjacente:

- (36) a. Mara cortou o cabelo.  
b. Mara<sub>i</sub> fez [*alguém* cortar [seu]<sub>i</sub> cabelo].
- (37) a. Pedro operou o pé.  
b. Pedro<sub>i</sub> fez [*alguém* operar [seu]<sub>i</sub> pé].
- (38) a. Caetano reformou o apartamento.  
b. Caetano<sub>i</sub> fez [*alguém* reformar [seu]<sub>i</sub> apartamento].

- (39) a. José consertou o carro.  
b. José<sub>i</sub> fez [*alguém* consertar [seu]<sub>i</sub> carro].
- (40) a. Tereza pintou a casa.  
b. Tereza<sub>i</sub> fez [*alguém* pintar [sua]<sub>i</sub> casa].
- (41) a. O fazendeiro inseminou as vacas.  
b. O fazendeiro<sub>i</sub> fez [*alguém* inseminar [suas]<sub>i</sub> vacas].
- (42) a. Ester transplantou a córnea direita.  
b. Ester<sub>i</sub> fez [*alguém* transplantar [sua]<sub>i</sub> córnea direita].
- (43) a. Artur podou a grama.  
b. Artur<sub>i</sub> fez [*alguém* podar [sua]<sub>i</sub> grama].

(MILANIO, 2014, p. 73-74)

Para Milanio (2014), em (36a-43a), há a realização da forma sintética, construída com um verbo transitivo (cortar, operar, reformar, etc.). Essa construção é derivada de uma forma que se assemelha a uma causativa analítica, em um nível subjacente, interpretada como em (36b-43b). Nessa forma, há uma oração principal, nucleada pelo verbo causativo *fazer*, que toma como complemento uma oração encaixada. Consideramos também que, nas sentenças em (36b-43b), há dois argumentos externos. O primeiro ocupa a posição de sujeito do verbo *fazer* e é responsável por desencadear o evento expresso pelo verbo transitivo, realizado na oração encaixada. O segundo ocupa a posição de sujeito da oração encaixada e é interpretado como sujeito indeterminado (ou de interpretação arbitrária), capaz de executar a ação expressa pelo verbo transitivo (cortar, operar, reformar, etc.).

Ao investigarmos a realização da CSVT, verificamos ainda que essa construção apresenta restrições semânticas quanto aos verbos que possibilitam sua composição e identificamos uma classe específica de verbos que as licenciam. A partir das propriedades dos verbos que formam a CSVT, propusemos uma classificação, baseada em Stillings *et al.* (1995), e identificamos três grupos verbais:

Quadro 1 – Grupos verbais

VERBOS SENSORIAIS	VERBOS DE PROCESSAMENTO	VERBOS MOTORES
ver, sentir, observar, ouvir, ler, degustar, assistir, cheirar, enxergar, escutar, etc.	pensar, aprender, resolver, compreender, analisar, lembrar, recordar, amar, admirar, alucinar, delirar, etc.	<i>Verbos motores de primeira ordem:</i> cantar, falar, beijar, chutar, correr, aplaudir, agachar, etc.
		<i>Verbos motores de segunda ordem:</i> cortar, fazer, consertar, reformar, costurar, escrever, extrair, pintar, operar, etc.

Fonte: Milanio, 2014, p. 32. (Adaptada)

Como é possível observar, há três grupos de verbos no quadro acima. O primeiro refere-se aos verbos sensoriais, relacionados, portanto, ao sistema sensorial/perceptual. Para a realização de ações, como *ver*, *cheirar*, *escutar*, *etc.*, são necessários os sistemas visual, olfativo e auditivo, respectivamente. Em nossa proposta, esses sistemas envolvem o corpo humano, compreendido como um instrumento biológico inalienável, já que não é possível transferir esse tipo de posse para outro indivíduo. Essas ações são, portanto, individuais e não podem ser realizadas por terceiros. O segundo grupo de verbos diz respeito aos verbos de processamento. Esses verbos expressam ações como *pensar*, *aprender*, *resolver*, *etc.*, relacionadas à nossa cognição/processamento mental, envolvendo também o corpo como um instrumento biológico inalienável. Os grupos de verbos sensoriais e de processamento, por envolverem sistemas que integram o instrumento biológico inalienável, não formam CSVT, uma vez que não é possível delegar ações como *ver*, *cheirar*, *estudar*, *pensar*, *aprender*, *analisar* a outras pessoas.

O terceiro grupo de verbos é identificado como os verbos motores, uma vez que se referem ao sistema de coordenação motora. Esse grupo possui dois subtipos: i) os verbos motores de primeira ordem e ii) verbos motores de segunda ordem. Os verbos motores de primeira ordem estão relacionados a ações que compreendem o corpo humano ou suas partes como boca, mãos e pés, já que precisamos dessas partes para beijar, aplaudir e chutar, respectivamente. Os verbos motores de primeira ordem também estão associados ao corpo, isto é, as ações expressas por esses verbos necessitam do instrumento biológico inalienável para sua realização. Em função dessa propriedade, os verbos motores de primeira ordem também não formam CSVT, tendo em vista que são ações individuais e não é possível um indivíduo realizar fisicamente ações como *beijar*, *chutar*, *aplaudir*, por outra pessoa.

O que nos interessa mais de perto são os verbos motores de segunda ordem que configuram um dos subtipos dos verbos motores. Tomando por base Levin (1993), Levin e Rapport (1995) e Sales e Naves (2009), observamos que esses verbos exigem instrumentos externos ao corpo humano, requerendo instrumentos artificiais alienáveis como uma propriedade semântica necessária para a execução da ação verbal. Por exemplo, para *cortar*, são necessários objetos cortantes, como tesoura, navalhas, *etc.*, para *operar*, instrumentos cirúrgicos, como bisturis, pinças, *etc.*, para *reformular*, objetos da construção civil, como martelo, picaretas, *etc.* Por serem instrumentos artificiais alienáveis, pode haver a transferência de posse desses instrumentos. Partindo dessas propriedades, observamos que apenas os verbos transitivos motores de segunda ordem licenciam as CSVTs. Partindo dessa



análise, propusemos um algoritmo, no qual observamos a interpretação dos verbos, composto por cinco etapas, a saber:

- (44) 1<sup>a</sup>) Etapa – Verificar a transitividade do verbo;  
 2<sup>a</sup>) Etapa – Verificar se o verbo está associado ao sistema sensorial/perceptual, ao sistema cognitivo/processual ou ao sistema de coordenação motora;  
 3<sup>a</sup>) Etapa – Identificar se há ambiguidade de papel temático referente à posição de sujeito;  
 4<sup>a</sup>) Etapa – Verificar se há a necessidade da utilização de instrumento artificial (tesoura, bisturi, alicate, etc.) para a realização da ação;  
 5<sup>a</sup>) Etapa – Conferir se o instrumento é alienável, ou seja, se ele pode ser deslocado de uma pessoa para outra.

(MILANIO, 2014, p. 37-38)

Para a formação da CSVT, consideramos como mais relevantes as seguintes propriedades: i) ser formada com um verbo motor de segunda ordem; ii) requerer, semanticamente, um instrumento artificial alienável; e iii) em princípio, ocorrer uma leitura ambígua, havendo duas interpretações possíveis em relação ao argumento que ocupa a posição de argumento externo. Nesse sentido, a partir da associação do argumento externo à possibilidade de transferência de posse do instrumento artificial alienável, torna-se possível obter uma leitura causativa. Retomemos os seguintes dados:

- (45) a. Mara cortou o cabelo.  
 b. Pedro operou o pé.  
 c. Caetano reformou o apartamento.

As sentenças, em (45), são consideradas exemplos de CSVT, uma vez que foram submetidas ao nosso algoritmo semântico, apresentado em (44), e dispõem de todas as propriedades relevantes. Os verbos, em (45), são identificados como verbos transitivos motores de segunda ordem, pois requerem semanticamente instrumentos artificiais alienáveis (tesoura, bisturi, ferramentas, etc.). Esses instrumentos, quando realizados fonologicamente, ocorrem numa posição de adjunção:

- (46) a. Mara cortou o cabelo com a tesoura.  
 b. Pedro operou o pé com o bisturi.  
 c. Caetano reformou o apartamento com as ferramentas.

Outra propriedade da CSVT é a leitura ambígua referente ao papel temático atribuído ao argumento externo. Por exemplo, em (46a), inicialmente, não é possível afirmar se Mara teve o seu cabelo cortado por alguém ou se ela cortou o cabelo de outra pessoa. Em (46b),

também não é possível afirmar se Pedro teve o seu pé operado ou se operou alguém. Por fim, em (46c), não é possível afirmar se Caetano teve o seu apartamento reformado ou se reformou o apartamento de alguém. Essa leitura ambígua, inicialmente, e a necessidade semântica do instrumento artificial alienável parecem ser propriedades diretamente associadas, pois, como esse instrumento pode ser transferido de posse, parece originar a interpretação da CSVT. A leitura ambígua referente ao papel temático de sujeito é enfraquecida quando o agente da ação verbal é realizado fonologicamente. Esse agente também pode ocorrer como um adjunto, conforme discutido por Cançado (2007[2010]), Negrão *et al.* (2013) e Ciríaco (2014):

- (47)
- a. Mara cortou o cabelo com o cabeleireiro.
  - b. Pedro operou o pé com o cirurgião.
  - c. Caetano reformou o apartamento com o pedreiro.

Em (47), há um adjunto para introduzir o agente da ação verbal expressa pelos verbos *cortar*, *operar* e *reformar*, nessa ordem. É importante destacar que a presença desse adjunto parece favorecer a interpretação da CSVT, uma vez que o argumento que ocupa a posição de sujeito não pode mais ser interpretado como agente da ação verbal. Esse argumento, quando realizado fonologicamente, será identificado como agente causado.

No que diz respeito às propriedades sintáticas da CSVT, em nossa análise, identificamos que, no nível subjacente, há dois núcleos funcionais: VoiceP e vPCAUSE. Assumimos que a estrutura da CSVT é compatível com a estrutura das causativas analíticas, pois há dois eventos, que ocorrem em tempos distintos, sendo associados a um evento causador e um evento causado. Além disso, há dois argumentos externos; o primeiro responsável por desencadear o evento expresso pelo verbo leve *fazer*, e o segundo, por sua vez, executa a ação verbal expressa pelo verbo transitivo. Nessa perspectiva, o argumento externo da oração encaixada, embora não, necessariamente, seja realizado na CSVT, é um argumento essencial, pois ele permite a interpretação indeterminada, ou arbitrária, do sujeito do verbo transitivo, associando-o a um indivíduo capaz de executar a ação expressa pelo verbo transitivo. No capítulo 4, retomaremos essa discussão e detalharemos a representação sintática da CSVT. Adiantamos, porém, que, como acaba de ser mencionado, para Milanio (2014), a CSVT não é tratada como alternância verbal ou lexical, uma vez que reconhecemos que essa sentença é derivada de uma construção compatível com a causativa analítica, em um nível subjacente. Assim, na nossa visão, diferentemente do que propõem Silva (2009), Vilela (2009), Cançado (2007[2010]), Negrão *et al.* (2013) e Ciríaco (2014), a CSVT não é identificada como uma alternância. Retomemos o seguinte dado:

- (48) a. O cabeleireiro cortou o cabelo do João.  
b. O João cortou o cabelo.

(CANÇADO, 2007[2010], p. 1)

Em (48a), temos a forma canônica, segundo Cançado (2007[2010]), representada por [DP1 V [DP2 de DP3]] e a forma alternante, em (48b), representada por [DP3 V DP2]. A autora analisa o fenômeno como uma alternância verbal, classificada como alternância *agente-possuidor*. A alternância, em (48), é nucleada pelo verbo *cortar*. Levin (1993), ao analisar classes de verbos em inglês e a relação de alternância, identifica o verbo *cut* (cortar) como um verbo de mudança estado. Além disso, a última autora argumenta que esse tipo de verbo requer, semanticamente, um objeto cortante, para a realização da ação, isto é, necessita de um instrumento artificial alienável. Levin (1993) também esclarece que verbos do tipo *cut* (cortar) não formam alternância causativo/incoativa (ou ergativa)<sup>8</sup>:

- (49) a. Margaret cut the bread.  
‘Margaret cortou o pão.’  
b. \* The bread cut.  
‘\*O pão cortou.’

(LEVIN, 1993, p. 29)

Levin (1993), ao investigar dados como (49), explica que o par de sentenças não estabelece uma alternância causativo/incoativa (ou ergativa), uma vez que verbos como *cortar* não ocorre de modo intransitivo, como em (49). Em nosso entendimento, a propriedade semântica de exigir um instrumento artificial para a realização da ação parece ser o que impede a alternância, já que verbos como *abrir* e *quebrar*, por não apresentarem essa necessidade, possibilitam a formação de alternância causativo/incoativa. Em relação à dinâmica de alternância, Alexiadou *et al.* (2015), com base em Levin (1993), explicam que, na alternância causativa, é estabelecida uma relação pareada composta com o verbo na forma transitiva e na forma intransitiva:

- (50) a. Mary opened the door.  
‘Mary abriu a porta.’  
b. The door opened.  
‘A porta abriu.’

Segundo os autores, em (50a), há uma causativa lexical. Esta forma está em oposição à causativa analítica, como em *John fez/causou a porta abrir*, na qual há dois verbos

<sup>8</sup> Segundo Levin (1993), esse tipo de alternância causativo/incoativa pode ser reconhecido por nomes diferentes como anticausativa ou ergativa.

independentes sintaticamente e cada um seleciona a sua própria grade temática. Em (50b), diferentemente, há uma forma anticausativa. Para Alexiadou *et al.* (2015), o termo anticausativo refere-se a verbo causativo lexical, que pode ocorrer também na forma intransitiva, como acontece em (50). Esse par de sentenças forma uma alternância transitiva/intransitiva; em (50a), há uma causativa lexical e, em (50b), o argumento interno do verbo *open* (abrir) é movido para a posição de sujeito, gerando o que é também chamado de estrutura ergativa ou inacusativa (BURZIO, 1986).

Com base em Levin (1993) e em Alexiadou *et al.* (2015), é possível observar que o par de sentenças, em (48), não configura essa dinâmica de alternância transitiva/intransitiva. Ao aplicarmos essa regra para formação de alternância transitiva/intransitiva, formam-se as seguintes sentenças:

- (51) a. O cabeleireiro cortou [o cabelo do João].  
b. \*O cabelo do João cortou.

Em (51b), o movimento do argumento interno do verbo *cortar* para a posição de sujeito resulta em uma sentença agramatical. Outros verbos que formam a CSVT parecem estar em concordância com as mesmas propriedades identificadas por Levin (1993), uma vez que verbos, como *operar*, *construir*, *reformatar*, *transplantar*, *extrair*, etc., também parecem não permitir a alternância transitiva/intransitiva:

- (52) a. O cirurgião operou [o pé do Pedro].  
b. \*O pé do Pedro operou.
- (53) a. O pedreiro reformou [o apartamento do Caetano].  
b. \*O apartamento do Caetano reformou.<sup>9</sup>

As sentenças em (52b) e em (53b), formadas com os *operar* e *reformatar*, também são agramaticais. A agramaticalidade dessas sentenças, provavelmente, está relacionada às propriedades dos verbos que as constituem, que é o fato de esse tipo de verbo de mudança de estado não formar a alternância transitivo/ergativa.

---

<sup>9</sup> Vale ressaltar que sentenças como, em (53b), podem ser consideradas aceitáveis diante de contextos específicos. Por exemplo:

- i) ? O apartamento do Caetano está reformando.  
ii) ? O carro do Caetano está consertando.

Os exemplos acima podem ser considerados aceitáveis, sobretudo, porque parecem envolver uma a noção relacionada aos aspectos imperfeito, não acabado, cursivo e durativo (TRAVAGLIA, 2016). Esse contexto específico parece favorecer a formação de sentenças semanticamente aceitáveis no PB.

Quanto à análise baseada na alternância *agente-possuidor*, postulada por Cançado (2007[2010]), também não é possível adotá-la. Se assumirmos essa proposta, estaríamos reconhecendo que a CSVT emerge de uma relação de alternância verbal, entretanto, como já dissemos anteriormente, consideramos que a CSVT é resultante de um processo de derivação sintática. No entanto, para buscarmos uma compreensão profunda sobre a CSVT, precisamos refletir sobre algumas questões sintáticas referentes à análise de Cançado (2007[2010]). A alternância verbal analisada por Cançado (2007[2010]) prevê que, na sentença em (48b), apenas o DP [João] seja movido para a posição de sujeito. Contudo, esse DP, que foi isolado, é um constituinte do DP [o cabelo do João], que é o argumento interno do verbo *cortar*, em (48a). O movimento somente do DP parece violar a noção de estrutura hierárquica dos constituintes.<sup>10</sup> Na estrutura de constituintes, componentes menores juntam-se a componentes superiores hierarquicamente, formando sintagmas até constituírem sentenças. Além disso, o movimento de constituintes está condicionado a regras sintáticas que possibilitam isolar um constituinte, mas não partes dele (NEGRÃO, SCHER e VIOTTI, 2005; MIOTO, SILVA e LOPES, 2007).

Ainda sob o ponto de vista sintático, cabe registrar que a formação de constituintes está submetida à operação MERGE. Chomsky, Gallego e Ott (2017) definem essa operação como uma operação básica do sistema computacional. De acordo com Chomsky *et al.* (2017), por meio de MERGE, é possível combinar dois objetos, por exemplo, X e Y, combinados, formam um novo objeto  $K = \{X, Y\}$ . Para Chomsky *et al.* (2017, p. 5), “um corolário da composição restrita ao MERGE é a dependência de estrutura das operações sintáticas”<sup>11</sup>. Portanto, certas restrições sobre a aplicação da operação MERGE Interno tornam-se mais uma

---

<sup>10</sup> Cabe destacar que, no PB, há estudos que analisam o fenômeno de partição de constituintes. Entre esses trabalhos destacamos a proposta de Lunguinho (2006), na qual prevê que dois DPs (DPpossuidor e DPpossuído) de uma sentença são interpretados como um único constituinte semântico, mas que sintaticamente manifestam-se como um constituinte descontínuo (Lunguinho, 2006, p. 133):

- i) a. O carro furou o pneu.
- b. O celular estragou a bateria.
- c. A casa caiu o telhado.

De acordo com o autor, nas sentenças acima, há o alçamento do DPpossuidor para checar o traço de EPP. Além disso, no PB, essas estruturas são produtivas com verbos inacusativos. As sentenças acima parecem reproduzir o mesmo contexto, como em “João cortou o cabelo”, na qual o DPpossuidor alça para a posição de sujeito, promovendo a partição de constituinte. Entretanto, embora pareçam semelhantes, estamos analisando, neste trabalho, dados formados com verbos transitivos, bem como reconhecemos que a CSVT é derivada de uma construção analítica. Seguindo nossa análise, esse tipo de movimento, em causativas analíticas formadas com verbos transitivos, parece gerar sentenças agramaticais. Essa discussão sobre o fenômeno de partição de constituintes requer maior reflexão teórica e empírica, o que não é o objetivo desta pesquisa, que tem como foco a CSVT. Em vista disso, destacamos a pertinência do trabalho de Lunguinho (2006), no que se refere à partição de constituintes, mas, por uma questão de delimitação teórica, não aprofundaremos nesta discussão.

<sup>11</sup> “a corollary of restricting composition to MERGE is the *structure-dependence* of syntactic operations.” (CHOMSKY, GALLEGO e OTT, 2017, p. 5).

evidência da relação de dependência sintática. Isso nos permite constatar que, em (51a), o verbo *cortar* toma como complemento o DP [o cabelo do João], uma vez que esse sintagma já foi submetido a MERGE. Esse cenário estabelecido pela relação de constituintes fica ainda mais evidente ao compararmos os seguintes dados:

- (54) a. O cabeleireiro cortou [o cabelo do João].  
 b. [Do João], o cabeleireiro cortou [o cabelo].  
 c. ?\* João, o cabeleireiro cortou [o cabelo].  
 d. O João cortou o cabelo.
- (55) a. Eu comprei [o carro do João].  
 b. [Do João], eu comprei [o carro].  
 c. ?\* João, eu comprei o carro.

A sentença em (54a) é classificada, por Cançado (2007[2010]), como a forma canônica da alternância *agente-possuidor*. Na sentença em (54b), o deslocamento do PP [do João] para posição inicial da sentença preservaria a interpretação de que João é o possuidor do cabelo e não violaria a estrutura de constituinte, uma vez que o PP [do João] foi isolado. Em contrapartida, o deslocamento do DP [João], na sentença em (54c), parece ocasionar uma violação na estrutura de constituinte, tendo em vista que apenas parte do sintagma sofreria movimento. Aliás, o dado, em (54c), pode ser considerado bem formado sintaticamente e aceitável, se considerarmos uma nova interpretação, na qual o DP [João] passa ser reconhecido com outra função sintática, como, por exemplo, um vocativo. No entanto, seguindo nossa análise, parece não ser possível interpretá-lo, semanticamente, como um possuidor.

Como já observado, o argumento interno do verbo *cortar*, em (54a), é todo o constituinte presente no DP [*o cabelo do João*]. Sintaticamente, o verbo *cortar* seleciona categorialmente todo o DP. Ao considerarmos a Hierarquia de Papel temático (Larson, 1988), o verbo *cortar* atribui papel temático de *tema* ao argumento interno e de *agente* ao argumento externo; além disso, o argumento interno recebe Caso Acusativo. Entretanto, em (54d), há somente o movimento do DP [João] para a posição de sujeito. Essa estrutura parece implicar no apagamento da preposição, que é o núcleo do sintagma. Contudo, essa preposição deve ser pressuposta ou resultará, conseqüentemente, numa leitura diferente das sentenças em (54c)-(54d). Essa mesma configuração é reforçada ao observamos nos dados em (55). A sentença em (55b) é bem formada sintaticamente e o deslocamento do PP [do João] não compromete a interpretação do DP [João] como possuidor. Entretanto, na sentença em (55c), o deslocamento do DP [João] para posição inicial da sentença violaria a estrutura de constituinte, assim como não preservaria a interpretação do DP [João] como possuidor. Isso é uma evidência de que o

deslocamento de apenas parte do constituinte, nas sentenças em (54c)-(54-d) e em (55c), parece violar a estrutura hierárquica interna do DP, que ocupa a função de argumento interno dos verbos *cortar* e *comprar*, respectivamente.

Vejam os que é necessário, por último, retomarmos as sentenças, em (51a)-(53a), que são classificadas, por Cançado (2007[2010]) e por Negrão *et al.* (2013) como a forma canônica da alternância verbal *agente-possuidor*. Nessas sentenças, é possível observar que, em (51a), o núcleo do DP, que constitui o argumento interno do verbo *cortar*, é *cabelo*. Em (52a), o núcleo do DP, argumento interno do verbo *operar*, é *pé*. Por fim, em (53a), o núcleo do argumento interno do verbo reformar é *apartamento*. Contudo, na alternância *agente-possuidor*, apenas os DPs [João], [Pedro] e [Caetano], respectivamente, são alçados para a posição de sujeito. Reforçamos que o movimento apenas de parte do DP parece violar a estrutura hierárquica de constituintes, já que esses DPs são constituintes dos DPs [o cabelo do João], [o pé do Pedro] e [o apartamento do Caetano]. Portanto, o movimento apenas dos DPs [João], [Pedro] e [Caetano], além de poder violar a estrutura de constituintes, resulta no apagamento da preposição, que precisa ser pressuposta. Assim, embora semanticamente possa haver a associação entre a sentença em (54a) e (54d), como vimos, sintaticamente, não é possível reconhecer que, por meio de regras transformacionais, essa última seja instanciada, compondo um par de alternância. Além disso, como já foi dito, verbos do tipo *cortar* não permitem a alternância transitivo-ergativa. Diante desse ambiente, destacamos a importância da análise de alternância verbal desenvolvida por Cançado (2007[2010]) e por Negrão *et al.* (2013), entretanto, por se tratar de uma análise com foco na abordagem léxico-semântica, torna-se incompatível com nossa abordagem teórica.

Assim, em função da necessidade de uma delimitação teórica, concentrar-nos-emos na análise sintática da CSVT. Continuaremos reconhecendo, portanto, que essa construção é resultante de um processo derivacional cuja estrutura é compatível com a causativa analítica, em um nível subjacente. Em nossa análise, procuramos compreender o processo derivacional da CSVT, pautados no programa de estudo do minimalismo. Assumimos, baseados nos desenvolvimentos recentes da teoria (CHOMSKY, 1995, 2001, HORNSTEIN, NUNES e GROHMANN, 2006, PYLKKANËN, 2002, 2008), que a CSVT é resultante de uma derivação. Tomando por base essa perspectiva, reforçamos, resumidamente, que a CSVT envolve um vPCAUSE que seleciona Voice<sup>o</sup> para introduzir o argumento externo do verbo leve. Esses constituintes combinados selecionam um vP, que por sua vez, seleciona um segundo Voice<sup>o</sup> para introduzir o argumento externo do verbo transitivo. Ao longo desse processo, todos esses constituintes são combinados e submetidos a um conjunto de operações computacionais que

resultam na estrutura compatível com a causativa analítica, em um nível subjacente. Por último, as informações após TRANSFER são convertidas e interpretadas, permitindo a representação da CSVT.

Para encerrar, pautados na discussão até aqui apresentada, é possível observar até aqui que há boas evidências da produtividade das CSVT no PB. Além disso, embora escassos, foram encontrados registros dessa forma em outras línguas, o que nos permite refletir que não se trata de um fenômeno idiossincrático da nossa língua. Ressaltamos ainda que as propriedades sintáticas e semânticas da CSVT parecem impedir que essa construção seja identificada como resultante de uma alternância léxico-semântica, seja ela transitiva/ergativa ou agente-possuidor. Como já se sabe, considerando o ângulo sintático, defendemos que a CSVT é resultante de um processo derivacional. Por fim, consideramos que as pesquisas abordadas acima revelam que houve avanços na compreensão da CSVT, porém, em virtude da complexidade do fenômeno, faz-se necessário, como veremos adiante, analisarmos mais de perto algumas propriedades inerentes a essa construção.

Na seção seguinte, apresentamos a caracterização adotada para descrição dos dados obtidos.

## 1.5. Caracterização das Causativas

Para reconhecermos o padrão tipológico das causativas e, conseqüentemente, as transformações que licenciaram o surgimento da CSVT, descreveremos a formação dessas sentenças, observando o padrão de realização dessas construções na escrita brasileira do português moderno e do português contemporâneo. Ao longo dessa descrição, restringimos à forma mais exemplar de causativa, a FI, e à forma causativa sintética com verbo transitivo, a CSVT. Por meio dos dados coletados, buscamos reconhecer a ordem de realização dos constituintes e a relação de marcação de Caso. A adoção dessa última propriedade deve-se ao fato de trabalhos presentes na literatura revelarem que as construções causativas possuem diferentes propriedades no que se refere à marcação de Caso, uma vez que podem apresentar marcação canônica, bem como a Marcação Excepcional de Caso (ECM)<sup>12</sup> (KAYNE, 1975; BITENCOURT, 1995, 2001; GONÇALVES, 1999; GONÇALVES e DUARTE, 2001;

---

<sup>12</sup> Marcação Excepcional de Caso, do inglês *Exceptional Case Marking*, ocorre quando um verbo ou uma preposição atribui caso a um núcleo que não é seu complemento (CHOMSKY, 1981; MIOTO *et al.*, 2007).



TRANNIN, 2010). Em vista disso, tomamos por base a tipologia das construções causativas, proposta por Gonçalves (1999) e por Gonçalves e Duarte (2001), em que são comparados dados do PB a dados do PE, para estabelecer a distribuição tipológica das causativas no português.

Gonçalves (1999) e Gonçalves e Duarte (2001) definem o padrão distribucional das causativas, a partir das propriedades dos verbos causativos (*deixar, fazer e mandar*). No que se referem aos verbos causativos, Gonçalves e Duarte (2001) esclarecem que cada verbo possui propriedades específicas. O verbo *deixar*, ao contrário de *mandar*, dificilmente, permite a passiva no domínio encaixado na construção de predicado complexo causativo (cf. 56b-57b):

- (56) a. O pai deixou iscar o anzol aos miúdos.  
b. ??O anzol foi deixado iscar aos miúdos (pelo pai).
- (57) a. O professor deixou cair os livros.  
b. ??Os livros foram deixados cair (pelo professor).

(GONÇALVES e DUARTE, 2001, p. 660)

Sobre o verbo *fazer*, Gonçalves e Duarte (2001) esclarecem que ele apresenta as seguintes restrições para sua ocorrência:

- (i) Não impõe restrições sobre o DP causador e nem sobre o DP causado (cf. 58);
- (ii) Possui propriedades de seleção heterogênea, uma vez que aceita oração finita preposicionada e oração infinitiva na preposicionada (cf. 59);
- (iii) Dificilmente permite a construção de predicado complexo com verbos transitivos e DP causado pleno (cf. 60);
- (iv) Dificilmente permite a passiva na construção de predicado complexo (cf. 61).

- (58) a. O pó fez os miúdos espirrarem.  
b. Os donos fizeram as laranjas cair das árvores.
- (59) a. (Os cortesãos) fizeram com que se retirasse para Sintra.  
(A Herc., *apud* Bechara 1999: 484)
- b. O buzirão fez com que Ferreira do Amaral fosse demitido.
- (60) a. ?A mãe fez comer chocolate aos miúdos.  
b. A mãe fez-lhes comer chocolate.
- (61) a. O professor fez cair os livros.  
b. \*/??Os livros foram feitos cair (pelo professor).

(GONÇALVES e DUARTE, 2001, p. 660)

Por fim, em relação ao verbo *mandar*, as autoras identificam que esse verbo:

- (i) impõe restrições de intencionalidade sobre o DP causador e o DP causado, propriedade típica de verbo declarativo de ordem (cf. 62).
  - (ii) Comportava-se como verbo declarativo de ordem bitransitiva, no português antigo, sendo posteriormente analisado como declarativo transitivo (cf. 63-64).
- (62) a. \*[O vento] mandou os miúdos entrar em casa.  
b. \*Os donos mandaram [as laranjas] cair das árvores.
- (63) a. Do qual todo suso dito mandamos [ao notario sub scripto] [que faça hun estormento de doaçõ] ... (*apud* Fernández 1998: 55)  
b. Capitulo de comõ el rrey dõ Fernando adoeçeu et cõmo mãdou [a seu filio dõ afonso] [yr a la frõteyra] ... (id: 56)
- (64) a. \*Mandamos [ao notário] [que prepare um documento de doação]  
b. \*D. Fernando mandou [ao seu filho D. Afonso] [ir à fronteira]
- (GONÇALVES e DUARTE, 2001, p. 661)

Fundamentando-se nessa caracterização, Gonçalves e Duarte (2001) estabelecem o seguinte padrão de realização das construções das construções causativas no português:

#### Construção *verbo causativo*-Infinitivo

- A. De acordo com Gonçalves e Duarte (2001), as construções *fazer*-Infinitivo apresentam as seguintes propriedades:
- (i) o DP causado ocorre na posição final, após o verbo (se o verbo encaixado for intransitivo) ou precedido pela preposição *a* (nos casos de verbos transitivos) (cf. 65-66);
  - (ii) o DP causado receberá Caso acusativo, se o verbo encaixado for intransitivo, ou dativo, se o verbo encaixado for transitivo – será feito pelo verbo causativo no domínio superior (cf. 65-66);
  - (iii) o DP causado, se aparecer na forma de clítico, é obrigatória a subida de clítico (cf. 66b-c);
  - (iv) o domínio encaixado não aceita negação frásica e não admite clíticos complementos (cf. 66-e).
- (65) a. A mãe deixou comer chocolate aos miúdos.  
b. ?O professor deixou tossir os miúdos antes de lhes fazer a pergunta.  
c. Os donos deixaram cair as laranjas das árvores.
- (66) a. O professor não deixou [comer o chocolate aos miúdos]  
b. O professor não lhes deixou [comer o chocolate]

- c. O professor não o deixou [comer aos miúdos]
- d. \*O professor não deixou [lhes comer/comer-lhes o chocolate]
- e. \*/?? O professor não deixou [comê-lo aos miúdos]

(GONÇALVES e DUARTE, 2001, p. 659)

### Construção de Marcação Excepcional de Caso (ECM)

B. As construções com ECM, segundo Gonçalves e Duarte (2001), possuem as propriedades, a saber:

- (i) o DP causado é expresso entre o verbo causativo e o verbo infinitivo encaixado (cf. 67a);
  - (ii) o DP causado (acusativo) terá Caso atribuído pelo verbo causativo no domínio superior (cf. 68a);
  - (iii) o DP causado, se for realizado na forma de pronome clítico, é obrigatória a subida de clítico (cf. 68b);
  - (iv) o domínio encaixado permite negação frásica e aceita clíticos complementos internamente (68b):
- (67) a. O professor não deixou os miúdos [comer chocolate]  
 b. O professor não **os** deixou [comer chocolate]  
 c. \*O professor não deixou [**os** comer/comê-**los** chocolate]
- (68) a. A mãe mandou os miúdos [**não** fazer barulho]  
 b. A mãe mandou-os [entregá-**la** ao professor]  
 c. A mãe deixou-os [fazer-**lhe** um bolo]

(GONÇALVES; DUARTE, 2001, p. 658)

### Construção Infinitivo Flexionado

C. Gonçalves e Duarte (2001) descrevem que as causativas com infinitivo flexionado apresentam as seguintes propriedades:

- (i) o DP causado é realizado em posição pré-verbal entre o verbo causativo e o verbo encaixado (cf. 69);
  - (ii) a marcação de Caso do DP causado (nominativo) ocorre no domínio do verbo infinitivo encaixado, por dispor de [+Agr] (cf. 70-71);
  - (iii) o verbo infinitivo concorda categoricamente com o DP causado (cf. 70-71);
  - (iv) o domínio encaixado não permite negação frásica e impede a subida de clítico (cf. 71c).
- (69) a. A mãe deixou [os miúdos comerem chocolate]  
 b. O professor deixou [os miúdos tossirem antes de lhes fazer a pergunta]  
 c. Os donos deixaram [as laranjas caírem das árvores]
- (70) a. A mãe deixou [eles comerem chocolate]

- b. O professor deixou [eles tossirem antes de lhes fazer a pergunta]  
 c. Os danos deixaram [elas caírem das árvores]
- (71) a. A mãe mandou [eles **não** comerem mais chocolate]  
 b. A mãe **não** deixou [eles fazerem-nos um bolo]  
 c. \*A mãe não **nos** deixou [(eles) fazerem um bolo]
- (GONÇALVES; DUARTE, 2001, p. 657)

Assim, descreveremos os dados extraídos das amostras do português moderno e do português contemporâneo no PB com base no conjunto de propriedades sintáticas elencadas acima. Para a análise do *corpus*, tomaremos como referência as seguintes variantes de construções causativas:

- i) Construção *verbo causativo*-Infinitivo;
- ii) Construção de Marcação Excepcional de Caso (ECM);
- iii) Construção Infinitivo Flexionado.

## 1.6. Resumo do Capítulo

Neste capítulo, tratamos de alguns conceitos sobre as construções causativas. Primeiramente, numa perspectiva filosófica, refletimos sobre a noção geral acerca do fenômeno da causalidade, destacando, sobretudo, a visão de Kant e de Hume, que prevêm que a causalidade é uma categoria básica da condição do pensamento humano. Passamos a analisar, na sequência, a classificação dos verbos causativos. Além disso, vimos por meio dos estudos sobre as FI, no francês, no italiano e no PE, que há um movimento de incorporação do verbo infinitivo ao verbo causativo. Contudo, os resultados apresentados no capítulo, a seguir, parecem evidenciar que o PB contemporâneo vem percorrendo um percurso diferente do dessas línguas.

Discorreremos ainda sobre a tipologia das sentenças causativas, desenvolvida por Shibatani (1976) e, em especial, por Comrie (1981), bem como destacamos o trabalho de Bittencourt (1955, 2001), que estabelece o padrão tipológico das construções causativas no PB. Na sequência, abordamos os estudos que analisam a CSVT. Inicialmente, apresentamos as pesquisas de Goldberg (1995) e de Dubert e Galves (2016), que são evidências de que a CSVT não é um fenômeno particular do PB. Além disso, discutimos as análises de Silva (2009), de Vilela (2009), de Cançado (2007[2010]), de Negrão *et al.* (2013) e de Ciríaco (2014) em relação aos dados do PB, que, além de reforçarem o registro dessa construção, tratam essa

sentença como resultante de alternância. Ao avançarmos com a proposta de Milanio (2014), discutindo as propriedades sintáticas e semânticas dos verbos que formam a CSVT, e, com base em Levin (1993), distanciamos da análise da CSVT como resultante de alternância léxico-semântica, visto que essa relação viola regras da hierarquia de constituintes. Finalmente, continuamos assumindo que a CSVT parece ser resultante de processo derivacional, compondo uma forma compatível com a causativa analítica, em um nível subjacente.

Por fim, tratamos da caracterização das causativas, proposta Gonçalves (1999) e por Gonçalves e Duarte (2001), adotada para descrição dos dados coletados para o desenvolvimento do presente trabalho.

No capítulo seguinte, passaremos a descrição quantitativa e qualitativa dos dados do PB encontrados no português moderno e no português contemporâneo.

## 2. ANALISANDO OS DADOS: O PERCURSO DAS CAUSATIVAS

No capítulo anterior, discorremos sobre algumas definições de causalidade em distintas áreas do conhecimento, sobretudo, na perspectiva filosófica, no intuito de refletirmos um pouco mais acerca desse fenômeno inerente à natureza humana. Além disso, vimos, brevemente, a discussão sobre os verbos causativos, que, ao longo do tempo, deixaram de ser classificados como verbo auxiliar. Apresentamos ainda as análises de Shitabani (1975, 1976) e de Comrie (1989), fundamentadas na perspectiva funcionalista. Esses trabalhos consagraram-se na literatura, ao desenvolverem uma tipologia para as causativas, com base em investigações translinguísticas. Destacamos também as propostas de análise de Kayne (1975), de Guasti (1991, 1996, 2005), de Gonçalves e Duarte (2001, 2002) e de Gonçalves (2002), inseridas no quadro teórico da abordagem formalista, para analisarmos as propriedades das construções causativas nas línguas românicas. Em busca de uma compreensão mais profunda sobre a CSVT, examinamos ainda pesquisas sobre as construções causativas referentes aos dados do PB, focalizando nos trabalhos de Bittencourt (1995, 2009), de Silva (2009), de Vilela (2009), de Cançado (2007[2010]), de Negrão *et al.* (2013), de Ciríaco (2014) e de Milanio (2014). Por fim, apresentamos a caracterização das causativas desenvolvida por Gonçalves (1999) e por Gonçalves e Duarte (2001), para descrevermos os dados coletados para a realização desta pesquisa.

Neste capítulo, com base nas propriedades das causativas, procuraremos descrever o percurso dessas construções. Visando alcançar tal meta, partiremos do levantamento de dados do português referentes ao período moderno (século XVIII) e ao período contemporâneo (séculos XX e XXI).

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, descrevemos os *corpora*. Na segunda seção, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados. Na terceira seção, apresentamos os resultados quantitativos. Na sequência, apresentamos os resultados qualitativos, discutindo as construções encontradas, com base na periodização do português adotada nesta pesquisa. Na última seção, apresentamos a síntese do capítulo.

## 2.1. Estrutura dos *Corpora*

Os dados linguísticos levantados, para o desenvolvimento deste estudo, foram extraídos de dois *corpora*. O primeiro *corpus* foi organizado por Lobato (2009) e expandido por Gonçalves (2013); e o segundo trata-se do *corpus* digital *Projeto AC/DC: Corpus Brasileiro*.

O *corpus* organizado por Lobato (2009) e por Gonçalves (2013) contempla dados do português moderno (século XVIII) e dados do português contemporâneo (séculos XX e XXI)<sup>13</sup>. A constituição desse *corpus* foi baseada na metodologia proposta por Vianna (2000) e Vitral (2006), na qual os autores, entre outros critérios, argumentam a favor da diversidade de gêneros textuais na composição do *corpus* de cada período a ser examinado, na investigação de fenômenos de gramaticalização. Segundo Vitral (2006), a adoção desse critério pode revelar ambientes semânticos distintos, apontando uma ampliação dos usos dos itens. Isso torna possível a expressão de diferentes significados, permitindo identificar, assim, um processo de gramaticalização. Em vista disso, na composição do *corpus*, foram selecionados gêneros textuais distintos no mesmo *corpus*, bem como foram selecionados gêneros similares referentes às amostras de cada período, de acordo Lobato (2009). Nesta pesquisa, adotamos também esse critério, com objetivo de reconhecer possíveis ambientes linguísticos que pudessem favorecer o licenciamento da CSVT.

O *corpus* do português moderno (século XVIII) é composto por quatro gêneros textuais, a saber: i) 11 cartas pessoais; ii) 35 cartas comerciais; iii) 02 textos científicos e iv) trechos das cartas denúncia, Autos Devassa da Inconfidência Mineira, totalizando 32.967 palavras. A seguir, há um detalhamento sobre a amostra de cada gênero.

- i) *Cartas pessoais*: as 11 cartas, do século XVIII, fazem parte do Arquivo Público Mineiro (APM) e da Biblioteca Nacional (BN), correspondentes ao período de 1770 a 1790. Essas cartas integram a coleção das famílias Joaquina Bernarda, da família Cordeiro Valadares do APM e da coleção Morgado de Mateus da BN, totalizando 7.529 palavras.
- ii) *Cartas comerciais*: as 35 cartas foram extraídas de cartas organizadas por Barbosa (1999). Essas cartas integram o acervo da Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL): Seção de Reservados. Elas foram escritas por portugueses domiciliados no Brasil e enviadas à Metrópole, mais especificamente, a

---

<sup>13</sup> A classificação das amostras, em cada período, foi baseada em Mattos e Silva (1989), que identifica os séculos XVII e XVIII como período moderno e os séculos XX e XXI como período contemporâneo.

Antônio Esteves Costa; um comerciante português abastado, que vivia no Brasil. Esse material pertence ao período de 1793 e 1798 e foram redigidas nos estados da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco, perfazendo um total de 8.674 palavras.

- iii) *Cartas denúncia*: trechos de Autos de Devassa da Inconfidência Mineira; esse gênero assemelha-se ao gênero contemporâneo denúncia, uma vez que possui como função relatar, apontar e requerer ao governador da capitania de Minas Gerais a manutenção da ordem no Estado, representando a Soberania da Coroa Portuguesa. Tratava-se de um processo judicial, de natureza criminal. Atualmente, grande parte dos volumes dos *Autos da Devassa da Inconfidência Mineira* encontra-se sob a guarda da Biblioteca Nacional (BN-RJ) no Rio de Janeiro. Para a composição do *corpus*, foram selecionados trechos do “Auto de corpo de delito”, parte introdutória, a “Portaria do Governador Visconde de Barbacena” e 6 Cartas-denúncia, totalizando 7.796 palavras.
- iv) *Artigos científicos*: 02 textos integram o *corpus*; o primeiro cujo nome é “Memoria sobre a Plantação dos Algodões”, de José de Sá Betencourt, de 1798. O segundo “Memoria sobre a Cultura da Urumbeba”, de José Marianno da Conceição Velloso, de 1799. Embora, na época de sua produção, não fossem designados como artigos científicos, esses textos apresentam propriedades semelhantes ao gênero contemporâneo, uma vez que se trata de obras científicas, que foram identificadas funcionalmente. Esses textos apresentam o total de 8.968 palavras.

No que diz respeito à composição do *corpus* do português contemporâneo, também foram selecionados quatro gêneros com características semelhantes aos do português moderno. Em razão disso, este *corpus* contempla os seguintes gêneros: i) 15 cartas pessoais; ii) 90 e-mails comerciais; iii) 21 denúncias de crimes diversos e iv) 03 artigos científicos, resultando em um total de 33.349 palavras. A seguir, há um detalhamento sobre a amostra de cada gênero.

- i) *Cartas pessoais*: as 15 cartas fazem parte do acervo pessoal da Família Camisassa Lobato Rodrigues, escritas por pessoas naturais de Belo Horizonte, entre as décadas de 1950 a 1970. Essas cartas totalizam 7.789 palavras.



- ii) *E-mails comerciais*: os 90 e-mails apresentam propriedades equivalentes às cartas comerciais do período moderno. Todos os textos selecionados foram produzidos por funcionários de empresas instaladas em Belo Horizonte, entre os anos de 2002 a 2008. Apesar de esses e-mails distanciarem-se na forma em relação às cartas comerciais do século XVIII, o conteúdo assemelha-se bastante, visto que possuem linguagem mais formal, estabelecendo uma comunicação entre interlocutores com pouca ou nenhuma intimidade. Além disso, ambos os gêneros são estruturados de modo sucinto e objetivo, com o propósito de estabelecer uma comunicação acessível e dinâmica. Os e-mails perfazem um total de 8.446 palavras.
- iii) *Denúncias*: as 21 denúncias de crimes foram coletadas na Secretaria do Tribunal de Justiça de Minas Gerais. Há denúncias de comarcas, tanto da capital quanto do interior de Minas Gerais, produzidas entre o período de 1999 a 2008. Lobato (2009) e Gonçalves (2013) ressaltam que os textos adotados para a composição dos *corpora* preenchem os requisitos de textos jurídicos, com o objetivo de promover medidas cabíveis para as denúncias executadas pelo Ministério Público. Essas denúncias totalizam 8.650 palavras.
- iv) *Artigos científicos*: os 03 artigos da área de botânica que integram o *corpus* do português contemporâneo possuem os seguintes títulos: “Manejo prático da Cochonilha Ortézia em pomares de citros”; “Utilização de fungos entomopatogênicos para o controle de *Orthesia Praelonga*” e “Leprose dos citrus: biologia e diagnóstico do vírus”. Esses textos foram publicados no periódico *Laranja*, da cidade de Cordeirópolis, São Paulo, e perfazem o total de 8.464 palavras.

O *corpus* organizado por Lobato (2009) e por Gonçalves (2013) está de acordo com as diretrizes propostas por Vitral (2006), sobretudo, no que se refere à diversidade de gêneros e ao tamanho em número de palavras, mas não encontramos nenhum registro de CSVT no nesse *corpus*. Essa ausência revelou-se uma limitação da pesquisa, uma vez que não identificamos no *corpus* dados representativos do fenômeno que estamos analisando neste trabalho. Em virtude disso, tornou-se necessário adotarmos o *Corpus Brasileiro*, para buscarmos de modo empírico o registro da CSVT. O *Corpus Brasileiro* faz parte do *Projeto AC/DC: Corpus Brasileiro*, que se trata de uma coletânea que, atualmente, é composta por

990.1 milhões de palavras do PB contemporâneo. O *corpus* integra um projeto coordenado pelo linguista Tony Berber Sardinha, (GELC, LAEL, Cepril, PUCSP), com financiamento da Fapesp, disponível por meio de endereço eletrônico (<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>).

Após caracterização dos corpora, apresentamos, na seção a seguir, os procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento deste trabalho.

## **2.2. Procedimentos Metodológicos**

### *2.2.1. A Coleta dos Dados*

Após a seleção dos corpora, passamos a coleta dos dados. O levantamento foi realizado em duas etapas. Na primeira etapa, foram pesquisadas as formas analíticas nos dois *corpora* e, em seguida, foram pesquisadas as formas sintéticas nos dois *corpora*. Para a coleta dos dados do *corpus* organizado por Lobato (2009) e por Gonçalves (2013), adotamos a ferramenta de busca do programa Microsoft Office Word, para os arquivos em formato .DOC, bem como adotamos a ferramenta de busca do programa Adobe Acrobat Reader, para os arquivos em formato PDF. O levantamento foi feito considerando os verbos *deixar*, *fazer* e *mandar*, classificados pela literatura como exemplares mais prototípicos de verbos causativos (PONTES, 1973; NEVES, 2000 e KURY, 2007). Foram coletadas todas as ocorrências de sentenças como esses verbos em contexto flexionado, que continham oração completiva formada com verbo no infinitivo. Como já dito, como critérios sintáticos para o reconhecimento dos dados, adotamos a caracterização proposta por Gonçalves (1999) e por Gonçalves e Duarte (2001) – i) Construção *verbo causativo*-Infinitivo; ii) Construção de Marcação Excepcional de Caso (ECM) e iii) Construção Infinitivo Flexionado. Esse procedimento foi realizado nos dados dos dois períodos analisados. No que se refere ao levantamento da CSVT, fizemos um recorte em meio ao amplo léxico verbal do PB, selecionando somente verbos transitivos motores de segunda ordem (MILANIO, 2014). Após a eleição de dez verbos transitivos (*arrumar*, *consertar*, *construir*, *cortar*, *extrair*, *fazer*, *operar*, *pintar*, *reformatar* e *tirar*), as sentenças extraídas foram submetidas ao algoritmo proposto por Milano (2014), para verificarmos se esses verbos dispunham das propriedades semânticas necessárias para a formação da CSVT.

Quanto ao levantamento dos dados do banco digital do *Corpus Brasileiro*, as ocorrências foram pesquisadas por meio da ferramenta de busca disponibilizada pelo portal. Para a coleta das sentenças causativas, restringimos a textos pertencentes a gêneros jornalísticos. Essa restrição deve-se ao fato de textos jornalísticos representarem modelos reais de uso da língua; além disso, por serem textos de grande circulação social, devem apresentar uma linguagem mais acessível, clara e simples (SOUZA, 2010). O levantamento desse *corpus* também foi em duas etapas. Na primeira etapa, foram considerados os verbos causativos *deixar*, *fazer* e *mandar* também em contexto flexionado, seguido de oração completiva, com base na definição de Gonçalves (1999) e de Gonçalves e Duarte (2001). Na segunda etapa, para coleta de dados referentes à CSVT, também consideramos os dez verbos transitivos motores de segunda ordem (*arrumar*, *consertar*, *construir*, *cortar*, *extrair*, *fazer*, *operar*, *pintar*, *reformatar* e *tirar*), bem como também submetemos as sentenças extraídas ao algoritmo proposto por Milanio (2014). Posteriormente ao levantamento, os dados foram inventariados e quantificados, conforme veremos nas seções que se seguem.

### 2.2.2. *Procedimentos Quantitativos*

A partir dos dados coletados, passamos a abordagem quantitativa. Para execução dessa etapa, adotamos os procedimentos metodológicos, propostos por Vitral (2006). Esses procedimentos nos instrumentalizam para o aprofundamento e para melhor compreensão do fenômeno em discussão. Como Vitral (2006) analisa o papel da frequência no processo de gramaticalização, utilizamos parcialmente o método, visto que não há comparação entre função lexical em relação à função gramatical de itens e/ou construções, nesta pesquisa. Embora não utilizemos integralmente a proposta de Vitral (2006), a adoção desses procedimentos metodológicos permitiu-nos, a partir do cálculo das ocorrências, fazermos um diagnóstico das formas encontradas e do padrão mais prevalente, em cada período analisado. Assim, considerando os postulados de Vitral (2006), mas com adaptações, realizamos os procedimentos, a seguir:

1º Extraímos e contamos as ocorrências das construções causativas analíticas e de CSVTs nos dois períodos analisados;

2º Classificamos as ocorrências em função dos tipos de construção encontrada em cada período analisado;

3º Somamos as ocorrências de construções causativas analíticas no *corpus* de cada período;

4° Somamos as ocorrências de CSVTs no *corpus* de cada período;

5° Estimamos o percentual de cada tipo de construção causativa analítica (dados brutos e dados ajustados);

6° Estimamos o percentual o percentual de CSVT.

Por meio da aplicação dos procedimentos arrolados acima, obtivemos os resultados descritos na seção, a seguir.

### 2.3. Resultados Quantitativos

Frente aos dados, passemos aos resultados. Como já mencionado, em relação às construções analíticas foram consideradas as seguintes variantes: i) realização do agente causado (agente indireto) por meio de DP ou pronome forte, ii) realização do causado (agente indireto) por meio de clítico, iii) posição de realização do verbo infinitivo e iv) posição de realização do verbo infinitivo. No que se refere à CSVT, como já dissemos, restringimos a construções com dez verbos transitivos: *arrumar, consertar, construir, cortar, extrair, fazer, operar, pintar, reformar* e *tirar*. No cômputo geral dos dados, foram encontradas 2168 ocorrências de construções causativas no *Corpus Lobato e Gonçalves* e no *Corpus Brasileiro* (Tabela 1):

Tabela 1 – Distribuição das construções causativas no português moderno e no português contemporâneo no *Corpus Lobato & Gonçalves* e no *Corpus Brasileiro*

Tipo de construção	PB moderno	PB contemporâneo
	Século XVIII	Séculos XX-XXI
	N(%)	N(%)
Causativa Sintética com Verbo Transitivo (CSVt)	0(0)	877(42)
Causativa Analítica	56(100)	1235(58)
<b>Total</b>	56(100)	2112(100)

A Tabela 1 evidencia que, no período moderno, foram registradas apenas causativas analíticas (100%) e não houve o registro de nenhuma CSVTs (0%). No período contemporâneo, a causativa analítica (58%) foi mais prevalente em comparação à CSVT (42%). Essa discrepância na frequência de causativas analíticas encontradas no período contemporâneo (em relação ao período moderno), em nossa opinião, pode ter acontecido em função de dois fatores: os tamanhos discrepantes (*tokens*) de cada *corpus* e suas heterogeneidades. No entanto, como demonstraremos adiante, buscamos padronizar a frequência e a prevalência dos dados, por meio da criação de um *corpus* de referência. Esse

procedimento foi adotado, para que pudéssemos averiguar se os dois *corpora* (*Corpus Lobato e Gonçalves* e *Corpus Brasileiro*) eram realmente comparáveis. Por ora, destacamos que a CSVT realmente parece ser um fenômeno no PB contemporâneo, embora as construções analíticas já fossem bastante prevalentes no PB moderno.

No que diz respeito à distribuição dos verbos causativos nas construções causativas analíticas, os resultados podem ser vistos na Tabela 2:

Tabela 2 – Distribuição dos verbos causativos nas construções causativas analíticas com dados brutos e dados ajustados

Verbo	Dados brutos			Corpus de referência PB moderno + PB contemporâneo Séc. XVIII + Séc. XX-XXI	Dados ajustados		
	Corpus Lobato e Gonçalves		Corpus Brasileiro		Corpus Lobato e Gonçalves		Corpus Brasileiro
	PB moderno	PB contemporâneo	PB contemporâneo		PB moderno	PB contemporâneo	PB contemporâneo
	Séc. XVIII	Séc. XX-XXI	Séc. XX-XXI		Séc. XVIII	Sécs. XX-XXI	Sécs. XX-XXI
Deixar	5(9)	2(29)	320(26)	327	29(6)	95(23)	85(19)
Fazer	22(39)	4(57)	422(34)	448	175(37)	255(60)	152(34)
Mandar	29(52)	1(14)	486(40)	516	268(57)	72(17)	206(47)
<b>Total</b>	56(100)	7(100)	1228(100)	1291	472(100)	422(100)	443(100)

A tabela 2 apresenta os dados brutos e os dados ajustados referentes à distribuição das causativas analíticas, considerando os verbos causativos no *Corpus Lobato e Gonçalves* e no *Corpus Brasileiro*, no período moderno e no contemporâneo. No que se refere aos dados brutos, no *Corpus Lobato e Gonçalves*, o verbo mais prevalente foi *mandar* (52%) no português moderno e o verbo *fazer* (57%) no período contemporâneo. Ainda em relação aos dados brutos, no *Corpus Brasileiro*, o verbo *mandar* foi o mais prevalente (40%) no período contemporâneo. Esses resultados, em relação ao português contemporâneo e aos estudos sobre causativas, divergem dos resultados apresentados por Trannin (2010). Nesse estudo, o verbo *fazer* passou a ter maior prevalência que o verbo *mandar* em construções causativas ao longo do tempo, sugerindo que o primeiro verbo é mais prototípico que o segundo em causativas. A partir disso, surgiu a dúvida se havia alguma distorção nas prevalências de nossos dados brutos, devido à impossibilidade de comparação dos *corpora*.

Diante dessa situação, nesta pesquisa, realizamos um *ajuste direto de prevalências*, para avaliarmos se o *Corpus Lobato e Gonçalves* e o *Corpus Brasileiro* eram passíveis de comparação. Para a aplicação desse método estatístico, fizemos o seguinte: primeiro, criamos um *corpus* de referência por meio do somatório das *frequências observadas* do verbo causativo nos dois *corpora* de estudo (ex.:  $5+2+320=327$ ). Segundo, fizemos a estimativa das *frequências esperadas* de cada verbo causativo, utilizando a *prevalência observada* (ex.:

327x9%=29). Terceiro, estimamos as *prevalências esperadas* de cada verbo causativo no *Corpus* de referência (ex.:  $(29/472) \times 100 = 6\%$ ).

A partir desse procedimento, foi possível verificar que o *Corpus* Lobato e Gonçalves e o *Corpus* brasileiro eram comparáveis, uma vez que não apresentaram grandes distorções. Em relação aos dados ajustados, no *Corpus* Lobato e Gonçalves, o verbo *mandar* continuou o mais prevalente (57%) no português moderno e *fazer* (60%) no português contemporâneo. Ainda em relação aos dados ajustados, no *Corpus* Brasileiro, o verbo *mandar* continuou o mais prevalente (47%) no período contemporâneo. Ao observarmos as *prevalências esperadas* (nos dados ajustados), foi possível verificar que não houve diferenças exacerbadas em relação às *prevalências observadas* (nos dados brutos). Em resumo, como as prevalências esperadas e observadas são bastante próximas, os resultados obtidos tornaram possível a comparação dos dois *corpora* no que concerne às causativas analíticas nos dois períodos analisados. Ao contrário dos resultados de Trannin (2010), o verbo *mandar* sugere ser o mais prototípico diacronicamente, embora o *fazer* também seja bastante relevante no português contemporâneo.

Quanto à distribuição dos constituintes nas causativas analíticas, nos dois períodos, notamos uma variação, como nos mostram as Tabelas 3 e 4, a seguir:

Tabela 3 – Distribuição dos constituintes nas construções causativas analíticas no português moderno (*Corpus* Lobato e Gonçalves)

Tipo de Construção		Séc. XVIII N(%)
Padrão 1	DP <sub>causador</sub> Vcausativo PRO Vinf.	26 (46)
Padrão 2	Pronome átono Objeto Vcausativo PRO Vinf.	17(30)
Padrão 3	Vcausativo Vinf. DP <sub>causador</sub> (inversão)	7(13)
Padrão 4	Vcausativo DP <sub>causador</sub> PRO Vinf.	3(5)
Padrão 5	DP <sub>causador</sub> Vcausativo Vinf. a DP <sub>causado</sub>	3(5)
<b>Total</b>		56

Na tabela 3, os resultados estão organizados de acordo com o número de prevalência dos padrões de formação encontrados referentes ao período moderno. O Padrão 1 foi a forma com maior prevalência (46%) nos dados do português moderno, no *Corpus* Lobato e Gonçalves. Nesse padrão, não há deslocamento do verbo causativo e não possui o DP causado (agente causado) realizado fonologicamente:

- (1) Elle tinha entrado no Rio em hum Calambeck, que **fez** *construir* em Santa Catharina [...] (Carta de comércio 04, período moderno, grifo nosso)

O Padrão 2 foi o segundo com maior prevalência (30%) no período moderno. Nesse padrão, o DP causado é realizado antes do verbo causativo por meio de um pronome átono:

- (2) [...] se houvesse naquele lugar hum corpo de homens, que os fizessem conter nos seus limites. (Artigo 1, período moderno, grifo nosso)

No período moderno, o Padrão 3 foi o terceiro em ordem de prevalência (7%). Nesse padrão, ocorre a inversão do DP causado, sendo realizado posposto ao verbo infinitivo:

- (3) [...] e que outra vez me pediram que **mandasse** vir alguns barris de salitre [...] (Carta Denúncia, p. 126, português moderno, grifo nosso).

O Padrão 4 foi o quarto em ordem de prevalência (5%) no período moderno. Nesse padrão, há o alçamento do verbo causativo e o DP causador é realizado entre o verbo causativo e o infinitivo:

- (4) [...] para constar, **mandou** ele dito Ministro *fazer* este auto que recebeu na parte que era de receber segundo a forma da Lei [...] (Carta Denúncia, p. 88, português moderno, grifo nosso).

Por fim, o Padrão 5 foi quinto em ordem de prevalência (5%) no período moderno:

- (5) [...] que não **deixasse** *criar* a homem algum de Minas mais que dez mil cruzados [...] (Carta Denúncia, p. 105, português moderno, grifo nosso).

O Padrão 5, como já dito anteriormente, é uma forma representante da FI com inserção *a*. Trata-se de uma construção bastante frequente em línguas românicas (cf. KAYNE, 1975 e GUASTI, 1996a, 1996b, 1997). No entanto, conforme pode ser observado na Tabela 3, no português moderno, é uma forma com baixa prevalência e, no português contemporâneo, não foi encontrada nenhuma ocorrência dessa forma no PB.

Considerando o cenário observado acima, e ao observarmos a distribuição dos constituintes das causativas analíticas no português contemporâneo em comparação ao português moderno, foi possível constatar uma variação entre os padrões encontrados, como mostra a Tabela 4:

Tabela 4 – Distribuição dos constituintes nas construções causativas analíticas no português contemporâneo (*Corpus Lobato e Gonçalves* e *Corpus Brasileiro*)

Tipo de Construção		Português Contemporâneo Sécs. XX-XXI N(%)
Padrão 1	DP <sub>causador</sub> Vcausativo DP <sub>causado</sub> Vinf.	395(32)
Padrão 2	DP <sub>causador</sub> Vcausativo PRO Vinf.	371(30)
Padrão 3	Pronome átono Vcausativo Vinf.	292(24)
Padrão 4	DP <sub>causador</sub> Vcausativo Vinf. DP <sub>causado</sub> (inversão)	177(14)
<b>Total</b>		1235(100)

Os resultados apresentados na Tabela 4 também estão organizados de acordo com o número de prevalência dos padrões de formação encontrados em relação ao período contemporâneo. No português contemporâneo, nos dois *corpora* analisados, a forma mais prevalente (32%) foi o Padrão 1. Vale destacar que essa variante não foi encontrada no português moderno. Nesse padrão, o sujeito da oração encaixada é realizado por meio de DP ou pronome forte:

- (6) [...] o povo daqui de casa – ficaram me enchendo e **fazendo** eu *fazer* regime. (Carta pessoal 01, português contemporâneo, grifo nosso).

No período contemporâneo, o Padrão 2 foi o segundo com maior prevalência (30%). Nesse padrão, não há deslocamento do verbo causativo e o DP causado não é realizado fonologicamente:

- (7) Segui o conselho do seu amigo Macaco Simão e **mandei** *blindar* meu Fiat Mille. (CB, português contemporâneo)

O Padrão 3 foi terceiro com maior frequência (24%) no período contemporâneo. Nesse padrão, o DP causado é realizado, por meio de um pronome átono, antes do verbo causativo:

- (8) Segundo a polícia, Levin, 31, abriu a porta para o seu ex-aluno e o **deixou** *entrar* em seu apartamento. (CB, português contemporâneo)

Por fim, no período contemporâneo, a forma menos prevalente (14%) foi o Padrão 4. Nesse padrão, ocorre uma inversão do DP causado, tendo em vista que há o alçamento dos verbos causativo e do infinitivo e esse DP é realizado posposto ao infinitivo:

- (9) O assaltante atingido **deixou** *cair* um celular, que tocou minutos depois. (CB, português contemporâneo)

A partir dessa análise, foi possível constatar que, no português contemporâneo, a construção mais privilegiada não foi registrada no português moderno. Esses resultados revelam que, na comparação da distribuição dos constituintes nos dois períodos examinados, o PB não possui uma forma tipológica rígida no português contemporâneo, revelando mais de uma forma variante.

Essas diferenças distribucionais dos constituintes das construções causativas analíticas são de extrema relevância para nossa pesquisa, uma vez que consideramos que a



plasticidade dessa construção permitiu a perda da morfologia do verbo da oração principal e a não realização do DP na posição de sujeito da oração infinitiva. Pressupomos que esses fatores parecem ter contribuído para o licenciamento da CSVT. Em relação a essa forma sintética, a Tabela 5, abaixo, apresenta os resultados quanto à distribuição dos verbos transitivos que a compõe.

Tabela 5 – Distribuição das causativas sintéticas no português contemporâneo (*Corpus Lobato e Gonçalves* e *Corpus brasileiro*)

<i>Corpus Brasileiro</i>	
<b>Verbo</b>	<b>PB contemporâneo Sécs. XX-XXI N(%)</b>
Construir	325(37)
Cortar	141(16)
Fazer	137(16)
Reformar	114(13)
Pintar	83(9)
Operar	41(5)
Extraír	23(3)
Tirar	13(1)
Arrancar	0(0)
Consertar	0(0)
<b>Total</b>	<b>877(100)</b>

No que se refere à realização da CSVT, a Tabela 5 aponta que o verbo transitivo *construir* foi o mais prevalente na composição da CSVT (37%). Os verbos *cortar* e *fazer* foram o segundo e o terceiro mais prevalentes, ambos apresentaram o mesmo percentual (16%). O verbo *reformar* foi o quarto verbo mais prevalente (13%). O verbo *pintar* foi o quinto mais prevalente (9%); seguido do verbo *operar*, que foi o sexto mais prevalente (5%). O verbo *extraír* apresentou pouca prevalência (3%). Por fim, o verbo *tirar* foi o que apresentou menor prevalência (1%). Os verbos transitivos *arrancar* e *consertar* também foram analisados nesta pesquisa, entretanto, não houve a ocorrência de nenhum dos dois na constituição da CSVT. As sentenças, em (10), são exemplos de CSVT. Os dados são formados com os verbos *construir*, *cortar* e *fazer*, que foram os três mais prevalentes em relação a esse padrão.

- (10) a. Com o que ganhei, vivi 20 anos de bonança e **construí** uma casa.  
 b. Logo pela manhã, Fernando Henrique **cortou** os cabelos e foi ao Ministério da Fazenda se despedir dos funcionários.  
 c. A jogadora foi levada a um hospital e **fez** uma sutura de 30 pontos, sendo 15 internos e 15 externos.

(CB, português contemporâneo)

Ao observarmos os resultados dos dois períodos analisados, foi possível verificar que no período moderno não foi registrada nenhuma CSVT. Entretanto, no português contemporâneo, houve uma frequência expressiva dessa forma (42%). Os fatos discutidos aqui nos levam a reconhecer que, gradualmente, a forma sintética vem se integrando ao PB, coexistindo com a forma analítica, visto que essa ainda representa um percentual bastante significativo (58%) nos dados encontrados no português contemporâneo. Além disso, os resultados permitiram constatar um padrão distribucional diferente na ordem dos constituintes da causativa analítica, na passagem do português moderno para o português contemporâneo. Isso evidenciou uma mudança na organização da causativa analítica, percebidas nas formas variantes  $DP_{\text{causador}} V_{\text{causativo}} PRO V_{\text{inf.}} / DP_{\text{causador}} V_{\text{causativo}} DP_{\text{causado}} V_{\text{inf.}}$ . Associamos que esse fenômeno tenha possibilitado um grau de flexibilidade na distribuição da ordem dos constituintes na construção analítica, permitindo a perda de material fonológico. Como já dito, conjecturamos que esses fatores tenham favorecido o processo de surgimento da CSVT.

Na seção, a seguir, apresentamos qualitativamente os resultados obtidos.

## 2.4. Resultados Qualitativos

### 2.4.1. Construções Causativas no Português Moderno

Nos dados coletados para a presente pesquisa encontramos mais de uma variedade de estruturação de sentença causativa. Retomaremos, a seguir, alguns dados vistos na seção anterior e apresentaremos outros dados, para podermos aprofundar na análise dos padrões encontrados. Os exemplos em (11)-(14) referem-se ao Padrão 1, forma mais frequente de construção causativa analítica encontrada no período moderno:

- (11) Elle tinha entrado no Rio em hum Calambeck, que **fez construir** em Santa Catharina [...] (Carta de comércio 04, período moderno, grifo nosso)
- (12) No ultimo Navio que dessa chegou me deu o seu Caixeiro noticias suas que muito estimei e me dis vossa mercê **mandava dizer** que no caridade mandaria a conta do Xapelão e dos 28 Couros (Carta de comércio 25, português moderno, grifo nosso).
- (13) Rezão por que emvio essa primeira Via de letra sigura para Vossa mercê **mandar apresentar**, em ordem adiantar. (Carta de comércio 04, período moderno, grifo nosso)
- (14) Eu tinha **mandado dizer** a meu mano que se quizesse memandace hum sobrinho meu [...] (Carta de comércio 08, período moderno, grifo nosso)

Em (11)-(14), há um verbo causativo que toma como complemento uma oração formada com o verbo infinitivo. Em todos os exemplos, a oração completiva não possui sujeito realizado fonologicamente. Entretanto, parece ser possível pressupor uma categoria vazia, para abrigar o elemento pronominal PRO; um elemento vazio que ocorre na posição de sujeito de oração infinitiva (cf. Chomsky (1981), (1982)). Nos dados acima, PRO é interpretado com um sujeito indeterminado, com interpretação arbitrária, com a função de realizar o evento descrito pelo verbo infinitivo (*construir, dizer e apresentar*), exercendo a função do sujeito-causado (i.e. agente causado).

Os dados, em (15)-(18), dizem respeito ao Padrão 2 presente no período moderno. Trata-se de exemplos de construção causativa com ECM, em que há realização do pronome clítico expresso na posição pré-verbal, antes do verbo causativo. Nessa forma, os clíticos têm função de objeto do verbo infinitivo:

- (15) [...] se houvesse naquele lugar hum corpo de homens, que os **fizessem** *conter* nos seus limites. (Artigo 1, período moderno, grifo nosso)
- (16) A Esquadra ficou bastante arruinada. Antão foi que o Böhm, TenenteGeneral a **mandou** *refazer*, [...] (Carta pessoal 04, período moderno, grifo nosso)

Em (15)-(16), os pronomes clíticos (*os e a*) funcionam como objeto dos verbos *conter* e *refazer*, respectivamente. Embora sejam identificados como exemplares de causativa com ECM, nessas sentenças, não há a expressão fonológica do causado. Isso parece evidenciar a realização de uma posição de sujeito nulo indeterminado de interpretação arbitrária, ou seja, parece revelar a realização de PRO na posição de sujeito da sentença encaixada. Os exemplos em (17)-(18) também são construções com ECM, mas nesses dados, diferentemente dos anteriores, o clítico tem a função de causado:

- (17) [...] nada disto, nem do Fysico, nem do Politico o intimida, e o **faz** *parar* [...] (Artigo 2, período moderno, grifo nosso)
- (18) Ela me **faz** *conspirar* para imediatamente representar a Vossa Excelência o caso tão horroroso para as atendíveis circunstâncias tão delicadas (Carta denúncia, p. 108, período moderno, grifo nosso)

Em (17)-(18), o causado ocorre por meio de um clítico (*o e me*). Trata-se de construção com ECM, visto que há a subida de clítico, ocorrendo na posição pré-verbal ao verbo causativo.

Outra forma encontrada no período moderno diz respeito ao Padrão 3, como podemos observar, a seguir, na qual o DP<sub>causado</sub> é realizado posposto ao verbo infinitivo:

- (19) [...] e que outra vez me pediram que **mandasse** *vir* alguns barris de salitre [...] (Carta Denúncia, p. 126, português moderno, grifo nosso).
- (20) A Agricultura entretem de dous modos o commercio, tanto interior, como exterior, **fazendo** *propagar* os generos de exportação para as manufacturas, [...] (Artigo 2, período moderno, grifo nosso)
- (21) [...] depois que derão princípio á cultura do Algodão, havendo nelle grandes Lavradores, pela facilidade, e segurança de **fazerem** *descer* por huma estrada frequentada os seus gêneros. (Artigo 1, período moderno, grifo nosso)

Nesses exemplos, há a realização fonológica do DP<sub>causado</sub>, representados pelo DPs “alguns barris de salitre” (cf. 19), “os gêneros de exportação” (cf. 20) e “os seus gêneros” (cf. 21), respectivamente. O DP<sub>causado</sub> é realizado posteriormente ao verbo infinitivo (*vir*, *propagar* e *descer*), evidenciando uma inversão na realização desse DP.

Como vimos, no Padrão 3, há a inversão do DP<sub>causado</sub>, isto é, do sujeito da oração encaixada, no Padrão 4, por sua vez, há a inversão do DP<sub>causador</sub>, ou seja, do sujeito da oração principal. Vejamos as sentenças, em (22)-(23), exemplares do Padrão 4 presente no período moderno:

- (22) [...] para constar, **mandou** ele dito Ministro *fazer* este auto que recebeu na parte que era de receber segundo a forma da Lei [...] (Carta Denúncia, p. 88, português moderno, grifo nosso).
- (23) [...] para assim constar, **mandou** ele referido Ministro *formar* este auto, em que assinou comigo o Bacharel José Caetano César Manitti (Carta Denúncia, p. 90, português moderno, grifo nosso)

Nos dados acima, há uma inversão na realização do DP<sub>causador</sub>, isto é, o sujeito da oração principal. Nessa forma, há o alçamento do verbo causativo e o DP<sub>causador</sub> é realizado após esse verbo, na posição que antecede o verbo infinitivo. É digno de nota que em relação ao Padrão 4, no português moderno, foi possível observar ainda o registro de outra forma, que apresentou apenas uma ocorrência e foi somada a esse padrão. Essa soma ocorreu em função da semelhança de padrão, uma vez que nessa sentença também há a inversão do DP<sub>causador</sub>, ou seja, do sujeito da oração principal. Entretanto, em vez de esse DP ocorrer entre o verbo causativo e o infinitivo, ele ocorre posposto a esse complexo verbal. Apesar de essa forma ser pouco frequente, é importante citarmos essa estrutura, uma vez que, além de ser mais uma variedade de causativa analítica registrada nesse período, diz respeito a uma forma que parece ser resultante de um processo de incorporação sintática (BAKER, 1988 e GUSTI, 1996a, 1996b, 1997):

- (24) [...] para a Devassa a que **manda proceder** o dito Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor General pela sua Portaria ao diante junta, datada de doze do corrente mês, [...] (Carta Denúncia, p. 88, português moderno, grifo nosso).

Tomando por base os postulados de Baker (1988) sobre incorporação e a ampliação dessa discussão desenvolvida por Guasti (1996a, 1996b), ao analisar esse fenômeno no italiano, tornou-se possível observar que o dado, em (24), parece ser derivado de um processo de incorporação. Isso significa que o verbo infinitivo parece ter alçado, formando uma amálgama com o verbo da oração matriz. Esse rearranjo sintático parece ter resultado no fato de o sujeito da oração matriz “ficar para trás”, ocorrendo posposto a esse amalgamado. A discussão sobre esse fenômeno será retomada de modo mais detalhado, nos capítulos a seguir, quando analisaremos as propriedades sintáticas das construções causativas.

Finalmente, o Padrão 5, como já dito, foi o menos prevalente do período moderno:

- (25) [...] que não **deixasse criar** a homem algum de Minas mais que dez mil cruzados [...] (Carta Denúncia, p. 105, português moderno, grifo nosso).  
 (26) Meu senhor, mais algumas coisas tenho colhido e vou continuando na mesma diligência, o que tudo **farei ver** a V. Excia. quando me determinar. (Carta Denúncia, p. 95, português moderno, grifo nosso).

Em (25)-(26), o DP<sub>causado</sub> é introduzido pela preposição *a*. Cabe aqui reforçar que esse dado é um exemplar de FI com inserção *a*, uma forma bastante presente em línguas românicas. Destacamos ainda que, embora nas línguas românicas seja uma construção frequente, nos dados analisados do período moderno, houve baixa frequência e, no português contemporâneo, não foi encontrado nenhum registro dessa forma no PB.

Os dados acima nos permitem verificar as distintas distribuições dos constituintes que formam as construções analíticas no português moderno, compondo os seguintes padrões:

- (27) Padrão 1 – DP<sub>causador</sub> Vcausativo PRO Vinf.  
 Padrão 2 – Pronome átono Objeto Vcausativo PRO Vinf.  
 Padrão 3 – Vcausativo Vinf. DP<sub>causador</sub> (inversão)  
 Padrão 4 – Vcausativo DP<sub>causador</sub> Vinf. / Vcausativo Vinf. DP<sub>causador</sub>  
 Padrão 5 – DP<sub>causador</sub> Vcausativo Vinf. *a* DP<sub>causado</sub>

Na comparação dos dados presentes no *corpus* do português moderno e ao considerarmos a distribuição do DP<sub>causador</sub> e do DP<sub>causado</sub>, é possível concluirmos que há diferenças significativas no comportamento gramatical dos constituintes analisados. Por meio desse detalhamento, verificamos que o DP<sub>causador</sub> ocorre em posições distintas. Além disso, foi possível observar que o DP<sub>causado</sub>, isto é, o sujeito da oração encaixada, pode ou não ser

realizado fonologicamente, bem como pode ser interpretado como indeterminado. Nos dados desse período, não foram encontradas formas com infinitivo flexionado com exceção da sentença em (24), na qual parece ser sujeito de terceira pessoa, supondo-se assim que se realize um morfema zero de concordância (cf. Vitral, 1987, 2017)<sup>14</sup>.

É válido ainda destacar que, nos dados do português moderno, não foi encontrada nenhuma ocorrência de CSVT. Tal circunstância parece indicar que essa forma está relacionada a um fenômeno mais recente na língua, revelando uma possível mudança sintática, visto que a CSVT é exemplar de uma forma inovadora, já que não integra o padrão tipológico das causativas no período moderno. Caso esse cenário seja real, permanece aqui a interrogação de quais foram as condições que motivaram essa mudança. Em função disso, torna-se importante verificar como se deu essa transição das construções causativas pelos diferentes períodos até derivar a presente construção. Esse é o percurso a ser tratado que intentamos descrever aqui: o caminho das construções causativas, observando as condições e as restrições linguísticas que favoreceram o licenciamento da CSVT.

#### 2.4.2. *Construções Causativas no Português Contemporâneo*

Passemos agora às causativas analíticas encontradas no período contemporâneo. Para a constituição dessa amostra, reunimos dados extraídos do *corpus* organizado por Lobato (2009) e por Gonçalves (2013) e do *Corpus Brasileiro*. No *corpus* Lobato e Gonçalves, houve poucos registros de causativa analítica no português contemporâneo. A partir da adoção do *Corpus Brasileiro*, foi possível reunir uma amostra mais representativa de causativas analíticas em relação ao PB contemporâneo. Por meio dessa ampliação dos dados, buscamos traçar um mapeamento mais preciso referente aos padrões de causativas nesse período. O Padrão 1 foi o mais prevalente no período contemporâneo. As sentenças a seguir são exemplares desse padrão:

- (28) [...] o povo daqui de casa – ficaram me enchendo e **fazendo** eu *fazer* regime. (Carta pessoal 01, português contemporâneo, grifo nosso).

---

<sup>14</sup> De acordo com Vitral (1987), o infinitivo flexionado é uma forma rara, porque em outras línguas essa forma verbal, geralmente, é sem flexão. O autor esclarece que, no português brasileiro, o infinitivo pode ter sujeito, bem como pode ser conjugado com morfemas que indicam pessoa. Quando houver sujeito, o infinitivo terá morfema zero (ausência de marcação) na primeira (*eu*), segunda (*você*) e terceira pessoa (*ele/ela*) do singular, em contrapartida, na primeira (*nós*), segunda (*vocês*) e terceira pessoa (*eles/elas*) do plural terá marcação por meio dos morfemas de concordância, *-mos* e *-em*.

- (29) Entre os militares não é menor do que nos civis a convicção de que Fernando Henrique **deixou** a inflação *subir*, [...]
- (30) A mudança **fez** a Telemig *oferecer* serviços à empresas, que permitiram ampliar sua receita.
- (31) Se isso quer dizer que uma empresa vai ter que fechar seus negócios, nós **deixamos** ela *fazer* isso.
- (32) Eles **mandaram** a gente *deitar* no chão e disseram que não tinham nada contra nós, que era com a polícia [...]

(CB, português contemporâneo)

Em (28), temos uma das poucas sentenças analíticas encontrada no *corpus* de Lobato e de Gonçalves. As sentenças em (29)-(32) foram extraídas do *Corpus Brasileiro*. Todos esses dados se referem ao Padrão 1, no qual há a realização fonológica do DP<sub>causado</sub> na posição de sujeito da oração encaixada. Em (28), essa posição abriga um pronome forte (*eu*). Em (29) e em (30), o DP<sub>causado</sub> é realizado por meio dos DPs (a inflação) e (a Telemig), respectivamente. Por fim, em (31) o DP<sub>causado</sub> também é realizado fonologicamente, sendo expresso pelo pronome forte (ela) e, em (32), a locução (a gente) possui função pronominal. No Padrão 1 do período contemporâneo, as duas fases da causação são expressas, uma vez que tanto o DP<sub>causador</sub> como o DP<sub>causado</sub> são realizados fonologicamente.

Ainda sobre o Padrão 1, os dados abaixo também são exemplares desse padrão, mas é importante observar que, em (33)-(37), ocorre o contexto de infinitivo flexionado:

- (33) Só **deixamos** os alunos *sair* quando tem, pelo menos, mais uma classe no mesmo horário.
- (34) Já **mandei** meus técnicos *prepararem* novos projetos [...]
- (35) Coloquei dois centroavantes e **mandei** os laterais *atacarem* [...]
- (36) Marcelinho Tallandré, de colete pisca-pisca, **fez** as barbies *tirarem* a camisa [...]
- (37) Aliás, uma direção de atores que, à custa de marcação rígida de movimentos, bem própria do encenador, atingiu um humor inesperado, **fez** *funcionarem* interpretação e trama. [...]

(CB, português contemporâneo)

As sentenças (33)-(37) são construções do Padrão 1, no qual há a manifestação das duas fase da causação com a realização do DP<sub>causador</sub> e do DP<sub>causado</sub>. Contudo, nessas sentenças, o infinitivo apresenta desinências de terceira pessoal do plural, concordando categoricamente com DP<sub>causado</sub>. Embora nas construções de *infinitivo flexionado* o DP<sub>causado</sub>, geralmente, ocorra na posição pré-verbal ao verbo infinitivo, houve, em (37), uma inversão, visto que o DP (interpretação e trama) está posposto ao verbo *funcionar*. Por fim, é importante destacar que o Padrão 1, mais prevalente no período contemporâneo, não foi encontrado no período moderno.

Os dados a seguir são exemplos do Padrão 2, o segundo padrão mais prevalente no período contemporâneo. Nesse padrão, não há a realização fonológica do DP<sub>causado</sub>:

- (38) Se não **deixamos** *entrar* sem pagar, pode acontecer isso.  
 (39) Aqui só **deixamos** *tirar* foto quem é do movimento, não tem imprensa.  
 (40) Segui o conselho do seu amigo Macaco Simão e **mandei** *blindar* meu Fiat Mille. Eu **mandei** *fazer* uma pesquisa qualitativa em abril e a população disse [...]  
 (41) Tomei conhecimento de um caso suspeito, **mandei** *abrir* uma sindicância porque achei que o valor não podia ser o certo.

(CB, português contemporâneo)

Em (38)-(42), ocorre um sujeito nulo, isto é, há uma categoria vazia na posição de sujeito do verbo infinitivo (*entrar, tirar, blindar, fazer, abrir*). Assim, identifica-se, nesses dados, a expressão de um sujeito indeterminado, capaz de executar o evento expresso pelo verbo infinitivo. Nessa configuração, não há a realização fonológica do causado, mas há a interpretação de PRO nessa posição.

O Padrão 3, o terceiro em ordem de prevalência no período contemporâneo, apresenta uma configuração que envolve as causativas com ECM:

- (42) Segundo a polícia, Levin, 31, abriu a porta para o seu ex-aluno e o **deixou** *entrar* em seu apartamento.  
 (43) [...] a produção científica indexada do país apresentou crescimento no período de 1992 a 1998, que a **fez** *alcançar* a marca de 1 % da produção mundial [...]  
 (44) Bassaiev e Khatab (líderes rebeldes) os **mandaram** *cometer* atos terroristas em Moscou e São Petersburgo [...]

(CB, português contemporâneo)

Em (43)-(45), é obrigatória a subida do clítico (*o, a, e os*), uma vez que essa é uma propriedade inerente às construções com ECM. Nessa configuração, os verbos infinitivos (*entrar, alcançar e cometer*) não se encontram flexionados. Além disso, os pronomes têm a função de expressar o DP causado, sendo interpretado como argumento do verbo encaixado. Nesse padrão, as duas fases da causação também são realizadas fonologicamente.

Por fim, o Padrão 4 foi o quarto em ordem de prevalência no período contemporâneo. Nesse padrão, o DP<sub>causado</sub> ocorre posposto ao verbo encaixado.

- (45) O assaltante atingido **deixou** *cair* um celular, que tocou minutos depois.  
 (46) Por questões de segurança, à noite só **deixamos** *entrar* mensalistas.  
 (47) O BC não **deixou** *subir* as taxas.  
 (48) A nova lei foi boa, mas agora, com os cortes de incentivos que virão, perderá provavelmente a força que **fez** *nascer* vários filmes novos [...]

(CB, português contemporâneo)



Nas sentenças em (46)-(49), exemplares de Padrão 4, também há a realização fonológica das duas fases da causação, porém há uma inversão na realização do DP<sub>causado</sub>. O Padrão 4, apesar de possuir os mesmos constituintes do Padrão 1, apresenta uma distribuição distinta, em função dessa inversão. Nesse padrão, o DP<sub>causado</sub> ocorre em posição pós-verbal, sendo expresso após o verbo infinitivo. Nas sentenças acima, os DPs (mensalistas), (um celular), (as taxas) e (vários filmes novos), identificados como sujeito da oração completiva, ocorrem após os verbos *cair*, *entrar*, *subir* e *nascer*, respectivamente. Essas construções também parecem ser resultantes do processo de incorporação, no qual há o alçamento do verbo infinitivo, formando uma amálgama com o verbo da oração matriz, deixando o sujeito da oração encaixada na posição pós-verbal.

Considerando os resultados obtidos em relação ao período contemporâneo, observamos os seguintes padrões de realização de causativas analíticas:

- (49) Padrão 1 – DP<sub>causador</sub> Vcausativo DP<sub>causado</sub> Vinf.  
 Padrão 2 – DP<sub>causador</sub> Vcausativo PRO Vinf.  
 Padrão 3 – Pronome átono Vcausativo Vinf.  
 Padrão 4 – DP<sub>causador</sub> Vcausativo Vinf. DP<sub>causado</sub> (inversão)

Por meio da análise dos padrões observados no período moderno em comparação ao período contemporâneo, foi possível verificar que essas construções apresentam comportamentos gramaticais distintos nos dois períodos. No período moderno, a forma mais prevalente não apresenta as duas fases expressas fonologicamente, somente, no registro de FI inserção *a*, com o DP<sub>causado</sub> introduzido por meio da preposição. Entretanto, essa forma foi a menos prevalente nesse período. Em contrapartida, essa construção não foi encontrada no período contemporâneo. No português contemporâneo, o padrão mais prevalente apresenta o DP<sub>causado</sub>, ou seja, há o sujeito da oração encaixada realizado fonologicamente, expressando as duas fases da causação. Esse padrão não foi encontrado no período moderno, conforme vimos na seção anterior. Por fim, no português contemporâneo, foi possível encontrar o registro do verbo infinitivo flexionado, no português moderno, diferentemente, não houve o registro dessa forma. Assim, os resultados encontrados revelaram que, se por um lado, houve mais padrões de realização no período moderno, evidenciando maior mobilidade dos constituintes, sobretudo, em relação ao DP<sub>causador</sub>, isto é, o sujeito da oração principal; por outro lado, no português contemporâneo, houve uma redução dos padrões de realização, revelando maior rigidez na realização do DP<sub>causador</sub>. Além disso, houve maior frequência dos padrões, em que as duas fases da causação são expressas, com a realização do DP<sub>causador</sub> e do DP<sub>causado</sub>.

### 2.4.3. Construções Causativas Sintéticas com Verbo Transitivo no Português Contemporâneo

De agora em diante, passaremos a descrever a forma sintética, compreendida como forma inovadora, visto que apenas no *corpus* do português contemporâneo foi encontrado o seu registro.

Ao relatarmos o processo de formação da causativa, reunimos condições para remontar o processo de formação da CSVT, descrevendo a forma inovadora presente no português contemporâneo. Como já se sabe, as causativas possuem um arranjo sintático rico e apresentam restrições semânticas. Partindo dessas propriedades, buscamos reconhecer as propriedades que favoreceram a reformulação da construção analítica, bem como identificar as possíveis características que resultaram na formação da CSVT. Observemos a sentença a seguir, identificada como um exemplar de CSVT:

- (50) Logo pela manhã, Fernando Henrique **cortou** os cabelos e foi ao Ministério da Fazenda se despedir dos funcionários. (CB, português contemporâneo)

Reconhecemos o dado acima como um exemplo de CSVT, formado com o verbo transitivo (*cortar*). Neste trabalho, assumimos, portanto, que em (51) a fase que expressa o DP<sub>causado</sub> não é realizada fonologicamente. Consideramos que, na composição dessa construção, há dois eventos: no primeiro evento, o DP (Fernando Henrique) é a causa primária responsável por desencadear o segundo evento; este, por sua vez, envolve a interpretação de um sujeito indeterminado. Nessa leitura, o sujeito indeterminado é um traço necessário, visto que ele será interpretado como o agente do evento expresso pelo verbo transitivo. Abaixo, encontram-se mais exemplos dessa construção:

- (51) Deputada **corta** cabelo e volta a hospital [...]
- (52) Eu **operei** de apendicite, mas também tinha um cisto no ovário, me parece que era isso.
- (53) Eu **reformei** uma sede inteira que pegou fogo, quando eu era presidente da ABP, com ajuda do Globo.
- (54) Com o que ganhei, vivi 20 anos de bonança e **construí** uma casa.
- (55) Covas **extraíu** a bexiga em dezembro passado em razão de um câncer.
- (56) A jogadora foi levada a um hospital e **fez** uma sutura de 30 pontos, sendo 15 internos e 15 externos.
- (57) Glória, 50, **tirou** o útero e um dos ovários aos 34, devido ao mesmo problema de hemorragia.
- (58) Para interpretar Dona Flor, Giulia Gam **pintou** os cabelos de preto e passou por um permanente.

(CB, português contemporâneo)

Em (52)-(59), podemos classificar como CSVT, uma vez que, fonologicamente, apenas um verbo é realizado, bem como há a manifestação somente do DP<sub>causador</sub>. Nessa estrutura, interpretamos que, no nível subjacente, há uma categoria vazia, na posição de sujeito no domínio encaixado, identificado como um sujeito indeterminado capaz de executar o evento expresso pelo verbo transitivo (*cortar, operar, reformar, construir, extrair, fazer, tirar, e pintar*, respectivamente).

Os dados, em (60)-(65), também são exemplos de CSVT:

- (59) Já a cantora Marina Lima, no casting de Mario Queiroz, **cortou** o cabelo antes, com Mauro Freire.
- (60) José Sarney **cortou** o cabelo uma única vez com Raimundo.
- (61) Eu só **corto** meu cabelo com uma garota aqui de La Paz.
- (62) No camarim de ontem: o modelo Fabio Ghirardelli **cortou** o cabelo lá mesmo, com Carrasco.
- (63) Eu **fiz** duas cirurgias com o doutor Evaldo e ele nunca me pediu um eletro [...].
- (64) Eu mesmo **operei** minha mão com o Waldemar e o resultado foi muito satisfatório [...]

(CB, português contemporâneo)

Os dados acima também são classificados como CSVT, mas, nesses exemplos, há a realização fonológica do DP<sub>causado</sub>. Como veremos mais adiante, quando esse argumento for realizado fonologicamente, ocorrerá em posição de adjunção, introduzido por um PP. Nesses exemplos, a preposição tem função de introduzir o DP<sub>causado</sub> interpretado semanticamente como o agente da ação verbal. Em (60)-(63), a preposição *com* tem a função de introduzir o DP<sub>causado</sub>, interpretado como agente do verbo *cortar*. Já em (64), a preposição *com* introduz o DP<sub>causado</sub>, que é interpretado como agente do verbo *fazer*, isto é, o agente causado. Por fim, em (65), o DP<sub>causado</sub>, introduzido pela preposição *com*, é interpretado como agente do verbo *operar*. Ressaltamos ainda que a realização do DP<sub>causado</sub> nos dados, em (60)-(65), reforça a leitura da CSVT, uma vez que anula qualquer possibilidade do DP<sub>causador</sub> ser interpretado como agente da ação descrita pelo verbo transitivo (*cortar, fazer, operar*). Assim, em nossa pesquisa, reconhecemos que o DP<sub>causado</sub>, que ocorre na posição de adjunto, é interpretado como o agente do evento expresso pelo verbo transitivo, sendo este último desencadeado pelo DP<sub>causador</sub>. Destacamos ainda que a preposição, na CSVT, pode apresentar funções semânticas distintas, como é possível observar nos dados abaixo:

- (65) Eles **cortaram** o cabelo com máquina zero na Boca Maldita, espaço no centro de Curitiba.

- (66) Anteontem, ele **cortou** o cabelo no mesmo cabeleireiro e no mesmo estilo do atacante Christian [...]
- (67) Valderrama **corta** o cabelo no hospital [...]
- (68) O lateral-direito Cafu **corta** o cabelo em salão de beleza do hotel [...]
- (69) Em Paris, **fez** limpeza de pele no Carita, um dos centros de estética mais elegantes da cidade. [...]

(CB, português contemporâneo)

Em (66), a preposição *com* introduz o DP, interpretado como instrumento da ação verbal. Na sentença (67), a preposição permite a realização do argumento que possui uma interpretação ambígua, já que pode ser identificado tanto como agente ou como locativo. Em (68)-(70), a preposição *em* introduz o argumento interpretado como locativo.

Por último, apresentamos a sentença, em (71), que possui outra configuração, em que há um clítico pré-verbal:

- (70) Essa, no dia que eu me **operei** da vista, eu quebrei.

Em (71), apesar de o clítico aparentar ser um reflexivo, não se trata de um recíproco, uma vez que esse argumento não pode ser, semanticamente, substituído por algo como *operei a mim mesmo*, já que o DP que abriga o pronome forte *eu* não é interpretado como agente do verbo *operar*. O DP pré-verbal é um DP<sub>causador</sub>, responsável por desencadear o evento, que será executado por um sujeito de interpretação arbitrária. Assim, com base nos exemplos de CSVTs retratadas, aqui, é possível formular que essa construção apresenta o seguinte padrão, no nível fonológico:

- (71) DP V transitivo DP [PP DP]

Considerando a discussão dos dados acima, foi possível verificar uma perceptível diferença na realização das construções causativas. Reconhecemos essa última construção como uma forma inovadora, uma vez que seu registro não foi encontrado na amostra do período moderno, identificada apenas no período contemporâneo. Quanto à realização da CSVT, é válido destacar que, fonologicamente, ela possui uma estrutura simples, mas a sua composição requer uma estrutura subjacente mais articulada, pois ela requer outros constituintes para permitir a sua realização. Nos capítulos, a seguir, pormenorizaremos as propriedades dessa construção.

## 2.5. Resumo do Capítulo

Neste capítulo, buscamos recontar o percurso das sentenças causativas, descrevendo o comportamento gramatical das construções analíticas e das construções sintéticas. Inicialmente, apresentamos a descrição dos *corpora* e os resultados quantitativos. Descrevemos também qualitativamente os dados. Tomando por base os resultados, foi possível averiguar que, no português moderno, não houve registro de CSVT. Todavia, no português contemporâneo, foi encontrada uma frequência bastante expressiva dessa forma no PB, coexistindo com a forma analítica.

A análise dos dados também revelou que os constituintes da causativa analítica não apresentam uma posição extremamente rígida, uma vez que se constatou que  $DP_{\text{causador}}$  pode aparecer em diferentes posições. Além disso, observamos que o  $DP_{\text{causado}}$  pode ou não ser realizado fonologicamente, assim como pode ser realizado por meio de um clítico, revelando distintos padrões de integração sintática, conforme discutiremos no capítulo a seguir. Identificamos ainda que o verbo infinitivo pode aparecer flexionado. Partindo desses fatos e considerando a plasticidade na composição das causativas, consideramos que essas condições favoreceram o surgimento da CSVT.

Por fim, contrastando as formas descritas nos dois períodos, embora reconheçamos uma flexibilidade significativa na constituição das sentenças causativas, buscamos estabelecer os padrões encontrados, com base nos dados do PB contemporâneo:

### Quadro 2 – Distribuição das causativas no PB

- 
- a)  $DP_{\text{Vcausativo}} DP_{\text{Vinfinitivo}}$
  - b)  $DP_{\text{Vcausativo}} DP_{\text{Vinfinitivo}} DP$  (inversão)
  - c)  $DP_{\text{Vcausativo}} PRO DP_{\text{Vinfinitivo}}$
  - d)  $DP V DP$
- 

No próximo capítulo, buscaremos analisar as construções causativas, considerando a noção de gramaticalização, sobretudo, a ideia de integração sintática entre as orações (HOPPER e TRAUGOTT, 1993; LEHMANN, 1988). Além disso, nessa análise diacrônica, fundamentar-nos-emos nos postulados de Fleischman (1982), no que se refere à coocorrência e à concorrência de formas analíticas e sintéticas.

### 3. SENTENÇAS COMPLEXAS: A EVOLUÇÃO DAS CAUSATIVAS

No capítulo anterior, apresentamos uma descrição das construções causativas nos PB. Vimos que, no português moderno, há a prevalência de uma construção analítica mais amalgamada. Enquanto no português contemporâneo, a forma mais prevalente é uma estrutura mais desmembrada, em que sujeito da oração encaixada é realizado fonologicamente, antes do verbo infinitivo. Além disso, dados referentes à forma sintética, a CSVT, foram encontrados somente no período contemporâneo. Assim, por meio dos resultados obtidos, foi possível constatar que as causativas apresentam padrões distribucionais distintos, ao compararmos os dados do período moderno aos dados do período contemporâneo. Diante disso, neste capítulo, buscaremos descrever a percurso das construções causativas, investigando as transformações sofridas por essas construções, no intuito de reconhecermos as propriedades que licenciaram a formação da CSVT.

Para descrevermos tal processo, consideraremos os postulados da teoria da gramaticalização (LEHMANN, 1988 e HOPPER e TRAUGOT, 1993). Espera-se que, por meio dessa análise, afirmemos condições necessárias para observar os padrões distribucionais já sistematizados e, por consequência, identificar o surgimento de novas configurações. Além disso, tomaremos, como fundamentação teórica, a pesquisa de Fleischman (1982), sobre o processo evolutivo para marcação de futuro, na qual a autora reconhece a competição entre formas analíticas e sintéticas nas línguas românicas. Ao adotarmos esses postulados, teremos condições de verificar se as construções causativas também estão sujeitas a um processo cíclico de mudança.

O capítulo está organizado da seguinte forma: a primeira seção é dedicada aos postulados de Lehmann (1988) e de Hopper e Traugot (1993) sobre integração sintática. Na segunda seção, discutimos o processo de evolução das formas, com base em Fleishman (1982) e, na última seção, apresentamos a síntese do capítulo.

### 3.1. A Integração Sintática

Inúmeros estudos sobre processos de mudança e variação linguística podem ser encontrados na literatura. Os trabalhos que tratam sobre o processo evolutivo das formas têm como propósito investigar o surgimento de novas variantes e como elas são absorvidas pelo sistema linguístico e socialmente também (FREITAG, 2007). Nesse universo, a teoria da gramaticalização possui papel de destaque, uma vez que permite o tratamento de novas variantes e o reconhecimento de novos padrões funcionais. O pontapé da teoria da gramaticalização é atribuído ao linguista francês Antoine Meillet. No início do século XX, Meillet cunhou o termo gramaticalização para caracterizar o processo de desenvolvimento de uma palavra, no qual itens autônomos podem adquirir propriedades gramaticais, ao longo do tempo (LEHMANN, 1988; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; VITRAL e RAMOS, 2006 e FREITAG, 2007). Entretanto, somente no final do século passado, os estudos baseados nesse modelo teórico ganharam mais espaço no cenário linguístico. Entre os mais diversos estudos destacaremos, aqui, os trabalhos de Lehmann (1988) e de Hopper e Traugott (1993), que discutem a gramaticalização, além do nível lexical, descrevendo esse fenômeno no nível frasal. Na tentativa de melhor descrever os postulados contidos nesses estudos, não o faremos na ordem cronológica, uma vez que Hopper e Traugott (1993) discutem o percurso do processo de gramaticalização entre orações, enquanto Lehmann (1988) postulou os parâmetros de integração entre orações. Isso significa que o primeiro trabalho discute o fenômeno de modo mais amplo, enquanto o segundo o aborda de modo mais específico.

Hopper e Traugott (1993) apresentam duas definições de gramaticalização, a saber: i) estudo sobre o processo de mudança de um material lexical que adquire funções gramaticais; ii) teoria que estuda o material lexical e gramatical, diacrônica e sincronicamente, tanto em línguas específicas, bem como translinguisticamente. Os autores também postulam o conceito de *cline*, para explicar que as formas tendem a apresentar mudanças ou um conjunto de mudanças semelhantes translinguisticamente. A noção de *cline* é concebida, portanto, como um “caminho” natural de evolução das formas. Outro conceito postulado por Hopper e Traugott (1993) refere-se ao princípio da unidirecionalidade. Segundo os autores, trata-se de um princípio fundamental para a gramaticalização cuja trajetória manifesta-se de “menos gramatical > mais gramatical”. Esse percurso revela uma “integração”, de modo *continuum*, que varia de itens que possuem uma relativa independência fonológica e morfossintática (como as preposições) às formas mais dependentes e integradas (como os clíticos e as flexões). Diante disso, Hopper e Traugott (1993) definem que, no processo de

gramaticalização, há diferentes estágios ao longo da mudança linguística, conforme o seguinte ciclo: item lexical > item gramatical > clítico > afixo.

Hopper e Traugott (1993) discutem também o processo de gramaticalização além do nível lexical, observando a noção de *cline* na integração sintática em orações complexas. As orações complexas, segundo os autores, são sentenças que possuem mais de uma oração, apresentando diferentes graus de dependência sintática entre elas. Essa relação interfrástica pode ser vista desde a justaposição, forma relativamente livre, até a incorporação, quando há uma extrema integração morfossintática. Para estabelecer o grau de integração entre orações, os autores fundamentam-se nos trabalhos de Matthiessen e Thompson (1988), de Lehmann (1988, 1989) e de Langacker (1991) e propuseram a seguinte caracterização: parataxe, hipotaxe e subordinação/encaixamento. Nesse quadro, a relação paratática é [- dependente; - encaixada], a hipotática é [+ dependente; - encaixada] e, por fim, a encaixada é [+ dependente; + encaixada]. Com base nisso, os autores estabeleceram o seguinte percurso para a integração entre orações: [parataxe > hipotaxe > subordinação (encaixamento)].

Esse fenômeno de integração de sentenças e, especialmente, a relação de complementação são compreendidos como processos de gramaticalização. Por exemplo, uma oração complexa pode estar suscetível ao processo de descategorização, no qual a oração subordinada integra-se à oração principal (de forma análoga à descategorização de itens lexicais). Nesse percurso, a oração completiva pode ocorrer com um verbo sem marcação de tempo, como no caso das orações completivas com infinitivo ou gerúndio ou ainda a oração encaixada pode ser destituída de sujeito. Esses seriam exemplos de orações mais integradas sintaticamente, de acordo com os autores. É válido observar que a classificação proposta por Hopper e Traugott (1993), quando comparada à gramática tradicional, a noção parataxe pode ser compreendida como as orações coordenadas. A noção de hipotaxe, por sua vez, refere-se às orações subordinadas (substantivas, adjetivais e adverbiais). Por último, a noção de encaixamento diz respeito às orações complexas com verbos causativos e perceptivos, como pode ser observado no trabalho de Carvalho (2004).

Ao analisar sentenças encaixadas no PB em uma abordagem funcionalista, Carvalho (2004) examina o comportamento de sentenças complexas, formadas com verbos causativos e com verbos perceptivos. No que concerne aos verbos causativos, Carvalho (2004) verificou que as sentenças causativas apresentam maior dependência sintática e semântica entre a oração principal e a oração encaixada. Segundo a autora, isso pode ser relacionado à própria noção da causatividade, visto que há uma tentativa de manipulação do referente-sujeito da oração principal sobre o sujeito da oração encaixada. Além disso, Carvalho (2004) aponta



que, na análise isolada dos verbos causativos *deixar*, *mandar* e *fazer*, os dois últimos ocorreram como verbos plenos, diferentemente, do primeiro (*deixar*) que foi registrado como verbo auxiliar. A autora ainda esclarece que as construções causativas apresentam sujeitos da oração completiva explícitos, com propriedades mais animadas e não-correferentes ao sujeito da oração principal. Essa última propriedade fortalece os resultados apresentados no capítulo anterior, tendo em vista que no português moderno as construções mais prevalentes apresentavam sujeito da oração encaixada realizado fonologicamente. Pautados nessa discussão e nos postulados teóricos apresentados Hopper e Traugott (1993), é possível observar que a sentença causativa analítica envolve uma oração encaixada, apresentando uma relação de extremo encaixamento. Assim, na construção causativa analítica, a oração encaixada possui completa dependência morfossintática em relação à oração principal.

Quanto aos parâmetros para a formação de sentenças complexas, Lehmann (1988) analisa o fenômeno, em diferentes línguas, e reconhece que se trata de um processo diacrônico e sincrônico, no qual há um *continuum*, no qual itens lexicais tornam-se itens gramaticais. O autor expande essa noção de *continuum* para o nível interfrástico, ressaltando a importância da gramaticalização na mudança de uma sentença complexa para uma sentença simples, propondo um inventário de parâmetros. Tomando por base propriedades sintáticas e semânticas, Lehmann (1988) estabelece seis parâmetros relevantes para a compreensão da integração de orações e da relação de complementação:

- i. o rebaixamento hierárquico da oração subordinada,<sup>15</sup>
- ii. o nível sintático da oração principal da oração subordinada,
- iii. a dessentencialização da oração subordinada,
- iv. a gramaticalização do verbo principal,
- v. o entrelaçamento/integração das duas orações,
- vi. a explicitação da integração.

(LEHMANN, 1988, p. 214 – tradução nossa)

Os seis parâmetros, postulados por Lehmann (1988), indicam os níveis de correlação e de integração sintática entre as orações. Por exemplo, quanto maior for a integração sintática, provavelmente, está relacionado a sentenças que passaram por um processo de dessentencialização. A partir dessa análise, o autor destaca que, dentre todos os parâmetros inventariados, os fenômenos mais relevantes referem-se à gramaticalização do verbo principal

<sup>15</sup>

- i. the hierarchical downgrading of the subordinate clause,
- ii. the main clause syntactic level of the subordinate clause,
- iii. the desententialization of the subordinate clause,
- iv. the grammaticalization of the main verb,
- v. the interlacing of the two clauses,
- vi. the explicitness of the linking.

e à dessentencialização da oração subordinada. Lehmann (1988), por meio de uma análise translinguística, explica que, na gramaticalização do verbo principal, o verbo da oração principal pode se tornar um afixo capaz de modificar o significado do verbo da oração encaixada. Na dessentencialização, diferentemente, a sentença encaixada pode se transformar em uma estrutura simples. Essa estrutura comporta-se de forma equivalente a um sintagma nominal, perdendo propriedades sentenciais, como tempo, aspecto, conjugação de pessoa, etc. Como exemplo para explicar a gramaticalização do verbo principal, o autor cita as sentenças causativas, pois, nessas construções, a sentença encaixada apresenta uma relação direta com o verbo da oração principal:

- (1) *Latin*  
*sol efficit [ut omnia floreat]*  
 ‘the sun makes everything blossom’ (Cic.n.d.2,41)  
 O sol faz tudo florescer  
 ‘O sol floresce tudo’
- (2) *Italian*  
*Ho fatto prendere a mio figlio un'altra professione.*  
 have:1sG made [take:INF to my son an other profession]  
 ‘I had my son choose another profession.’  
 ‘Eu fiz meu filho escolher outra profissão.’
- (3) *Quechua*  
*Juzi-ka Juan-ta ruwana-ta awa-chi-rka.*  
 Jose-Top Juan-Acc poncho-ACC [weave]-CAUS-PAST(3SG)  
 ‘Jose had Juan weave a poncho.’ (Cole, 1982:135)  
 ‘José fez Juan tecer um poncho.’

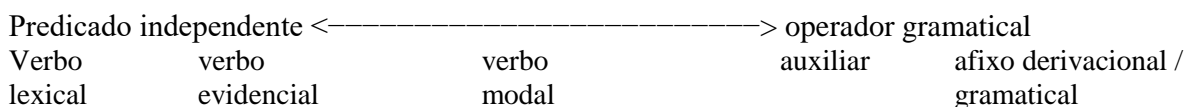
(LEHMANN, 1988, p. 201)

As sentenças acima são exemplos em que o verbo causativo rege a sentença encaixada infinitiva. Lehmann (1988), considerando o *continuum* da relação de integração de orações complexas, esclarece que, tanto no exemplo em (1) como em (2), o verbo causativo é mais gramaticalizado, uma vez que é combinado diretamente com o verbo subordinado, para formar uma estrutura analítica. Em (3), o verbo causativo apresenta mais integração sintática, pois já está gramaticalizado, podendo se unir a um sufixo. Nesse processo, o verbo semanticamente subordinado transforma-se em um verbo causativo. O autor ainda esclarece que, nesse caso, a valência do verbo simples subjacente é modificada, visto que passa a dispor da posição de sujeito-causado. Assim, em (3), o argumento, que era o sujeito, é rebaixado, passando a ser interpretado como um objeto-causa. Lehmann (1988) salienta também que nas línguas indo-europeias, como no inglês, no alemão e no latim, os verbos causativos não apresentam formas regulares, podendo ser uma questão lexical:

- (4) *Latin*  
*Miles picem fervefecit.*  
 “The soldier boiled the pitch.”  
 O soldado brilhou o gramado.  
 ‘O soldado fez o gramado brilhar.’

(LEHMANN, 1988, p. 201)

Em (4), *fervere* é interpretado como ‘to glow’ (brilhar). Lehmann (1988) esclarece que sentenças formadas com o verbo causativo *facere* ‘do, make’ (fazer) nunca foram muito produtivas. Entretanto, provavelmente, não é por acaso que as causativas formadas com o verbo *fare*, no italiano, são altamente produtivas, como em (3). Cabe ressaltar ainda que esse tipo de sentença é bastante produtiva em outras línguas românicas, como no francês e no português. Diante das diversas formas que a causativa manifesta-se nas línguas indo-europeias, Lehmann (1988) observa que a formação de verbos causativos tende a ser uma questão de variação lexical entre as línguas. O autor assinala ainda como um fator fundamental no processo de formação das causativas, seja ela lexical ou analítica, é que, à medida que o predicado da oração principal é gramaticalizado, a sentença deixa de ser um complexo sintático, formando uma sentença simples. Assim, considerando o processo de gramaticalização das orações subordinadas, Lehmann (1988) estabelece o processo *continuum* de gramaticalização que um verbo principal pode sofrer (LEHMANN, 1988, p 204):



Ao propor o esquema acima, Lehmann (1988) estabelece um *continuum* entre os estágios de gramaticalização, sendo cada extremo um polo totalmente oposto. Com base nisso, o autor reitera que as duas maneiras de reduzir uma oração complexa a uma oração simples são: i) a dessentencialização da sentença subordinada e ii) a gramaticalização do verbo principal. Recapitulando, na primeira, na dessentencialização da sentença subordinada, o verbo subordinado torna-se um simples constituinte da oração principal, atuando ainda como um item lexical pleno. Na segunda, em contrapartida, há um processo completo de gramaticalização, em que o verbo principal torna-se um afixo, incorporando-se ao verbo subordinado.

O fenômeno apresentado nesta seção é passível de inúmeros debates teóricos e pode gerar uma discussão muito mais ampla. Entretanto, não a faremos, visto que não aprofundaremos, nesta pesquisa, na questão sobre gramaticalização. Contudo, por meio desses

postulados teóricos, foi possível observar que as construções causativas são exemplares de um processo de extrema integração sintática, de acordo com Hopper e Traugott (1993). Ainda nesse processo, com base em Lehmann (1988), foi possível constatar que as construções causativas, no PB, são orações complexas, na qual o verbo da oração principal governa a oração encaixada. Em virtude disso, a oração encaixada é compreendida como parte da oração matriz, uma vez que é um argumento semântico do verbo da oração principal. Essa extrema dependência sintática provoca o verbo principal determinar as propriedades de tempo e de aspecto da oração encaixada, bem como permite o apagamento do sujeito da sentença encaixada. Além disso, observamos também que a ampliação da valência do verbo da oração principal, ao se apropriar sintaticamente dos constituintes que compõem a oração completiva, possibilita a ocorrência do sujeito-causado, quando realizado fonologicamente. Assim, por meio desse modelo teórico, verificamos que, na construção causativa analítica, o verbo da oração principal, ou seja, o verbo causativo controla as propriedades de tempo e de aspecto, assim como determina a ausência ou realização de argumentos como, por exemplo, o sujeito da sentença encaixada.

Essa relação de dependência sintática entre a oração principal e a oração encaixada, conforme discutido acima, e a “flexibilidade” na constituição dos argumentos que compõem as construções causativas parecem ser fatores que contribuíram para a formação da construção sintética. Nossa hipótese principal é que a CSVT é resultante de uma transformação, advinda da mudança de estatuto de oração complexa, licenciando uma estrutura sintética, no nível fonológico. Nesse cenário, as transformações sofridas pelas causativas, como, por exemplo, a perda da morfologia do verbo da oração principal e a não realização do sujeito da oração encaixada parecem ser propriedades que favoreceram o surgimento da CSVT.

Outra hipótese que pretendemos verificar em relação à formação da CSVT refere-se à tese de Fleischman (1982), sobre a evolução das formas. Buscaremos investigar na presente pesquisa se, diacronicamente, as construções causativas estão passando por um processo de transformação, em que formas analíticas e formas sintéticas coexistem. Na seção seguinte, desenvolvemos essa discussão.

### **3.2. A Evolução das Construções Causativas**

Ao prosseguirmos no debate sobre a trajetória das sentenças causativas, apoiar-nos-emos no estudo de Fleischman (1982) referente à análise da evolução do futuro nas línguas

românicas. Por meio desse quadro teórico, observaremos o processo evolutivo das construções causativas no português, considerando os dados do período moderno em comparação ao português contemporâneo.

Fleischman (1982) analisa a evolução da forma verbal futuro, com base em propriedades morfológicas, sintáticas e semânticas, cotejando dados de línguas românicas, com ênfase no latim, no francês e no espanhol. Ao relatar o percurso diacrônico do futuro, a autora descreve que essa forma, no latim clássico, era expressa por meio de uma forma sintética (*cantabo = cantarei*); essa formação coexistiu com estrutura analítica, sendo realizada com um verbo como um auxiliar (*cantare habeo = haverei de cantar*). Essa estrutura analítica ainda se alternou com a forma sintética *chantarei* (francês), *cantaré* (espanhol) e *cantarei* (português), em um período mais recente. Partindo dessa descrição, a autora estabelece que na marcação do futuro, nas línguas românicas, há uma alternância que ocorre de modo cíclico, ora marcado de forma analítica, ora marcado de forma sintética. De acordo com Fleischman (1982), essa mudança pode estar relacionada às noções de temporalidade, de modalidade e de aspecto. Para a autora, as formas analíticas tendem a expressar modalidade e as formas sintéticas tendem a expressar temporalidade. Nesse contexto, Fleischman (1982) ainda postula que no processo cíclico:

Parece que uma situação surge mais uma vez, na qual duas forças opostas estão trabalhando nas línguas: (a) um movimento global na direção a forma analítica, e (b) padrões evolutivos para o futuro alternam entre formações analíticas e sintéticas, como o equilíbrio entre temporalidade e aspecto/modalidade mudando entre as formas futuras co-ocorrentes. (FLEISCHMAN, 1982, p. 152 – Tradução nossa)<sup>16</sup>.

Nessa alternância, as mudanças, geralmente, acontecem de modo gradual, constituindo estágios de desenvolvimento. Além disso, as mudanças diacrônicas não podem ser vistas como um fenômeno aleatório, representando movimentos disjuntos. Diante disso, Fleischman (1982) define o curso da marcação de futuro nas línguas românicas, apontando o padrão de alternância entre as formas sintéticas e analíticas, por meio de ciclos de evolução da forma verbal. Segundo a autora, o quadro, a seguir, é adaptado de Anderson (1979), pois se trata uma extensão, visto que foram incluídos dados do indo-europeu. Observemos:

---

<sup>16</sup> It appears, then, that a situation as once again arise in which two opposing forces are at work in the languages: (a) an overall movement in the direction of analyticity, and (b) an evolutionary patterns for futures that alternates analytic and synthetic formations, as the balance of temporality to aspect/modality shifts among co-occurring future forms.

Quadro 3 – Ciclos analíticos e sintéticos da evolução do futuro, proposto por Fleischman (1982)

	Estrutura	Forma	Estágio da Língua
Fase I Diacrônica	Analítica ↓	ama-bhū ↓	Indo-Europeu reconstruído
	Sintética	amabo	Latim Clássico
Fase I Sincrônica		amabo/cantare habeo	Latim vulgar
Fase II Diacrônica	Analítica ↓	cantare habeo ↓	Latim vulgar → Língua românica
	Sintética	cantaré	Espanhol
Fase II Sincrônica		cantaré/voy a cantar	Língua românica moderna
Fase III Diacrônica	Analítica ↓	voy a dormir ↓	Língua românica Contemporânea (Espanhol)
	Sintética	[yo vadormir]	Língua latina-americana contemporânea (Dialeto espanhol)

Fonte: Fleischman, 1982, p. 104.

Como é possível observar, há uma alternância entre as formas, na qual a estrutura analítica compete com a estrutura sintética, em fases distintas, desde o latim até estágios recentes de línguas com raiz latina. Tomando por base essa análise cíclica, em que, no quadro evolutivo, as formas analíticas competem com as formas sintéticas, vamos refletir sobre esse fenômeno na formação das construções causativas. Como será possível observar, a seguir, parece que as construções causativas também estão passando por um processo cíclico de evolução, em que formas analíticas coexistem com formas sintéticas. Retomemos os seguintes dados:

- (5) No ultimo Navio que dessa chegou me deu o seu Caixeiro noticias suas que muito estimei e me dis vossa mercê **mandava dizer** que no caridade mandaria a conta do Xapelão e dos 28 Couros (Carta de comércio 25, português moderno, grifo nosso).
- (6) [...] se houvesse naquelle lugar hum corpo de homens, que **os fizessem conter** nos seus limites. (Artigo 1, período moderno, grifo nosso)

Os exemplos, em (5)-(6), são registros do português moderno de causativa analítica, na qual ocorre uma incorporação do verbo infinitivo ao verbo da oração principal. Esse tipo de construção, sem a realização do sujeito da sentença encaixada, é a forma com maior prevalência registrada nesse período do português. Em contrapartida, observe os dados retomados, a seguir:

- (7) Entre os militares não é menor do que nos civis a convicção de que Fernando Henrique **deixou** a inflação *subir*, [...]

- (8) A mudança **fez** a Telemig *oferecer* serviços à empresas, que permitiram ampliar sua receita.

(CB, português contemporâneo)

Nas sentenças em (5)-(6), representantes do português moderno, não há o sujeito da sentença encaixada, formando uma sentença mais amalgamada. Nos exemplos em (7)-(8), referentes ao português contemporâneo, diferentemente, podemos observar uma construção menos amalgamada, analítica, em que o sujeito da oração encaixada é realizado fonologicamente. Essa forma foi a mais prevalente nos dados extraídos do português contemporâneo. Apesar de no português contemporâneo a forma analítica ser a mais prevalente, houve também o registro significativo da forma analítica com a incorporação do verbo infinitivo ao verbo da oração principal, ou seja, uma causativa mais amalgamada, sem o sujeito da oração encaixada realizado fonologicamente. Como pode ser observado nos dados retomados em (9)-(10), as sentenças são exemplares de uma construção causativa analítica, mais amalgamada:

- (9) Eu **mandei** *fazer* uma pesquisa qualitativa em abril e a população disse: o senhor nos abandonou [...]  
 (10) Tomei conhecimento de um caso suspeito, **mandei** *abrir* uma sindicância porque achei que o valor não podia ser o certo.

(CB, português contemporâneo)

Por fim, em (11)-(13), são retomados os dados representantes da causativa inovadora:

- (11) Deputada **corta** cabelo e volta a hospital [...]  
 (12) Eu **operei** de apendicite, mas também tinha um cisto no ovário, me parece que era isso.  
 (13) Eu **reformei** uma sede inteira que pegou fogo, quando eu era presidente da ABP, com ajuda do Globo.

(CB, português contemporâneo)

As construções acima ilustram a forma de causativa que analisamos como sintética, a forma inovadora, a CSVT. Nessa construção, há a expressão de uma estrutura causativa sintética, na qual apenas uma das fases da causação é realizada fonologicamente, por meio do verbo transitivo; além disso, não há a expressão do agente causado.

Considerando as construções causativas arroladas acima e, ao cotejarmos os dados do português moderno aos dados do português contemporâneo, parece que, no percurso diacrônico das causativas, há também uma competição entre formas cujas estruturas mais

amalgamadas alternam com estruturas mais analíticas. Quando se comparam os períodos analisados, é possível observar que no português moderno a construção causativa exemplar era mais incorporada, podendo ser representada pela estrutura seguinte: DP Vcausativo Vinfinitivo. No português contemporâneo, a forma de causativa mais exemplar é menos incorporada, sendo representada pela estrutura, a saber: DP Vcausativo DP Vinfinitivo. Nessa forma, o sujeito da oração encaixada é realizado fonologicamente. No português contemporâneo, também é possível encontrar o registro de uma forma inovadora ainda mais sintetizada de construção causativa, a CSVT. Ao observamos tais construções, tentamos remontar os ciclos que compõem o processo evolutivo das causativas, como se vê no quadro a seguir:

Quadro 4 – Ciclos evolutivos da construção causativa

	Estrutura	Forma	Estágio da Língua
Fase I Diacrônica	Sintética	DP Vcausativo Vinfinitivo	Português Moderno
	↓	↓	
	Analítica	DP Vcausativo DP Vinfinitivo	Português Contemporâneo
Fase II Diacrônica	Analítica	DP Vcausativo DP Vinfinitivo	Português Contemporâneo
	↓	↓	
	Sintética	DP Vcausativo Vinfinitivo	Português Contemporâneo
Fase III Diacrônica	Analítica	DP Vcausativo Vinfinitivo	Português Contemporâneo
	↓	↓	
	Sintética	DP V DP	Português Contemporâneo

O quadro acima nos permite verificar que, no português moderno, havia uma estrutura mais amalgamada, em que o verbo da oração encaixada ocorre incorporado ao verbo da oração matriz. No português contemporâneo, por sua vez, a construção causativa tornou-se mais analítica cuja forma não há incorporação dos verbos e há a realização fonológica do sujeito da oração encaixada. No português contemporâneo, também está surgindo o registro de uma forma ainda mais sintética, a CSVT, que coexiste com as construções causativas mais analíticas. Diante desse cenário, parece ser possível observar que as construções causativas também estão submetidas a processo evolutivo, em movimentos cíclicos, no qual formas sintéticas competem, coexistindo com formas analíticas. Esse ambiente cíclico parece proporcionar a emergência de novas formas e, possivelmente, favoreceu o surgimento da CSVT.



### 3.3. Resumo do Capítulo

O propósito deste capítulo era descrever o processo evolutivo das construções causativas, com base na discussão sobre integração sintática, posposto por Lehmann (1988) e por Hopper e Traugott (1993), bem como examinar o processo evolutivo das causativas referente à competição entre formas analíticas e sintéticas. Na primeira seção, apresentamos, brevemente, a noção de integração sintática em orações complexas, fundamentando-nos no quadro teórico desenvolvido por Hopper e Traugott (1993). Por meio dessa análise, foi possível constatar que as construções causativas são altamente integradas sintaticamente. Nessas sentenças, em função da oração encaixada ser parte da construção causativa, uma vez que a oração encaixada é tomada como objeto da oração principal, resulta na manifestação de uma extrema dependência sintática. Além disso, pautados na análise de Lehmann (1988) sobre a formação de orações complexas, foi possível verificar que, nas causativas, é o verbo da oração principal que determina a noção de tempo e de aspecto da oração encaixada, assim como permite (ou não) a realização do sujeito da sentença encaixada.

Seguindo a proposta de Fleischman (1982), sobre o processo evolutivo do tempo futuro nas línguas românicas, investigamos, diacronicamente, como ocorre a competição entre formas sintéticas e analíticas no que diz respeito à construção causativa. Tal cenário conduziu-nos a observar que as causativas também estão submetidas a essa competição, uma vez que no português moderno a forma mais prevalente era mais amalgamada, com a incorporação do verbo encaixado ao verbo da oração matriz. No português contemporâneo, diferentemente, a forma mais prevalente foi a causativa menos amalgamada, sem incorporação verbal e com a realização do sujeito da oração encaixada. Por fim, constatamos também o surgimento de uma forma mais sintética, a CSVT, com o registro significativo no português contemporâneo. Esse quadro evidenciou que as causativas parecem estar sujeitas ao mesmo processo cíclico, proposto por Fleischman (1982), no qual formas analíticas e sintéticas competem e coexistem ao longo do tempo.

No próximo capítulo, analisaremos as propriedades sintáticas das construções causativas, aprofundando-nos na discussão sobre os núcleos lexicais e funcionais que compõem as construções causativas. Além disso, investigaremos o comportamento dessas construções relativo ao fenômeno de incorporação e de excorporação verbal.

#### 4. A ESTRUTURA SINTÁTICA DAS CONSTRUÇÕES CAUSATIVAS

No capítulo anterior, descrevemos o processo evolutivo das construções causativas, pautados na discussão sobre integração sintática proposta por Lehmann (1988) e por Hopper e Traugott (1993). Verificamos que as construções causativas são resultantes de um processo de extrema integração sintática, no qual o objeto da oração principal é uma oração encaixada. Além disso, constatamos, com base em Fleischman (1982), que as construções causativas no PB estão submetidas a um quadro cíclico de mudança linguística, no qual há uma competição entre formas sintéticas e formas analíticas. Observamos ainda que a forma mais amalgamada, mais prevalente no português moderno, parece ser compatível com um processo incorporação verbal e, no português contemporâneo, a forma menos amalgamada é a mais prevalente. Baseados nessa configuração, neste capítulo, descreveremos o comportamento sintático das construções causativas, assim como analisaremos o processo de incorporação verbal nessas construções.

Iniciamos a discussão, a partir de uma breve revisão em relação à hipótese da concha verbal (*VP Shell*), postulada por Larson (1988). Apresentamos também as análises de Hale e Keyser (1993 e 2002) e de Hornstein, Nunes e Grohmann (2005), que ampliam a discussão da concha verbal. Além disso, descrevemos a hipótese da existência do núcleo funcional Voice, postulado por Kratzer (1996), bem como a expansão dessa hipótese e a instanciação do núcleo CAUSE, propostos por Pylkkänen (2002, 2008). Tratamos também da reformulação desenvolvida por Blanco (2010, 2011) no que se refere ao emprego desses núcleos em línguas românicas. Discutimos ainda as propostas de Bruening (2013) e de Legate (2014) sobre o VoiceP. A adoção dessas análises possibilita-nos uma melhor compreensão da constituição sintática das construções causativas analíticas, bem como nos fornecem um aparato teórico, para observarmos a derivação da CSVT.

Por fim, uma questão também abordada, neste capítulo, diz respeito ao processo de incorporação verbal. Com base em Baker (1988), em Guasti (1991, 1996 e 2001) e em Zushi (1995, 2001), mostramos como os processos de incorporação e de excorporação influenciam o comportamento sintático das causativas analíticas e como esse fenômeno se reflete nas construções do PB.

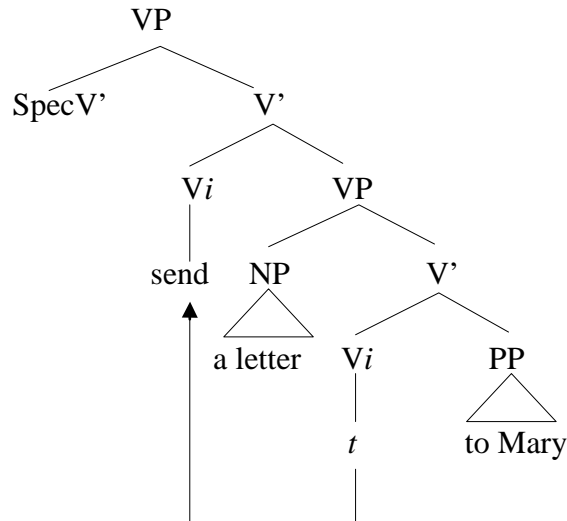
Este capítulo está organizado na seguinte ordem: na primeira seção, abordamos a concha verbal e alguns desdobramentos dessa análise. Na segunda seção, discutimos a estruturação das causativas, considerando os núcleos funcionais VoiceP e vCAUSE. Na terceira seção, discutimos a representação sintática da CSVT. Na quarta seção, analisamos o processo de incorporação e de excorporação verbal nas construções causativas. Na seção final, apresentamos a síntese do capítulo.

#### 4.1. A Construção Complexa: Concha VP

Para analisarmos a estrutura das construções causativas, começamos nossa discussão a partir da proposta de concha verbal – concha VP – postulada por Larson (1988) e a ampliação dessa análise desenvolvida por Hale e Keyser (1993, 2002) e por Hornstein *et al.* (2005). Nesta pesquisa, não examinaremos as construções investigadas por esses autores, isto é, as construções com objeto duplo. Contudo, como eles examinam a formação de sentenças que possuem uma estrutura argumental complexa, esses trabalhos tornam-se imprescindíveis, pois nos oferecem condições para analisar e descrever as construções causativas no PB.

O estudo de Larson (1988) sobre construções de objeto duplo, em inglês, é consagrado pela Teoria Gerativa, uma vez que é um dos trabalhos precursores em relação à reformulação de VP. Larson (1988), ao examinar orações como *John sent Mary a letter*, postula que, nesse tipo de construção, há uma operação sintática dentro de VP, para que o objeto indireto possa receber Caso Dativo. Tomando por base análises pregressas de Chomsky (1955, 1975) sobre as construções dativas, Larson (1988) argumenta que a construção com duplo objeto é derivada de uma estrutura binária como *send a letter to Mary*. O autor define que, nesse tipo de construção, não há apenas um VP, mas sim dois VPs, classificando-os como concha VP. Como é possível observar em (1), na construção de objeto duplo, o sujeito é gerado na posição de Spec do VP mais alto, o objeto direto é gerado na posição de complemento do VP mais baixo, o objeto indireto, por sua vez, é gerado na posição de Spec do VP mais baixo. Esse mecanismo permite que o verbo possa ser gerado na posição em V' mais baixo e alce para V' mais alto, conforme a representação proposta por Larson (1988):

(1)



(LARSON, 1988, p. 343)

Larson (1988), com base na Hipótese da Uniformidade na Atribuição de Papéis- $\theta$  (UTAH)<sup>17</sup>, postulada por Baker (1985), esclarece que tanto em *John sent Mary a letter*, como em *John sent a letter to Mary*, *Mary* é o destinatário e *a letter* (carta) é o tema. Pautado nisso, o autor reconhece que esse fenômeno pode ser entendido como uma evidência de que as línguas são altamente flexíveis e a aplicação da UTAH possibilita o movimento do NP objeto indireto, bem como o alçamento de V'. Essa análise de Larson (1988) tornou-se fundamental para o avanço da Teoria Gerativa, uma vez que explica a representação de uma construção com múltiplos argumentos internos, detalhando a projeção de ambos os objetos, que aparecem comandadas assimetricamente, em uma relação de c-comando assimétrico<sup>18</sup>. Nesse cenário, o tratamento desenvolvido por Larson (1988), referente à concha VP, causou impacto na teoria, uma vez que lançou luz sobre uma discussão antiga para o Gerativismo, ao investigar a constituição de estruturas argumentativas complexas.

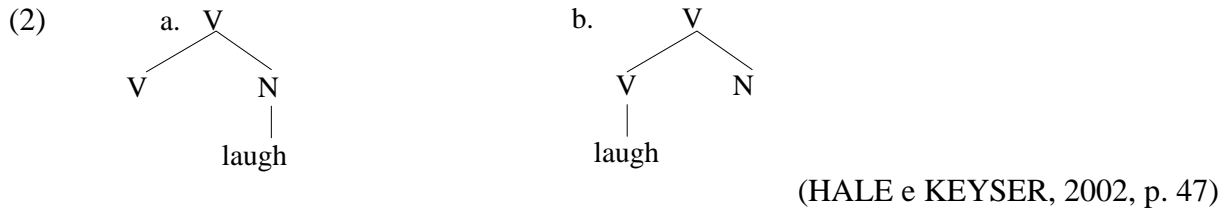
Hale e Keyser (1993) assumem a concha VP de Larson (1988), ao discutirem relações sintáticas aplicadas ao léxico na formação de predicados complexos. Os autores examinam o comportamento de verbos denominais<sup>19</sup>, reconhecendo que esse tipo de verbo possui uma estrutura subjacente, representada por meio da concha VP, licenciada por um

<sup>17</sup> *Uniformity of Theta Assignment Hypothesis* (UTAH): A relação temática idêntica entre itens é representada por uma relação estrutural idêntica entre esses itens na DS (Estrutura Profunda, do inglês *Deep Structure*). (BAKER, 1988, p. 46).

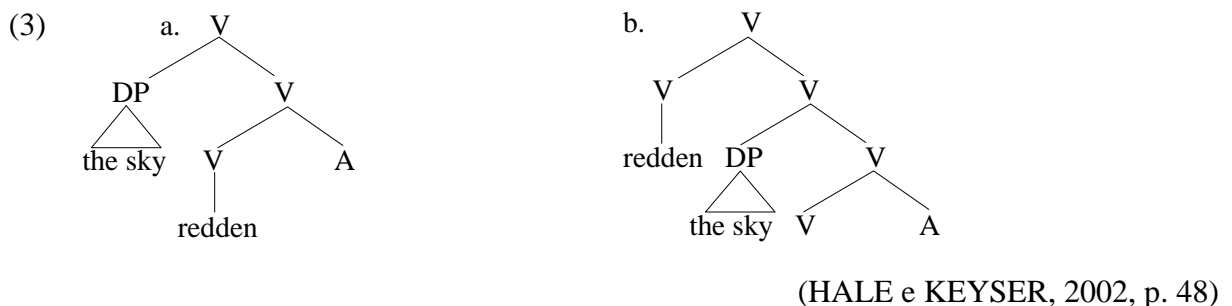
<sup>18</sup> C-COMANDO:  $\alpha$  c-comanda  $\beta$  se e somente se: i) o primeiro nó ramificado que domine  $\alpha$  também domine  $\alpha$ ; ii)  $\alpha$  não domina  $\beta$  (CHOMSKY, 1981, 1999). Se por um lado, em c-comando há uma noção de irmandade, em que  $\alpha$  e  $\beta$  estão no mesmo nível hierárquico, por outro lado, a definição de c-comando assimétrico refere-se a uma condição hierárquica distinta, em que  $\beta$  pode ser filho, neto, bisneto de  $\alpha$ , segundo Mito *et al.* (2007). Assim, na relação de c-comando assimétrico, a assimetria existe, pois  $\alpha$  c-comanda  $\beta$ , porém  $\beta$  não c-comanda  $\alpha$ , estando em níveis hierárquicos distintos.

<sup>19</sup> Verbos denominais referem-se a verbos derivados de nomes, como *shelve* (emprateleirar), *bottle* (engarrafar), *saddle* (selar), etc.

mecanismo classificado por *conflation*. Segundo os autores, *conflation* diz respeito a uma operação sintática, que permite a junção de núcleos. Por meio dessa operação, é possível inserir a matriz fonológica de um núcleo complemento dentro do núcleo sintaticamente vazio, formando um único item lexical. Por exemplo, para a formação de um verbo denominal, o núcleo é fundido ao N; para formação de um verbo deajetival<sup>20</sup>, o núcleo é fundido a um adjetivo. Observemos as estruturas a seguir:



Hale e Keyser (1993, 2002) explicam que na formação de um verbo como *laugh* (rir), verbo inergativo, tradicionalmente classificado como intransitivo, a raiz nominal é gerada em posição de irmandade ao núcleo verbal. O núcleo verbal projeta um verbo abstrato, um *verbo leve*, que, em função de suas propriedades sintáticas e semânticas, possibilita a incorporação do N complemento ao V abstrato. Além disso, nesse complexo verbal, *laugh*, por ser um verbo inergativo, N não é um predicado, pois esse tipo de verbo não requer argumento interno. Segundo os autores, os verbos deadjetivais também são derivados por meio do mesmo mecanismo sintático:

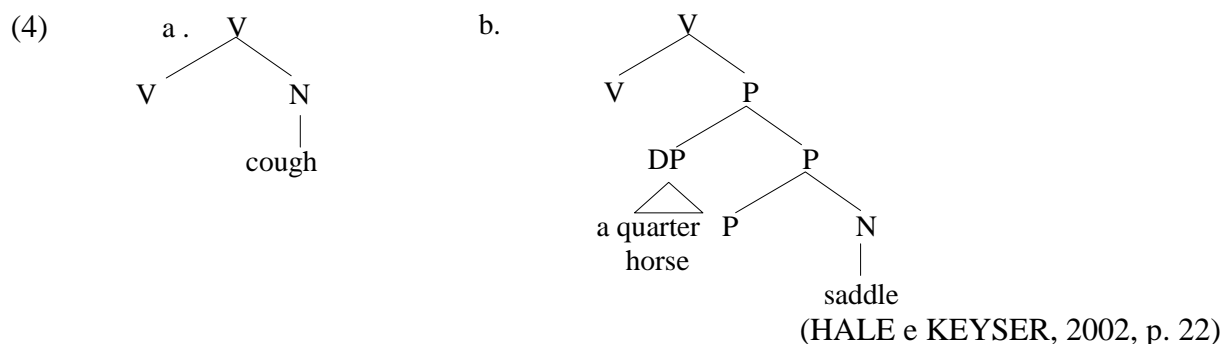


Em (3a), o mecanismo *conflation* permite a afixação do sufixo *-en* ao adjetivo *red* (vermelho), formando o verbo inacusativo *redden* (avermelhar), como no exemplo *The Sky redder*. Em (3b), a operação *conflation* ocorre duas vezes, para formar a alternância transitiva, como no exemplo *The sunset reddened the sky*. Nessa estrutura, *conflation* ocorre na primeira vez quando há a sufixação para formar *redden* e, na segunda vez, quando há fusão do verbo

<sup>20</sup> Verbos deadjetivais referem-se a verbos derivados de adjetivos, como *clear* (clarear), *narrow* (estreitar), *redde* (avermelhar), etc.

derivado com a matriz verbal vazia. Segundo os autores, o núcleo V superior projeta um núcleo abstrato, para abrigar o V intermediário, responsável por projetar o V mais baixo, estabelecendo uma relação de irmandade com o núcleo A. Nesse caso, o núcleo A é um predicado que requer um argumento interno, possibilitando o preenchimento da posição de especificador.

O tratamento dedicado aos verbos denominais e aos deadjetivais, realizado por Hale e Keyser (1993, 2002), ilustra a formação de verbos derivados de um complexo verbal. Nessa perspectiva, os autores postulam que *conflation* é uma instanciação fonológica de verbo leve no processo de formação de verbos com uma estrutura interna complexa. Essa operação possibilita a realização de um núcleo vazio capaz de se fundir com um complemento (N, A ou P). Esse núcleo vazio apresenta traços não-interpretáveis na PF, desencadeando *conflation* que, segundo os autores, é um mecanismo estritamente local, para que o núcleo possa selecionar diretamente o núcleo de seu complemento.



Segundo os autores, nas representações acima, é requerido um tipo de movimento em *spell-out* para a formação dos verbos (*cough* e *saddle*). Em (4a), V, ao tomar a matriz fonológica, requer N (*cough*) como complemento e permite a junção à raiz ( $\sqrt{\text{Root}}$ ). Em (4b), V toma P como complemento, sendo P o núcleo vazio que se funde ao N (*saddle*).

Ante todo esse cenário, a discussão inicial desenvolvida por Larson (1988) sobre a concha VP e a reformulação proposta por Hale e Keyser (1993, 2002) permitem-nos refletir e descrever o processo de formação das construções causativas. Com base nesses autores, é possível reconhecer que, na CSVT, a concha verbal possibilita, em um nível subjacente, a projeção do verbo leve *fazer*, que não é realizado fonologicamente após *Spell-out*. Retomaremos essa discussão mais adiante, por ora, destacamos aqui a reformulação de Hornstein *et al.* (2005) para a concha VP, em um tratamento mais recente, pautados no programa minimalista (CHOMSKY, 1995).

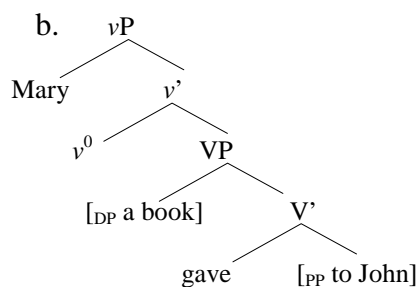
Hornstein *et al.* (2005) consideram a proposta da concha VP, para discutirem a relação entre estrutura argumental e estrutura sintática, diferenciando as propriedades sintáticas do argumento externo e do argumento interno. Os autores partem do questionamento sobre como ocorre a derivação dos argumentos externos, uma vez que esses não podem ser considerados complementos do núcleo verbal, assim como são os argumentos internos. Diante disso, Hornstein *et al.* (2005) assumem que o argumento externo é gerado na posição de especificador do núcleo lexical, no qual é estabelecida uma relação temática. Os autores reconhecem essa relação como resultante da *Hipótese do sujeito interno ao predicado* (PISH)<sup>21</sup>. Observemos a seguinte representação:

- (5) a. [<sub>VP</sub> John [<sub>v'</sub> saw Mary ] ]  
 b. [<sub>IP</sub> John<sub>i</sub> [<sub>I'</sub> I<sup>0</sup> [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>v'</sub> saw Mary ] ] ] ]

Em (5a), Hornstein *et al.* (2005) explicam que *John* é especificador do verbo *saw* (viu) e está externo à projeção que domina imediatamente o verbo e o argumento externo. De acordo com os autores, essa relação torna-se uma propriedade importante, pois permite diferenciar o argumento externo do argumento interno. Hornstein *et al.* (2005) ainda explicam que, como em inglês, I<sup>0</sup> apresenta traços de número e pessoa marcados morfologicamente, para que EPP seja mantido, *John* tem de ser movido para [Spec, IP] antes de *Spell-out*, conforme pode ser visto em (5b). Além disso, em (5a), o argumento externo recebe papel temático sob a operação MERGE, obedecendo à condição de atribuição de papel-θ. Nessa configuração, *John* tem seu papel-θ marcado quando ocorre a fusão com [*saw Mary*]. Os autores sustentam que o argumento externo é gerado na posição mais baixa à [Spec,IP] e está dentro da projeção do núcleo a que ele está tematicamente relacionado, conforme a condição de PISH. A partir disso, Hornstein *et al.* (2005) investigam a condição de PISH em estruturas formadas com verbos transitivos, bitransitivos, inacusativos e inergativos. Destacamos, aqui, os postulados relacionados aos verbos bitransitivos cuja condição de PISH deve ser interpretada de forma análoga à concha verbal, para projetar o verbo leve *v*, conforme proposta de Hornstein *et al.* (2005):

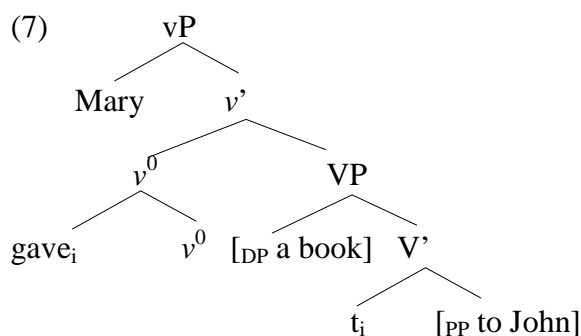
- (6) a. Mary gave a book to John.  
 'Mary deu um livro para John.'

<sup>21</sup> Do inglês *Predicate-Internal Subject Hypothesis (PISH)*.



(HORNSTEIN *et al.*, 2005, p. 92)

Hornstein *et al.* (2005), fundamentados em Hale e Keyser (1993) e em Chomsky (1995), explicam o licenciamento das construções bitransitivas, destacando que, na análise da representação acima, a condição de PISH está em consonância com a perspectiva minimalista. Em (6b), não há uma projeção vazia, mas sim há uma projeção de um núcleo  $v$ , que não é realizado fonologicamente, de acordo com Hornstein *et al.* (2005). Nessa estrutura, a concha verbal é nucleada pelo verbo leve  $v$ , que é não realizado fonologicamente. Segundo os autores, o verbo leve, por possuir traços fortes, desencadeia o movimento do verbo fonologicamente realizado como, em (7), assim como licencia o movimento do sujeito para a posição de [Spec, IP] em (8):



(8)  $[IP \text{ Mary}_k [I' I^0 [vP \text{ t}_k [v' \text{ gave}_i + v^0 [VP [DP \text{ a book}] [V' \text{ t}_i [PP \text{ to John}]]]]]]]$   
 (HORNSTEIN *et al.*, 2005, p. 92)

Hornstein *et al.* (2005) argumentam que as estruturas acima são evidências de que as construções bitransitivas se estruturam por meio de uma concha verbal, nucleada pelo verbo leve. Os autores ainda esclarecem que o verbo leve é um verbo cujo significado é bastante dependente do significado de seu complemento. Isso reforça o fato de verbos leves formarem construções, em que eles são fonologicamente realizados, mas seu significado está totalmente relacionado ao seu complemento, como ilustram os exemplos abaixo:

(9) a. *John took a shower.*  
 'John tomou um banho.'



- b. *John took a nap.*  
 ‘John tirou uma soneca.’

(HORNSTEIN *et al.*, 2005, p. 98)

- (10) a. João deu uma gargalhada.  
 b. João fez uma comida.  
 c. João tirou um cochilo.

Em (9), os exemplos, em inglês, formam um tipo de predicado complexo, no qual o verbo leve tem função lexical, pois é realizado morfológicamente, porém o seu significado está inteiramente relacionado aos complementos *shower* (banho) e *nap* (soneca). Essa relação também pode ser verificada em dados relativos ao PB, em (10), nos quais os verbos (*dar*, *fazer* e *tirar*), embora tenham função lexical, visto que são realizados morfológicamente, o significado está diretamente relacionado aos complementos (uma gargalhada, uma comida, um cochilo, respectivamente). Nesse tipo de sentença, ainda que o verbo leve tenha função lexical, os exemplos ratificam o posicionamento dos autores, especialmente, ao observarmos as estruturas, em (6)-(7), nas quais o verbo leve *v* atua como um elemento funcional no domínio verbal. Em (11), a estrutura também fortalece essa relação tanto para dados no inglês, como no PB:

- (11) [vP [ external argument ] [v' v [VP [ direct object ] [V' verb [ indirect object ] ] ] ] ]

Considerando a representação em (11), os autores argumentam que essa análise traz significativos avanços para teoria e reúne os fatores que confirmam essa afirmação:

i) a concha verbal está de acordo com a condição de PISH; ii) captura a distinção entre argumento interno e argumento externo (o argumento externo é projetado em [Spec,vP], quando o argumento interno está dentro de VP; iii) está em consonância com a relação de c-comando exigida pelos argumentos internos; iv) permite a produção da ordem correta na superfície, em línguas como o inglês cujo verbo leve é fonologicamente nulo e em línguas como o mandarim e o fongbè, em que o verbo leve é fonologicamente realizado e (v) é compatível com a ideia de que na estrutura sintagmática é constituída a partir de expressões lexicais.<sup>22</sup>

(HORNSTEIN *et al.*, 2005, p. 93)

Partindo das estruturas e das propriedades observadas acima, é possível verificar que a concha verbal é um mecanismo sintático que licencia construções com predicados

<sup>22</sup> (i) is compatible with the PISH; (ii) captures the internal/external argument distinction (the external argument is in [Spec,vP], whereas internal arguments are within VP); (iii) accounts for the required c-command relation between the internal arguments; (iv) yields the correct surface order in languages like English, with a phonetically null light verb, and in languages like Fongbè and Mandarin, with an overtly realized light verb; and (v) is compatible with the idea that phrase structure is built from lexical expressions [...]. (HORNSTEIN *et al.*, 2005, p. 93)

complexos. Na análise de Hornstein *et al.* (2005), por meio desse mecanismo, torna-se possível licenciar construções com o verbo leve, *v*. Além disso, essa interpretação é compatível com PISH, na qual o argumento externo é projetado em [Spec, IP] e o argumento interno é projetado em VP. Essa discussão fornece-nos subsídios para examinarmos o processo de composição da CSVT, uma vez que assumimos que essas construções são derivadas de uma estrutura complexa, em um nível subjacente. Tomando por base essa análise, reconhecemos que a CSVT é derivada de um predicado complexo, compatível com a proposta de Hornstein *et al.* (2005), cujo *v* é nucleado pelo verbo leve *fazer*, o qual não é realizado fonologicamente na superfície.

Na próxima seção, dedicar-nos-emos a essa discussão e lançaremos luz sobre os núcleos específicos para o licenciamento das construções causativas. Apresentaremos a proposta de Kratzer (1996), sobre VoiceP, núcleo que introduz argumentos externos, bem como destacaremos a ampliação desenvolvida por Pylkkänen (2002, 2008) e a postulação de vPCAUSE. Assinalaremos também a reformulação apresentada por Blanco (2010, 2011) em relação ao VoiceP e vPCAUSE. Por último, discutiremos as análises realizadas por Bruening (2013) e por Legate (2014) concernentes ao VoiceP.

#### 4.2. A Formação Sintática das Construções Causativas: VoiceP e vPCAUSE

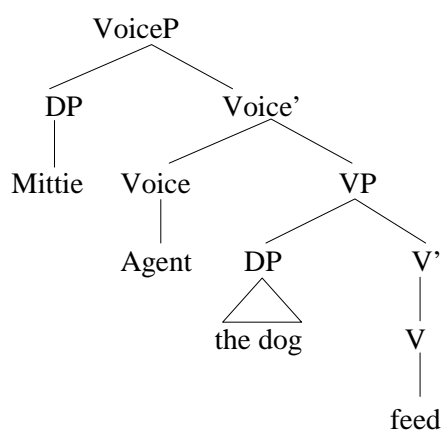
O questionamento sobre a distinção entre argumento externo e argumento interno não é novidade na literatura, como apontamos na seção anterior. Kratzer (1996) propõe uma análise para o argumento externo que tem sido adotada comumente. A autora, fundamentada em Marantz (1984), justifica que o VP pode apresentar significados distintos, já que depende da combinação entre o verbo e o argumento interno. Kratzer (1996), considerando a perspectiva neo-Davidsoniana<sup>23</sup>, postula que os predicados devem ser investigados com base na interface sintaxe-semântica. Nessa visão, o argumento interno é identificado como um predicado de eventos e sua associação ao verbo ocorre por meio de função temática. Para Kratzer (1996), os

---

<sup>23</sup> Segundo Maienborn (2001), a abordagem Neo-Davidsoniana, desenvolvida por Parson (1990) e reanalisada por Kratzer (1996), trata-se da evolução de postulados desenvolvidos por Donald Davidson (1967). Davidson (1967) prevê que eventos são derivados de relações espaço-temporais, sendo realizações concretas com uma localização no espaço e no tempo. A proposta Neo-Davidsoniana, por sua vez, é baseada na interface sintaxe-semântica e presume que um verbo é um predicado de eventos e é ligado aos seus argumentos por funções temáticas. Essa proposta ganha relevância ao estabelecer que, na relação de argumentos de eventos, a ordenação do argumento é associada na sintaxe e na estrutura conceitual. Na análise de Kratzer (1996), essa relação basicamente está associada à presença ou à ausência de um argumento de evento extra.

argumentos internos moldam o predicado, podendo apresentar argumento interno compatível com verbo. Porém, a mesma condição não ocorre com o argumento externo, tendo em vista que esse argumento não é considerado um argumento do verbo. A autora, ao examinar o comportamento do verbo *kill* (matar), explica que é o objeto que impõe restrições ao verbo, uma vez que o significado do verbo pode ser preenchido com diferentes atividades. Assim, o argumento externo não está no domínio do VP, visto que esse argumento ocorre em um nível mais alto, realizado por meio do núcleo Voice. Nessa proposta, embora VoiceP desempenhe um papel fundamental na estrutura argumental, trata-se de um núcleo funcional, uma vez que ele pode ou não ser realizado, pois não é obrigatório em todas as construções. Kratzer (1996) ainda esclarece que VoiceP, além de introduzir o argumento externo, pode também checar Caso Acusativo. Diante disso, Kratzer (1996) reconhece dois tipos de VoiceP: um agentivo e um não-agentivo. VoiceP agentivo introduz o argumento externo e atribui (checa) Caso acusativo, em uma relação sintática estrutural. O VoiceP não-agentivo, diferentemente, não adiciona argumentos e não atribui (checa) Caso acusativo, exercendo somente a função de introduzir um evento. Dessa maneira, Voice<sup>0</sup> pode selecionar diferentes tipos de argumentos externos, bem como pode não selecionar nenhum argumento:

(12)



(KRATZER, 1996, p. 121)

Em (12), VoiceP é projetado acima de VP, para alocar o argumento externo. Segundo Kratzer (1996), *feed* (alimentou) possui dois argumentos: um objeto e um evento, sendo o objeto o ser alimentado. Nessa situação, torna-se necessário estabelecer uma conexão objeto/argumento interno que, por consequência, forma o VP, para expressar um conjunto de propriedades, em que *the dog* (o cachorro) é o ser alimentado. Entretanto, nessa relação, é requerido um provedor do alimento. Semanticamente, esse papel não precisa ser especificado, mas, sintaticamente, essa especificação faz-se necessária, visto que o agente não é um argumento do verbo. Para solucionar esse impasse, Kratzer (1996) propõe uma operação

computacional, classificada como Identificação de Evento (*Event Identification*). Trata-se de um operador semântico que possibilita uma conjunção, obedecendo a restrições relacionadas às condições de domínio, uma vez que o agente está em um domínio e VP sob seu alcance. Por meio dessa operação, VP é capaz de modificar a função de saída do agente e especificar sua função, estabelecendo, assim, uma relação composicional entre o argumento externo e o VP. Essa proposta teórica de Kratzer (1996) vem sendo adotada e reelaborada em inúmeros trabalhos, ressaltaremos, a seguir, as propostas desenvolvidas por Pylkkänen (2002, 2008) e por Blanco (2010, 2011). Além disso, abordaremos também as propostas desenvolvidas por Bruening (2013) e por Legate (2014), nas quais analisam a realização de VoiceP em construções passivas.

Pylkkänen (2002, 2008) adota VoiceP, respaldando a proposta de Kratzer (1996), além disso preconiza o núcleo CAUSE, para introduzir o evento da causação. Pylkkänen (2002, 2008) assume que as construções causativas requerem esses dois núcleos funcionais para serem licenciadas. Para explicar o funcionamento desses núcleos, Pylkkänen (2008) desenvolve um estudo de sintaxe comparada, descrevendo sentenças causativas do inglês, do japonês e do finlandês. A autora elenca os argumentos e descreve os parâmetros que regem construções nessas línguas distintas. Pylkkänen (2008) inicia a discussão propondo um núcleo e o classifica como aplicativo. Partindo dessa proposta, a autora busca evidências para comprovar que, embora na superfície as construções pareçam similares, elas são diferentes sintaticamente. Exemplos do inglês e do chaga (língua Bantu) são utilizados para evidenciar essa distinção:

(13) INGLÊS

a. *I baked him a cake*  
 ‘Eu assei-lhe um bolo’

(14) CHAGA

N-	a"-i"-lyì-í-à	m-kà	k-élyá
FOC-	1SG-PRES-EAT-APPL-FV	1-wife	7-food

“He is eating food for his wife”  
 Ele está comendo comida para sua esposa  
 ‘Ele está comendo comida por esposa’

(BRESNAN; MOSHI, 1993 *apud* PYLKKÄNEN, 2008, p. 11)

Os dados acima revelam uma diferença, pois tanto o inglês quanto o chaga possuem construções com objeto duplo, no qual um núcleo aplicativo é requerido para projetar um argumento com o papel temático benefactivo. Em (13), *a cake* (um bolo) é destinado a *him* (ele). Em (14), *his wife* (sua esposa), por sua vez, se beneficia do ato expresso por *eat* (comer), mas *his wife* não recebe materialmente o alimento. Ao demonstrar as diferenças nas

construções acima, Pylkkänen (2008) propõe dois núcleos aplicativos: i) aplicativo alto e ii) aplicativo baixo. Os núcleos aplicativos baixos “denotam uma relação entre dois indivíduos”, diferentemente, dos núcleos aplicativos altos, pois “denotam uma relação entre um evento e um indivíduo”. Essa discussão torna-se bastante relevante, tendo em vista que possibilita melhor entendimento sobre a natureza dos objetos indiretos, bem como permite uma descrição de padrões sintáticos distintos nas línguas comparadas. Ainda em um viés translinguístico, Pylkkänen (2008) lança luz sobre as construções causativas. Para a autora, essas construções não correspondem somente a uma questão sobre papel- $\theta$ , mas sim sobre uma relação entre núcleo e argumento, tendo em vista que as causativas requerem VoiceP. Baseada em Kratzer (1996), Pylkkänen (2008) defende que, nas construções causativas, VoiceP é um elemento funcional, que atua como um codificador de causação:

(15) *Noncausative (não causativa)*

The window broke.

‘A janela quebrou’

(16) *Causative (Causativa)*

Lisa broke the window.

‘Lisa quebrou a janela’

(PYLKKÄNEN, 2008, p. 83)

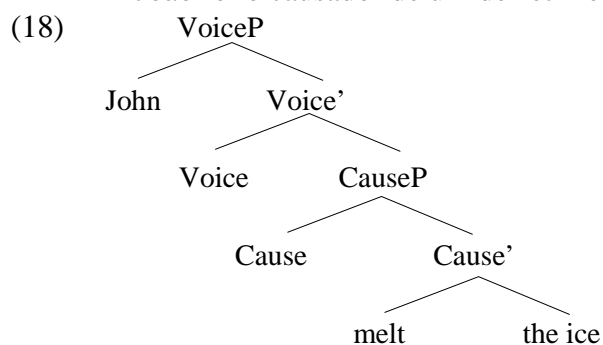
Os exemplos ilustrados, em (15)-(16), são estruturas alternantes. Em (15), há uma construção formada com o verbo *break* (quebrar), sem o causador expresso. Em (16), diferentemente, o processo de causativização é materializado por meio de um causador (Lisa), que é introduzido por Voice<sup>o</sup>. Pylkkänen (2008) também assume que, nas causativas, há a projeção do núcleo CAUSE. Trata-se de um núcleo interpretado como um modificador, que mapeia um predicado evento<sub><1></sub> para outro predicado evento<sub><2></sub>, permitindo a manifestação do evento causador. Vejamos:

(17) a. John melted the ice

‘João derreteu o gelo’

b. ‘John was the causer of a melting of the ice’.

‘João foi o causador de um derretimento do gelo’



(Adaptado de PYLKKÄNEN, 2008, p. 88)

A interpretação baseada na composição semântica, em (17), pode ser parafraseada como “Existe *John*”, assim como *the ice* (o gelo) e o evento *melt* (derreter). O resultado dessa relação é que John é agente do evento *melting*. VoiceP denota uma relação temática entre o indivíduo e evento causado. Essa relação é estabelecida por meio da operação *Identificação de Evento*, em que o argumento do evento causador é introduzido por VoiceP e é combinado com vCAUSE. Para Pylkkänen (2008), vCAUSE e VoiceP formam uma unidade sintática, mas não formam uma unidade semântica, uma vez que a interpretação de vCAUSE-VoiceP ocorre em dois estágios, no qual vCAUSE se aplica antes do argumento externo. Pylkkänen (2008) esclarece ainda que a relação entre vCAUSE e VoiceP pode variar, já que vCAUSE nem sempre depende da realização de um argumento externo. Nesse contexto, pautada na análise translinguística, a autora propõe dois padrões de realização de VoiceP para as construções causativas, a saber: Variação de *Agregação de VoiceP*<sup>24</sup> (*Voice bundling*) e Variação *Selecional (Selection)*.

Segundo Pylkkänen (2008), a realização do VoiceP e de vCAUSE ocorrem de modo diferente entre as línguas analisadas. A autora propõe o parâmetro de realização de VoiceP e o padrão seletional de vCAUSE. Nesse quadro, existem línguas, como o finlandês e o japonês, nas quais o núcleo VoiceP ocorre cindido de vCAUSE, isto é, *Agregação de VoiceP*<sup>5</sup> (em inglês, *Voice-bundling*). Também existem línguas, em que VoiceP é realizado junto ao vCAUSE, como no inglês, sendo esse padrão classificado como *Fusão de VoiceP* (em inglês, *Non-Voice-bundling*). Pylkkänen (2008) ainda explica que o vCAUSE possui três padrões seletcionais: i) vCAUSE c-seleciona uma raiz  $\sqrt{\quad}$ <sup>25</sup>, ii) vCAUSE c-seleciona um vP, e iii) vCAUSE c-seleciona um vP fásico. No primeiro padrão seletional, o vCAUSE seleciona categorialmente uma raiz ( $\sqrt{\quad}$ ) de categoria neutra. No segundo padrão, vCAUSE seleciona categorialmente um vP que não seleciona um argumento externo. Por fim, o padrão seletional vP fásico trata-se de uma estrutura mais articulada, capaz de relacionar um evento causador a uma fase. Esse padrão permite a combinação de um componente (como advérbios) a um argumento externo, trata-se de um padrão que não impõe restrições entre à raiz ( $\sqrt{\quad}$ ) e ao vCAUSE.

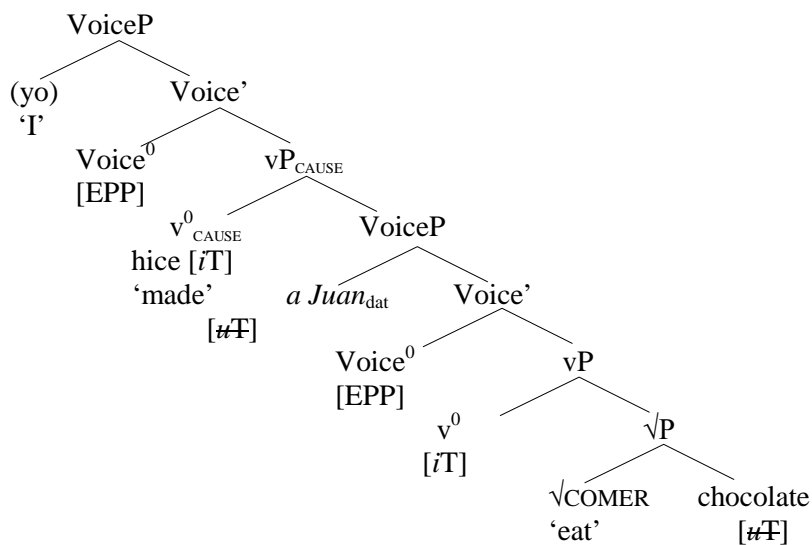
Blanco (2010, 2011), considerando a proposta de Pylkkänen (2002, 2008), examina as construções causativas no hiaki, no espanhol e no inglês. Blanco (2011) argumenta que, nas

<sup>24</sup> Adotaremos a terminologia traduzida para o português, proposta por Camargos (2013), para os termos originais em inglês.

<sup>25</sup> Adotaremos também a tradução de Camargos (2013) para os termos originais, em inglês, a saber: i) *Root-selecting Cause*, ii) *Verb-selecting Cause* e iii) *Phase-selecting Cause*.

causativas formadas com os verbos *hacer* e *make*, há a presença de vCAUSE e de VoiceP. A autora busca evidências para legitimar a adoção do padrão seletional fásico de vP e a realização de VoiceP e vCAUSE cindidos, tanto no espanhol e quanto no inglês:

- (19) FI  
*Le he hecho a Juan comer chocolate*  
 3s.D have(1S) made to John eat chocolate  
 ‘I made John eat chocolate’  
 ‘Eu fiz João comer chocolate’



(BLANCO, 2011, p. 240-241)

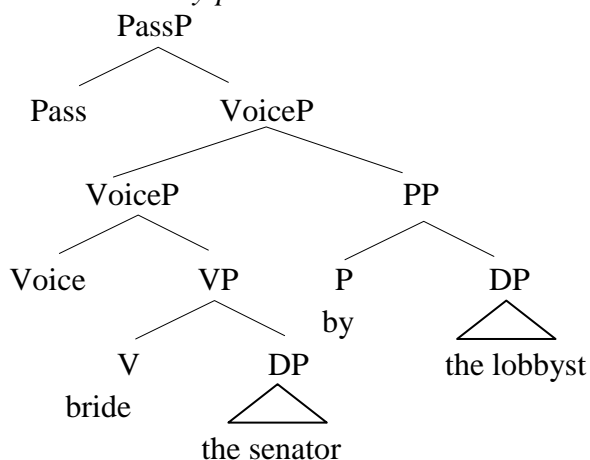
Blanco (2011) define a construção, em (19), como um exemplar de FI (*Faire-infinitive/Fazer-infinitivo*), formada com o verbo *hacer*, contendo o parâmetro *Agregação de VoiceP* e o padrão seletional vP fásico. Nessa análise, na composição das sentenças causativas analíticas em espanhol, VoiceP ocorre cindido de vCAUSE, sendo o VoiceP mais alto, responsável por projetar o argumento externo do verbo *hacer*. O VoiceP mais baixo, por sua vez, é projetado como um complemento de vCAUSE, sendo incorporado a v<sup>o</sup>, por VoiceP ter seus traços checados e valorados pelo v<sup>o</sup>CAUSE, o DP<sub>causado</sub> *a Juan* pode ser projetado na posição de especificador. Em nossa análise, adotamos como base a proposta de Blanco (2010, 2011) no que diz respeito ao padrão seletional de vP fásico, na formação das causativas no PB. Diante disso, assumimos que a estrutura da CSVT, no nível subjacente, apresenta uma seleção fásica, envolvendo dois vPs; um para projetar o verbo leve e outro para o verbo transitivo. Essa representação também envolve duas fases de VoiceP, uma acima de vP<sup>CAUSE</sup> e outra abaixo desse núcleo, para a projeção do argumento externo. Como veremos, mais adiante, a adoção dessa análise de Blanco (2010, 2011) torna-se fundamental na representação sintática do nível subjacente da CSVT, visto que permite a realização de uma

estrutura mais articulada, capaz de projetar todos os núcleos necessários para sua constituição. Além das análises desenvolvidas por Pylkkänen (2002, 2008) e por Blanco (2010, 2011), destacaremos também os trabalhos de Bruening (2013) e de Legate (2014) sobre a realização de VoiceP nas construções passivas.

Bruening (2013) e Legate (2014) investigam a relação de VoiceP com o *by-phrase*, isto é, o agente causado. Nesta seção, tratamos desses trabalhos, brevemente, mas são de suma importância, em nossa pesquisa, tendo em vista que nos fornecem condições para discutirmos o *by-phrase* nas causativas. Cabe ressaltar que esse argumento pode ou não ser realizado fonologicamente nas causativas. Partindo das análises de Bruening (2013) e de Legate (2014), observaremos o comportamento desse argumento, quando realizado, nas causativas. Passemos, então, a análise.

Bruening (2013), ao investigar a realização do *by-phrase* nas passivas em inglês, propõe que a presença desse argumento exige um tipo de argumento externo. Para Bruening (2013), esse argumento externo é introduzido por Voice, tornando-o indispensável nessa análise. O autor considera que, nas construções em que há a presença de *by-phrase* ou um PP para introduzir comitativo ou instrumento, é requerido, sintática e/ou semanticamente, um argumento externo. Nessa configuração, o *by-phrase* é realizado em posição de adjunto. Essa proposta de Bruening (2013) possibilita um novo olhar sobre a realização do *by-phrase* e sua relação com Voice:

- (20) The lobbyist bribe the senator (Voz Ativa)  
'O lobista subornou o senador.'  
(21) The senator was bribe by the lobbyist (Voz Passiva)  
'O senador foi subornado pelo lobista.'  
(22) Passiva com *by-phrase*



(Adaptado de BRUENING, 2013, p. 17)



Para Bruening (2013), o VoiceP é fundamental, uma vez que, é por meio desse núcleo funcional, que o argumento externo é introduzido. Em (22), o núcleo Pass é o local da passiva, em que VoiceP é selecionado, mas não há a projeção da posição de especificador. Isso ocorre em virtude de Pass selecionar apenas VoiceP e não uma projeção com todos os traços a serem valorados. O autor ainda explica que, se Pass fosse combinado com VoiceP, perderia as propriedades que permitem a seleção e a checagem de traços, resultando em uma derivação falha. Bruening (2013) esclarece também que o argumento externo só pode ser saturado, porque o *by-phrase* ocorre em posição de adjunção e não valora os traços do núcleo que está acima. Caso as regras fossem aplicadas, o resultado seria uma sentença agramatical, como *\*The lobbyist was bribed the senator* (\*O lobista foi subornado senador). Bruening (2013) explica que é impossível ocorrer *by-phrase* e um argumento externo em [Spec,VoiceP] ao mesmo tempo. Na estrutura com a projeção de VoiceP e com a realização de *by-phrase*, em posição de adjunto, não há nenhuma função que requeira um argumento individualmente. Assim, se houver qualquer DP em [Spec,VoiceP], ele não seria interpretado, já que não é selecionado categorialmente por nenhum predicador. Essa configuração exclui automaticamente uma sentença como: *\*The lobbyist bribed the senator by the CEO of Blackwater* (\*O lobista subornou o senador pelo CEO da Blackwater).

Como já mencionado, a proposta de Bruening (2013) torna-se ponto relevante em nossa análise, tendo em vista a necessidade de análise do PP, semelhante ao *by-phrase*, na CSVT. Diante disso, buscamos, com base em Bruening (2013), melhor compreensão de como o *by-phrase* ou PP com instrumento ou comitativo é adjungido para saturar a projeção de VoiceP. Para o autor, a diferença entre o *by-phrase* e o PP com instrumento ou com comitativo é que o *by-phrase* possui uma função semântica de saturar VoiceP. O instrumento ou comitativo, diferentemente, introduzem sua própria função semântica. Isso reflete o fato de instrumentos e comitativos poderem ser projetados, quando houver argumento em [Spec,VoiceP] e *by-phrase*, diferentemente, só ocorrer nas passivas. Para encerrar, o autor observa que como esses PPs são adjuntos, eles não são capazes de checar os traços de VoiceP. Assim, tanto o *by-phrase* como o instrumento ou comitativo podem ser associados a um mesmo VoiceP, porém somente um de cada tipo. Diante disso, destacamos a importância da análise de VoiceP, proposta de Bruening (2013), uma vez que é por meio desse núcleo que o *by-phrase* poderá ser realizado e saturar essa projeção, fortalecendo o caráter agentivo de *by-phrase*. No próximo capítulo, retomaremos como mais detalhes a análise de Bruening (2013), ao examinarmos a realização do PP na CSVT.

Outra discussão que coaduna com as análises citadas é a pesquisa desenvolvida por Legate (2014), ao examinar VoiceP em sentenças na língua achém<sup>26</sup>. A autora endossa a proposta de Pylkkänen (2002, 2008) e de Blanco (2009, 2011), ao assumir que o núcleo externo a VP possui dois domínios funcionais distintos. Nessa interpretação, Voice é responsável por introduzir o papel- $\theta$  do argumento externo e valorar Caso Acusativo, e o  $\nu$  é responsável por introduzir CAUSE.

Legate (2014) esclarece que os verbos inacusativos não possuem VoiceP, tendo em vista que esses verbos não selecionam um argumento externo. Como evidência disso, a autora toma dados do achenês para demonstrar morfologicamente essa propriedade. Nos verbos transitivos e inergativos, há a presença de um prefixo verbal, que é introduzido por Voice, em contrapartida, nos verbos inacusativos esse prefixo não é realizado:

- (23) Transitive (Transitiva)  
 Lôn ka lôn-jôk boh mamplam keu ureung inong nyan.  
 1SG PFV 1SG-give CL mango to person female DEM.  
 ‘I already gave the mango to the woman’  
 ‘Eu já dei a manga para a mulher’
- (24) Unergative (Inergativa)  
 Lôn lôn-duék ateueh kursi  
 1SG 1SG-site above chair  
 ‘I sat on the chair.’  
 ‘Eu sentei na cadeira’
- (25) Unaccusative (Inacusativa)  
 Lôn ka (\*lôn)-reubah.  
 1SG PFV 1SG- fall  
 ‘I fell.’  
 ‘Eu caí.’

(LEGATE, 2014, p. 30)

Legate (2014) reconhece dois tipos diferentes de Voice, a saber: i) Voice<sub>act</sub>, para introduzir voz ativa e ii) Voice<sub>pass</sub>, para introduzir voz passiva. A autora ainda explica que, como os verbos inacusativos não possuem VoiceP, eles não podem ser passivizados. Ao longo do desenvolvimento dessa análise, Legate (2014) também investiga a realização do *by-phrase* nas passivas:

- (26) a. Peurahô nyan geu-peu-ngop lé Hasan.  
 boat DEM 3POL-CAUS by Hasan.<sup>27</sup>  
 ‘The boat was sunk by Hasan.’  
 ‘O barco foi afundado por Hasan.’

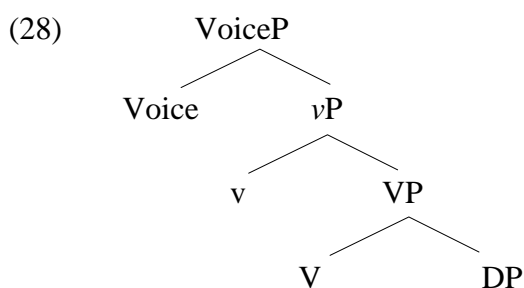
<sup>26</sup> Achém ou achinês, língua falada na Indonésia (do tronco austronésio).

<sup>27</sup> A glosa referente ao termo POL é: POL = polite (polido), de maior hierarquia que o falante.

- b. Peurahô nyan ngop (\*lé Hasan).  
 boat DEM sink by Hasan.  
 ‘The boat sunk (\*by Hasan).’  
 ‘O barco afundado (\*por Hasan).’
- (27) Lôn di-kap lé uleue nyan.  
 1SG 3FAM-bite by snake DEM<sup>28</sup>  
 ‘I was bitten by the snake.’  
 ‘Eu fui mordido pela cobra.’

(LEGATE, 2014, p. 40)

Legate (2014) observa que as passivas envolvem um Voice que introduz um DP cujo papel- $\theta$  é de iniciador<sup>29</sup>. Esse argumento é associado ao VoiceP em condições análogas à proposta de Bruening (2013). Legate (2014) também assume que *by-phrase* é um adjunto, em que a preposição *by* possui a função de atribuir papel- $\theta$  de iniciador ao DP complemento. A autora ainda postula que essa função de iniciador é associada semanticamente ao iniciador introduzido por Voice. No entanto, em função da realização morfológica do prefixo verbal em achenês, Legate (2014) prevê que Voice imponha restrições referentes aos traços, permitindo a associação, mas não a saturação, como previsto por Bruening (2013). Seguindo essa perspectiva, Legate (2014) propõe que uma passiva sem a presença do *by-phrase* está limitada a Voice como na representação em (28):

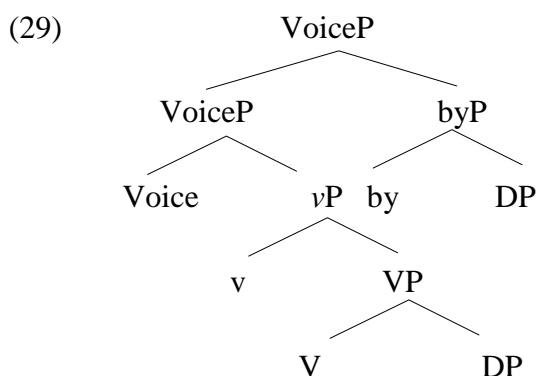


(Adaptado de LEGATE, 2014, p. 41)

Legate (2014) defende que a passiva contém um Voice que envolve existencialmente um iniciador. Essa relação possibilita explicar a presença de um agente implícito nas passivas. Quando esse argumento não é realizado, há uma representação como em (28). Em contrapartida, a passiva que envolve *by-phrase*, como no dado em (27), a preposição introduz papel- $\theta$  apropriado e facilita a ligação do DP complemento de *by* ao papel- $\theta$  associado a Voice:

<sup>28</sup> A glosa referente ao termo FAM é: FAM = familiar, de menor hierarquia que o falante.

<sup>29</sup> Legate (2014) adota uma visão mais ampla, na qual o iniciador é o papel- $\theta$  referente à posição de argumento externo, baseada em Ramchand (2008). Todavia, na literatura, há abordagens mais restritas que distinguem o argumento externo entre *agente* com os traços [+ animado, + volitivo e + intencional] e *causador* com os traços [- animado, - volitivo e - intencional].



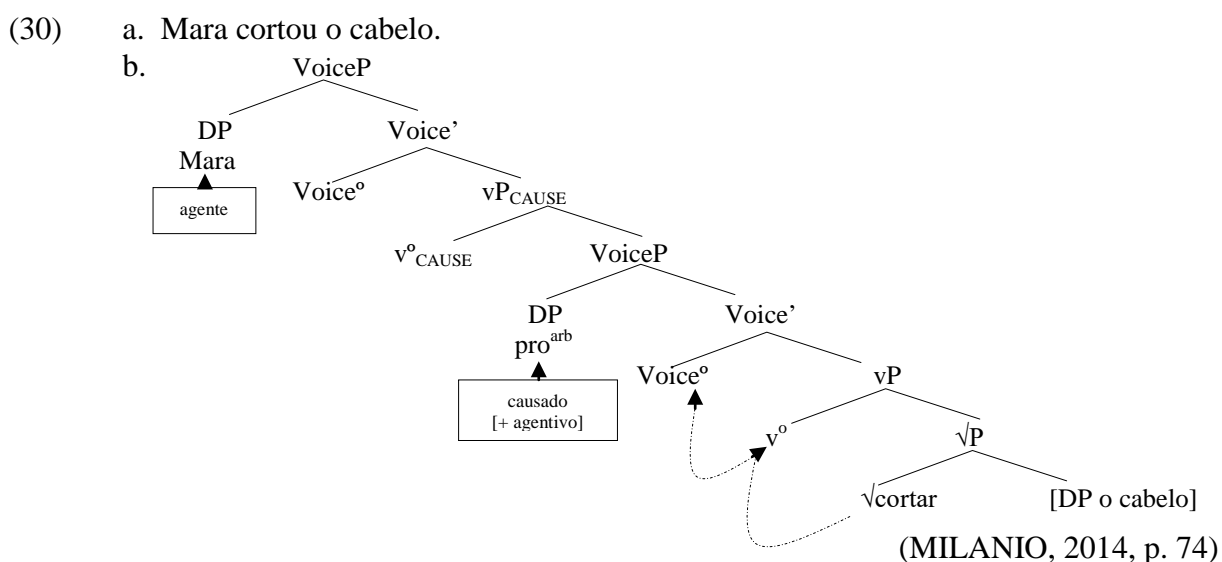
(Adaptado de LEGATE, 2014, p. 41)

Seguindo as análises de Bruening (2013) e de Legate (2014), é possível verificar que o Voice possui função essencial na introdução do argumento externo com função agentiva/iniciador. Vimos também que essas análises não só corroboram as propostas de Pylkkänen (2002, 2008) e de Blanco (2009, 2011), como trazem elementos que nos permitem um novo olhar sobre as construções causativas, sobretudo, a CSVT. Além de confirmarem a importância de VoiceP, Bruening (2013) e Legate (2014) prevêm uma reformulação na realização do *by-phrase*. Para esses autores, esse argumento ocorre em posição de adjunção cuja função semântica será associada ao VoiceP.

Considerando as análises desenvolvidas por Pylkkänen (2002, 2008), Blanco (2010, 2011), é possível observarmos como VoiceP e vCAUSE são realizados nas construções causativas e como esses núcleos funcionais introduzem o evento causador e o evento causado. As análises de Bruening (2013) e de Legate (2014), além de reforçarem a função de VoiceP, apontam para uma nova configuração condizente com a estrutura da CSVT. Como já dito, em nossa análise, assumiremos a proposta de Blanco (2010, 2011), em que VoiceP ocorre cindido de vCAUSE, e esse último apresenta padrão seletional vP fásico, possibilitando a introdução da oração encaixada. Como mostraremos, na seção a seguir, a CSVT possui, em nível subjacente, um estrutura mais expandida com dois VoiceP e dois vP, para abrigar todos os argumentos, porém como já observamos nem todos argumentos dessa estrutura são realizados fonologicamente. Além disso, como veremos no próximo capítulo, na relação entre VoiceP e *by-phrase*, há um componente semântico que será fundamental na interpretação da CSVT. Na próxima seção, discutimos a estrutura sintática da CSVT apresentada por Milanio (2014).

### 4.3. A Representação Sintática da CSVT

Com base nos pressupostos relativos à realização de VoiceP e de vCAUSE, abordaremos agora como as CSVTs são representadas sintaticamente, de acordo com análise esboçada por Milano (2014). Nessa análise, adotamos os núcleos funcionais postulados por Pylkkänen (2002, 2008), para explicarmos como as sentenças causativas são projetadas. Além disso, baseados na proposta de Blanco (2009, 2011), consideramos que as causativas do PB também apresentam o parâmetro *Agregação de VoiceP* e possuem padrão seletional de vP fásico. Fundamentados nisso, assumimos que as construções causativas analíticas, assim como o nível subjacente da CSVT, possuem um Voice<sup>o</sup> para introduzir o argumento externo, bem como requerem vPCAUSE. Na estrutura do subjacente da CSVT, vPCAUSE é nucleado pelo verbo leve *fazer*, sendo um instância que não é realizada fonologicamente na superfície (HORNSTEIN *et al.*, 2005). Reconhecemos ainda que, na CSVT, o vPCAUSE, por possuir um padrão seletional fásico, permite uma nova projeção para abrigar um Voice<sup>o</sup> mais baixo e introduzir o sujeito da sentença encaixada. Nessa interpretação, admitimos que, no nível subjacente, esse Voice abriga um DP pro<sup>arb</sup>, sendo um sujeito indeterminado com interpretação arbitrária, capaz de executar a ação expressa pelo verbo transitivo:



Na representação em (30), VoiceP é crucial, pois permite a manifestação do argumento externo projetado pelo DP (*Mara*), que ocupa a posição [Spec, VoiceP]. Esse DP é o argumento externo do verbo *fazer*, que é um verbo leve, como dito anteriormente, trata-se de uma instância que não é realizada fonologicamente na superfície. Além disso, visando abrigar todos os eventos contidos nessa construção, a presença do núcleo causativo v<sup>o</sup> CAUSE

torna-se fundamental. Em (30), vCAUSE está relacionado ao DP (*Mara*), identificado como causador do evento (*fazer*) e é responsável por desencadear a ação subsequente expressa pelo verbo transitivo (*cortar*). Nessa estrutura, v<sup>0</sup> CAUSE toma outra fase, VoiceP, como complemento. A posição de [Spec, VoiceP] mais baixo é preenchida por um elemento nulo, sendo uma posição de argumento externo de referência arbitrária, (i.e. pro<sup>arb</sup>). Portanto, nessa proposta, tanto o argumento externo, realizado como pro<sup>arb</sup>, quanto o vCAUSE, núcleo do VoiceP abaixo de vPCAUSE, não são realizados fonologicamente.

Ao recapitularmos as análises comentadas até aqui, é possível observar que a concha VP de Larson (1988) e as revisões desenvolvidas por Hale e Keyser (1993, 2002) e por Hornstein *et al.* (2005) constituem a essência que engendra a formação da construção causativa no PB. Em nosso trabalho, o licenciamento das construções causativas envolve uma estrutura predicativa complexa. A análise da CSVT, de acordo com a hipótese apresentada por Milano (2014), é consonante com o quadro teórico, proposto por Hornstein *et al.* (2005), pois a CSVT, no nível subjacente, possui vP, nucleado pelo verbo leve *fazer*, sendo uma instanciação não realizada fonologicamente na superfície.

Na representação do nível subjacente da CSVT, consideramos também a análise de Pyllkänninen (2008, 2008) e, sobretudo, de Blanco (2009, 2011), ao assumirmos o padrão seletional fásico de vP, além de VoiceP e vCAUSE realizados de forma cindida. Pautados nesses estudos, reconhecemos que esse padrão de realização de VoiceP e de vCAUSE permite-nos explicar a estrutura das construções analíticas, bem como o licenciamento da CSTV no PB. Diante do exposto, continuamos sustentando que a CSVT trata-se de uma estrutura, que embora na superfície seja uma construção simples, em um nível subjacente, possui uma construção compatível com a causativa analítica, na qual vPCAUSE e o VoiceP, projetado logo abaixo, não são realizados fonologicamente.

Na seção a seguir, revisaremos brevemente a proposta precursora sobre incorporação, postulada de Baker (1988), para investigarmos o comportamento das construções causativas. Destacaremos ainda a ampliação dessa proposta desenvolvida por Guasti (1991, 1996 e 2005), que analisa a incorporação verbal em línguas românicas, assim como a proposta de Zushi (1995, 2001). A discussão dessas análises possibilitará um melhor entendimento da relação de complementação verbal nas construções causativas.

#### 4.4. A Incorporação Verbal nas Construções Causativas Analíticas

Nesta seção, discutiremos a noção de complementação nas construções causativas, buscaremos analisar essa relação à luz da teoria sobre incorporação verbal. A incorporação é um fenômeno amplamente estudado pela Teoria Gerativa. Baker (1988) desenvolveu o trabalho pioneiro sobre esse processo sintático, promovendo bastante impacto na teoria. De acordo com Baker (1988, p. 1), a incorporação, via de regra, refere-se:

aos processos pelos quais uma palavra independente semanticamente ocorre “dentro” de outra. A incorporação, por sua vez, revela-se não mais do que o resultado da aplicação de regras transformacionais de movimento a palavras e não a sentenças completas.<sup>30</sup> (BAKER, 1988, p. 1 – tradução nossa)

Por exemplo, o processo de incorporação nominal (IN)<sup>31</sup> envolve uma construção gramatical, na qual um nome, comumente, com função de objeto, incorpora-se ao verbo, formando um amalgamado de morfemas. Para explicar essa relação, o autor desenvolve um trabalho translinguístico, analisando, sobretudo, a IN, forma mais prototípica desse processo. O autor explica que os processos de mudança de função gramatical são compreendidos como uma instância de incorporação, na qual pode ser considerada uma instância específica da regra geral *Mover- $\alpha$* .

O trabalho seminal de Baker (1988) sobre IN colaborou para o desenvolvimento de inúmeras pesquisas relevantes para o avanço da teoria, bem como permitiu a análise de incorporação sintática em várias línguas, como é o caso da proposta desenvolvida por Saraiva (1997) sobre dados do PB. Partindo dessa abordagem, a autora investiga a incorporação de SN nu objeto em construções do PB, comparando dados compostos por V+N (“Vou fazer empadinha” e “Buscar menino na escola”) às expressões lexicalizadas (“dar banana, dar bola”, etc.). A autora, seguindo a proposta de Baker (1988), considera que as sentenças V+N estão relacionadas à Incorporação Sintática, uma vez que, “não formam um vocábulo único do ponto de vista morfológico” (SARAIVA, 1997, p. 142). Em nossa pesquisa, também analisaremos o fenômeno de incorporação sintática, sobretudo, os postulados referentes à incorporação verbal (IV)<sup>32</sup> nas construções causativas.

Segundo Baker (1988), a IV é um fenômeno mais complexo que a IN, pois se trata de um processo morfológico e sintático. Para investigar esse processo, Baker (1988) analisa

---

<sup>30</sup> “incorporation process, meaning processes by which on semantically independent word comes to be “inside” another. Incorporation in turn proves to be no more than the result of applying standard movement transformations to words rather than to full phrases.”

<sup>31</sup> *Nou Incorporation*, em inglês.

<sup>32</sup> *Verb Incorporation*, em inglês.

línguas distintas, como o inglês e o chichewa (da família Bantu), estabelecendo diferenças paramétricas relacionadas às construções causativas:

- (31) a. The Bill made his sister leave before the movie started.  
 ‘O Bill fez sua irmã sair antes do filme começar.’  
 b. The goat made me break my mother’s favorite vase.  
 ‘A cabra me fez quebrar o vaso favorito da minha mãe.’
- (32) a. *Mtsikana ana-chit-ist-a kuti mtsuko u-gw-e.* (Chichewa)  
 girl AGR-do-make-ASP that waterpot AGR-fal-ASP  
 ‘The girl made the water pot fall.’  
 ‘A menina fez o pote de água cair’
- Aphunzitsi athuthu ana-chit-its-a kuti mbuzi zi-dy-e udzu.*  
 teachers our AGR-do-make-ASP that goats AGR-eat-ASP grass  
 ‘Our theachers made the goats eat the grass.’  
 ‘Nossos professores fizeram as cabras comerem a grama.’
- (BAKER, 1988, p. 147-148)

A sentença em (31), em inglês, é um período composto, em que a oração encaixada funciona como um argumento da oração matriz; a causativa, em (32), por seu turno, é uma forma simples. Ao cotejar esses dados, Baker (1988) esclarece que, na IV, há o alçamento de  $V^0$  em direção ao verbo da oração matriz, porém, em função das diferenças translinguísticas, o tratamento dessas construções deve ser distinto. Nos dados, em inglês, assim como nas causativas de línguas românicas, o verbo causativo e o complemento verbal continuam sendo itens lexicais separados morfológicamente. Em línguas como chichewa, diferentemente, o verbo forma um amalgamado, envolvendo um predicado morfológicamente complexo. O autor postula que, nas línguas com causativas morfológicas, há a incorporação formando uma amálgama; em línguas como o inglês e em línguas românicas, em contrapartida, ocorre uma incorporação ABSTRATA ou REANÁLISE (BAKER, 1988, p. 222):

- (33) a. [ $\gamma_P$  . . . [ $X_i+Y$ ]  $\gamma$  . . . [ $\gamma_P T_i$  . . .]]  
 b. [ $\gamma_P$  . . .  $Y_i$  . . . [ $XP X_i$  . . .]]

Em (33a), há a ilustração da incorporação regular, na qual se forma um complexo verbal referente à incorporação morfológica. Em (33b), por meio da aplicação da regra Mover- $\alpha$ , os dois  $V^0$  ocorrem juntos na FL (Forma Lógica), mas não ocorrem juntos na sintaxe, impossibilitando comprovar a incorporação morfológica, nesse tipo de construção. Assim, na superfície, a ordem das palavras é explicada em razão do movimento de VP mais



baixo para a posição [Spec, CP], estando em conformidade com o Corolário de Transparência de Regência, postulado por Baker (1988, p. 64)<sup>33</sup>. Essa postulação que permite que o V<sup>0</sup> mais alto governe o argumento interno do V interior e atribua Caso, bem como atribua (cheque) Caso dativo do argumento externo.

Em relação a essa questão de atribuição de Caso nas construções causativas, cabe um debate mais aprofundado, tendo em vista que Baker (1988) propõe que a posição de argumento externo da oração encaixada receba Caso dativo. Entretanto, tomando por base os trabalhos de Vitral (1987), de Gonçalves e Duarte (2001) e de Lima-Salles e Pilati (2014), veremos que as construções causativas, no PB, estão em desacordo com a proposta de Baker (1988). Para esses autores, o argumento externo da oração encaixada, em função de suas propriedades sintáticas, recebe Caso Nominativo (VITRAL, 1987, GONÇALVES e DUARTE, 2001 e LIMA-SALLES, 2014). Diante da incompatibilidade de análise, buscaremos aprofundar essa discussão no próximo capítulo.

Em síntese, Baker (1988) postula que, nas causativas morfológicas, o morfema que manifesta a causação, por meio da aplicação da regra Mover- $\alpha$ , é alçado para o núcleo verbal e forma um único item lexical, amalgamado na superfície. Na causativa analítica, por sua vez, a aplicação da IV ocorre apenas na LF, expressando dois verbos distintos. Guasti (1991, 1996, 2005), apesar de seguir os moldes da proposta de Baker (1988), argumenta que a IV também ocorre na superfície nas causativas analíticas românicas. A autora analisa um vasto conjunto de dados de línguas românicas, como o italiano, o francês e o Português Europeu (PE), para explicar que, nas causativas analíticas, ocorre o processo de incorporação e de excorporação. Guasti (1991, 1996, 2005) defende que, nessas construções, quando o complexo verbal ocorre separado, há manifestação do fenômeno de excorporação, que é uma outra instância de movimento de núcleo, postulada por Roberts (1991). Fundamentada nessa relação, a autora considera que as causativas românicas permitem a excorporação do núcleo causativo, em um processo posterior à formação do complexo verbal, derivado do processo de incorporação. Partindo da proposta desenvolvida por Guasti (1991, 1996, 2005), examinaremos a aplicação desses processos nas construções causativas do PB, tendo em vista que se trata de línguas que compartilham a mesma origem.

Guasti (1996) compara dados da língua arberesca, um subtipo da língua albanesa, a dados do italiano:

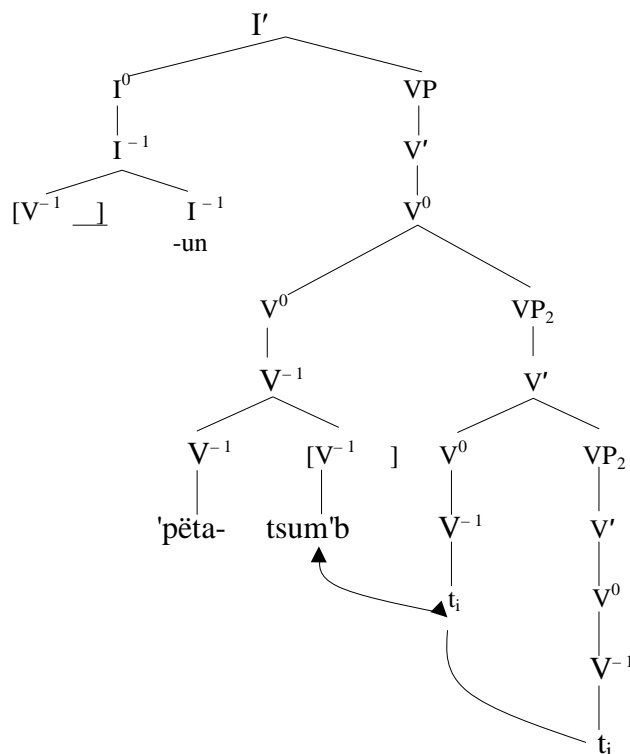
---

<sup>33</sup> O princípio COROLÁRIO DE TRANSPARÊNCIA DE REGÊNCIA (GOVERNMENT TRANSPARENCY COROLLARY) prevê que “Uma categoria lexical que possui um item incorporado nele rege tudo o que o item incorporado regeu em sua posição estrutural original” estendendo, assim, o domínio de regência.

- (34) Diymbrët ' pëta'tsum'bun 'cenën. (Arberesco)  
 the children CAUS-jump-PERF-3PL dog-ACC  
 'The children made the dog jump.'  
 'A criança fez o cachorro saltar.'  
 (GUASTI, 1996, p. 210)
- (35) I bambini facevano saltare *il cane*.  
 the children made jump the dog  
 'The children made the dog jump.'  
 'A criança fez o cachorro saltar.'  
 (GUASTI, 1996, p. 212)

A sentença, em (34), ilustra um exemplo de causativa morfológica em arberesco; trata-se de uma forma simples, em que o morfema *pëta* é o núcleo da matriz verbal, o verbo *tsum'b* (saltar), por sua vez, é gerado no núcleo do verbo causativo. Segundo a autora, esses dois núcleos são agregados na superfície, por meio de movimentos dos núcleos, formando um complexo verbal, um amalgamado. Em (35), trata-se de uma causativa analítica, na qual o verbo causativo *faceva* (fazer) e o verbo infinitivo *saltare* (*saltar*) são dois itens lexicais morfológicamente independentes, mas que formam um complexo verbal, segundo a autora. Guasti (1996) ainda destaca que Baker (1988) reconhece que a causativa morfológica é um *afixo lexical* e, na causativa analítica, o verbo é morfológicamente uma raiz. Diante disso, a autora propõe que essas construções são duas entidades da categoria  $V^{-1}$ , que carregam diferentes propriedades. Para Guasti (1996), ambos os afixos, tanto infinitivo quanto lexical (causativo), engatilham incorporação, sendo representados em  $X^{-1}$ . Esses afixos, em virtude de suas propriedades lexicais, possuem uma projeção na sintaxe de subcategorização morfológica, para abrigar a incorporação. Assim, toda vez que o núcleo  $X^0$  projeta  $X^{-1}$  preenchido por um afixo, automaticamente, uma projeção será gerada, para abrigar o item incorporado  $Y^{-1}$ . Esse movimento de núcleo será uma instância que comportará a combinação de dois núcleos. A raiz será diferente do afixo, uma vez que não seleciona um  $Y^{-1}$ , pois se trata de uma propriedade de afixos sozinhos, sendo a raiz selecionada por afixos. Se por um lado, Baker (1988) prevê que o complemento causativo é um VP com estrutura de minioração (*small clause*) na posição mais alta do núcleo verbal; por outro lado, Guasti (1996) argumenta que é um afixo causativo que seleciona uma raiz  $V^{-1}$ , sendo projetado na sintaxe. Observe a representação da causativa morfológica, proposta por Guasti (1996, p. 216):

(36)



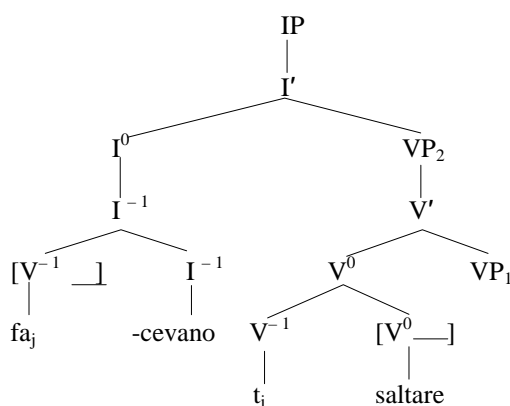
(GUASTI, 1996, p. 216)

Guasti (1996), por meio da representação acima, assume que, na causativa morfológica, o complexo  $V^{-1}$  é constituído por dois  $V^{-1}$  e, apesar de parecer semelhante a uma estrutura de adjunção, é resultante de um movimento de substituição. De acordo com a autora, cada  $V^{-1}$  é uma categoria distinta, que forma um núcleo complexo. Ao descrever a formação da causativa analítica em italiano (cf. 35 e 37), Guasti (1996) postula que, nessa construção, há um núcleo verbal infinitivo, em que o morfema infinitivo é inserido abaixo do núcleo VP. Nessa representação, o verbo causativo é gerado no núcleo de VP e alçado para o núcleo verbal mais alto para ser amalgamado ao morfema infinitivo. Além disso, o núcleo causativo em italiano não possui afixo morfológico, visto que não pode subcategorizar um  $X^{-1}$ . Contudo, isso não impossibilita que esse núcleo apresente propriedades de subcategorização, já que seleciona um item morfológicamente bem formado, isto é,  $\text{Inf}^0$  (infinitivo). Portanto,  $\text{Inf}^0$  desencadeia a incorporação do verbo infinitivo nele. A autora conclui que tanto a causativa morfológica como a analítica são derivadas de incorporação sintática. No entanto, na forma analítica, após a incorporação de  $\text{Inf}^0$ , a raiz causativa sofre o processo de excorporação e alça para a raiz sozinha para se fundir ao morfema infinitivo.

Segundo Guasti (1991, 1996), a excorporação faz-se necessária para explicar o fato de o verbo causativo e de o verbo infinitivo serem itens lexicais morfológicamente independentes, o que é propriedade fundamental da causativa analítica. A partir desse

processo, torna-se possível a combinação do morfema infinitivo ao núcleo causativo, formando um predicado complexo:

(37)



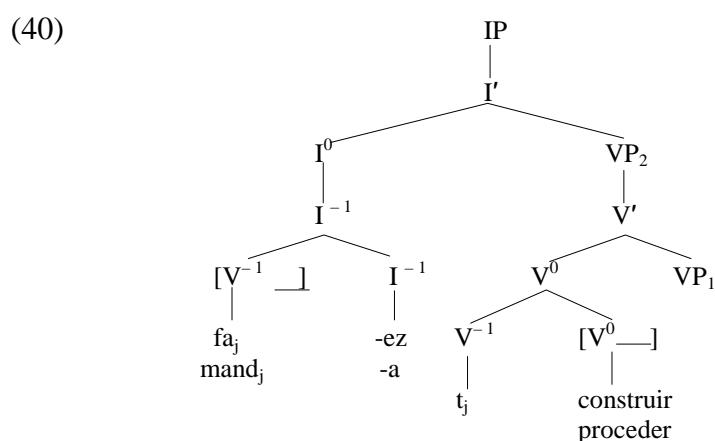
(GUASTI, 1996, p. 219)

Guasti (1991, 1996, 2005) argumenta que, na causativa analítica, o processo de incorporação é requerido pelas propriedades lexicais do núcleo causativo e pelas propriedades morfológicas do núcleo causativo. A excorporação, por sua vez, é uma exigência do afixo infinitivo, conforme é evidenciado na representação em (37). Tomando por base a proposta de Guasti (1991, 1996, 2005), torna-se possível descrevermos o processo de formação das construções causativas do PB. Retomemos os dados, seguir:

- (38) a. [...] Elle tinha entrado no Rio em hum Calambeck, que **fez** *construir* em Santa Catharina [...] (Carta de comércio 04, período moderno, grifo nosso)  
 b. [...] para a Devassa a que **manda** *proceder* o dito Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor General pela sua Portaria ao diante junta, datada de doze do corrente mês, [...] (Carta Denúncia, p. 88, português moderno, grifo nosso).
- (39) a. O assaltante atingido **deixou** *cair* um celular, que tocou minutos depois.  
 b. Por questões de segurança, à noite só **deixamos** *entrar* mensalistas.  
 (CB, português contemporâneo)

Em (38), temos causativas analíticas encontradas no português moderno e, em (39), no português contemporâneo. Como é possível observar, essas construções são resultantes de um complexo verbal. O dado, em (38a), o sujeito da oração matriz é um sujeito implícito, mas pode ser identificado pela desinência verbal. Em (38b), há também a formação de um complexo verbal, mas como é possível verificar, ao ocorrer o alçamento desse complexo, o sujeito da oração matriz, na superfície, é realizado posposto ao complexo verbal. Isso evidencia a aplicação da regra de movimento de incorporação e de excorporação, permitindo que os núcleos verbais sejam alçados e que o sujeito fique posposto ao complexo verbal, na superfície. Em contrapartida, em (39), o sujeito da oração encaixada ocorre posposto ao verbo

infinitivo, evidenciando novamente os processos de incorporação e de excorpoação. Observe a representação das sentenças, em (40), que pode ser aplicada às construções causativas, em (38)-(39), que envolvem o processo de incorporação e de excorpoação:



Ao adotarmos a análise de Guasti (1991, 1996, 2005), assumimos que nas construções causativas analíticas, no PB, também ocorre processos assemelhados àqueles que têm lugar nas línguas românicas. Seguindo a representação em (40), observamos que no PB, tanto no período moderno quanto no período contemporâneo, o núcleo verbal infinitivo é projetado abaixo de VP e o verbo causativo (*fazer*, *mandar* e *deixar*) é gerado no núcleo de VP e é alçado para I, formando um complexo verbal. Ainda nesse processo, após a incorporação de  $\text{Inf}^0$ , a raiz causativa engatilha a excorpoação, sendo alçada para possibilitar a fusão ao morfema infinitivo (*construir*, *proceder*, *cair* e *entrar*, respectivamente), formando um amalgamado.

Resumindo, reconhecemos que as construções analíticas do PB compartilham propriedades com outras línguas românicas e assumimos, com base em Guasti (1991, 1996, 2005), que essas construções são caracterizadas por meio do processo de incorporação e de excorpoação. Nessa abordagem, o núcleo causativo sofre um processo de incorporação em função de suas propriedades sintáticas. O processo de excorpoação, diferentemente, é requerido para atender propriedades de subcategorização do afixo infinitivo, bem como para satisfazer as propriedades morfológicas do núcleo causativo, possibilitando a formação do complexo verbal.

A adoção da proposta de Guasti (1991, 1996, 2005) permite-nos compreender a formação das construções causativas analíticas do PB cuja estrutura não há nenhum material realizado fonologicamente entre o verbo causativo e o verbo infinitivo. Entretanto, conforme é possível observar nos dados do PB contemporâneo, a seguir, essa proposta não nos permite

explicar as seguintes construções causativas, que apresentam o argumento externo do verbo infinitivo realizado fonologicamente:

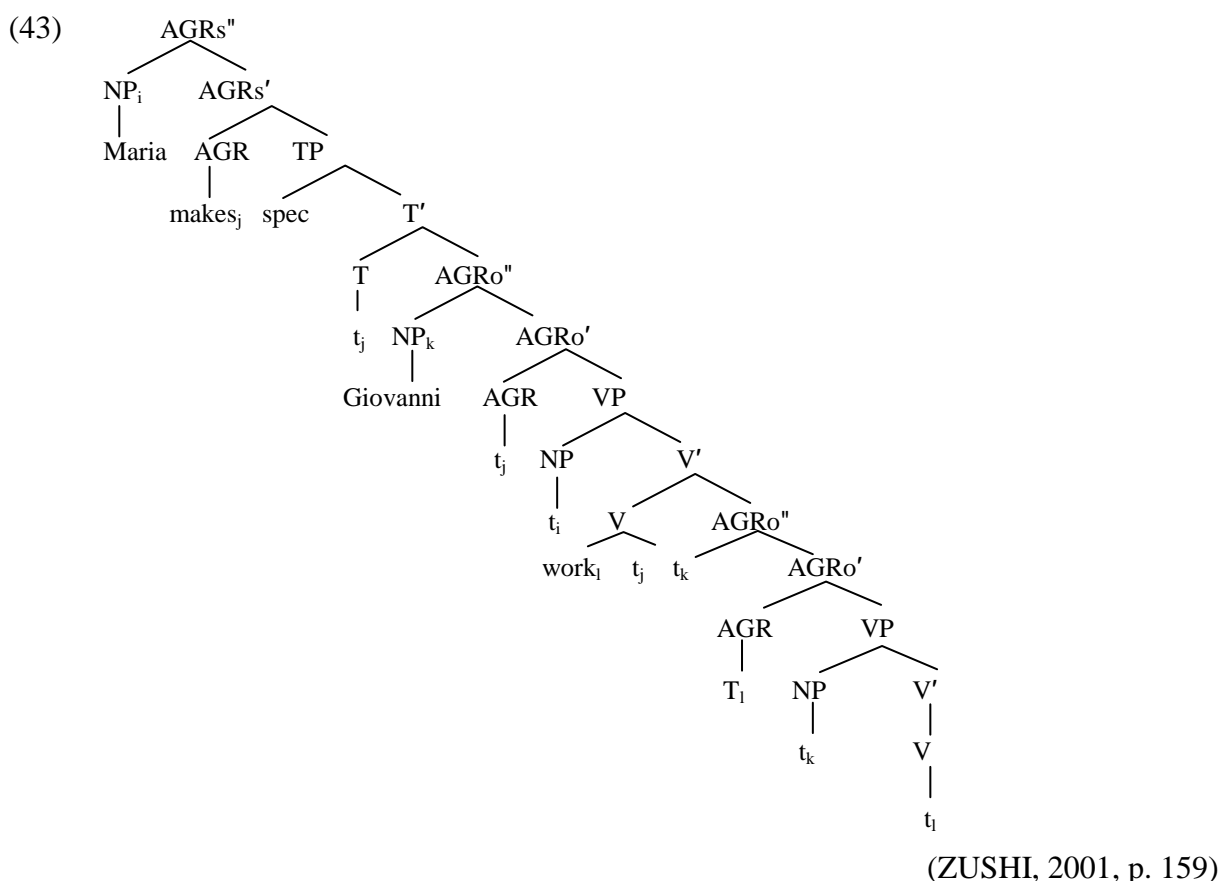
- (41)
- a. Eles **fizeram** minha mulher *preencher* um cheque de R\$ 50 para encher o tanque do carro .
  - b. A mudança **fez** a Telemig *oferecer* serviços à empresas, que permitiram ampliar sua receita.
  - c. Eles **mandaram** a gente *deitar* no chão e disseram que não tinham nada contra nós, que era com a polícia [...]
  - d. [...] a convicção de que Fernando Henrique **deixou** a inflação *subir*, [...]
- (CB, português contemporâneo)

Conforme discutimos, no capítulo 2, a causativa analítica acima é a forma mais prevalente no PB contemporâneo. Essa construção não foi encontrada nos dados do português moderno e não parece compartilhar as mesmas propriedades das causativas analíticas em outras línguas românicas, considerando a análise desenvolvida por Guasti (1991, 1996, 2005). Ao reconhecermos essa diferença, seguiremos a proposta de Zushi (1995, 2001), para analisarmos esse tipo de construção. Zushi (1995, 2001) investiga dados do italiano, apresentados por Guasti (1991, 1996, 2005), e os compara a dados do inglês, propondo uma reanálise do processo de excorporação verbal. Para Zushi (1995, 2001), o verbo causativo não pode ser excorporado, após ser movido para  $X^0$ , em função do verbo causativo e do verbo infinitivo ocorrerem separados. Essa relação fica ainda mais evidente com a inserção do advérbio, em (42b):

- (42)
- a. Maria fa lavorare Giovanni.  
Maria makes work Giovanni.  
'Maria makes Giovanni work'  
'Maria faz Giovanni trabalhar'
  - b. Maria fa spesso riparare la macchina a Gianni.  
Maria makes often repair the car to Gianni  
'Maria often makes Gianni repair the car'  
'Maria faz muitas vezes Gianni consertar o carro'
- (Guasti 1991 *apud* ZUSHI, 1995, p. 171)

Zushi (1995, 2001) destaca o fato de Guasti (1991, 1996, 2005) postular que nas causativas analíticas ocorra a incorporação e o verbo causativo requerer a excorporação, para formar um complexo verbal, mas não constituam um único item lexical, como ocorre nas causativas morfológicas. Além disso, com base em Roberts (1991), Zushi (1995, 2001) defende que a excorporação só é justificada em razão da checagem de traços. Diante disso, a autora defende a adoção de AgrP para a oração encaixada, em vez ser projetada em VP, como

proposto por Guasti (1991, 1996, 2005). Zushi (1995, 2001) ainda postula que o processo de excorporação, nas causativas analíticas, envolve a adjunção do verbo mais baixo (infinitivo) ao verbo matriz, e não a substituição, tal como defendido por Guasti (1991, 1996, 2005). Partindo dessa explicação, Zushi (1995, 2001) propõe a seguinte representação sintática para as causativas analíticas:



Zushi (1995, 2001) esclarece que, em (43), o verbo mais baixo é incorporado ao verbo matriz e, então, o verbo matriz é excorporado do complexo verbal para se adjungir a AGR-s. Para a autora, a excorporação é necessária, para que o verbo matriz possa checar traços de AGR e de T. Zushi (1995, 2001) ainda argumenta que o verbo mais baixo não precisa ser movido junto com o verbo matriz, visto que ele não precisa ter seus traços checados. Esse processo não ocorre nas causativas morfológicas, pois as propriedades do morfema do verbo causativo e do afixo fazem necessário um suporte morfológico.

Seguindo a análise Zushi (1995, 2001), assumimos que os dados do PB, em (41), apresentam condições semelhantes à representação, em (43), envolvendo um processo de incorporação e de excorporação. Além disso, conjecturamos também que as distintas estruturas das causativas analíticas, no PB, refletiram no processo de formação da CSTV.

Diante do exposto, baseando-nos nas abordagens de Baker (1988), de Guasti (1991, 1996, 2005) e de Zushi (1995, 2001), concluímos que os dados do PB parecem apresentar dois tipos de causativas analíticas, saber:

- Tipo 1 (+ amalgamada): o verbo infinitivo é projetado abaixo de VP e o verbo causativo é o núcleo de VP, há a subida desse verbo para I, formando um complexo verbal. Após a incorporação, a raiz causativa sofre a excorporação e alça para ser fundida ao morfema infinitivo, formando um complexo verbal, um amalgamado (GUASTI, 1991, 1996, 2005).
- Tipo 2 (- amalgamada): o verbo infinitivo é incorporado ao verbo matriz, logo após, o verbo matriz sofre a excorporação do complexo verbal, para se adjungir a AGR. O verbo infinitivo não é alçado, sendo projetado em VP (ZUSHI, 1995, 2001).

Essa relação de construções causativas [+/-] amalgamadas é consonante com a hipótese de Fleischman (1982), conforme discutimos no capítulo anterior, revelando a competição entre formas sintéticas e formas analíticas. Esse cenário permite-nos constatar que essas diferenças na formação das construções causativas são evidências de que as causativas analíticas tipo 1 e tipo 2 coexistem ao longo do tempo. Essas propriedades ainda revelam que as construções causativas analíticas estão expostas a regras de movimento distintas. Por fim, foi possível verificar que as construções causativas podem apresentar diferenças na sua constituição sintática na LF, assim como na superfície.

#### **4.5. Resumo do Capítulo**

Este capítulo apresenta, brevemente, a concha vP, mecanismo sintático que possibilita a formação de construções com predicados complexos. Essa discussão é de suma importância para nossa pesquisa, uma vez que se torna possível projetar o verbo leve, por meio da concha vP, ainda que, na análise da CSVT, esse verbo não seja realizado fonologicamente.

Vimos também que, embora na superfície a CSVT seja sintética, consideramos que, no nível subjacente, trata-se de uma estrutura complexa compatível com a causativa analítica. Nesse contexto, a representação sintática da CSVT requer dois VoicePs: um para abrigar o



argumento externo do verbo leve *fazer* e outro para abrigar um sujeito indeterminado,  $pro^{arb}$ , bem como necessita de vPs: vPCAUSE, mais alto, projeta o verbo leve e vP, mais baixo, projeta o verbo infinitivo. Por fim, abordamos também a proposta de VoiceP associado semanticamente ao *by-phrase* nas passivas. Nas causativas, esse argumento, quando realizado fonologicamente, parece apresentar condições semelhantes ao *by-phrase*.

Além disso, ao analisarmos o comportamento das causativas no PB, observamos dois tipos de causativas analíticas. Embora ambos os tipos envolvam os processos de incorporação e de excorporação (BAKER, 1988, GUSTI 1991, 1996, 2005 e ZUSHI, 1995, 2001), essas formas no PB apresentam, na essência, configurações distintas: i) causativa [+ amalgamada], formando um complexo verbal e ii) causativa [- amalgamada], em que pode ter o sujeito da oração encaixada realizado entre o verbo causativo e o verbo infinitivo.

No próximo capítulo, descreveremos as propriedades sintáticas específicas da CSVT, discutindo a atribuição de Caso ao sujeito da oração encaixada, bem como a relação dos possessivos presentes nessa construção. Por fim, faremos um paralelo do PP que introduz o agente, na CSVT, com o agente da passiva.

## 5. ESPECIFICIDADES DA ANÁLISE DAS CSVTs

No capítulo anterior, discutimos o processo de formação das causativas, analisando os núcleos que constituem a construção analítica e, sobretudo, a CSVT. Discorreremos, brevemente, sobre a concha verbal e ainda examinamos os núcleos funcionais VoiceP e vPCAUSE. Por fim, investigamos a questão de incorporação e de excorporação verbal, relacionadas às construções causativas. Ao desenvolvermos essa análise, percebemos a necessidade de tratarmos de questões pontuais concernentes à CSVT, na busca de uma caracterização mais refinada dessa construção.

No presente capítulo, examinaremos, inicialmente, a valoração de Caso ao argumento externo da oração encaixada, considerando os postulados de Chomsky (1981), de Raposo (1987) e de Vitral (1987) e, em análises pautadas a partir do programa de pesquisa minimalista, partindo de Gonçalves e Duarte (2001) e de Lima-Salles e Pilati (2014). Verificaremos ainda como ocorre o processo de correferência entre o pronome possessivo e o argumento externo na CSVT. Para tal análise, pautar-nos-emos nos estudos sobre construções com possessivo desenvolvidas por Guerón (1992), por Le Bruyn (2014) e por Torres Morais e Lima-Salles (2014), bem como investigaremos o contexto de possessivo nulo e a realização do DP definido, com base em Floripi e Nunes (2009).

Averiguaremos ainda as propriedades do PP cuja função é introduzir o agente causado, reconhecido também como agente indireto. Esse argumento é comparado ao *by-phrase*, nos dados do PB. Visando estabelecer a caracterização desse PP, analisaremos sua função, nas construções causativas, a partir de Jaeggli (1986) e de Collins (2005), referente às passivas, bem como a ampliação desse estudo aplicado a dados do PB, proposto por Negrão *et al.* (2013). Tomando por base essas análises, proporemos uma revisão na representação sintática do nível subjacente da CSVT, seguindo as propostas de Bruening (2013) e de Legate (2014).

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, tratamos sobre a valoração de Caso ao argumento externo da oração encaixada. Na segunda seção, apresentamos as análises das construções possessivas e o contexto de possessivo nulo, e examinaremos esses fenômenos nas construções causativas. Na terceira seção, analisamos o

comportamento do PP *by-phrase* e o comparamos ao PP presente na CSVT. Na última seção, apresentamos a síntese do capítulo.

### 5.1. O Caso do Sujeito da Oração Encaixada

A Teoria de Caso, proposta por Chomsky (1981), refere-se à atribuição de Caso abstrato, bem como sua eventual realização morfológica. Chomsky (1981) propõe que o inglês e línguas com padrão similar apresentam o paradigma Nominativo-Acusativo. Nesse padrão, a atribuição de Caso ocorre da seguinte maneira: sujeito de sentença finita recebe *Caso Nominativo*; o objeto do verbo recebe *Caso Acusativo* e o objeto de preposição recebe *Caso dativo* (ou oblíquo<sup>34</sup>). Ao descrever a Teoria de Caso, Chomsky (1981) formaliza o princípio chamado de *Filtro de Caso*<sup>35</sup>, que prevê que todo DP realizado fonologicamente, que não possua marca Casual, deve ser excluído pela gramática. Ainda em relação ao Filtro de Caso, Chomsky (1981) analisa a atribuição de Caso ao sujeito da oração encaixada e postula a noção de ECM.

Considerando os postulados de Chomsky (1981), Raposo (1992) esclarece que construções com ECM estão relacionadas a um número restrito de verbo. Observe os seguintes exemplos (RAPOSO, 1992, p. 375):

- (1) a. Bill believes [John to be a fool].  
 ‘Bill acredita que John é um tolo.’  
 b. O Luís deixou [as crianças sair de casa].  
 c. It is illegal [<sub>CP</sub> for [<sub>IP</sub> the president to pass that law]].  
 ‘É legal para o presidente aprovar essa lei.’

(RAPOSO, 1992, p. 375)

Nas sentenças acima, em (1a)-(1b), os DPs *John* e *as crianças* são reconhecidos como sujeito temático da oração subordinada, em (1c), por sua vez, o sujeito da oração encaixada é introduzido pela preposição. Nas duas primeiras sentenças, os DPs realizados na posição de sujeito da oração encaixada recebem Caso Acusativo, e, na última sentença, recebe Caso Oblíquo. Segundo Raposo (1992), as sentenças, em (1a)-(1b), possuem Caso marcado

<sup>34</sup> Em alemão, o objeto de preposição pode ainda receber o Caso acusativo.

<sup>35</sup> Filtro de Caso

\* DP com matriz fonológica e sem Caso.

de modo excepcional, sendo uma manifestação de ECM. Raposo (1992) ainda esclarece que, no inglês, as sentenças formadas com verbos como *believe*, *prove* e *consider* são exemplos de ECM e, no português, os verbos causativos *deixar*, *fazer* e *mandar*, assim como os verbos perceptivos *ver* e *ouvir* também são manifestação de ECM:

- (2) a. O gerente *mandou* o funcionário pintar a parede.  
b. O gerente *fez* o funcionário pintar a parede.
- (3) a. O gerente *viu* o funcionário espalhar a notícia.  
b. O gerente *ouviu* o funcionário espalhar a notícia.

Em (2), os exemplos são formados com os verbos causativos *mandar* e *fazer*. As sentenças, em (3), são constituídas com os verbos perceptivos *ver* e *ouvir*. A manifestação de ECM ocorre nessas sentenças, porque o verbo da oração principal é capaz de atribuir Caso ao argumento externo da oração encaixada. Como já se sabe, a oração principal toma como objeto toda a oração encaixada. Do ponto de vista formal, em função do argumento externo da oração encaixada estar na condição de objeto, pelo menos em inglês, não é consenso na literatura qual Caso esse argumento deva receber. Essa discussão também pode ser estendida a dados do PB. Diante disso, os apontamentos, a seguir, possibilitar-nos-ão definir com mais clareza qual é o Caso atribuído a esse argumento no PB.

Baker (1988) também considera que a oração encaixada deva receber Caso Acusativo, ao analisar as construções causativas em inglês. Observemos a seguinte sentença (BAKER, 1988, p. 172):

- (4) Jerry made Joe file his papers.  
'Jerry fez Joe arquivar seus papéis.'

Para Baker (1988), na sentença em (4), a flexão do verbo *make* atribui Caso nominativo ao argumento externo da oração matriz e o verbo transitivo *file* (arquivar) atribui Caso Acusativo ao objeto *papers* (papéis). Segundo o autor, como o verbo da oração encaixada não está flexionado e não possui traços de concordância não pode atribuir Caso Nominativo ao NP *Joe*, porém o verbo da oração matriz *make* é capaz de atribuir Caso Acusativo ao NP *Joe* por meio de ECM.

Ao descrever as causativas no PB, Bittencourt (1995) ressalta que, na atribuição de Caso ao sujeito da oração encaixada, há uma particularidade nos dados do PB, visto que o verbo infinitivo pode aparecer em contexto flexionado. Atenemos para os dados, de Bittencourt, repetidos em (5):

- (5) a. Os seguranças *fizeram* (com) que os caras pintadas lavassem o rosto.  
 b. Os seguranças *fizeram* eles/os caras pintadas lavar(em) o rosto.  
 (BITTENCOURT, 1995, p. 154)

Bittencourt (1995) reconhece que o sujeito da oração encaixada pode receber Caso Nominativo, já que o IP do verbo encaixado, em (5a), apresenta traços [+Tempo] e [+Concordância]. Bittencourt (1995) acrescenta que, no PB atual, há uma preferência pelo contexto não flexionado. Essa discussão não é aprofundada pela autora, tendo em vista que essa pesquisa concentra-se na perspectiva diacrônica.

A flexão do infinitivo no PB evidencia condições distintas às postuladas por Chomsky (1981) e por Baker (1988) no que se refere à atribuição de Caso ao sujeito da oração encaixada. Estudos relativos a dados do português são congruentes ao fato de que o sujeito da oração encaixada, quando flexionado, deva receber Caso nominativo (RAPOSO, 1987; VITRAL, 1987; GONÇALVES E DUARTE, 2001; LIMA-SALLES e PILATI, 2014). Vitral (1987) preconiza o Contexto de Atribuição de Caso Nominativo (CAN), no qual reconhece que o Caso Nominativo é atribuído ao NP, que se encontra na posição de especificador de IP, e I deve conter AGR [ou Concord]. Tomando por base os postulados desenvolvidos por Vitral (1987), atentemo-nos as causativas analíticas repetidas em (6):

- (6) a. Só **deixamos** os alunos *saírem* quando tem, pelo menos, mais uma classe no mesmo horário.  
 b. Já **mandei** meus técnicos *prepararem* novos projetos [...]  
 c. Coloquei dois centroavantes e **mandei** os laterais *atacarem* [...]  
 d. Marcelinho Tallandré, de colete pisca-pisca, **fez** as barbies *tirarem* a camisa [...]  
 e. Aliás, uma direção de atores que, à custa de marcação rígida de movimentos, bem própria do encenador, atingiu um humor inesperado, **fez** *funcionarem* interpretação e trama. [...]

(CB, português contemporâneo)

Considerando Vitral (1987), é possível verificar que as construções causativas analíticas, em (6), apresentam as seguintes propriedades: i) um causado que recebe Caso Nominativo do INFL encaixado e ii) esse Caso é atribuído por AGR [ou Concord]. Essa última condição suplanta as demais, já que, em função do verbo infinitivo estar em contexto flexionado e, por dispor da condição de concordância, torna possível a flexão do verbo atribuir Caso Nominativo ao argumento externo da oração encaixada.

Raposo (1987) apresenta uma análise semelhante à de Vitral (1987). Para Raposo (1987), as sentenças completivas formadas com infinitivos em contexto flexionados são subcategorizadas por classes de verbos restritas, como os epistêmicos, os declarativos, os

perceptivos e os causativos. Raposo (1987) elucida que, apesar da marcação de Caso ser feita no domínio encaixado, IP domina Agr sem especificação de Tempo, em dados como em (6), tanto no PE, assim como no PB. Esse fato, conseqüentemente, motiva que o Caso seja transmitido para Agr em IP, por meio da formação de uma cadeia, possibilitando a marcação de Caso nominativo do DP por IP.

Gonçalves e Duarte (2001), seguindo a mesma linha de Vitral (1987) e de Raposo (1987), investigam construções com infinitivo flexionado no domínio encaixado e estabelecem as seguintes propriedades:

- (i) O Causado ocorre tipicamente entre o verbo superior causativo e o verbo Encaixado;
  - (ii) A verificação casual do Causado (nominativo) é feita no domínio encaixado, como é usual nos infinitivos flexionados canônicos;
  - (iii) O verbo encaixado concorda categoricamente com o Causado;
  - (iv) O domínio encaixado tem razoável autonomia sintáctica - como os exemplos (7) mostram, admite negação frásica e legítima internamente clíticos, pelo que é impossível Subida de Clítico:
    - (7) a. A mãe mandou [eles não comerem mais chocolate]
    - b. A mãe não deixou [eles fazerem-nos um bolo]
    - c. \*A mãe não nos deixou [(eles) fazerem um bolo]
- (Gonçalves e Duarte, 2001, p. 658)

Gonçalves e Duarte (2001) esclarecem que o contexto de infinitivo flexionado é mais produtivo no PB em comparação ao PE. Nessa análise, é possível observar que a verificação de Caso ocorre dentro do domínio encaixado. Além disso, o verbo da oração encaixada deve estar em condição de concordância com o causado, isto é, o argumento externo da oração encaixada. Gonçalves e Duarte (2001) ainda asseguram que as construções, no PB, apresentam maior economia nas derivações, visto que projetam mais núcleos funcionais no domínio encaixado. Assim, para Gonçalves e Duarte (2001), na construção causativa com infinitivo flexionado, o argumento externo da oração encaixada, por estar em condição de concordância, pode receber Caso nominativo do verbo da oração encaixada.

Lima-Salles e Pilati (2014) examinam a ordem do sujeito-verbo das construções causativas no PB. Nesse estudo, as autoras também reconhecem a presença do infinitivo flexionado (LIMA-SALLES e PILATI, 2014, p. 203):

- (7) a. A mãe fez os meninos **dormirem**.
- b. A mãe fez os meninos dormir.

Em (7a), há a presença do infinitivo flexionado. Em (7b), as autoras consideram uma construção ambígua, pois, como não há marcação morfológica expressa no infinitivo,

não é possível reconhecer a categoria de número. Lima-Salles e Pilati (2014) explicam que o contexto de infinitivo flexionado pode ser verificado em orações adverbiais, bem como em orações completivas, como as causativas. Segundo as autoras, com base em Martins (2006), a construção causativa com infinitivo flexionado é considerada uma forma inovadora, encontrada a partir do século XVI. Cabe destacar que, nos dados coletados para a presente pesquisa, não foram encontrados registros de causativas com infinitivo flexionado nos dados do português moderno. Em nossos dados, essa forma foi encontrada somente a partir do século XX. Na comparação dos dados do PB ao PE, Lima-Salles e Pilati (2014) sugerem que a formação da causativa com infinitivo flexionado e sujeito com Caso nominativo deve-se a “cristalização” da ordem SV na estrutura subordinada. Para as autoras, o fato de não haver posposição do causado é uma evidência que confirma essa configuração. Por fim, Lima-Salles e Pilati (2014) acrescentam que, na estrutura subordinada, a perda do movimento do verbo para COMP (V para I para COMP) reforça a ocorrência do sujeito com Caso nominativo em construções com infinitivo flexionado.

Considerando os estudos até aqui discutidos, é possível verificar que o contexto infinitivo flexionado, nas construções causativas analíticas, parece ser a condição necessária, para que o sujeito da oração encaixada tenha Caso Nominativo valorado. Essa propriedade pode ser aplicada a CSVT, uma vez que reconhecemos que essa construção é derivada de uma estrutura compatível com a forma analítica em um nível subjacente. Esse cenário possibilita o sujeito da oração encaixada receber Caso nominativo do verbo infinitivo. Desse modo, assumimos que, ainda que a marcação morfológica não esteja presente, haverá a manifestação do morfema zero, dispondo assim do contexto flexionado, o que licencia a valoração de Caso nominativo ao argumento externo da oração encaixada. Assim, concluímos que o contexto de infinitivo flexionado também é uma condição necessária para o licenciamento da CSVT.

Na seção adiante, investigaremos outra particularidade da CSVT que diz respeito à correferência do pronome possessivo ao sujeito.

## **5.2. O Pronome Possessivo**

Nesta seção, examinaremos o comportamento do pronome possessivo nas CSTVs. Em Milano (2014), mencionamos o fato do pronome possessivo, ainda que não seja realizado

fonologicamente na causativa analítica, apresente correferência obrigatória com o sujeito da oração principal:

- (8) a. Mara<sub>i</sub> fez [a cabeleireira]<sub>j</sub> cortar [seu<sub>i</sub> cabelo]  
 b. Pedro<sub>i</sub> fez [o médico]<sub>j</sub> operar [seu<sub>i</sub> pé]  
 c. Caetano<sub>i</sub> fez [o pedreiro]<sub>j</sub> reformar [seu<sub>i</sub> apartamento]
- (9) a. ?Mara<sub>i</sub> fez [a cabeleireira]<sub>j</sub> cortar [seu<sub>j</sub> cabelo]  
 b. ?Pedro<sub>i</sub> fez [o médico]<sub>j</sub> operar [seu<sub>j</sub> pé]  
 c. ?Caetano<sub>i</sub> fez [o pedreiro]<sub>j</sub> reformar [seu<sub>j</sub> apartamento]

Em (8), podemos observar que o pronome possessivo é correferente ao sujeito da oração principal. Essa correferência do pronome possessivo não viola a restrição imposta pelo Princípio B da Teoria de Ligação, proposta por Chomsky (1981), que postula que “*um pronome tem de ser livre num domínio local*”. Nas sentenças, em (8), o pronome é realizado na oração subordinada, como seu antecedente não está dentro do domínio local, ele pode ser correferenciado ao sujeito da oração matriz. Desse modo, a presença de um sujeito e de AGR na subordinada parece constituir o domínio local pertinente<sup>36</sup>. Isso também é condizente com Chomsky (1981, p. 211), ao afirmar que “uma anáfora ou pronominal busca os “SUBJECTS” mais próximos aos quais ele possa ser ligado, cuja ligação envolva correferência para a anáfora e referência disjunta para um pronome.”<sup>37</sup> Com base nesse postulado, é possível verificar que o possessivo “busca” o elemento mais próximo que disponha de AGR e que possa se comportar como um SUBJECT. Esse cenário parece propiciar o pronome poder ser coindexado ao sujeito da oração principal.

Nas sentenças, em (9), a proximidade entre o possessivo e o sujeito da oração encaixada implicaria na violação do Princípio B, uma vez que estão dentro do mesmo domínio. Como base no programa de pesquisa minimalista, as sentenças, em (9), parecem não serem bem formadas e totalmente aceitáveis, podendo não ser interpretadas na LF. As sentenças, em (8), em contrapartida, não apresentam problemas na formação e são aceitáveis. Contudo, apesar de bem formadas, as sentenças, em (8), apresentam um comportamento que pode ser considerado atípico, visto que a correferencialidade parece ser obrigatória entre o sujeito da oração matriz e o possessivo, apresentando comportamento semelhante à relação anafórica. Chomsky (1981), ao postular o Princípio A da Teoria de Ligação, prevê que “*uma anáfora deve ser ligada num domínio vinculação*”. Entretanto, embora as sentenças, em (8),

<sup>36</sup> Essa relação está de acordo com a noção de SUBJECT, formulada por Chomsky (1981, p. 209), que prevê que NP sujeito de um infinitivo, um NP ou uma *small clause*, bem como AGR, são SUBJECTS, sendo esses elementos nominais mais proeminentes em uma frase.

<sup>37</sup> “[...] an anaphor or pronominal searches for the closest SUBJECTS to which it can be linked, where linking involves coreference for an anaphor and disjoint reference for a pronoun.” (CHOMSKY, 1981, p. 211)



envolvam uma relação de correferencialidade obrigatória entre o possessivo e o termo antecedente, este último, por não ser um reflexivo ou um recíproco, não pode ser reconhecido como uma anáfora. Esse mesmo comportamento também pode ser observado, ao examinarmos exemplos de CSVT a seguir:

- (10) a. Eu<sub>i</sub> só **corto** meu<sub>i</sub> cabelo com uma garota<sub>j</sub> aqui de La Paz.  
 b. Eu<sub>i</sub> mesmo **operei** minha<sub>i</sub> mão com o Waldemar<sub>j</sub> e o resultado foi muito satisfatório [...]

(CB, português contemporâneo)

Nas sentenças, em (10), o pronome possessivo, além de fazer correferência ao antecedente, também exige que essa correferência seja obrigatória. Nas sentenças, em (11), ainda que o possessivo não esteja realizado fonologicamente, há o estabelecimento de uma relação de correferência obrigatória:

- (11) a. Eu<sub>i</sub> só **corto** o cabelo<sub>i/\*j</sub> com uma garota<sub>j</sub> aqui de La Paz.  
 b. Eu<sub>i</sub> mesmo **operei** a mão<sub>i/\*j</sub> com o Waldemar<sub>j</sub>.

Em (11a), o DP *o cabelo* pertence ao sujeito, assim como, em (11b), o DP *a mão* pertence ao sujeito da sentença. Esse cenário permite-nos identificar um contexto de um possessivo nulo. Nesses exemplos, o possessivo está no mesmo domínio de seu antecedente e o DP *Eu* c-comanda assimetricamente o possessivo. Diante desse ambiente imprevisível, torna-se necessário buscarmos melhor compreensão do comportamento dos possessivos.

A discussão sobre as propriedades interpretativas das construções com possessivos é facilmente encontrada na literatura (GUÉRON, 1992; LANDAU, 1999; LE BRUYN, 2014 e TORRES MORAIS e LIMA-SALLES, 2016). Comentaremos, brevemente, alguns trabalhos. Iniciaremos com a análise de Guerón (1992).

Guerón (1992) investiga os possessivos em dados do francês. Nessa análise, o possessivo inalienável é interpretado como um NP, que denota uma parte do corpo, obrigatoriamente, associada a um NP [+animado]. Guerón (1992) descreve que os possessivos inalienáveis seguem a mesma condição de ligação das anáforas e argumenta que a parte do corpo e o antecedente formam uma única cadeia, na qual o papel temático do sujeito está associado ao papel de agente, assim como o objeto é associado ao papel de tema. A autora destaca que, em função do Critério- $\theta$ <sup>38</sup>, cada cadeia recebe apenas um papel temático. Em

---

<sup>38</sup> Critério- $\theta$

(i) Cada argumento numa representação sintáctica é suporte de uma e uma só função- Critério- $\theta$ .

vista disso, Guerón (1992) postula papéis temáticos primários e secundários. Os papéis primários são reconhecidos como os papéis selecionados pelo verbo, como *agente* e *tema*; e papéis secundários não são selecionados pelo verbo, como *benefactivo*. Essa relação do Critério- $\theta$  torna agramatical o exemplo, em (12a), uma vez que há uma cadeia, associada ao papel de *agente* e de *tema*, ao mesmo tempo. A sentença, em (12b), em contrapartida, é bem formada (GUERÓN, 1992, p. 137):

- (12) a. \*Jean lave les mains.  
       ‘Jean lava as mãos’  
       AG TH  
       b. Jean lui lave les mains.  
       ‘Jean lava as mãos dele’  
       BEN TH

Contudo, Guerón (1992) observa que a exclusão da sentença, em (12a), resulta em uma gramaticalidade problemática da sentença, em (12b), uma vez que se forma uma mesma cadeia, recebendo papel de *benefactivo* e de *tema*. Diante desse problema, Guerón (1992) postula que o verbo e o objeto estão no mesmo nível na LF, formando um complexo verbal que absorve o papel temático de *tema*, possibilitando que o verbo requeira apenas um único argumento em LF (GUERÓN, 1992, p. 137):

- (13) Jean lève la main.  
       ‘Jean levanta a mão’  
       AG TH

A partir disso, Guerón (1992) define que a noção de possessivo inalienável está relacionada a partes do corpo e toda a ação ocorre dentro das fronteiras referentes a esse corpo ou uma dimensão física. A autora ainda esclarece que, nesse contexto possessivo, há uma separação na física na relação de “filiação” ou de “pertencimento”. Por exemplo, na relação de filiação, há uma separação física entre o corpo de um indivíduo e corpo de seu próprio filho. Na relação de “pertencimento”, como um casaco, por exemplo, há uma separação física entre um indivíduo e sua própria roupa. Essa separação implica em um movimento do *tema* no espaço/evento. Assim, quando houver uma separação, é necessário que seja estendido o movimento além dos limites do corpo. Guerón (1992), partindo dessa abstração, especifica

---

(ii) Cada função- $\theta$  numa estrutura argumental é atribuída a um e um só argumento numa representação sintáctica.

relações que vão além dos limites do corpo, estabelecendo a relação estendida e a relação locativa pontual. Por fim, Guerón (1992) preconiza a regra seguinte:

- (14) Se o local não c-comanda VP, ele não possui uma extensão espacial e coincide com o limite espacial inicial do evento ou seu limite final.<sup>39</sup>  
(GUERÓN, 1992, p. 143)

Considerando a análise de Guerón (1992), é possível verificar que, nos dados em (10) e em (11), há uma relação pontual que não ultrapassa os limites do corpo do sujeito da oração. Em (10), o argumento que ocupa a posição de argumento externo é possuidor do cabelo, assim como em (11) o argumento que ocupa a posição de argumento externo é possuidor da mão. As sentenças, em (10) e em (11), também comungam com a mesma regra elaborada por Guerón (1992), visto que o VP estabelece uma relação de c-comando assimétrico com o possessivo. Isso significa que não há uma extensão espacial entre as partes do corpo, isto é, o sujeito da sentença é o dono cabelo em (10) e o sujeito da sentença é o dono das mãos em (11). Além disso, o sujeito da sentença e o possessivo coferenciado estão no mesmo lugar onde ocorre o evento denotado por VP. Tomando por base essa proposta de Guerón (1992), foi possível identificar algumas propriedades dos possessivos aplicadas às construções causativas. A partir de agora, passemos ao estudo proposto por Le Bruyn (2014).

Le Bruyn (2014) examina construções com pronome de posse inalienável em dados do francês, partindo da análise de Guerón (1983, 1985) e de Vergnaud e Zubizarreta (1992). O autor também considera intrínseca a relação entre um possuidor e um possuído. Partindo dessa perspectiva, o autor lista exemplos típicos que incluem partes integrantes, partes do corpo e relações de parentesco. Le Bruyn (2014) ainda esclarece que a produtividade de construções com possessivos inalienáveis parece ser bastante limitada em inglês; em francês, diferentemente, há uma vasta possibilidade de formação com possessivos. Ao examinar construções com possessivos inalienáveis, o autor explica essa relação a partir dos artigos definidos (LE BRUYN, 2014, p. 332):

- (15) Jean lève la main.  
‘Jean raises the hand’  
‘Jean raises his hand’  
‘Jean levanta a mão’

---

<sup>39</sup> *If the place does not c-command VP, it does not have a spatial extension and it coincides with either the initial spatial boundary of the event or its final boundary.*

Com base em dados como em (15), Le Bruyn (2014) reconhece que há diferenças no que diz respeito ao artigo definido em construções possessivas inalienáveis do francês, quando cotejadas com as construções alienáveis do inglês. De acordo com o autor, a sentença acima é adequada mesmo que *Jean* tenha duas mãos e a interpretação de que ele levantou uma de suas mãos é perfeitamente cabível. Em contrapartida, essa sentença, nessa mesma interpretação em inglês, não seria adequada (LE BRUYN, 2014, p. 316):

- (16) # John raises the hand.  
'John levanta a mão.'

Em (16), não é possível afirmar que John levantou uma de suas próprias mãos, para uma interpretação semelhante ao exemplo francês em (13), seria necessário haver a expressão de um pronome, para estabelecer a relação de posse inalienável. A partir disso, Le Bruyn (2014) desenvolve uma análise unificada referente ao artigo definido. Segundo o autor, o artigo definido funciona como um operador semântico e propõe uma relação de interpretação abstrata. Para dar conta de explicar as diferenças semânticas entre as construções de posse inalienáveis do francês e do inglês, o autor estabelece uma restrição relacional:

- (17) *A restrição de relacionalidade*  
Construções definidas com possessivos inalienáveis só estão disponíveis quando é claro que seu componente nominal deva receber uma interpretação relacional e não uma interpretação não relacional.<sup>40</sup>  
(LE BRUYN, 2014, p. 328)

Diante dessa circunstância, o autor conclui que, tanto em inglês quanto em francês, as construções com pronomes de posse inalienável possuem restrições, contudo, sua variação e sua disponibilidade independem dessa única restrição que governa seu uso. Essa análise de Le Bruyn (2014) permite-nos pensar a respeito das construções causativas, visto que o possessivo é correferente com o argumento externo da oração principal, estabelecendo assim uma interpretação relacional, como definido pelo autor.

Ainda sobre as construções com pronomes de posse, cabe ressaltar a análise de Torres Morais e Lima-Salles (2016) sobre dados do PB. As autoras investigam,

---

<sup>40</sup> *The relationality constraint*

*Definite inalienable possession constructions are only available when it is independently made clear that their nominal component has to receive a relational and not a non-relational interpretation.*

(LE BRUYN, 2014, p. 328)

diacronicamente, o comportamento dessas construções em línguas românicas e em dados do PB. Torres Morais e Lima-Salles (2016) explicam que construções com o sujeito possuidor são produtivas no PB e apresentam um comportamento bastante singular, quando comparadas a outras línguas românicas. As autoras esclarecem também que as construções com dativo foram menos frequentes (cf. 18c) nos dados do século XIX. Atentemo-nos aos seguintes dados:

- (18) a. As crianças levantaram as mãos  
 b. As crianças lavaram as mãos  
 c. A mãe lavou as mãos às crianças  
 d. A mãe lavou-lhes as mãos
- (19) a. O marido beijou a esposa no rosto  
 b. O marido a beijou no rosto  
 c. O marido beijou ela no rosto
- (20) a. O marido admira a esposa pela beleza  
 b. O marido a admira pela beleza  
 c. O marido admira ela pela beleza

(TORRES MORAIS e LIMA-SALLES, 2016, p, 205)

Os dados, em (18), são construções de posse associadas a verbos dinâmicos<sup>41</sup>. Em (18d), o objeto direto é o possuído e o possuidor é expresso por meio do objeto indireto. Em contrapartida, em contexto com verbos dinâmicos, o DP possuidor é um complemento verbal, realizado por meio de um DP lexical, em (19a), e realizado via pronome em (19b-c). As autoras ainda esclarecem que, nesses exemplos, o DP possuído é realizado por intermédio de um PP, introduzido pela preposição “em”. Nessas sentenças, por haver uma relação parte-corpo, a interpretação de afetado é favorecida. Em (20), as construções envolvem verbos estativos. Torres Morais e Lima-Salles (2016) explicam que esse tipo de verbo forma construções que possuem o mesmo padrão de realização dos verbos dinâmicos. No entanto, em (20), o possuído é introduzido por um PP, nucleado pela preposição “por”, porém esse argumento não é participante do evento. Por fim, as autoras concluem que é possível reconhecer distintos padrões de formação de construções possessivas no PB, manifestando novas estratégias de expressão da relação de posse.

Em síntese, os estudos de Guéron (1992), de Le Bruyn (2014) e de Torres Morais e Lima-Salles (2016) permitiram-nos identificar que as construções causativas apresentam comportamento semelhante às construções com possessivos inalienáveis no que se refere à

<sup>41</sup> As autoras elencam como dinâmicos alguns verbos como: *acariciar, arruinar, articular, cobrir, destruir, esfregar, estragar, examinar, ferir, guardar, limpar, modificar, mutilar, operar, organizar, pegar, pentear, polir, rasgar, remendar, salvar, secar (o cabelo), sujar, tingir, transformar, trocar*, entre outros.

questão parte-corpo, sendo uma interpretação relacional (LE BRUYN, 2014). Os dados, em (8) e (10), também nos possibilitaram observar uma relação compatível com a noção de ligação anafórica, proposta por Guerón (1992), visto que o VP estabelece uma relação de comando assimétrico com o possessivo. Além disso, há um contexto de posse referente ao sujeito da oração, conforme proposta de Guerón (1992). Por fim, Torres Morais e Lima-Salles (2016) apontam as especificidades do PB, que podem ser estendidas às construções causativas, sobretudo, em relação ao surgimento de padrões inovadores, quando comparados a outras línguas românicas. Outro fato que cabe destaque é a questão dos verbos dinâmicos, pois parecem ter a mesma relação de dependência que observamos nas causativas, quando cotejadas às construções de posse. A interpretação de afetação também está relacionada à noção de parte-corpo, expressando um contexto de posse, como é possível observar nos dados, em (10). Em resumo, esses estudos são de grande importância para a investigação do comportamento das construções com possessivo, porém não abordam o contexto de possessivo nulo que aparece nas construções causativas. Assim, levantadas essas contribuições, ater-nos-emos aos possessivos nulos, que ocorrem nessas construções, conforme observado na sentença, em (11). Visando o cumprimento de tal tarefa, passaremos às análises de Floripi (2003) e de Floripi e Nunes (2009).

Floripi (2003) e Floripi e Nunes (2009) investigam os possessivos nulos no PB, descrevendo as propriedades da categoria vazia em estruturas com pronome de posse, como nos seguintes exemplos:

- (21) a. \*[[O João<sub>i</sub>] conversou com o seu<sub>i</sub> pai].  
 b. [[O João]<sub>i</sub> conversou com o pai dele<sub>i</sub>].  
 c. [[O João]<sub>i</sub> conversou com o pai *ec*<sub>i</sub>].

(FLORUPI e NUNES, 2009, p. 51-52)

Floripi e Nunes (2009) apontam que, no PB, pode haver três formas de expressão de contexto de posse, conforme revelam os dados em (21). De acordo com os autores, a sentença em (21a), com a realização do possessivo *seu*, tem sido a construção menos frequente, encontrada geralmente em contexto mais formais como na modalidade escrita. Para os autores, a pouca frequência desse tipo de estrutura, provavelmente, está relacionada à mudança no quadro dos pronomes de posse no PB. Outra expressão de contexto de posse ocorre na sentença, em (21b), na qual o possessivo é realizado por meio de uma forma perifrástica, introduzido pela forma pronominal resultante da contração da preposição “de” com o pronome “ele”. Floripi e Nunes (2009) esclarecem que, em (21b), o pronome pode ter

como referente um antecedente tanto na própria sentença ou um antecedente disponível no discurso. Por fim, o contexto de posse observado, em (21c), há categoria vazia, na qual é vinculada ao argumento que ocupa a posição de sujeito da sentença. Segundo os autores, essa categoria vazia tem comportamento análogo à anáfora e o seu antecedente deve estar dentro da sentença, não podendo ser retomado por meio do discurso. Para comprovar esse comportamento anafórico, Floripi e Nunes (2009) também analisam outros dados:

- (22) ([[a Marcela]<sub>i</sub> disse que [o Andre]<sub>k</sub> ligou para o amigo  $ec_{k/*i}$ ]  
 (23) [[o amigo [d[o João]<sub>i</sub>]]]<sub>k</sub> telefonou para a mãe  $ec_{k/*i}$ ]  
 (FLORUPI e NUNES, 2009, p. 53)

Em (22), o possessivo nulo exige que o antecedente tenha referente local, dentro do mesmo domínio. Em (23), o possessivo nulo tem de ser c-comandado por um antecedente. Os autores ainda ponderam que o possessivo nulo tem comportamento diferente de anáfora realizada fonologicamente, como pode ser observado nos exemplos em (24)-(26):

- (24) John<sub>i</sub> wonders which picture of himself<sub>i/k</sub> Bill<sub>k</sub> saw  
 João<sub>i</sub> imagina qual foto de si mesmo<sub>i/k</sub> Bill<sub>k</sub> viu  
 (25) [[o João]<sub>i</sub> perguntou que amigo  $ec_{k/*i}$  [o Pedro]<sub>k</sub> vai visitar]  
 (26) [[o João]<sub>i</sub> perguntou que amigo dele<sub>k/i/m</sub> [o Pedro]<sub>k</sub> vai visitar]  
 (FLORUPI e NUNES, 2009, p. 54)

Em (24), a anáfora *himself*, presente no NP nucleado por *picture*, pode tomar como antecedente o sujeito da oração principal ou o sujeito da oração encaixada. Em (25), o possessivo nulo, diferentemente, deve ser vinculado ao sujeito da oração encaixada. Em (26), o pronome *dele* pode ser vinculado tanto ao sujeito da oração principal como ao sujeito da oração encaixada ou ainda a um referente disponível no discurso. Assim, considerando as sentenças acima, Floripi e Nunes (2009) sustentam que o possessivo nulo apresenta um contexto de controle obrigatório. Com base na discussão de Hornstein (2001) sobre controle obrigatório, Floripi e Nunes (2009) ainda alegam que o possessivo nulo em sentenças como, em (21c), apresentam vestígio de movimento para uma posição temática, similar a um comportamento anafórico. Esse vestígio do possessivo nulo possui seu antecedente local, estabelecendo uma relação de c-comando. Os autores também argumentam que, se o possessivo nulo pode se movimentar deixando um vestígio. Nesse caso, não está submetido ao princípio de “Evite Pronome” (CHOMSKY, 1981). Essa poderia ser uma possível explicação para o fato dos possessivos nulos ou realizados não violarem a relação de

marcação de Caso. Essa análise permite explicar também a diferença entre o comportamento do possessivo nulo e as anáforas, como em (24).

Floripi e Nunes (2009), apesar de analisarem o comportamento do possessivo nulo como um vestígio, reconhecem que, na prática, se trata de um pronome nulo resumptivo. Observemos os dados, em (27):

- (27) a. \*[[o irmão *ec*] vai viajar]  
 b. [[O João]<sub>i</sub> disse que [[o irmão *ec*<sub>i/\*k</sub>]vai viajar]]  
 (FLORUPI e NUNES, 2009, p. 57)

Ao contrastar os dados em (27), os autores argumentam que, se o possessivo nulo é um vestígio, ele deve ter antecedente. Nessa interpretação, a sentença em (27a) é agramatical e, em (27b), o possessivo nulo deve ser interpretado como *João*. Uma análise mais minuciosa revela um problema em (27b), pois, se o possessivo nulo é um vestígio, o sujeito da oração encaixada deve ser movido para a posição de sujeito da oração principal. Esse tipo de movimento não é permitido no PB, em função da configuração de ilha. Floripi e Nunes (2009), então, assumem que o possessivo nulo, em (27b), é um pronome resumptivo e não um vestígio, uma vez que não está submetido à configuração de ilha.

Floripi e Nunes (2009) ainda explicam que numa sentença como, em (27b), a derivação começa pela fusão do DP *irmão* e o possessivo, como pode ser observado em (28):

- (28) a. [DP irmão]  
 b. [DP o irmão]  
 c. [<sub>VP</sub> [DP o irmão] [<sub>v'</sub> v [<sub>VP</sub> viajar]]]  
 d. [<sub>TP</sub> [DP o irmão]<sub>i</sub> vai [<sub>VP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>v'</sub> v [<sub>VP</sub> viajar]]]]  
 (FLORUPI e NUNES, 2009, p. 60-61)

Em (28), o movimento de subida do DP possessivo para a posição de especificador pode gerar uma violação em função da existência do contexto de ilha. Segundo os autores, o sistema, nesse caso, permite recorrer à pronominalização, que possibilita o possessivo nulo tomar como referente um antecedente fora da sentença. Floripi e Nunes (2009) argumentam que essa postulação do possessivo resumptivo não pode ser considerada uma supergeneralização, tendo em vista que a pronominalização é empregada como uma estratégia de último recurso, sendo considerada como um mecanismo condicionado a fatores de economia.

Ainda sobre as estruturas com possessivo nulo, Floripi e Nunes (2009) tratam da marcação de Caso:



- (29) a. [[o João]<sub>i</sub> disse que [[o amigo *pro*<sub>i</sub>] vai viajar]]  
 b. [[o João]<sub>i</sub> disse que [[o amigo \*(d)ele]<sub>i</sub>] vai viajar]]  
 (FLORUPI e NUNES, 2009, p. 61)

Segundo os autores, em sentenças como em (29b), na qual há realização de DP e a inserção da preposição *de*, pode haver marcação de Caso inerente, em função da presença da preposição. Em contrapartida, em (29a), por não haver um DP realizado fonologicamente, há um *pro*. Os autores destacam que apenas certos verbos, em português, licenciam *pro* nulo resumptivo e possessivos nulos na função de objeto, mas essa relação não é cabível ao sujeito nulo. Floripi e Nunes (2009) ressaltam que, devido ao enfraquecimento do padrão de concordância verbal no PB, o sujeito nulo tem sofrido transformações, impedindo Infl licenciar *pro*. Assim, os sujeitos nulos resumptivos também não podem ter Caso inerente, visto que T não pode ser considerado um atribuidor de Caso inerente, como exemplificado a seguir:

- (30) a. Ontem eu conversei com um primo.  
 b. Você não ia contratar um primo?  
 c. O João contratou um primo.  
 (31) a. \*Ontem eu conversei com o primo.  
 b. \*Você não ia contratar o primo?  
 c. O João contratou o primo.  
 (FLORUPI e NUNES, 2009, p. 62)

De acordo com os autores, em (30), o possessivo nulo dentro do DP indefinido pode ser vinculado a um antecedente de primeira, segunda ou terceira pessoa. Em (31), diferentemente, o possessivo nulo, por estar dentro do DP definido, apenas a terceira pessoa pode ser tomada como referente. Floripi e Nunes (2009) acrescentam que o comportamento descrito, acima, está diretamente relacionado à possibilidade do possessivo ser realizado ou não na posição pós-nominal:

- (32) a. um primo meu/seu/dele  
 b. um \*meu/\*seu/\*dele primo  
 c. o primo \*meu/\*seu/dele  
 d. o meu/seu/\*dele primo  
 (FLORUPI e NUNES, 2009, p. 63)

Floripi e Nunes (2009) esclarecem que em dados, como, em (31) e em (32), a presença do artigo definido implica na atribuição de Caso genitivo inerente à posição pós-nominal e na atribuição de Caso genitivo estrutural à posição pré-nominal.

A partir da discussão sobre os possessivos nulos, Floripi e Nunes (2009) propõem que o possessivo nulo pode tomar como referente um antecedente fora do domínio, uma vez que pode ser correferenciado ao sujeito da oração principal, conforme pode ser visto, em (31a). Além disso, o possessivo nulo pode tomar o DP *a Maria*, que não o c-comanda.

- (33) a. [[a Maria]<sub>k</sub> acha que [o João]<sub>i</sub> disse que [[o amigo *pro*<sub>i/k</sub>] vai viajar]]  
 b. [[o namorado d[a Maria]<sub>w</sub> ]<sub>k</sub> saiu quando [um parente *pro*<sub>k/w</sub>] entrou]  
 (FLORUPI e NUNES, 2009, p. 64)

Diante dos possíveis cenários de realização dos possessivos, Floripi e Nunes (2009) comparam os dados, em (33), aos dados, em (22) e em (23). Os autores, baseados na proposta de Hornstein (2001), reconhecem que os possessivos apresentam dois padrões de controle: o padrão de controle obrigatório e o padrão sem controle obrigatório. Para Floripi e Nunes (2009), o primeiro padrão ocorre quando pode haver o movimento do possessivo para uma posição- $\theta$  (cf. 22-23). O padrão sem controle obrigatório, diferentemente, ocorre quando o movimento do possessivo é bloqueado:

- (34) a. John<sub>1</sub> thinks that Mary said that PRO<sub>1</sub> shaving himself is vital  
 ‘John pensa que Mary disse que se barbear é vital’  
 b. John’s<sub>1</sub> friends believe that PRO<sub>1</sub> keeping himself under control is vital if he is to succeed.  
 ‘Os amigos de John acreditam que se manter sob controle é vital para que ele tenha sucesso’  
 (FLORUPI e NUNES, 2009, p. 65)

Floripi e Nunes (2009) apontam que, em (34), PRO é sem controle obrigatório. Na sentença em (34a), PRO não possui um antecedente local e, em (34b), PRO não é c-comandado. A comparação entre os dados acima e as sentenças, em (33), reforçam que os possessivos no PB possuem os dois padrões já mencionados. Por fim, os autores defendem que os possessivos nulos, no PB, podem apresentar um comportamento análogo às anáforas, bem como podem se assemelhar aos pronomes.

Essa discussão sobre o possessivo nulo, proposta por Floripi e Nunes (2009), permite-nos caracterizar o contexto do possessivo nulo nas construções causativas no PB. Atentemo-nos aos seguintes dados:

- (35) a. Deputada<sub>i</sub> corta cabelo *ec*<sub>i</sub> e volta a hospital [...]  
 b. Covas<sub>i</sub> extraiu a bexiga *ec*<sub>i</sub> [...]  
 c. Glória<sub>i</sub>, 50, tirou o útero *ec*<sub>i</sub> e um dos ovários *ec*<sub>i</sub> aos 34 [...]  
 (CB, português contemporâneo)

Com base em Floripi e Nunes (2009), assumiremos que em todas as sentenças, em (35), há um contexto de possessivo nulo que deve ser correferenciado ao DP que está na posição de sujeito da oração. Essas sentenças continuam bem formadas se houver a realização fonológica do possessivo:

- (36) a. Deputada<sub>i</sub> corta **seu<sub>i</sub>** cabelo  
 b. Deputada<sub>i</sub> faz (o cabeleireiro)<sub>j</sub> cortar **seu<sub>i/\*j</sub>** cabelo
- (37) a. Covas<sub>i</sub> extraiu a **sua<sub>i</sub>** bexiga  
 b. Covas<sub>i</sub> fez (o médico)<sub>j</sub> extrair a **sua<sub>i/\*j</sub>** bexiga
- (38) a. Glória<sub>i</sub> tirou o **seu<sub>i</sub>** útero e um dos **seus<sub>i</sub>** ovários  
 b. Glória<sub>i</sub> fez (o médico)<sub>j</sub> tirar o **seu<sub>i/\*j</sub>** útero e um dos **seus<sub>i/\*j</sub>** ovários

Em (36a)-(38a), temos exemplares de CSVT, em que o possessivo toma como antecedente o sujeito da oração. Nessas sentenças, o possessivo parece apresentar uma natureza anafórica, uma vez que está ligado localmente, porém como a correferência não envolve recíprocos ou reflexivos; essa interpretação torna-se problemática. Cabe registrar que, em (36a)-(38a), também é possível interpretar que o antecedente esteja fora do domínio local, podendo ser um referente encontrado no discurso, mas como essa interpretação foge aos objetivos do nosso trabalho, não a discutiremos. Quanto às sentenças, em (36b)-(38b), temos uma estrutura compatível à causativa analítica, forma identificada como a estrutura subjacente da CSVT. Em (36b)-(38b), o possessivo está ligado ao sujeito da oração principal. Como já dito anteriormente, essas sentenças estão de acordo com o Princípio B, tendo em vista que o pronome está livre em seu domínio. Uma possível interpretação para as sentenças, em (36b)-(38b), seria de comportamento anafórico, o que, sintaticamente, é problemático, já que a correferência não envolve recíprocos ou reflexivos. Além disso, se a correferência ocorrer dentro do domínio local, implicará em sentenças semanticamente questionáveis. Essas propriedades levam-nos a identificar que os possessivos, em (36b)-(38b), apresentam natureza pronominal e não anafórico. Os dados, em (39)-(41), ilustram a relação perifrástica com a preposição seguida de pronome:

- (39) a. Deputada<sub>i</sub> corta (o) cabelo **dela<sub>i/k</sub>**  
 b. Deputada<sub>i</sub> faz (o cabeleireiro)<sub>j</sub> cortar (o) cabelo **dela<sub>i/k</sub>**
- (40) a. Covas<sub>i</sub> extraiu a bexiga **dele<sub>i/i</sub>**  
 b. Covas<sub>i</sub> fez (o médico)<sub>j</sub> extrair a bexiga **dele<sub>i/i/k</sub>**
- (41) a. Glória<sub>i</sub> tirou o **dela<sub>i/k</sub>** útero e um dos ovários **dela<sub>i/k</sub>**  
 b. Glória<sub>i</sub> fez (o médico)<sub>j</sub> tirar o útero **dela<sub>i/\*j/k</sub>** e um dos ovários **dela<sub>i/\*j/k</sub>**

As sentenças, em (39a)-(41a), ilustram exemplares de CSVT, na qual *dele/dela* toma como antecedente o sujeito da oração. Em (39b)-(41b), as sentenças configuram a estrutura subjacente compatível com uma causativa analítica. A relação de correferência, nesse conjunto de sentenças, apresenta comportamento semelhante ao conjunto de sentença, em (36)-(38), podendo ser interpretado como natureza anafórica em (39a)-(41a) e natureza pronominal em (39b)-(41b). O conjunto de sentença, em (39)-(41), ainda pode expressar mais uma interpretação, na qual a correferência é extra-sentencial, ou seja, pode buscar um antecedente discursivamente.

Ao compararmos as sentenças acima, é possível observar que, no PB, as causativas parecem apresentar o mesmo padrão descrito por Floripi e Nunes (2009) em relação ao possessivo nulo. Isso é uma evidência de que as construções causativas também envolvem uma categoria vazia, como ilustram os dados, em (35). Assim, com base na proposta de com base em Floripi e Nunes (2009) e na análise desses dados, assumiremos as propriedades interpretativas dos possessivos nulos nas sentenças, em (35), bem como na estrutura subjacente, a seguir:

- (42)
- a. Deputada<sub>i</sub> faz *pro*<sub>i</sub> cortar (o) cabelo *ec*<sub>i</sub>
  - b. Covas<sub>i</sub> fez *pro*<sub>i</sub> extrair a bexiga *ec*<sub>i</sub>
  - c. Glória<sub>i</sub> fez *pro*<sub>j</sub> tirar o útero *ec*<sub>i</sub> e um dos ovários *ec*<sub>i</sub>

As sentenças, em (42), refletem a estrutura subjacente das CSVTs em (35). Essas construções são compatíveis com as causativas analíticas. Como podemos observar, o elemento nulo é coindexado ao sujeito da oração principal. Reconheceremos, portanto, que a correferência do sujeito da oração principal ao elemento nulo ocorre na sua posição de base, na projeção da estrutura subjacente. Essa coindexação permanece na realização fonológica da CSVT, como reforçam os dados em (35). Por fim, defendemos que essa configuração revela o comportamento do possessivo nulo de natureza pronominal nas construções causativas.

Outro ponto discutido por Floripi e Nunes (2009), conforme vimos em (30)-(35), diz respeito à presença do DP definido. Segundo os autores, se por um lado, quando o possessivo nulo estiver dentro de um DP indefinido, ele pode ser vinculado a um antecedente de primeira, segunda ou terceira pessoa; por outro lado, quando o possessivo nulo estiver dentro do DP definido, apenas a terceira pessoa pode ser tomada como referente. Na CSVT, a presença do artigo definido também impõe restrições semânticas na interpretação de seu referente. Retomemos os dados, em (35), a seguir:

- (43) a. Deputada<sub>i</sub> corta [o cabelo ec<sub>i</sub>]  
 b. Covas<sub>i</sub> extraiu [a bexiga ec<sub>i</sub>]  
 c. Glória<sub>i</sub>, 50, tirou [o útero ec<sub>i</sub>] e [os ovários ec<sub>i</sub>] aos 34

Em (43a), o artigo definido<sup>42</sup> encabeça o DP *o cabelo* que tem como referente o sujeito da oração, em função desse contexto linguístico, pode ser reconhecido como um sintagma referencial (NEVES, 2000). O DP *o cabelo* carrega os traços [+definido], [+específico] e [+identificável], atribuindo uma especificidade ao seu referente, uma vez que ele pode ser identificado intra-sentencial. Esses mesmos traços podem ser observados no dado em (43b), no qual o DP *a bexiga* tem como antecedente o sujeito da oração. Em (43c), há dois sintagmas coordenados, o primeiro sintagma, *o útero*, e o segundo sintagma, *os ovários*, carregam os traços [+definido], [+específico] e [+identificável]. Assim, nas sentenças em (43), o artigo definido, por ser um sintagma referencial, permite a identificação do sujeito da oração como referente. Além disso, o artigo definido parece estar diretamente relacionado à interpretação da CSVT, uma vez que possibilita a particularização do sujeito como referente, apontando-o como o indivíduo “possuidor” e, por consequência, bloqueia a interpretação de uma terceira entidade extra-sentencial.

O artigo indefinido, em compensação, promove uma interpretação que parece atenuar a interpretação da CSVT:

- (44) a. Deputada<sub>i</sub> corta [um cabelo ec]<sub>i</sub>  
 b. Covas<sub>i</sub> extraiu [uma bexiga ec]<sub>i</sub>  
 c. Glória<sub>i</sub>, 50, tirou [um útero ec<sub>i</sub>] e [um dos ovários ec<sub>i</sub>]

Em (44a), o artigo indefinido no DP *um cabelo* bloqueia a tomada do sujeito da oração como referente, expressando uma função não-referencial, uma vez que não possibilita a busca pela recuperação semântica no contexto ou discursivamente (NEVES, 2000). O DP *um cabelo* carrega os traços [-definido], [-específico] e [-identificável], pois não é possível identificar intra-sentencialmente ou discursivamente o seu referente. Em (44b), o DP *uma bexiga* apresenta os mesmos traços [-definido], [-específico] e [-identificável], bloqueando a tomada do sujeito da oração como referente. Em (44c), por haver dois sintagmas coordenados, há a configuração de um novo cenário. O primeiro sintagma, *um útero*, carrega os traços [-definido], [-específico] e [-identificável], pois não é possível identificar o sujeito da oração

<sup>42</sup> Callou, Portela, Avelar, e Serra (2002), ao discutirem os traços formais do artigo definido, propõem que esse carrega os seguintes traços: [definido], [específico], [identificável]. Em nossa descrição, adotaremos dessa definição.

como referente. No segundo sintagma, *um dos ovários*, o artigo indefinido, em contrapartida, carrega os traços [+definido], [+específico] e [+identificável]. Essa relação parece ser motivada pelo fato de particularizar um determinado elemento. Esse mesmo contexto pode ser observado em outros exemplos, em que ocorre a restrição de um dado elemento, quando uma classe ou espécie envolve mais de um membro, sendo, portanto, maior que um:

- (45) a. Deputado<sub>i</sub> operou [**um** pé]<sub>i</sub>.  
 b. Covas<sub>i</sub> extraiu [**um** rim]<sub>i</sub>.  
 c. Senador<sub>i</sub> tirou [**um** dente]<sub>i</sub>.

Em (45), o artigo indefinido carrega os traços [+definido], [+específico] e [+identificável], uma vez que, em todas as sentenças, o DP é nucleado pelo artigo indefinido *um*, estabelecendo em uma relação referencial intra-sentencial. Todas as sentenças, em (45), envolve um contexto que expressa a restrição de um membro, um dado elemento, que é relacionado a uma dada classe ou espécie, que possui pelo menos mais de um membro/elemento, sugerindo uma noção de conjunto. Por exemplo, como se sabe, o corpo humano, geralmente, é constituído por dois pés, dois rins e uma arcada dentária composta por no mínimo um dente. Esse ambiente permite-nos reconhecer que, quando o artigo indefinido *um*<sup>43</sup> tiver função de singularizar, elegendo um membro de uma determinada classe ou espécie, passará a carregar os traços [+definido], [+específico] e [+identificável], como em (45).

Em resumo, partindo do exame de Floripi e Nunes (2009) referente aos possessivos nulos, foi possível caracterizar, de maneira mais clara, como ocorre a correferência ao sujeito, nas construções causativas analíticas e, sobretudo, na CSVT. Outra propriedade, na constituição CSVT, está relacionada ao DP definido, conforme observado por Floripi e Nunes (2009). Na análise dos nossos dados, ficou evidente que o DP definido apresenta uma função de suma importância, visto que carrega os traços [+definido], [+específico] e [+identificável], possibilitando o reconhecimento referencial do sujeito na CSVT. Além disso,

---

<sup>43</sup> É importante ressaltar que há inúmeros trabalhos que examinam o artigo indefinido (RUSSEL, 1905; LEVINSON, 1983; CHIERCHIA, 1998; CALLOU *et al.* 2002; PIRES DE OLIVEIRA, 2005; LIMA, 2007, dentre outros). Lima (2007), ao investigar o comportamento do artigo indefinido *um* em comparação a *algum*, no PB, verificou que *um* pode apresentar funções como: (i) força quantificacional; (ii) ser antecedente de pronome anafórico e (iii) fazer referência a um indivíduo em especial. Em vista da complexidade desse artigo, essa discussão não será pormenorizada aqui. Por ora, precisamos apontar que o artigo indefinido *um* possui uma função relevante na constituição da CSVT, que é particularizar quando está relacionado a uma noção que envolva mais de um membro/elemento.

o DP, nucleado pelo artigo *um*, quando apresentar a função de particularizar um elemento dentro de uma noção de conjunto, também apresentará os traços [+definido], [+específico] e [+identificável]. Esse mesmo DP, quando não expressar esse contexto de restringir uma classe ou espécie, carregará os traços [-definido], [-específico] e [-identificável], resultando no bloqueio da interpretação da CSVT.

Na seção a seguir, investigaremos o comportamento do PP que tem a função de introduzir o argumento interpretado como o agente causado na CSVT.

### 5.3. Sobre a Interpretação do PP

Nesta seção, examinaremos o PP que introduz o argumento interpretado como o agente causado, responsável por executar o evento expresso pelo verbo transitivo. Observemos os dados, seguir:

- (46) a. José Sarney **cortou** o cabelo uma única vez *com Raimundo*.  
 b. Já a cantora Marina Lima, no casting de Mário Queiroz, **cortou** o cabelo antes, *com Mauro Freire*.  
 c. No camarim de ontem: o modelo Fábio Ghirardelli **cortou** o cabelo lá mesmo, *com Carrasco*.  
 d. Eu **fiz** duas cirurgias *com o doutor Evaldo* [...]  
 e. Eu mesmo **operei** minha mão *com o Waldemar* [...]
- (CB, português contemporâneo)

Em (46), todos os sintagmas, nucleados pela preposição *com*, possuem a função de introduzir o argumento que é interpretado semanticamente como o agente das ações de *cortar*, *fazer* e *operar*, respectivamente. Na literatura, há autores que propõem que esse PP apresenta propriedades semelhantes ao que Gramática Tradicional classifica como agente da passiva (cf. BITTENCOURT, 1955, 2001; SILVA, 2009 e NEGRÃO *et al.* 2013, entre outros). Em nosso trabalho, analisamos as propriedades sintáticas e semânticas desse argumento, discutindo a presença do PP na CSVT. A partir dessa análise, apresentamos uma revisão na representação do nível subjacente da CSVT.

Chomsky (1981) postula que as construções passivas advêm da aplicação de regras de movimento. Essa construção é considerada resultante de operações sintáticas, em que os papéis- $\theta$  referentes ao sujeito e ao objeto, na forma ativa, apresentam uma distribuição complementar na forma passiva. Em função desse movimento, o objeto da sentença ativa

passa a ocupar a posição de sujeito na forma passiva. Chomsky (1981) ainda prevê que, em uma sentença como (47a), o constituinte que ocupa a posição de especificador de IP ou TP não recebe seu papel temático nesta posição. Trata-se assim de uma posição não temática que pode ser preenchida por um não argumento (um expletivo):

- (47) a. *John was killed*  
       ‘João foi morto’  
       b. [NP e] was killed John  
       [NP e] foi morto John

(CHOMSKY, 1981, p. 124)

Chomsky (1981) esclarece ainda que, em (47a), *John* deve ser movido para a posição de sujeito, para não violar o Filtro de Caso, em razão do Princípio da Projeção Estendida e do Critério- $\theta$ , pois na posição de sujeito há Caso disponível, mas não papel- $\theta$ . O movimento do NP é uma condição fundamental para a construção passiva, se não houver o movimento, a construção passiva não será bem formada.

Jaeggli (1986), partindo da análise de Chomsky (1981), discute as construções passivas do inglês. Jaeggli (1986) também reconhece que os verbos, que formam as sentenças passivas, absorvem o Caso do argumento externo e, como efeito, não há atribuição de Caso à posição do objeto. Esse processo implica em consequências que interferem na realização do *by-phrase*, isto é, o PP agente da passiva. Jaeggli (1986) destaca que o *by-phrase* não pode ser categoricamente interpretado como agente, uma vez que essa relação depende do papel temático determinado pelo verbo, conforme pode ser verificado nos seguintes exemplos:

- (48) a. Bill was killed by Mary. (Agent)  
       ‘Bill foi morto por Mary.’ (Agente)  
       b. The package was sent by John. (Source)  
       ‘O pacote foi enviado por John.’ (Fonte)  
       c. The letter was received by Bill. (Goal)  
       ‘A carta foi recebida por Bill.’ (Meta)  
       d. That professor is feared by all students. (Experiencer)  
       ‘Que o professor é temido por todos os alunos.’ (Experienciador)
- (JAEGLI, 1986, p. 599)

As sentenças, em (48), configuram essa relação descrita por Jaeggli, pois o DP *Mary*, na condição de argumento externo, recebe papel de agente (48a), o DP *John*, na condição de argumento externo, recebe papel de fonte (48b) e assim sucessivamente. Com base nisso, Jaeggli (1986) alega que a afixação do morfema passivo *-en/-ed*<sup>44</sup>, nas construções passivas,

<sup>44</sup> Em português, os morfemas *-ado/-ido* formam o particípio (MELO, 1978).



envolve a transferência do papel- $\theta$  do *by-phrase* para o NP. O autor também explica que a preposição atribui função semântica ao NP e, se não houver essa transferência, pode haver a violação do Critério- $\theta$ , visto que a preposição é capaz de atribuir apenas papel de locativo ou instrumento. Jaeggli (1986) ainda elucida que o *by-phrase* é um argumento subcategorizado opcionalmente, porém postula que há construções, nas quais ocorre a manifestação de um argumento implícito (*implicit argument*):

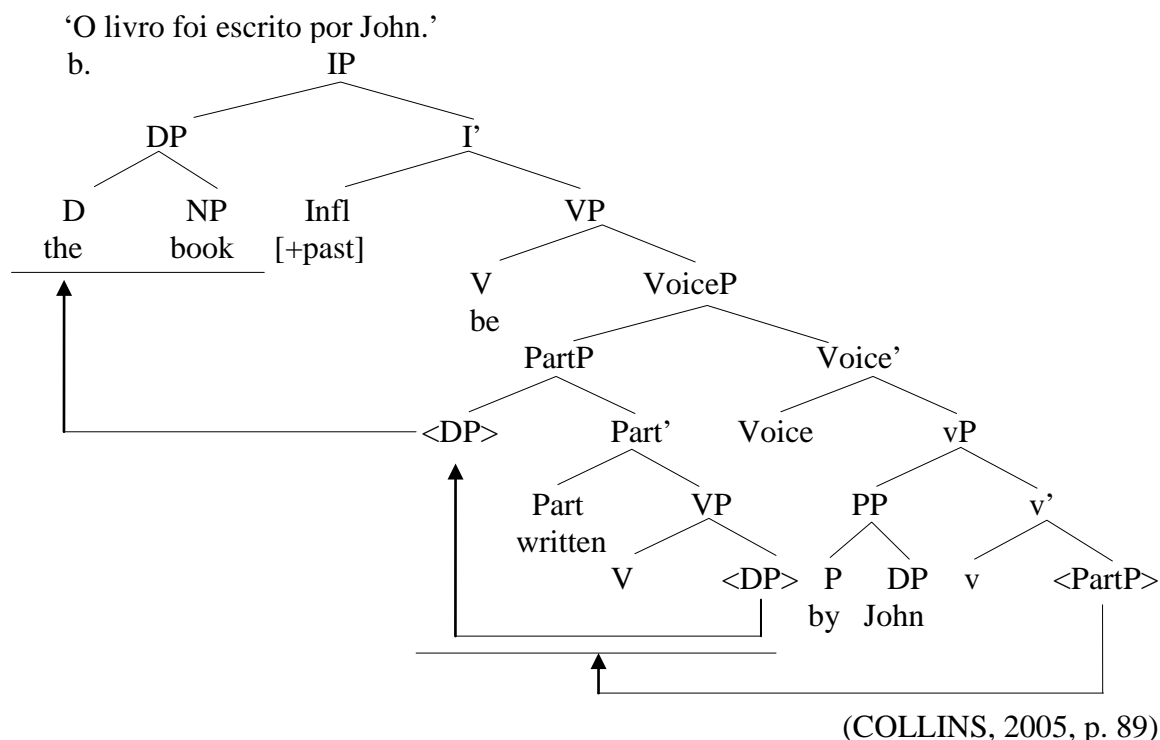
- (49) a. They decreased the price [to help the poor].  
 ‘Eles diminuíram o preço [para ajudar os pobres].’  
 b. The price was decreased [to help the poor].  
 ‘O preço foi diminuído [para ajudar os pobres].’  
 c. \*The price decreased [to help the poor].  
 ‘\* O preço diminuiu [para ajudar os pobres].’

(JAEGGLI, 1986, p. 611)

Em (49a), o sujeito da oração infinitiva é um argumento implícito, que pode ser interpretado como correferente ao sujeito da oração principal. A sentença em (49b), diferentemente, envolve uma referência arbitrária, relacionada a uma noção de *controle temático*. Trata-se de uma noção preconizada pelo autor relativa ao controle exercido pelo argumento implícito. Em (49b), o reconhecimento do argumento implícito permite essa entidade exercer *controle temático* sob o evento expresso pelo verbo *decrease* (diminuir). O autor salienta que, quando o argumento implícito é capaz de ter controle temático, ele é incapaz de controlar argumentos, visto que o controle de argumento envolve posições argumentais, diferentemente, do controle temático, em que essa relação não é possível. Assim, em uma sentença como, em (49b), o argumento implícito é capaz de controlar a posição de sujeito da oração infinitiva, podendo abrigar um PRO. A proposta desenvolvida por Jaeggli (1986) referente às construções passivas permite-nos compreender melhor o comportamento do *by-phrase*, que pode ser interpretado como um argumento implícito e não ser realizado fonologicamente. Outro fato importante dessa análise é a relação entre o argumento implícito e o controle temático, tendo em vista que possibilita a presença de PRO na posição de sujeito da oração infinitiva.

Collins (2005), seguindo o quadro teórico do minimalismo, retoma o argumento proposto por Jaeggli (1986) e desenvolve uma análise alternativa para *by-phrase*, postulando uma operação chamada *smuggling*. Nessa análise, o autor prevê que construções passivas com *by-phrase* envolvem o núcleo VoiceP, assim como PartIP, como uma exigência do participio:

- (50) a. The book was written by John.



Em (50b), VoiceP é uma exigência do particípio, que licencia V alçar para Part e PartP alçar para a posição de [Spec, VoiceP]. Para Collins (2005), o ganho teórico dessa análise está relacionado ao fato do argumento introduzido por *by-phrase* poder estabelecer uma relação de localidade. Além disso, na operação *smuggling*, é licenciado o movimento do argumento interno para [Spec, IP] e a checagem do Caso nominativo de Voice<sup>o</sup>. Essa operação, segundo o autor, impede que o objeto direto lógico se encontre com o argumento externo na estrutura passiva. Vale destacar que esse processo revela um movimento alternativo, mais laborioso, já que esse movimento do núcleo estaria seguindo direção contrária. Collins (2005) ainda argumenta que VoiceP é um núcleo, estruturalmente, essencial para o licenciamento das construções passivas. O autor ainda esclarece que, quando VoiceP é preenchido lexicalmente e ocorre a realização de *by-phrase*, trata-se de passiva longa, como em (50), quando não é preenchido lexicalmente, trata-se de passiva curta, como em (51):

- (51) the book was written *ec*  
‘o livro foi escrito *ec*’

Em (51), há uma passiva curta, sentença sem a realização do *by-phrase*, envolvendo uma categoria vazia (*empty category*). Collins (2005) prevê que, nas passivas, há uma relação de localidade do *by-phrase*, uma vez que esse núcleo é projetado dentro do domínio de VoiceP. Diante disso, o autor defende que VoiceP pode apresentar duas possibilidades de

realização, pois pode ser preenchido lexicalmente, por meio da preposição *by* ou pode ser interpretado como argumento implícito, como nas passivas curtas.

Negrão *et al.* (2013), baseados na análise de Collins (2005), investigam as construções passivas e, especialmente, a alternância de construções possessivas em dados do PB. Os autores reconhecem duas possíveis formas de estruturas de posse no PB:

- (52) a. [O cabeleireiro] cortou [o cabelo d[o João]].  
 b. [O João] cortou [o cabelo].
- (53) a. [Alguém] quebrou [o braço d[o João]].  
 b. [O João] quebrou [o braço].

(NEGRÃO *et al.*, 2013, p. 1)

As sentenças, em (52), são analisadas como alternância *agente-possuidor* e, em (53), alternância *corpo-possessivo*. Cabe destacar que a sentença, em (52), tratada como alternância *agente-possuidor* por Negrão *et al.* (2013), em nossa pesquisa, analisamos como CSVT. Em relação à alternância *agente-possuidor*, os autores esclarecem que, na forma alternante, o argumento interpretado como agente pode ser introduzido por meio de preposição, como em (54) (NEGRÃO *et al.*, 2013, p. 3):

- (54) O João cortou o cabelo [com o cabeleireiro].

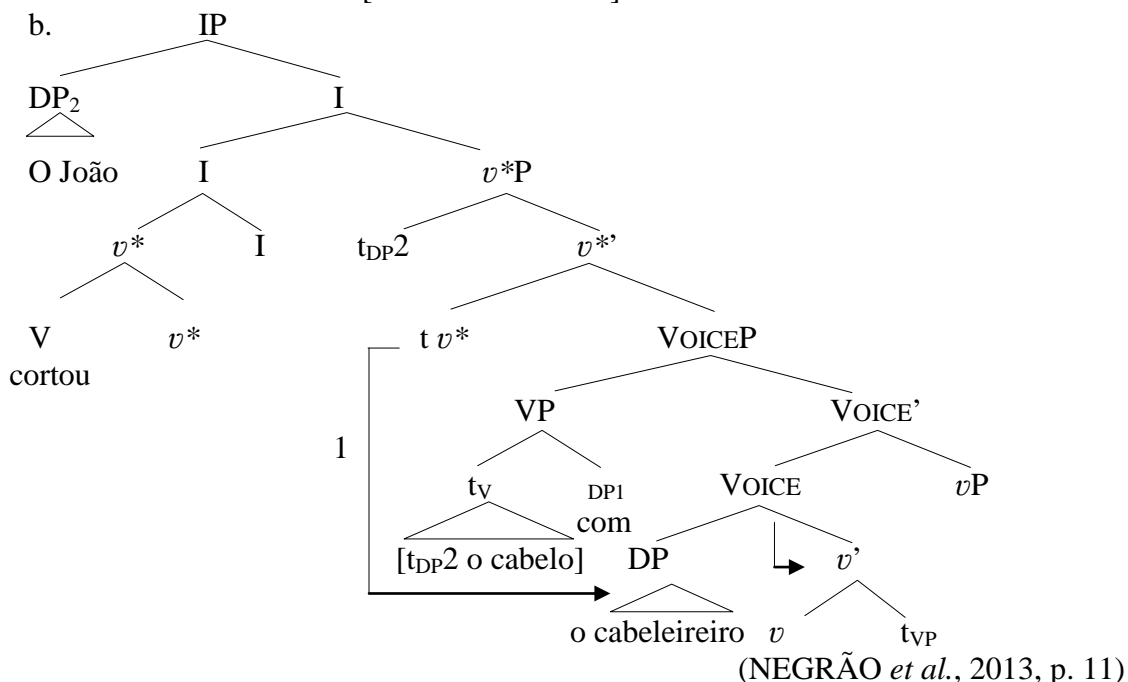
Negrão *et al.* (2013) discutem algumas propriedades das construções *agente-possuidor*, como a necessidade da agenticidade. Atentemo-nos agora às seguintes ocorrências:

- (55) a. O funcionário xerocou o artigo do João.  
 b. O João xerocou o artigo com o funcionário *\*sem querer / \*acidentalmente*.
- (56) a. O médico operou o nariz do João.  
 b. O João operou o nariz com o médico *\*sem querer / \*acidentalmente*.
- (57) a. O dentista extraiu o dente do João.  
 b. O João extraiu o dente com o dentista *\*sem querer / \*acidentalmente*.

(NEGRÃO *et al.*, 2013, p. 3)

Negrão *et al.* (2013) ressaltam o fato de que, nas sentenças acima, a volição é uma propriedade essencial, visto que não permite a anulação ou controle do evento. Os autores também destacam que, nessa alternância, há um PP cuja função é introduzir o argumento interpretado como agente. Nesses exemplos o PP tem como núcleo a preposição *com* (cf. 55b-57b). No que diz respeito à estrutura sintática dessas sentenças, Negrão *et al.* (2013) baseiam-se na proposta *smuggling*, desenvolvida por Collins (2005), e prevêem a seguinte representação:

(58) a. O João cortou o cabelo [com o cabeleireiro].



Em (58b), ao seguir a análise de *smuggling*, postulada por Collins (2005), é possível a valoração de Caso, a atribuição de papel temático ao agente causado e o alçamento do possessivo, de acordo com Negrão *et al.* (2013). Nessa análise, há um VoiceP para projetar o PP nucleado pela preposição *com*. Esse núcleo é capaz de abrigar o DP *o cabeleireiro*, identificado como agente indireto, agente causado. Em (58b), por não se tratar de um construção passiva, em vez da realização do núcleo PartP, para alocar o particípio, há um *v*, segundo os autores.

Partindo das análises apresentadas até aqui, desenvolvidas por Jaeggli (1986), por Collins (2005) e por Negrão *et al.* (2013), buscaremos discutir a realização do PP nas causativas analíticas, comparando-as às passivas analíticas.

As sentenças passivas analíticas, no PB, são formadas pelo verbo *ser* em forma finita, seguido de particípio passado do verbo principal e são classificadas como um período simples, de acordo com a tradição gramatical (MELO, 1978). As sentenças causativas analíticas, por seu turno, possuem um verbo causativo seguido de oração encaixada, formando um período composto, com base na visão tradicional (MELO, 1978). Considerando a abordagem formalista, essas diferenças estruturais entre as passivas analíticas e as causativas analíticas resultam em diferentes representações sintáticas, bem como formas distintas de

atribuições de Caso e, sobretudo, de papéis temáticos (CHOMSKY, 1981; JAEGGLI, 1986; BLANCO, 2010, 2011, entre outros).

Em relação à análise de Jaeggli (1986) sobre as passivas, podemos considerar que as passivas, assim como as causativas, podem apresentar um argumento implícito e com controle temático. Nas causativas, essa relação também pode ser verificada:

- (59)
- a. José Sarney **cortou** o cabelo [uma única vez] [*com Raimundo*].
  - b. José Sarney **cortou** o cabelo.
  - c. José Sarney<sub>i</sub> fez Raimundo cortar seu<sub>i</sub> cabelo.
  - d. José Sarney<sub>i</sub> fez cortar seu<sub>i</sub> cabelo.

Em (59a), temos um exemplo de CSVT com a realização de um PP *com Raimundo*, para introduzir o argumento interpretado como agente da ação de *cortar*. Em (58b), temos um exemplo de CSVT sem o PP. Em (59c), há uma paráfrase compatível com uma causativa analítica. Por fim, em (59d), temos uma paráfrase sem a realização do argumento externo da sentença encaixada, mas que também pode ser interpretado implicitamente (José Sarney fez [alguém] cortar seu cabelo). Ao analisarmos os dados acima, podemos refletir acerca da proposta de Jaeggli (1986), visto que os dados, em (59b) e em (59d), parecem indicar que o argumento é realizado pelo DP *Raimundo* é opcionalmente subcategorizado. Entretanto, identificamos que o argumento implícito possui controle temático sobre o evento expresso pelo verbo *cortar*. Isso significa que, na CSVT, ainda que não seja realizado fonologicamente esse argumento é interpretado.

Quanto à proposta de Collins (2005), sobre as passivas longas, o autor postula que, por meio da operação *smuggling*, o possuidor pode alçar para [Spec,IP], o PartP pode projetar VoiceP, permitindo a realização do agente indireto, bem como ter o Caso Nominativo valorado. Contudo, essa análise reforça as diferenças estruturais entre as construções passivas em comparação às construções causativas analíticas. Destacamos, aqui, o fato de a passiva ser uma derivação de um período simples, sendo a causativa analítica, necessariamente, um período composto.

No que se refere ao tratamento de Negrão *et al.* (2013), sobre as construções de alternância *agente-possuidor*, é necessário retomarmos os seguintes detalhes dessa análise. Comparemos as seguintes sentenças de Negrão *et al.* (2013):

- (60)
- a. O cabelo do João foi cortado pelo cabeleireiro.
  - b. João teve o cabelo cortado pelo cabeleireiro.
  - c. O João cortou o cabelo com o cabeleireiro.

(NEGRÃO *et al.*, 2013, p. 7)

Negrão *et al.* (2013) classificam que, em (60a), há uma passiva canônica; em (60b), há uma passiva não-canônica; e, em (60c), há a forma alternante *agente-possuidor*. O dado em (60a) é classificado como forma passiva, mas não é possível identificá-lo como a passiva que dá origem ao dado em (60c). A forma ativa da sentença, em (60a), deve ser algo como “O cabeleireiro cortou cabelo do João”, constituindo assim um período simples. Isso significa que a sentença, em (60a), não pode ser convertida na sentença em (60c), impedindo o reconhecimento de (60a) e de (60c) como formas alternantes, como já observado no capítulo 1. No que se refere à sentença, em (60b), classificada como passiva não-canônica, por Negrão *et al.* (2013), podemos considerar que essa construção envolve uma passiva dentro da oração encaixada, tornando essa análise parcialmente adequada. Em (60b), há uma construção bioracional, composta com uma oração principal, formada com o verbo *ter*, seguida de uma minioração<sup>45</sup> cujo predicado é *cortado*. Essas propriedades levam-nos a reconhecer, portanto, que, em (60b), há um período composto. Ainda sobre o dado, em (60b), é importante observarmos a análise de Vilela (2009).

Vilela (2009), ao investigar o aprendizado da alternância *agente-possuidor*, translinguisticamente, compara dados do PB a dados do inglês. A autora explica que sentenças como, em (61), em inglês, são expressas por meio de uma estrutura bioracional, classificada como causativa-passiva (VILELA, 2009, p. 79):

- (61) a. [John]<sub>sujeito</sub> had [his hair]<sub>objeto</sub> [cut ]<sub>part. pass.</sub>  
 ‘John teve seu cabelo cortado.’  
 b. [John]<sub>sujeito</sub> had/got [his car]<sub>objeto</sub> [repaired]<sub>part. pass.</sub>  
 ‘John teve seu carro reparado (consertado).’

De acordo com Vilela (2009), a construção causativa-passiva, em (61), é constituída por um NP-sujeito, um verbo (*have* ou *get*), um NP-objeto e um particípio passado. Essa estrutura expressa um sentido causativo, uma vez que o sujeito sintático é interpretado como o indivíduo que realiza a ação de ir ao salão ou levar o carro a uma oficina mecânica. A realização desse evento desencadeia a *causa* e apresenta como resultado o cabelo cortado ou o carro consertado. Vilela (2009) propõe que a construção causativa-passiva é um tipo de passiva, semelhante à forma canônica, já que há uma reorganização na estrutura da oração. Nessa construção, um participante, que não é o agente, é reconhecido como o ponto de partida para expressar o evento, apresentando uma função comunicativa da mensagem. Além disso,

---

<sup>45</sup> Minioração (do inglês, *Small Clause*) diz respeito a uma predicção sem verbo, que expressa uma relação sujeito-predicado, em que não há marcação de tempo (MIOTO *et al.* 2007).

esse tipo de construção envolve um indivíduo que possui *iniciativa*, como traço fundamental, visto que ele é o responsável por desencadear o processo implicado no verbo. Vilela (2009) ainda acrescenta que essa construção está relacionada à prestação de serviços ao indivíduo expresso pelo NP-sujeito e, normalmente, inclui troca de pagamento. O agente da ação verbal na causativa-passiva também é uma propriedade relevante abordada por Vilela (2009). Observemos o dado a seguir (VILELA, 2009, p. 80):

- (62) The teacher *had the students write an essay on verbs*.  
 ‘O professor mandou os alunos escreverem um ensaio sobre verbos.’

Ao cotejar a causativa-passiva à causativa-ativa, Vilela (2009) explica que, na causativa-passiva, em (61), o agente da ação verbal pode ser omitido, diferentemente da causativa-ativa, em (62), na qual não pode haver a omissão. Além disso, segundo Vilela (2009), essas duas construções, embora ocorram por meio de perífrase verbal, a causativa-passiva é formada com particípio e a causativa-ativa é formada com infinitivo. Assim, diante da análise de Vilela (2009) e de Negrão *et al.* (2013), é possível reconhecer que, em (60b), temos uma causativa que envolve uma passiva, dentro da oração encaixada. Além disso, verificamos também que o PP, com função de *by-phrase*, embora seja opcionalmente subcategorizado, trata-se de um argumento necessário semanticamente.

Diante das análises de Vilela (2009) e de Negrão *et al.* (2013), é possível afirmar que a sentença, em (60a), não pode ser considerada uma passiva de (60c), uma vez que a conversão da sentença, em (60c), não é equivalente à sentença em (60a). No que concerne à sentença, em (60b), classificada como passiva não-canônica, por Negrão *et al.* (2013), trata-se de uma forma bioracional, utilizada para expressar a causativa na tradução para o inglês (VILELA, 2009). A partir de Vilela (2009) e de Negrão *et al.* (2013), vamos assumir que a sentença, em (60b), envolve uma passiva dentro da oração subordinada. Contudo, consideramos que tanto a sentença, em (60a), quanto em (60b), apresentam estruturas sintáticas distintas da construção em (60c), apresentando restrições que impedem que reconheçamos essas sentenças como formas passivas alternantes de (60c). Como já discutido no capítulo 1, a noção de hierarquia de constituintes, bem como a aplicação da operação MERGE, impossibilitam o tratamento dessas construções como formas alternantes numa abordagem sintática. Por fim, cabe reforçar que nos dados, em (60), não há apenas variação na ordem dos constituintes, há estruturas simples e perifrásticas, assim como são constituídas por meio de formas verbais distintas.

Pautados na análise desenvolvida por Negrão *et al.* (2013) e nas impressões até aqui reunidas acerca da CSVT, assumimos que, embora a CSVT apresente semelhanças, quando comparada às construções passivas, essa construção não é uma forma alternante de passiva. Permaneceremos defendendo, em nossa pesquisa, que a CSVT é resultante de um processo derivacional de uma construção análoga à causativa analítica. Entretanto, diante da complexidade, desse fenômeno precisaremos reconsiderar alguns pontos de nossa análise.

Como já apontado por Negrão *et al.* (2013), o PP é fundamental na alternância *agente-possuidor*. Em nossa análise, reconhecemos a importância desse argumento, na CVST, mas vamos interpretá-lo com um adjunto. A partir disso, vamos reconhecer que a CSVT possui duas possibilidades de representação. Para o desenvolvimento de tal análise, é necessário reexaminarmos a função do PP na CSVT.

- (63) a. João cortou o cabelo [com a navalha]  
 b. João cortou o cabelo [com o Pedro]  
 c. ?João cortou o cabelo [com o Pedro] [com a navalha].
- (64) a. João morreu [pelo filho]  
 b. João fugiu [pelo filho]

Em (63a), temos uma sentença formada com um verbo transitivo motor de segunda ordem e o PP introduz o instrumento utilizado para execução da ação de *cortar*. Como já dito no capítulo 1, os verbos transitivos motores de segunda ordem, que compõem a CSVT, requerem semanticamente um instrumento. Essa relação semântica é corroborada por Levin (1993) e por Sales e Naves (2009). Para essas autoras, verbos como *cortar* e *pintar* requerem um instrumento como um traço semântico obrigatório, ainda que esse argumento não seja realizado fonologicamente. A sentença, em (63b), também é formada com o verbo *cortar*, mas, nesse caso, em vez do instrumento, o PP introduz o argumento identificado como agente causado. Nessa sentença, o PP parece apresentar um estatuto ambíguo, pois, apesar de possuir os traços [+animado] e [+humano], esse argumento não é categoricamente identificado como o agente do verbo *cortar*, já que não é o argumento externo do verbo *cortar*. Isso significa que esse PP parece não fazer parte da estrutura argumental do verbo, tendo em vista que *cortar* é um verbo que seleciona categorialmente um argumento interno e um argumento externo. Diante disso, admitiremos que, nesse tipo de construção, o PP parece exercer uma função típica de advérbio ou adjunto, pois, como vimos, não faz parte da estrutura argumental. Outro ponto que precisamos observar é que a sentença, em (63c), embora não seja agramatical, não parece ser plenamente aceitável, já que a presença de dois PP causaria uma leitura de difícil processamento. Na interpretação da sentença em (63c), não é possível identificar, em



princípio, quem manuseia o instrumento e qual é a função semântica do DP *Pedro* complemento do PP. Essa circunstância parece revelar ainda uma concorrência, pois, quando o PP que introduz o instrumento é manifestado, o agente causado é dispensado, ocorrendo uma exclusão mútua.

Essa noção adverbial fica ainda mais evidente ao examinarmos os dados em (64). As sentenças, em (64), são formadas com verbo inacusativos. Como é possível observar, nessas sentenças, o PP, ainda que possua os traços [+animado] e [+humano], apresenta uma função adverbial e esse argumento é identificado semanticamente como *causa*. Essa discussão permite-nos verificar, mais que um viés interpretativo, o que parece ser uma evidência da natureza de adjunto desse constituinte. Na CSVT, a preposição parece assumir ainda uma função mais indefinida, uma vez que pode introduzir o instrumento ou o agente causado, revelando a dupla natureza interpretativa do adjunto. Nesse contexto, as análises de Bruening (2013) e de Legate (2014), sobre VoiceP e a relação com o *by-phrase*, permitem-nos um exame mais específico sobre a interpretação desse argumento na CSVT.

Como vimos, Bruening (2013) e de Legate consideram que o *by-phrase*, nas construções passivas, está diretamente relacionado ao VoiceP. Além disso, para os autores, o *by-phrase* é realizado na posição de adjunto. Como já dissemos, a CSVT não é uma construção passiva ou derivada de tal, mas o PP presente na CSVT parece possuir propriedades análogas ao *by-phrase*. Como vimos no capítulo anterior, Bruening (2013) propõe que a realização de *by-phrase* requer, sintática e semanticamente, a presença de um argumento externo. Segundo o autor, esse argumento é introduzido por Voice<sup>o</sup>. O autor também explica que essa relação também pode ser observada nos adjuntos nucleados por preposição que introduzem instrumentos ou comitativos:

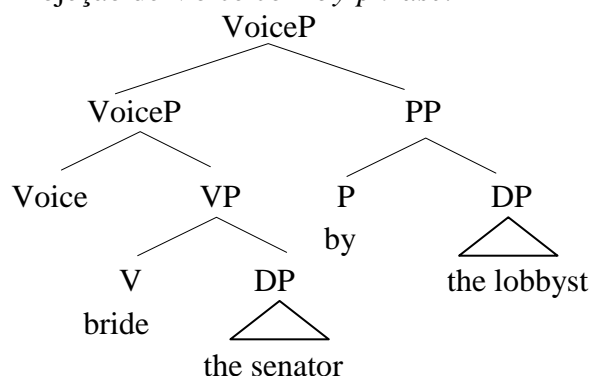
- (65) The present was received *by my mother-in-law*.  
 ‘O presente foi recebido pela minha sogra.’
- (66) a. The enemy sank the ship *with a torpedo*.  
 ‘O inimigo afundou o navio com um torpedo.’  
 b. The ship was sunk *with a torpedo*.  
 ‘O navio foi afundado com um torpedo.’
- (67) a. The saboteur sank the ship *with a henchman*.  
 ‘O sabotador afundou o navio com um capanga.’  
 b. This ship should be sunk *with a henchman*.  
 ‘Este navio deve ser afundado com um capanga.’

(BRUENING, 2013, p.1-3)

A sentença, em (65), é uma passiva com a realização de *by-phrase*. Em (66), as sentenças ilustram a alternância ativa-passiva com a realização do PP, para introduzir o

instrumento. Por fim, as sentenças, em (67), representam a alternância ativa-passiva com a realização do PP, para introduzir comitativo. Segundo Bruening (2013), *by-phrase*, comitativos e instrumentos requerem a presença de argumento externo e todos esses argumentos são associados a VoiceP. A diferença entre o *by-phrase*, o comitativo e o instrumento é que o primeiro é realizado para saturar semanticamente VoiceP, os dois últimos, por sua vez, adicionam seus próprios papéis. O autor desenvolve uma minuciosa análise sobre as passivas, considerando suas propriedades sintáticas e semânticas. Pautado nesse exame, Bruening (2013) define que a passiva é uma operação morfossintática que impede a realização do argumento externo como argumento. Adicionalmente, o autor explica que, na passiva: i) se o argumento externo não for realizado, ele será interpretado como existencial e ii) se o argumento externo for realizado, será em posição de adjunção. Tomando por base essas propriedades, Bruening (2013) propõe a seguinte representação, quando o *by-phrase* for adjungido a VoiceP:

(68) Projeção de Voice com *by-phrase*:



(Adaptado de BRUENING, 2013, p. 16)

Como pode ser observado em (68), o *by-phrase* ocorre em posição de adjunção. Bruening (2013) explica ainda que os traços seletoriais de VoiceP não são projetados. Assim, por *by-phrase* estar em condição de adjunto, ele não é selecionado por Voice e os próprios traços seletoriais de Voice não são afetados pela fusão do adjunto. Nessa situação, *by* toma como função um argumento individual aberto, permitindo que seu argumento tenha função de saturar VoiceP. Para o autor, esse mecanismo possibilita que a projeção de VoiceP, com o *by-phrase* adjungido, seja semanticamente equivalente a um VoiceP realizado na voz ativa, projetando a posição [Spec, VoiceP]. Bruening (2013) prevê que, nesse sentido, sentenças ativas e passivas com *by-phrase* têm valores de verdade equivalentes.

Considerando a natureza do *by-phrase* investigada por Bruening (2013), adotaremos parcialmente essa proposta, uma vez que reconhecemos que o PP que introduz o agente causado, na CSVT, apresenta propriedades análogas ao *by-phrase*. Apoiando-nos nessa proposta, reformularemos nossa análise sobre a representação da CSVT. Continuaremos assumindo que essa construção é derivada de uma estrutura compatível com causativa analítica. Contudo, assumiremos, a partir de agora, que, quando o PP for realizado na CSVT, apresentará uma representação distinta da CSVT sem a realização do PP.

Outra propriedade essencial que cabe detalhar é que, na representação sem o PP, na posição de [Spec, VoiceP] da oração encaixada, ocorrerá um *pro*:

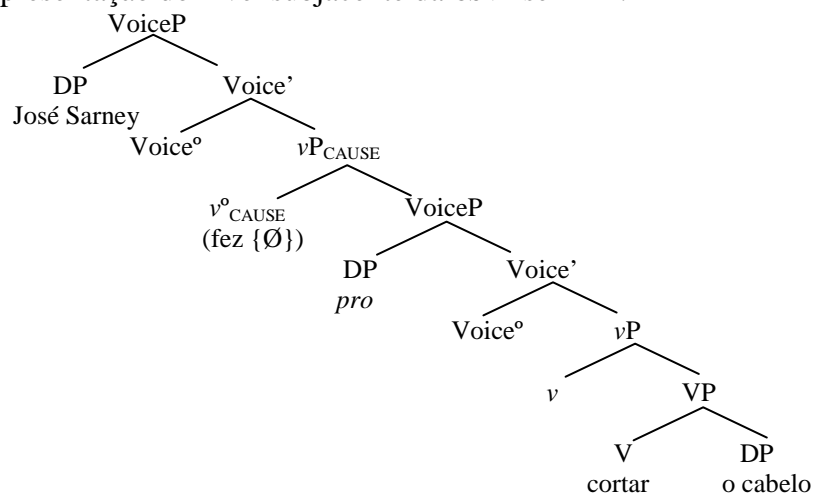
- (69) a. José Sarney **cortou** o cabelo.  
 b. José Sarney<sub>i</sub> **fez** *pro*<sub>j/\*i</sub> **cortar** o cabelo.

A sentença, em (69a), é um exemplo de CSVT. Em (69b), apresentamos a reformulação da interpretação do nível subjacente de (69a). Em (69b), na posição de sujeito da oração encaixada, há um elemento pronominal sem realização fonológica. Em nossa análise, essa posição abriga um *pro*. Na abordagem gerativista, *pro* envolve um sujeito pronominal nulo, que pode ser recuperado por meio de traços gramaticais (CHOMSKY, 1981, 1999, RAPOSO 1992). Considerando a análise de Bruening (2013), assumiremos que, na CSVT, na ausência do argumento externo da oração encaixada, ele será necessariamente interpretado como existencial. Como veremos, em (72c), esse existencial será representado por um *pro*, uma categoria vazia. Baseados nisso, continuaremos reconhecendo a construção, em (69a), como um exemplar de CSVT, e sua representação sintática, no nível subjacente, envolve componentes que não são realizados fonologicamente. Observemos os seguintes dados:

- (70) a. Eu<sub>i</sub> **fiz** duas cirurgias.  
 b. Eu<sub>i</sub> *fiz* *pro*<sub>j/\*i</sub> **fazer** duas cirurgias.  
 (71) a. Eu<sub>i</sub> **operei** minha mão.  
 b. Eu<sub>j</sub> *fiz* *pro*<sub>j/\*i</sub> **operar** minha mão.

As sentenças, em (70a)-(71a), também são exemplares de CSVT. Em (70b)-(71b), há o que presumimos ser a interpretação do nível subjacente. Nelas, há uma estrutura compatível com uma causativa analítica, em que a oração principal é nucleada pelo verbo leve que, por sua vez, toma como complemento uma oração infinitiva. No nível subjacente, há um *pro* na posição de sujeito da oração encaixada:

- (72) a. José Sarney **cortou** o cabelo.  
 b. José Sarney<sub>i</sub> **fez** *pro*<sub>j/\*i</sub> **cortar** o cabelo.  
 c. Representação do nível subjacente da CSVT sem PP:



A representação acima explicita o nível subjacente da CSVT. Na posição de [Spec, VoiceP], é projetado o argumento externo do verbo leve *fazer* e o DP [José Sarney] ocupa essa posição. Como já vimos, VoiceP está relacionado à função de agente/iniciador. Nessa estrutura, consideramos que esse argumento externo tem função de iniciador (LEGATE, 2014), uma vez que é responsável por desencadear o evento expresso pelo verbo *cortar*. Em (72b), a oração principal toma como objeto a oração encaixada. Nessa posição, assumiremos que há um *pro*, um sujeito nulo não referencial. Esse *pro* é interpretado semanticamente como um existencial, isto é, existe um indivíduo que foi o agente causado/iniciador do evento expresso pelo verbo transitivo.

Uma última palavra em relação a *pro*, em (70b) e em (71b), diz respeito à correferência entre *pro* à posição de sujeito da oração principal. Nas sentenças acima, a correferência não é possível, pois a oração inteira é tomada como domínio sintático. Diante disso, *pro* não deve ser coindexado ao sujeito da oração principal, pois, caso contrário, violaria o Princípio B, da Teoria de Ligação (CHOMSKY, 1981). Os dados abaixo tornam ainda mais evidente este cenário:

- (73) a. João mandou ele<sub>j/\*i</sub> sair.  
 b. João mandou *pro*<sub>j/\*i</sub> sair

Em (73a), o pronome, que a ocupa a posição de argumento externo da oração encaixada, não pode ser coindexado à posição de sujeito da oração principal; isso se repete, em (73b), pois não é possível a correferência de *pro* à posição de sujeito da oração principal. Essa correferência não é possível, pois, como já dito, *pro* e o DP *João* encontram-se no

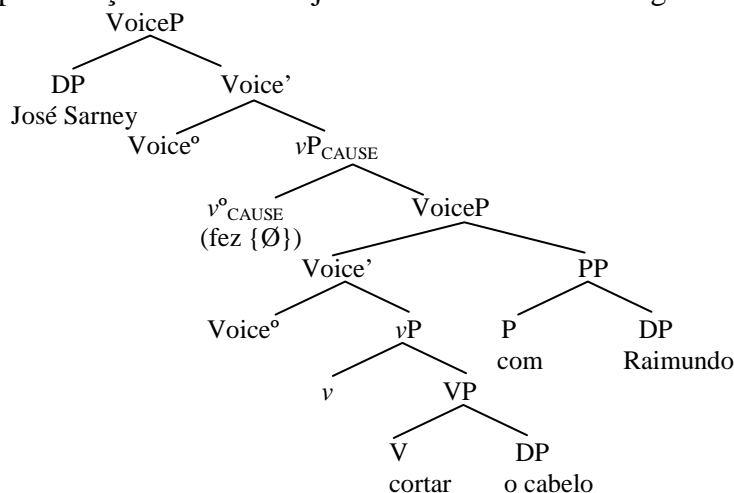
mesmo domínio sintático válido. Essa relação reforça que *pro*, no nível subjacente da CSVT, trata-se de um sujeito nulo não referencial.

No entanto, essa representação com *pro* não é compatível a CSVT, em que há a realização do PP, que introduz o agente causado:

- (74) a. José Sarney<sub>i</sub> **cortou** o cabelo com Raimundo<sub>j</sub>.  
 b. José Sarney<sub>i</sub> *fez* **cortar** o cabelo com Raimundo<sub>j</sub>.  
 (75) a. Eu<sub>i</sub> **fiz** duas cirurgias *com o doutor Evaldo*<sub>i</sub>.  
 b. Eu<sub>i</sub> *fiz* **fazer** duas cirurgias *com o doutor Evaldo*<sub>j</sub>.  
 (76) a. Eu<sub>i</sub> **operei** minha mão *com o Waldemar*<sub>i</sub>.  
 b. Eu<sub>i</sub> *fiz* **operar** minha mão *com o Waldemar*<sub>j</sub>.

As sentenças, em (74a)-(76a), são exemplares de CSVT, em que o PP é realizado fonologicamente. Esse argumento é introduzido pela preposição *com* e o DP tomado pela preposição é interpretado, semanticamente, como agente causado, ou seja, o agente/iniciador do evento expresso pelo verbo transitivo (*cortar*, *fazer* e *operar*). Na representação do nível subjacente da CSVT com PP, esse argumento será projetado em posição de adjunção e terá função de saturar o VoiceP:

- (77) a. José Sarney<sub>i</sub> **cortou** o cabelo com Raimundo<sub>j</sub>.  
 b. José Sarney<sub>i</sub> *fez* **cortar** o cabelo com Raimundo<sub>i</sub>.  
 c. Representação do nível subjacente da CSVT com PP agente causado:

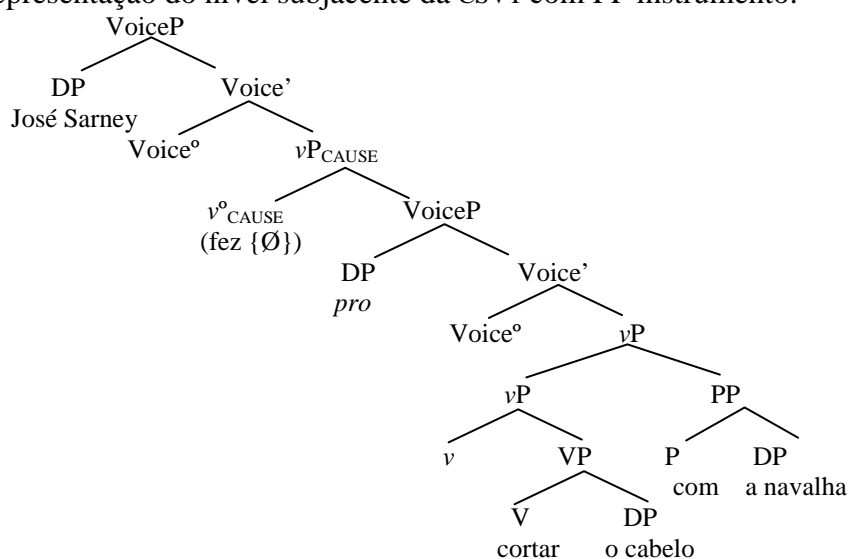


Em (77c), o PP tem função de introduzir o agente causado interpretado como o responsável por executar a ação de *cortar*. Esse argumento apresentará função associada ao VoiceP mais baixo na projeção. O PP, na representação acima, requer a presença de argumento externo. Reforçamos aqui que, no nível subjacente da CSVT, necessariamente, haverá um argumento externo do verbo transitivo. Como já dito, seguindo Bruening (2013),

admitiremos que esse argumento, quando não for realizado por meio do PP, será interpretado como um existencial. Em contrapartida, na CSVT com PP, a condição para realização desse sintagma é a realização de VoiceP. Assumiremos que, em (77c), o PP terá função de saturar o VoiceP mais baixo. Assim, em nossa análise, a presença do PP, o qual introduz o agente causado, torna-se uma função semântica necessária, uma vez que permitirá a saturação do Voice<sup>o</sup> mais baixo na representação do nível subjacente da CSVT.

No que se refere à necessidade semântica do instrumento, em função do comportamento dos verbos transitivos motores de segunda ordem, também adotaremos a proposta de Bruening (2013). Reconhecemos que, quando o instrumento for realizado fonologicamente, ele virá em posição de adjunção. Como já citado, destacamos que o adjunto na CSVT apresenta dupla natureza, uma vez que corresponde a exigência do argumento externo do verbo transitivo ou exigência semântica do próprio verbo em relação ao instrumento.

- (78) a. José Sarney **cortou** o cabelo com a navalha.  
 b. José Sarney<sub>i</sub>*fez* pro<sub>j/\*i</sub> **cortar** o cabelo.  
 c. Representação do nível subjacente da CSVT com PP instrumento:



Em (78c), há a representação do nível subjacente da CSVT com o PP que introduz o instrumento. Nessa estrutura, PP vem adjungido ao vP, uma vez que se trata de uma exigência do verbo. Em (78c), por sua vez, o PP é adjungido ao VoiceP, tendo em vista que a relação semântica é estabelecida entre o complemento do PP e o argumento externo. Assim como Bruening (2013), reconhecemos que o PP instrumento tem seu próprio papel- $\theta$ . Diante disso, é possível verificar que o PP adjunto na CSVT poderá corresponder ou ao

verbo, introduzindo instrumento, ou com a função de saturar VoiceP, estabelecendo função semântica agentiva.

Para concluirmos nossa discussão, destacamos que buscamos desenvolver uma análise que fosse compatível, ainda que parcialmente, com a análise proposta por Negrão *et al.* (2013). Um ponto que ainda não é uníssono em relação às duas análises é o fato de não considerarmos a CSVT resultante de uma alternância *agente-possuidor*. Entretanto, aproximamo-nos de Negrão *et al.* (2013), quando examinamos a estrutura perifrástica, classificada pelos autores como passiva não-canônica, já que reconhecemos também que esse tipo de construção pode envolver uma passiva, assumindo que essa passiva ocorre dentro da oração subordinada. Nossa análise apresenta, portanto, pontos congruentes com a proposta de Vilela (2009) e, sobretudo, com a de Negrão *et al.* (2013). Além disso, em nossa reformulação, outra condição de convergência com a análise de Negrão *et al.* (2013) concerne ao PP, que introduz o agente causado. Passamos a reconhecer, assim, duas representações do nível subjacente da CSVT:

- i) CSVT SEM PP: a posição de argumento externo da oração encaixada terá um *pro*, interpretado como um existencial.
- ii) CSVT COM PP AGENTE CAUSADO: O PP terá função de saturar semanticamente VoiceP.

Assim, seguindo os postulados de Bruening (2013), apesar do PP ser projetado em posição de adjunção, trata-se de um argumento elementar na CSVT.

#### **5.4. Resumo do Capítulo**

Neste capítulo, buscamos esmiuçar algumas particularidades das construções causativas. Inicialmente, discutimos a valoração de Caso ao argumento externo da oração encaixada. Pautando-nos em Raposo (1987), em Vitral (1987), em Gonçalves e Duarte (2001) e em Lima-Salles e Pilati (2014), foi possível verificar que esse o argumento externo da oração encaixada, por estar em contexto flexionado, é capaz de ter Caso nominativo valorado.

Analisamos também a relação do pronome possessivo, nas causativas, e observamos que esse pronome funciona de modo semelhante às construções com possessivo nulo.

Geralmente, essas construções envolvem uma relação de parte-corpo, exprimindo um contexto de posse (GUERÓN, 1992 e LE BRUYN, 2014). Além disso, com base em Floripi e Nunes (2009), verificamos como ocorre a correferência ao sujeito, nas construções causativas analíticas e, sobretudo, na CSVT. Examinamos também a realização do DP definido, pautados em Floripi e Nunes (2009). Por meio de tal análise, observamos que, na CSVT, o DP definido apresenta os traços [+definido], [+específico] e [+identificável], possibilitando a retomada referencial do sujeito. Além disso, o DP, nucleado pelo artigo indefinido *um*, quando apresentar a função de restringir um elemento dentro de uma noção de conjunto, também possuirá os traços [+definido], [+específico] e [+identificável]. Esse mesmo DP expressará os traços [-definido], [-específico] e [-identificável], resultando no bloqueio da interpretação da CSVT, quando não expressar essa função restritiva.

Por fim, examinamos PP, que possui a função de introduzir o agente causado, nas causativas, analisando a proposta de Collins (2005) e de Negrão *et al.* (2013). Observamos que as causativas analíticas apresentam diferenças estruturais em relação às construções passivas. Passamos a assumir ainda que as causativas podem envolver uma passiva na oração encaixada. Além disso, com base em Bruening (2013), apresentamos uma reformulação na representação da estrutura subjacente da CSVT, propondo duas estruturas. Na primeira, identificamos que, na posição de sujeito da oração encaixada, há *pro*, que é interpretado como um existencial. Na segunda, quando há o PP agente causado, esse argumento terá função de saturar o VoiceP mais baixo na representação sintática.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, procuramos analisar as sentenças causativas, em especial, a natureza da CSVT. Como vimos, a CSVT tem sido descrita como resultante de uma alternância, conforme analisado por Silva (2009), por Vilela (2009), por Cançado (2007[2010]), por Negrão *et al.* (2013) e por Ciríaco (2014). Em função de um posicionamento teórico, seguindo a abordagem formal, continuamos considerando que a CSVT é resultante de um processo derivacional. Além disso, cabe ressaltar, aqui, que os dados apresentados por Goldberg (1995) e por Dubert e Galves (2016) evidenciam que a CSVT parece não ser fenômeno particular do PB.

Como já dito, este trabalho é composto por uma análise sincrônica e diacrônica. Diacronicamente, os resultados revelaram que as sentenças causativas possuem diferentes padrões sintáticos no que diz respeito à posição de realização do verbo infinitivo, assim como no que se refere à realização do sujeito da oração encaixada. No português moderno, observamos que a causativa analítica [+ amalgamada] foi a mais prevalente. Nessa forma, não há realização fonológica do sujeito da oração encaixada. Em contrapartida, no português contemporâneo, a forma mais prevalente foi a causativa [- amalgamada], em que o sujeito da oração encaixada é realizado fonologicamente. Além disso, não foram encontrados registros da CSVT no português moderno, somente no português contemporâneo, reforçando que essa construção parece ser uma forma inovadora.

Ainda sobre a análise diacrônica, partindo da proposta de Lehmann (1988) e de Hopper e Traugott (1993), analisamos a noção de integração sintática entre a oração principal e a oração encaixada. Observamos que, nas causativas, há uma intensa dependência sintática entre a oração principal e a oração encaixada. Essa relação permite que o verbo da oração principal determine as propriedades de tempo e de aspecto na oração encaixada, bem como parece permitir o apagamento do sujeito da sentença encaixada. Consideramos que essas propriedades parecem ter proporcionado uma intensa dependência sintática entre a oração principal e a oração encaixada; além de uma “plasticidade” na disposição dos constituintes que formam as causativas. Supomos que esse ambiente tenha favorecido o processo de manifestação da CSVT. Por meio dos resultados obtidos, constatamos também, com base em Fleischman (1982), que há uma relação de competição e

de coexistência entre as causativas analíticas e as causativas sintéticas, ao longo do tempo. Esse cenário parece configurar um processo cíclico de mudança no que diz respeito às construções causativas.

Do ponto de vista estrutural, com base no quadro teórico do Gerativismo (CHOMSKY, 1981, 1999, 2002; LARSON, 1988; PYLKKÄNEN, 2002, 2008; BLANCO, 2010, 2011 e MILANIO, 2014), verificamos que as construções causativas envolvem dois núcleos funcionais: VoiceP e vPCAUSE. Constatamos que as causativas requerem uma estrutura mais espalhada para projetar todos os argumentos. Em consequência disso, assumimos que a CSVT é resultante de uma construção mais complexa, em um nível subjacente, porém não apresenta todos os argumentos realizados no nível fonológico. Adicionalmente, baseados nas análises de Baker (1988), de Guasti (1991, 1996, 2005) e de Zushi (1995, 2001), observamos que as causativas estão submetidas ao processo de incorporação e de excorporação verbal. Verificamos que, no PB, as causativas apresentam, na essência, configurações distintas: i) causativa [+ amalgamada], formando um complexo verbal; e ii) causativa [- amalgamada], na qual pode ter o sujeito da oração encaixada realizado entre o verbo causativo e o verbo infinitivo.

Ao examinarmos as propriedades específicas das CSVTs, constatamos, seguindo os postulados de Raposo (1987), de Vitral (1987), de Gonçalves e Duarte (2001) e de Lima-Salles e Pilati (2014), que o sujeito da oração encaixada, por estar em contexto flexionado, é capaz valorar o Caso nominativo desse argumento.

Outra especificidade na análise da causativa diz respeito à correferência do possessivo à posição de sujeito da oração principal. Com base em Guerón (1992), em Le Bruyn (2014) e em Torres Morais e Lima-Salles (2016), observamos que o possessivo nas causativas comporta-se de modo similar às construções de posse. Percebemos que, nas causativas, há uma expressão de relação de parte-corpo, revelando um contexto de posse, o que parece possibilitar uma relação de correferência entre o possessivo e o sujeito da oração principal. Com o objetivo de fundamentar ainda mais essa proposta, recorreremos à Floripi e Nunes (2009), verificamos, assim, que causativas envolvem uma categoria vazia. Consideramos que, nas causativas, há um contexto de possessivo nulo que deve ser correferenciado ao DP que está na posição de sujeito da oração. Notamos que a coindexação ocorre na estrutura subjacente, em que o elemento nulo é correferente com o sujeito da oração principal. Observamos que essa coindexação na posição de base, no nível subjacente, permanece na realização fonológica da CSVT. Apoiando-nos ainda em Floripi e Nunes (2009), examinamos a realização do DP definido na CSVT. Constatamos que o DP definido

apresenta os traços [+definido], [+específico] e [+identificável], possibilitando a retomada referencial do sujeito na CSVT. O DP, nucleado pelo artigo indefinido *um*, quando tiver função de restringir um elemento dentro de uma noção de conjunto, também apresentará os traços [+definido], [+específico] e [+identificável]. Em contrapartida, esse mesmo DP, quando não tiver função restritiva, possuirá os traços [-definido], [-específico] e [-identificável], anulando uma possível interpretação de CSVT.

A última propriedade específica que analisamos da CSVT refere-se ao PP, que introduz o DP<sub>causado</sub> (agente causado). Para Negrão *et al.* (2013), o PP é fundamental na alternância *agente-possuidor*, embora não consideremos a CSVT uma alternância, pelos fatos discutidos, reconhecemos a importância desse argumento. Em virtude disso, visando a uma análise que conciliasse com a proposta de Negrão *et al.* (2013), reformulamos a proposta de estruturação sintática da CSVT, propondo duas representações: i) com a presença de PP e ii) sem a presença de PP. Nesta última, há um *pro* na posição de [Spec, VoiceP]. Ancorandonos em Bruening (2013) e em Legate (2014), observamos que, quando houver *pro*, será interpretado um existencial, isto é, um indivíduo capaz de executar o evento expresso pelo verbo transitivo.

No que se refere à CSVT com PP, também com base em Bruening (2013) e em Legate (2014), reconhecemos que o PP agente causado será realizado em posição de adjunção. Cabe esclarecer que o PP, presente na CSVT, apresenta dupla natureza, pois, ora pode ser uma necessidade semântica do verbo, ora pode ser uma necessidade do argumento externo de VoiceP realizado abaixo de vCAUSE. O PP instrumento será realizado em posição de adjunção, mas será adjungido ao vP, por estar associado semanticamente ao verbo. O PP agente causado, diferentemente, será adjungido ao VoiceP mais baixo na representação sintática, por ser uma exigência do argumento externo. Nessa interpretação, esse PP terá, portanto, função de saturar o VoiceP.

Neste trabalho, buscamos compreender e descrever a natureza da CSVT. Apesar de limitações teóricas, obtivemos resultados satisfatórios em relação ao tratamento dessa construção. Partindo do ponto de vista formal, buscamos comprovar que essa construção é resultante de um processo derivacional. Por fim, consideramos que essa análise é um passo adiante na descrição das construções causativas no PB, em especial, da CSVT. Entretanto, há de se observar que essa discussão não se encerra aqui. Esperamos, assim, que as questões tratadas, nesta pesquisa, possam contribuir para desenvolvimento de trabalhos futuros no que se refere à organização sintática do PB e, especialmente, em relação ao comportamento das construções causativas.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABC de La langue française. <<http://www.languefrancaise.net/Famille/67>>. Acessado em: 05 ago. 2017.

ADOBE. *Adobe Systems Incorporated and its licensors*. Copyright 1984-2017.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. *External Arguments in Transitivity Alternations*. Oxford: Oxford Press, 2015.

ALI, M. S. *Dificuldades da língua portuguesa*. 7. ed. (1 ed. 1908). Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2008.

AMARAL, L. L. *A alternância transitivo-intransitiva no português brasileiro*. (2015) 164 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

ARISTÓTELES. *Física*. (Trad). ECHANDÍA, G. Barcelona: Editorial Gredos, 1995.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Col. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

BAKER. M. C. *Incorporation a theory of grammatical function changing*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1988.

BITTENCOURT, V. de O. *Da Expressão da Causatividade no Português do Brasil: uma Viagem no Túnel do Tempo*. (1995). Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.

BITTENCOURT, V. de O. Causativas lexicais no português do Brasil: perfil morfossintático, semântico e funcional-discursivo. In: DECAT, M. B. N. *et al. Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras. 2001. p. 167-232.

BLANCO, M. T. *Contrasting Causatives: A Minimalist Approach*. 2010. 412 F. Tese (Doctor of Philosophy). The University Of Arizona: Tucson, 2010.

BLANCO, M. T. *Causatives in Minimalism*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 2011.

BRUENING, B. By Phrases in Passives and Nominals. *Syntax* 16(1) March. Hoboken: Blackwell, 2013. p. 1-41.

BURZIO, L. *Italian Syntax. A government-biding approach*. Dordrecht: Reidel Publish Company, 1986.

- CALLOU, D.; PORTELA, K.; AVELAR, J.; SERRA, C. Dinâmica do específico e do genérico: artigo definido e construções existenciais. In: *Veredas*. v. 4. Juiz de Fora: UFJF. 2002. p. 81-88.
- CAMARGOS, Q. F. *Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista* (2013) 187f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- CANÇADO, M. Comparando Alternâncias Verbais no PB: *cortar o cabelo e quebrar o braço*. In: *Revista Letras*. UFPR: Curitiba, v. 81. (2010a). p. 33-60.
- CANÇADO, M. Verbal alternations in Brazilian Portuguese: a lexical semantic approach. *Studies in Hispanic and Lusophone Linguistics*, v.3, n.1. (2010b). p.1-23.
- CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. Predicados primitivos, papéis temáticos e aspecto lexical. *ReVEL*, v. 11, n. 20, 2013. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br/files/225408ba46331467aee40d50386b8a90.pdf>> Acesso em: 10 mai. 2013.
- CAPRA, F. *O ponto de mutação*. CABRAL, A. (Trad). São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- CARVALHO, C. dos S. *Cláusulas encaixadas em verbos causativos e perceptivos: uma análise funcionalista*. Tese (Doutorado) 246f. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHIERCHIA, G. *Semântica*. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas/Londrina: Eduel. 2003.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. 1995. *O Programa Minimalista*. Tradução de E. Raposo. Lisboa: Caminho, 1999.
- CHOMSKY, Noam. Minimalist inquiries: The framework. In: *Step by step: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik*, Roger Martin, David Michaels & Juan Uriagereka (eds). Cambridge: MIT Press. 2000, p 89-155.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: M. Kenstowicz (ed.), *Ken Hale: A Life in Language*, Cambridge: MIT Press, 2001, p. 1-52.
- CHOMSKY, N. *On Phases*. Cambridge: MIT Press. 2005.
- CHOMSKY, N., GALLEGÓ, Á, OTT, D. Generative grammar and the faculty of language: Insights, questions, and challenges. In: *Catalan Journal of Linguistics*. 2017.
- CIRÍACO, L. A construção transitiva de sujeito agente-beneficiário no português brasileiro. In: *Caligrama: Revista de Estudos Românicos*, v. 19, 2014. p. 83-98.

COLLINS, C. A Smuggling Approach to the Passive in English, In: *Syntax*, n. 8. 2. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2005. p. 81-120.

COMRIE, B. Causative Constructions. In: COMRIE, Bernard. *Language Universals and Linguistic Typology. Syntax and Morphology*. 1 ed. Chicago: University of Chicago Press, 1981.

CORPUS de português: Projeto AC/DC. Disponível em: <<https://www.linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=CBRAS>>. Acessado em: 01 nov. 2016.

DESCARTES, R. *Meditações metafísicas*. Col. Clássicos. ERMANTINA, M. G. (Trad.). 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DIAS, A. E. S. *Syntaxe historica portuguesa*. Lisboa: Livr. Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1918.

DICIONÁRIO CALDAS AULETE. Versão Digital. Lexikon Editora Digital. Disponível em: <<http://aulete.uol.com.br/>> Acessado: em 02 set. 2015.

DUARTE, M. Eugênia L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. (1995) 151f. Tese (Doutorado). Instituto de Ciências da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1995.

DUBERT, F; GALVES, C. Galician and Portuguese. In: LEDGEWAY, A; maiden, M. *The Oxford Guide to the Romance Languages*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 411-446.

ERNST, T. *The Syntax of Adjuncts*. Cambridge: MIT Press, 2004.

FLEISCHMAN, S. *The future in thought and language: Diachronic evidence from Romance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

FLORUPI, S. A. *Argumentos Nulos dentro de DPs em Português Brasileiro*. (2003) 126f. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FLORUPI, S.; Nunes, J . Movement and Resumption in Null Possessor Constructions in Brazilian Portuguese. In: NUNES, J.. (Org.). *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 51-68.

GIVÓN, T. Cause and control: on the semantics of interpersonal manipulation. In: KIMBALL, J. P. (ed.) *Syntax and semantics*. v. 4, New York: New York Academic Press, 1975.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. v. 2. Amsterdam: John Benjamins, 1990.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES, A. The causee in the faire-Inf construction of European Portuguese. In: *Journal of Portuguese Linguistics*, 1, 2002. p. 197-214.

GONÇALVES, A.; DUARTE, I. Construções causativas em Português Europeu e em Português do Brasil. In Correia, Clara Nunes & Anabela Gonçalves (eds). *Actas do XVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, 2001. p. 657-671.

GONÇALVES, A, O. *Análisis verbal e a expressão do futuro no Português Brasileiro: um estudo diacrônico*. (2013) 211f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

GUASTI, M. T. Incorporation, excorporation, and lexical, properties of causatives heads. In: *The Linguistic Review*. Berlin: De Gruyter. 1991. p. 209-232.

GUASTI, M. T. Semantic Restriction in Romance causatives and the incorporation Approach. In: *Linguistic Inquiry*, vol, 27, n. 2, 1996a.

GUASTI, M. T. A Cross-Linguistic Study of Romance and Arberesh Causatives. In: BELLETI, A; RIZZI, L. *Parameters and functional heads: Essays in Comparative Syntax*. New York-Oxford: Oxford University Press, 1996b.

GUASTI, M. T Romance Causatives. In: HEAGEMAN, L. (org.) *The new comparative syntax*. London-New York: Longman, 1997, p.124-144.

GUASTI, M. T. Analytic Causatives. In: *The Blackwell Companion to Syntax*. EVERAERT, M.; RIEMSDIJK, H. V. ed. Hoboken: Blackwell Publishing, 2005.

GUÉRON, J. Inalienable Possession and Locative Aspect . In: *Anuario del Seminario de Filología Vasca "Julio de Urquijo"* (ASJU), 1992, p. 135-146.

HALE, K.; KEYSER, S. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: K. Hale e S. J. Keyser (eds.) *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 53-110.

HALE, K.; KEYSER, S. J. *Prolegomenon to a Theory of Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 2002.

HAUSER, M. D.; CHOMSKY, N.; FITCH, W. T. The Faculty of Language: What Is It, Who Has It, and How Did It Evolve? *Science Compass*, v. 298. p. 1569-1579, nov. 2002. Disponível em: <<http://www.chomsky.info/articles/20021122.pdf>>. Acessado em: 17 jan. 2012.

HAUY, A. B. Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1983.

- HEIM, I. (1982) *The Semantics of Definite and Indefinite Noun Phrases*. Ph.D Dissertation. Massachusetts, University of Massachusetts, reproduced by the GLSA, Linguistics Dept., Amhest: UMass, 1982.
- HORNSTEIN, N. Movement and Control. *Linguistic Inquiry* 30(1). Cambridge: MIT Press 1999. p. 69-96.
- HORNSTEIN, N. Move!: A Minimalist Theory of Construal. Oxford: Blackwell. 2001.
- HORNSTEIN, N.; NUNES, J.; GROHMANN, K. K. *Understanding Minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press. 2005.
- HOUAISS, A. e Villar, M. de S. *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa*. v. 3.0. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.
- HUME, D. *Resumo de um tratado da natureza humana*. Trad. de Rachel Gutiérrez e José Sotero Caio. Porto Alegre: Editora Paraula, 1995.
- JAEGGLI, O. A. *Passive*. In: *Linguistic Inquiry*, v. 17, n. 4, Cambridge: MIT Press. 1986, p. 587-622.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. SANTOS, M. P.; MORUJÃO, A. F. Trad. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.
- KAYNE, Richard S. *French syntax: The transformational cycle*. Cambridge: MIT Press, 1975.
- KIPARSKY, P.; KIPARSKY, C. FACT. In: *Linguistics Club*. Bloomington: Indiana University, 1968, p. 143- 173.
- KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb. In: Rooryck, J.; Zaring, L. eds., *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996. p. 109-137.
- KURY, A. da G. *Novas Lições de Análise Sintática*. 9 ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press. 1980.
- LAKOFF, G. *Women, Fire, and Dangerous Things. What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press. 1987.
- LANDAU, I. Possessor Raising and the structure of VP. In: *Lingua*, 107, 1999, p 1-37.
- LARSON, R. On the double object construction. *Linguistic Inquiry*, v. 19. Cambridge: MIT Press, 1988, p. 335-391.
- LE BRUYN, B. Inalienable possession: the semantics of the definite article. In: *Weak referentiality*, AGUILAR-GUEVARA; LE BRUYN, B.; ZWARTS, J. (Eds.) Linguistics Today series. Amsterdam: John Benjamins, 2014, p. 1-47.



- LEGATE, J. A. *Voice and v: Lessons from Acehnese*. Cambridge: MIT Press, 2014
- LEHMANN, Cristian. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, John e THOMPSON, Sandra (eds) *Clause combining in grammar and discourse*. Philadelphia: John Benjamins, 1988. p.181-225.
- LEVIN, B. *English Verb Classes and Alternations: A Preliminary Investigation*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. *Unaccusativity: at the syntax lexical semantics interface*. Cambridge: MIT Press, 1995.
- LIMA, L. S. *A distinção entre os indefinidos 'um' e 'algum' no português brasileiro*. (2007) 137 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- LIMA-SALLES, H. M. M. L. A.; PILATI, E. N. S. Correlações entre a ordem sujeito-verbo e as características das construções causativas no PB. In: *Veredas*, v. 18, (UFJF Online), 2014. p. 203-221.
- LOBATO, L. C. R. *Gênero Textual na Metodologia de Pesquisa em Gramaticalização*. (2009) 131f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- LUNGUINHO, M. V. da S. Partição de constituintes no português brasileiro: características sintáticas. In: Silva, Denize Elena da (Ed.). *Língua, gramática e discurso*. Goiânia: Cânone; Grupo de Estudos de Linguagem do Centro-Oeste, 2006. p. 133-147.
- MAIENBORN, C. Event semantics. IN: MAIENBORN, C.; HEUSINGER K. VON; PORTNER, P. (Eds.), *Semantics. An international handbook of natural language meaning*; vol. 1. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2011. p. 802-829.
- MARTINS, A. M. Aspects of infinitival constructions. In: *The history of Portuguese. Historical Romance Linguistics: Retrospective and Perspectives*. RANDALL S. GESS & DEBORAH ARTEAGA (Eds.). Amsterdam-Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 327-355.
- MATTOS E SILVA, R. V. *Estruturas Trecentistas*. Lisboa: Casa da Moeda. 1989.
- MELO, G. C. de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 3 ed. Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1978.
- MICROSOFT OFFICE WORD. Microsoft Corporation, 2008.
- MILANIO, G. A. Q. *As causativas sintéticas do Português Brasileiro de acordo com o modelo minimalista*. (2014) 94f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.
- MIOTO, C. SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V.. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular, 2007.

- NAVES, R. R. ; LUNGUINHO, M. V. S. . Aspecto e Alternância Causativa. In: *VIII Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul (CELSUL)*, 2008, Porto Alegre. VII Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul - Caderno de Resumos v. Único. 2008. p. 362-363.
- NEGRÃO, E. V.; SCHER, A. P.; VIOTTI, E. de C. Sintaxe: explorando a estrutura da sentença. In: FIORIN, J. L. (Org.). In: *Introdução à linguística II: princípios de análises*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- NEGRÃO, E. V.; CANÇADO, M.; LUNGUINHO, M.V. *On the Syntax of Brazilian Portuguese: passives and possessor raising structures*. 2013.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PIRES DE OLIVEIRA, R. “Qualquer e o conceito de livre escolha”. In: *D.E.L.T.A*, 21:2, 2005. p. 251-77.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. 2002. 137 f. Tese (Doctor of Philosophy) – Massachusetts Institute of Technology: Cambridge, 2002.
- PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Cambridge: MIT Press, 2008.
- RAPOSO, E. P. Case theory and Infl-to-Comp: the inflected infinitive in European Portuguese. In: *Linguistic Inquiry* 18 (1). Cambridge: MIT Press, 1987. p. 85-109.
- RAPOSO, E. P. *Teoria da Gramática: A faculdade da Linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- ROBERTS, I. Excorporation and minimality. In: *Linguistic Inquiry* 22. Cambridge: MIT Press, 1991. p. 209-218.
- RUSSELL, B. “On denoting”. *Mind* 14: 479-493. *Ensaios Escolhidos*, coleção “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1905.
- SALLES, H. M. M. ; NAVES, R. R. . O estatuto da preposição 'com' em construções com alternância sintática. *Polifonia*, v. 17. (UFMT), 2009. p. 9-27.
- SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica* [17 vol.] (Biblioteca de autores cristianos) La Editorial Católica, Madrid. [s. d.].
- SARAIVA, M. E. F. *Buscar menino no colégio: a questão do objeto incorporado em português*. Campinas: Pontes, 1997.
- SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve “dar” e as nominalizações em -ada no português do Brasil / Ana Paula Scher*. Campinas: [s.n.], 2004.
- SHIBATANI, M. Causativization. In: SHIBATANI, M. (Ed.) *Syntax and Semantics*. v. 5. New York: Academic Press. 1976. p. 239-294.

SHIBATANI, M; PARDESHI, P. The causative continuum. In: *The grammar of causation and Interpersonal Manipulationi*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002. p. 85-126.

SILVA, Y. R. B. *As Causativas Sintéticas no Português do Brasil: Novas Evidências a Favor da Estrutura Bipartida do VP*. (2009) 134f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

STILLINGS, N. A.; WEISLER, S. E.; CHASE, C. H.; FEINSTEIN, M. H.; GARFIELD, J. L.; RISSLAND, E; L.. *Cognitive Science: An Introduction*. Second Edition. Cambridge: MIT Press, 1995.

SOUZA, L. V. de. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. Orgs. *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola, 2010.

TORRES MORAIS, M. A; LIMA-SALLES, H. M. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus* (Dordrecht), v. 22, 2010. p. 181-209.

TORRES MORAIS, M. A; LIMA-SALLES, H. M. The external possessor construction in European Portuguese and Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; ORDÓÑEZ, F. (Orgs.) *Morphosyntax of Portuguese and Spanish in Latin*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 204-235.

TRANNIN, J. B. *Aspectos sintáticos do infinitivo com verbos causativos no Português Europeu: uma abordagem diacrônica*. (2010) 140f. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

TRAVAGLIA, L, C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

VIANNA, H. L. G. *A estrutura modal + infinitivo em português: gramaticalização e modalização*. 2000. 216 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

VILELA, A. C. S. *Transferência Linguística e Transferência de Treinamento na Interlíngua do Falante de Português-L1/Inglês-L2*. (2009) 288f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

VITRAL, L. T. *Sobre a Complementação Infinitiva em Português*. (1987) 149f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1987.

VITRAL, L. T.; RAMOS, J. *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Belo Horizonte, MG: Faculdade de Letras FALE/UFMG, 2006.

VITRAL, L. T. O papel da frequência na identificação de processos de gramaticalização. In: *Scripta*. Belo Horizonte, 2006. p. 149-177.

VITRAL, L. T. *Gramática Inteligente do Português do Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2017.

ZUSHI, M. 2001. *Long-distance dependencies*. (1995) 395 F. Tese (Doctor of Philosophy). Montréal: McGill University, 1995.

ZUSHI, M. *Long-distance dependencies*. New York: Garland publishing. 2001.